

Online ISSN 2447-4878

Revista  
**ENSAIOS  
TEOLÓGICOS**

Vol. 3 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2017

Faculdade Batista  
**Pioneira**

ISSN 2447-4878

# REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 03 – Número 02 – Dezembro / 2017

## Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento  
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica

**Faculdade Batista**  
**Pioneira**



---

R454 Revista Ensaios Teológicos : Bíblia, teologia, prática /  
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz  
v. 03, n. 02, dez. 2017. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2017. -  
148 p.

Semestral  
ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

---

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: [ensaiosteologicos.fbp.edu.br](http://ensaiosteologicos.fbp.edu.br)

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.

Solicita-se permuta / We request exchange  
Wir erbitten Austausch / Se pide cambio



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Indexador



**Faculdade Batista**  
**Pioneira**

Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000  
(55) 3332-2205 – [faculdade@batistapioneira.edu.br](mailto:faculdade@batistapioneira.edu.br)  
[www.batistapioneira.edu.br](http://www.batistapioneira.edu.br)

# REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

## Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

## Editora Responsável

Dr<sup>a</sup> Marivete Zaroni Kunz

## Conselho Editorial

Dr<sup>a</sup>. Analzira Nascimento (Faculdade Batista do RJ)  
Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)  
Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)  
Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)  
Dr. David Riker (Faculdade Teológica Batista Equatorial)  
Dr. Gerson Fischer (Faculdades Batista do Paraná)  
Dr<sup>a</sup>. Madalena Molochenco (Faculdade Teológica Batista de SP)  
Dr<sup>a</sup>. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)  
Dr. Rogel Esteves de Oliveira (PUC / RS)  
Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

## Comissão Consultiva

Me. Anderson Guimarães Cavalcanti (Seminário Teológico Batista de São Luís)  
Carlos Alberto Bezzera (Faculdade Batista do Cariri)  
Me. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)  
Me. Daniel Torgan (Faculdades Batista do Paraná)  
Me. Edmar Pedrosa (Faculdade Teológica Batista de Campinas)  
Me. Erich Luiz Leidner (Faculdade Batista Pioneira)  
Me. Gabriel Giroto Lauter (Faculdade Batista Pioneira)  
Ma. Harriet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)  
Me. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)  
Me. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)  
Me. Reginaldo P. de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)  
Me. Robson Maurício Ghedini (Faculdades Batista do Paraná)  
Dr<sup>a</sup> Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)  
Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)

## Revisão

Luciano Gonçalves Soares

## Diagramação

Dr. Claiton André Kunz

## Editoração Eletrônica

Me. Gabriel Giroto Lauter

## Capa

Delize Grando



## LEMA

Vocação levada a sério.

## VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,  
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

## MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a  
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

## VALORES

Bíblia como Palavra de Deus  
Amor a Deus e ao próximo na prática  
Cristo como único Senhor e Salvador  
Teoria aliada à prática ministerial  
Excelência no ensino acadêmico  
Estímulo ao senso crítico  
Atitude de cooperação  
Integridade de vida  
Visão Missionária

## SUMÁRIO

<b>Apresentação .....</b>	<b>08</b>
---------------------------	-----------

### ARTIGOS

#### **Etapas do Derramamento do Espírito Santo no Livro de Atos**

The pour out of Holy Spirit in the book of Acts

<i>Enylson Nahor Peno.....</i>	<i>10</i>
--------------------------------	-----------

#### **A idolatria protestante (pós)moderna e o uso do monte como lugar sagrado em Ezequiel**

##### **6.2-3**

The protestant idolatry (post) modern and the use of the mount as a sacred place in Ezekiel 6.2-3

<i>Me. Wanderley Lima Moreira.....</i>	<i>25</i>
--	-----------

#### **O indivíduo em Cristo segundo Paulo: a construção de uma identidade**

The individual in Christ according to Paul: building an identity

<i>Me. Fábio Vaz dos Santos.....</i>	<i>40</i>
--------------------------------------	-----------

#### **Reflexão sobre as características do discipulado adotado por Jesus**

Reflection on the characteristics of the discipleship adopted by Jesus

<i>Fabio Canellato.....</i>	<i>58</i>
-----------------------------	-----------

#### **Ética cristã na internet nos tempos da pós-verdade e das Fake News**

Christian Ethic on the internet in times of post-truth and fake news

<i>Rudnei Varjão .....</i>	<i>70</i>
----------------------------	-----------

#### **Os excluídos da paz de Cristo dentro das congregações: como lidar com esse grupo?**

The excluded of the peace of Christ within the congregations: how to deal with this group?

<i>Me. Marcelo Villa-Forte de Oliveira.....</i>	<i>81</i>
---	-----------

#### **Caminhos de interpretações da graça: em Paulo e seus intérpretes Agostinho e Lutero**

Pathways of interpretations of grace: in Paul and his interpreters Augustine and Luther

<i>Ma. Vera R. B. Schmegel da Costa.....</i>	<i>91</i>
--	-----------

#### **Rito Cerimonial de Aliança – Celebração da Páscoa de Jesus instituindo a Nova Aliança: análise ao direito de participação das cerimônias memoriais de aliança na Igreja Primitiva**

Covenant memorial rite – celebration of the Jesus’s Easter establishing the new alliance: analysis of the right of participation at covenant memorial ceremonies at the Primitive Church

<i>Valdirlei Vicente Massola .....</i>	<i>103</i>
--	------------

**Distintivos fundamentales de una educación autenticamente cristiana**

Fundamental distinctives of an authentically christian education

*Me. Francisco Custodio*..... 119

**A Irrupção do Reino de Deus na teologia do Novo Testamento de Rudolf Bultmann**

The breaking of the Kingdom of God in the Theology of the New Testament of Rudolf Bultmann

*Evandro Roque Rojahn* ..... 130

**RESENHA**

**A Teologia das conveniências evangélicas**

*Vanderlei Alberto Schach*..... 144

**Normas para publicação** .....147

## APRESENTAÇÃO

A revista **Ensaios Teológicos** disponibilizada, para sua leitura, mais um volume com dez artigos e uma resenha.

O primeiro artigo, intitulado “**Etapas do derramamento do Espírito Santo**”, foi escrito por *Enylson Nahor Peno*. O autor analisa textos do livro de Atos em que o Espírito Santo foi derramado sobre os judeus, samaritanos e gentios, e evidencia que tais sinais aconteceram em momentos e com propósitos específicos, sendo assim, não necessariamente precisam ocorrer novamente.

O segundo artigo, que tem por título “**A idolatria protestante (pós) moderna e o uso do monte como lugar sagrado em Ezequiel 6.2-3**”, foi escrito pelo mestre *Wanderley Lima Moreira*. Neste artigo, o autor aborda a idolatria evangélica atual, a partir do livro do profeta Ezequiel. Nessa reflexão, a pesquisa desenvolve questões relativas à responsabilidade da igreja brasileira em tempos (pós) modernos, no que diz respeito à idolatria e à algumas práticas sincréticas. Nessa pesquisa, o autor mostra como o culto no monte representa um retrocesso à idolatria medieval e como o protestantismo pode agir nessa situação.

O artigo de número três trabalha o tema “**O indivíduo em Cristo segundo Paulo: a construção de uma identidade**”. Nessa pesquisa, escrita pelo mestre *Fábio Vaz dos Santos*, fica evidente a compreensão do apóstolo Paulo sobre Cristo como o alicerce para vida cristã, bem como outros aspectos como os elementos da salvação, a justificação e a santificação. O autor apresenta a pessoa e a obra de Cristo, em contraste com a pessoa e a obra de Adão, assim como as consequências de cada um deles para toda a humanidade, mostrando que Paulo abre o caminho para a busca da identidade cristã – a identidade do ser humano em Cristo, em contraste com a identidade do ser humano em Adão.

*Fabio Canellato* é o autor do quarto artigo, que tem por título “**Reflexão sobre as características do discipulado adotado por Jesus**”. Tendo o objetivo de fazer uma reflexão sobre o discipulado, a partir de textos e particularidades do ministério de Cristo, entre outras, o autor investiga as características do discipulado adotado por Jesus que podem ser utilizadas na contemporaneidade.

*Rudnei Varjão* é o autor do quinto artigo. Através de sua pesquisa o autor desenvolve o tema “**Ética cristã na internet nos tempos da pós-modernidade e das Fake News**”. Na sua escrita, foi analisado o desafio ético de credibilidade às informações que estão disponíveis na internet, bem como em suas plataformas. De forma especial, nessa pesquisa, o autor apresenta o desafio das notícias falsas (*fake news*) e da pós-verdade (*post-truth*), bem como as consequências. O artigo é finalizado com uma proposta de prevenção contra as mentiras divulgadas na rede.

Na sequência temos o sexto artigo, intitulado “**Os excluídos da paz de Cristo dentro das congregações: como lidar com esse grupo?**”, o qual foi escrito pelo mestre *Marcelo Villa-Forte de Oliveira*. O autor evidenciou que existe um grupo dentro das igrejas que em algumas situações até tem suas funções religiosas, mas são denominados de *excluídos da paz de Cristo*.

Oliveira propôs um diálogo com o autor José Neivaldo de Souza, em seu artigo *Da fé ingênua à fé genuína*. A partir desse diálogo, a pesquisa busca compreender *a fé ingênua e a fé genuína*. Há também a exposição de estratégia para lidar com situação dos excluídos da paz de Cristo e fazer reestabelecimento da comunicação ou reinserção na comunidade.

O sétimo artigo tem por título **“Caminhos de interpretações da graça: em Paulo e seus intérpretes Agostinho e Lutero”**. Este artigo foi escrito pela mestra *Vera B. Schmegel da Costa*. A autora mostrou os caminhos de interpretações da graça, bem como os principais usos e sentidos de graça pelo apóstolo Paulo (o apóstolo da graça), para Agostinho (o doutor da graça) e para Lutero, grande personagem da história que buscou trazer a graça para a sua realidade.

Na sequência, temos o artigo **“Rito memorial da aliança – celebração da Páscoa de Jesus instituindo a nova aliança: análise ao direito de participação das cerimônias memoriais de aliança na igreja primitiva”**. Nesse artigo, *Valdirlei V. Massola* traz considerações sobre a exclusão à participação da Ceia do Senhor. O autor reflete sobre a Páscoa de Jesus e o direito de participação da Ceia, mostrando que no decorrer da história esse rito da Páscoa teve seus momentos até chegar a determinado ápice. Nessa reflexão, evidenciou-se que haviam condições para participação ou não dessa celebração.

O doutorando *Francisco Custódio* foi quem escreveu o nono artigo desta revista. O artigo tem por título **“Distintivos fundamentales de una educacion autenticamente Cristiana”** (em espanhol). O autor traz um olhar sobre as intuições de educação cristã e seus ensinamentos. Ele mostra que há instituições que apresentam um ensino que não está voltado para questões eternas, mas apenas para questões materialistas. Sendo assim, a ênfase de sua escrita é mostrar a necessidade das instituições cristãs usarem uma filosofia bíblica que traga um verdadeiro conhecimento cristão.

*Evandro Roque Rojahn* foi quem escreveu o último artigo, que tem por título **“A irrupção do reino de Deus na Teologia do Novo Testamento de Rudolf Bultmann”**. O autor desenvolve sua pesquisa mostrando que Rudolf Karl Bultmann, em sua Teologia do Novo Testamento, evidencia que o Reino de Deus era o tema central da pregação de Cristo. Sendo assim, Rojahn traz o questionamento sobre como o tema da irrupção do Reino de Deus foi abordado por Bultmann. Para o pesquisador, Bultmann compreendeu o Reino de Deus como algo por se cumprir e não veio como aquele esperado na expectativa judaica. Além disso, o pesquisador mostra que a proclamação da irrupção do Reino de Deus por Jesus, em Bultmann, é fundamental para a construção de uma Teologia do Novo Testamento.

A revista ainda apresenta uma resenha escrita pelo doutor *Vanderlei Alberto Schach*, do livro **“A teologia que vem dos palcos”**, de Harriet Wondracek Krüger.

Desejamos que cada palavra escrita nessa revista possa ser significativa para seu aprendizado. Que Deus o abençoe sempre no esforço de melhor preparar-se para servi-lo!

Boa leitura!!

Dr<sup>a</sup>. *Marivete Zanoni Kunz*  
Editora Responsável

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## ETAPAS DO DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO SANTO NO LIVRO DE ATOS The pour out of Holy Spirit in the book of Acts

Enylson Nahor Peno<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste artigo o autor analisa os textos do livro de Atos em que o Espírito Santo foi derramado sobre os judeus, samaritanos e gentios, e interpreta o objetivo de tal acontecimento a partir de seu contexto. Os sinais miraculosos, principalmente o falar em línguas, se repetirá em todas as pessoas no momento em que receber o Espírito Santo? O estudo foi realizado através de pesquisa bibliográfica de diversos especialistas tais como: Warren W. Wiersbe, Werner de Boor, Robert H. Gundry e John Stott, entre outros. A mesma evidenciou que os sinais aconteceram em momentos e com propósitos distintos. Os sinais, assim como as línguas faladas nestes eventos, foram o cumprimento de profecias, e não se repetirão obrigatoriamente toda vez que alguém receber o Espírito Santo.

**Palavras-chaves:** Espírito Santo. Derramamento. Judeus. Samaritanos. Gentios.

### ABSTRACT

This article aims to analyse passages from the book of Acts where the Holy Spirit was poured out on Jews, Samaritans and Gentiles, and to interpret the goals of these passages from their own context. Should the miraculous signs that were witnessed at these events (as speaking in tongues) to happen again every time someone receives the Holy Spirit? The study was carried as a bibliographical research through writings from several scholars as Warren W. Wiersbe, Werner de Boor, Robert H. Gundry, John Stott and others. The conclusion is that the signs happened at a specific time and with specific purposes. The

<sup>1</sup> O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada pelas Faculdades Batista do Paraná e Pós-graduando em Docência do Ensino Religioso pela Faculdade Batista Pioneira. É pastor e coordenador de administração da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [prenylsonpeno@hotmail.com](mailto:prenylsonpeno@hotmail.com).

signs, as well as the languages that were spoken at these events, were the fulfilment of prophecies, and not necessarily should be repeated every time a person receives the Holy Spirit.

**Keywords:** Holy Spirit. Pour. Jews. Samaritans. Gentiles.

## INTRODUÇÃO

Atualmente alguns cristãos ficam inseguros questionando-se se têm ou não o Espírito, devido uma interpretação duvidosa de algumas igrejas neopentecostais a respeito do batismo no Espírito Santo. Algumas questões, tais como: quando isso acontece, ou seja, antes ou depois do batismo nas águas ou se o falar em línguas pode ser evidência do recebimento do Espírito Santo, entre outras, são defendidas de formas diferentes por diferentes denominações. Entretanto todas buscam ter embasamento bíblico para defender e ensinar suas doutrinas.

Como a Bíblia é a base para as doutrinas cristãs, e tem as respostas corretas para este assunto, esse assunto será abordado a partir de textos bíblicos registrados no livro de Atos os quais relatam o cumprimento da profecia do derramamento do Espírito. Este artigo se propõe a analisar, por meio de consulta a autores especialistas e comentaristas, os três principais textos que tratam deste assunto, entendendo que estes têm uma abrangência maior, ou seja, não se resumem unicamente à ocasião citada, mas a grupos distintos de pessoas, que juntas representam a totalidade da raça humana. Os três textos do livro de Atos, a saber, At 2.1-13; At 8.14-17; At 10.44-48 mostram que os sinais ou a falta deles, bem como suas particularidades, tinham objetivos específicos. Uma abordagem do contexto se faz necessária para que haja melhor compreensão do tema desenvolvido.

Neste artigo, será abordada a forma como o Espírito Santo foi derramado sobre os vários povos e as particularidades em cada evento. Simultaneamente ao derramamento do Espírito, o surgimento da igreja cristã, a expansão do evangelho e seu objetivo territorial, “até os confins da terra”, ou seja, todos os povos.

### 1. O DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO SANTO SOBRE OS JUDEUS EM JERUSALÉM

Deus havia dado uma missão aos seus discípulos em Atos 1.8, porém, antes havia advertido de que não deveriam sair de Jerusalém antes de receberem a promessa do Pai, Atos 1.4,5. Estas duas realidades, a missão dada por Jesus e a promessa do Espírito Santo, mostram a relevância do derramamento do Espírito Santo sobre os discípulos que o aguardavam. Sendo assim, o conteúdo do ponto que segue evidenciará que o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes, em Jerusalém, se tratou de uma capacitação especial de poder para cumprirem a missão, evidenciado pelos sinais que o acompanharam.

### 1.1 O derramamento do Espírito sobre o povo judeu

Para Gundry,<sup>2</sup> o livro de Atos faz exposição dos primórdios do Cristianismo, dentro da história da Igreja primitiva. O livro de Atos mostra o avanço irresistível do Evangelho, mostrando que Deus, mediante o seu Espírito, está operando na história da humanidade, visando à redenção de toda a humanidade.<sup>3</sup> Lopes<sup>4</sup> conclui que “o Pentecostes não foi um acontecimento casual, mas uma agenda estabelecida por Deus, desde a eternidade”.<sup>5</sup> O texto de Atos 2.1-13 relata como aconteceu o derramamento do Espírito Santo aos discípulos de origem judaica em Jerusalém, iniciando a missão dada pelo Senhor em Atos 1.8.

O derramamento do Espírito no dia de Pentecostes, relatado em Atos 2.1-13 é a realização da instrução de Jesus aos seus discípulos para que esperassem a vinda do Espírito Santo (At 1.4), promessa vinculada à profecia feita anteriormente por João Batista (Mt 3.11,12; Mc 1.7,8; Lc 3.15-17; Jo 1.19-28), de que Deus concederia o Espírito Santo. O Pentecostes<sup>6</sup>, após a ascensão de Jesus, assinala a data do nascimento da Igreja.<sup>7</sup> Wiersbe<sup>8</sup> lembra que o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes foi acompanhado por três sinais miraculosos: o som como de um vento muito forte, línguas, como que de fogo, pousando sobre cada um dos discípulos<sup>9</sup> que estavam reunidos, e o falar em vários dialetos que até então não falavam.<sup>10</sup>

Werner de Boor<sup>11</sup> observa, através do texto, que o povo não sentiu o vento, mas simplesmente ouviu o seu som que vinha do céu. Significa que este acontecimento não era

---

<sup>2</sup> Robert H. Gundry é especialista em diversas áreas de estudo, entre elas o grego e a teologia do Novo Testamento, escatologia, e os evangelhos. Em 1961, recebeu o título de Ph.D. em Estudos do Novo Testamento pela Manchester University. Foi agraciado com o prêmio de Melhor Professor do Ano (Teacher of the Year Award) por três vezes, tendo recebido também outros prêmios, como o Faculty Researcher of the Year Award e o Sears-Roebuck Foundation Teaching Excellence and Campus Leadership Award.

<sup>3</sup> GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento**. Tradução de João Marques Bentes. 4.ed. São Paulo: Vida Nova, 1978, p. 240.

<sup>4</sup> Hernandes Dias Lopes é Bacharel em teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (Campinas, SP), doutor em ministério pelo *Reformed Theological Seminary* de Jackson, Mississipi, Estados Unidos, Pastor, diretor executivo da LPC, conferencista e escritor, com mais de 100 livros publicados.

<sup>5</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Atos: a ação do Espírito Santo na vida da igreja**. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 49.

<sup>6</sup> O Dia de Pentecostes era comemorado 50 dias após a Páscoa. Era uma das três grandes festas anuais (Dt 16.16), uma festa de ações de graças pelas colheitas.

<sup>7</sup> Igreja é a congregação local de crentes e redimidos que seguem Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Fundada sobre a morte, a ressurreição e a ascensão de Cristo, cujo início não seria possível antes do Pentecostes (Ef 1.15-23).

<sup>8</sup> Warren W Wiersbe é professor emérito de homilética no Grands Rapids Baptist Seminary. Pastoreou igrejas em Indiana, Kentucky e Illinois. Autor de mais de uma centena de livros, escritor e conferencista.

<sup>9</sup> Discípulo é um termo usado para descrever um estudante, aprendiz. Na Bíblia, a palavra é muitas vezes usada para se referir a um seguidor de Jesus. Por vezes é usada de maneira mais específica para indicar os doze apóstolos de Jesus (Mt 10.1; 11.1; 20.17; Lc 9.1); um grupo mais íntimo de seguidores.

<sup>10</sup> WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**. Novo Testamento. Vol. 1. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 527.

<sup>11</sup> Werner de Boor estudou em várias universidades na Alemanha, fez doutorado em teologia na universidade de Marburg – Alemanha, em 1928. Em 1957, tornou-se autor de comentários bíblicos. Em 1962, tornou-se codiretor da série Wuppertaler Studienbibel NT (Comentários Esperança NT) que liderou com Adolf Pohl até que sua edição se completou em 1976.

proveniente da atmosfera terrena, mas proveniente de Deus, penetrando totalmente o mundo terreno, enchendo a casa onde estavam.<sup>12</sup>

Howard Marshall<sup>13</sup> lembra que, em outros textos, a Bíblia se refere ao Espírito assemelhando-o ao vento, mesmo termo usado neste texto (no grego, *pneuma*), ou seja, a chegada do Espírito acompanhado de um som como de um vento forte que encheu toda a casa, uma ocorrência sobrenatural que relembra as teofanias do Antigo Testamento (2Sm 22.16; Jó 37.10; Ez 13.13), sinais da presença de Deus como Espírito.<sup>14</sup>

O poder de Deus também se torna visível, ao aparecerem línguas, como de fogo, distribuindo-se sobre cada indivíduo do grupo. A figura do fogo, tanto quanto a luz e a tempestade, sempre foram sinais da essência e da atuação divinas (Mt 3.11). Da mesma forma que o Espírito Santo é comparado com fogo, aquecedor, purificador e consumidor; é também comparado com tempestade que move com força irresistível, podendo ser também silencioso, distinguindo-se de toda agitação humana ou de todo o alvoroço demoníaco. Uma única chama “distribuindo-se” e, pousando sobre as pessoas, pode estar mostrando que o Espírito Santo é indivisível, mas compartilhado pessoalmente.<sup>15</sup> Howard Marshall realça a situação histórica em que João Batista fez associação entre o Espírito e o fogo como meio de purificação e julgamento (Lc 3.16).<sup>16</sup> Hernandez Dias Lopes lembra que no Antigo Testamento o fogo é símbolo da manifestação do Espírito Santo de Deus. Foi assim no chamado de Moisés na sarça ardente (Êx 3.2), na consagração do templo ao Senhor, construído por Salomão (2Cr 7.1), no monte Sinai, quando Deus confirmou a validade da lei do Antigo Testamento, enviando fogo do céu (Êx 19.16-18). Em todos estes casos o fogo desceu em determinado lugar; no Pentecostes, desceu sobre muitas pessoas, indicando que a presença de Deus está disponível individualmente a todas as pessoas que creem em Jesus.<sup>17</sup>

Werner de Boor comenta que, da mesma forma como um mar de fogo desce do alto e alcança todos os reunidos, “todos ficaram cheios do Espírito Santo”. Não somente os apóstolos, mas também os demais discípulos, possivelmente até as mulheres ficaram cheias do Espírito Santo conforme o contexto (At 1.4,13,14; At 2.1,4,17,18). O que mostra que Deus não faz acepção de pessoas, pois até então as mulheres eram tratadas como seres inferiores, porém não para o Senhor. Razão que levou o apóstolo Pedro a lembrar-se da profecia de Joel, o qual cita que as servas e filhas, junto com filhos e servos, receberiam o Espírito Santo e suas manifestações.<sup>18</sup>

<sup>12</sup> BOOR, Werner de. **Atos dos Apóstolos**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2003, p. 41.

<sup>13</sup> Ian Howard Marshall é mundialmente reconhecido por sua instrução e firmeza doutrinária, é professor dedicado ao estudo do Novo Testamento e Exegese na Universidade de Aberdeen, na Escócia. O doutor Marshall foi presidente da Sociedade Tyndale de Pesquisa Bíblica e Teológica e, presidente da Sociedade Novo Testamento britânico e, da Sociedade dos Teólogos Evangélicos europeus.

<sup>14</sup> MARSHALL, I. Howard. **Atos: introdução e comentário**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 68,69.

<sup>15</sup> BOOR, 2003, p. 41.

<sup>16</sup> MARSHALL, 2001, p. 69.

<sup>17</sup> LOPES, 2012, p. 53,54.

<sup>18</sup> BOOR, 2003, p. 41,42.

Marshall salienta que, simultâneo aos sinais externos, o Espírito Santo veio como realidade interna e invisível, demonstrando Sua presença mediante os efeitos sobre os discípulos. Palavras semelhantes são usadas no Novo Testamento para descrever o processo contínuo de ser cheio com o Espírito (At 13.52, Ef 5.18), ou simplesmente estar cheio (At 6.3,5; 7.55; 11.24; Lc 4.1). Isto indica que uma pessoa, mesmo estando cheia do Espírito, pode receber um novo revestimento para uma tarefa específica, ou um enchimento contínuo. O que neste texto se chama “ficar cheio”, também é chamado de batismo (At 1.5; 11.16), derramamento (At 2.17,18; 10.45), e recebimento (At 10.44). Possivelmente, Lucas tenha empregado o termo “cheio” neste contexto, porque o Espírito Santo inspirou aqueles que O receberam a falar em línguas que até este momento não falavam.<sup>19</sup>

Werner de Boor salienta que os discípulos “passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem”. Os discípulos, após o recebimento do Espírito, começaram a falar inflamados pelo Espírito, entusiasmados, embora não se tratasse de uma pregação propriamente dita, o que seria feito somente por Pedro. Tratava-se de adoração, louvor, exaltação e gratidão aos grandes feitos de Deus, ou seja, sinal especial da eficácia do Espírito.<sup>20</sup> Stott define a “*glossolalia*” no dia de Pentecostes como uma habilidade sobrenatural para falar em línguas reconhecíveis.<sup>21</sup>

C. Peter Wagner, em sua definição a respeito do dom de línguas, diz:

O dom de línguas é a capacidade que Deus dá a certos membros do Corpo de Cristo: (a) para falar a Deus em uma língua que eles nunca aprenderam ou: (b) receber e comunicar uma mensagem imediata de Deus a Seu povo, mediante uma declaração divinamente unguida, em um idioma que eles nunca aprenderam.<sup>22</sup>

A reação de incompreensão do povo, em relação ao falar em línguas por parte dos discípulos, criou a oportunidade para Pedro dirigir-se a elas, explicando do que se tratava.<sup>23</sup> Não era consequência de embriaguez (At 2.13), os discípulos não haviam perdido suas funções físicas e mentais, mas haviam recebido uma habilidade sobrenatural.<sup>24</sup>

## **1.2 A razão dos sinais que acompanharam o derramamento do Espírito Santo em Jerusalém**

O derramamento do Espírito Santo não se tratou de simples recebimento do Espírito, mas sinal importante de poder e da constituição da Igreja primitiva. O derramamento do Espírito no Pentecostes consiste na capacitação para o cumprimento da missão de ser testemunha, pregando o evangelho.<sup>25</sup> Sinal que, num primeiro momento, foi evidente no falar em línguas por parte dos discípulos, testemunho do começo de seu ministério, de acordo com

<sup>19</sup> MARSHALL, 2001, p. 69.

<sup>20</sup> BOOR, 2003, p. 42.

<sup>21</sup> STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo. ABU, 1994, p. 69.

<sup>22</sup> WAGNER, C. Peter. **Descubra seus dons espirituais**. Tradução de João Bentes. São Paulo: ABBA, 2004, p. 235.

<sup>23</sup> MARSHALL, 2001, p.71.

<sup>24</sup> LOPES, 2012, p. 56.

<sup>25</sup> GUNDRY, 1978, p. 241-243.

a promessa de Jesus (At 1.8). A seguir, o sinal da presença do Espírito evidenciou-se na pregação de Pedro, criando o movimento de arrependimento de três mil pessoas e a constituição da primeira igreja.<sup>26</sup> João Batista havia afirmado que todos podiam reconhecer o Messias pela sua capacidade de batizar com o Espírito Santo (Mt 3.12; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.33).<sup>27</sup> Todos os sinais envolvendo o derramamento do Espírito Santo sobre os judeus foram necessários para que se cumprissem as profecias de Joel (Jl 2.28,29) e de João Batista (Mt 3.12; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.33).

Werner de Boor lembra que João Batista já havia falado sobre o batismo com o Espírito Santo e com fogo (Lc 3.16), e as profecias de Joel sobre o derramamento do Espírito Santo (Jl 2.28,29).<sup>28</sup> O derramamento do Espírito Santo sobre a primeira igreja, acompanhado do som de vento impetuoso,<sup>29</sup> dava evidência audível do Espírito vindo sobre a igreja. O aparecimento do fogo era um símbolo da presença de Deus, e as línguas eram um sinal para os judeus não convertidos (1Co 14.21,22). Stott destaca que os três fenômenos aparentemente naturais (vento, fogo e fala) foram sobrenaturais tanto na origem como no caráter. Observa que o objetivo foi afetar os sentidos superiores: “ouvir, ver e falar”. “Mas o que eles experimentaram foi mais do que sensorial; foi significativo. Assim, eles procuraram uma explicação”. O Espírito Santo é enviado sempre com o propósito de preparar pessoas para a honra de Deus e para a cooperação na história salvadora de Deus entre os seres humanos. Estes sinais que acompanharam o derramamento do Espírito Santo deram credibilidade à igreja do Senhor e deixaram os judeus indesculpáveis caso rejeitassem o Evangelho. Representavam o início da nova era do Espírito e a nova obra que viera realizar.<sup>30</sup>

Contra a ideia de que o falar em línguas é evidência de ter ou não o Espírito Santo, percebe-se que, em somente três ocasiões no livro de Atos, o recebimento do Espírito Santo é acompanhado com o falar em línguas (At 2.4; 10.44-46; 19.6). Estas três referências são as únicas em toda a Bíblia de que alguém recebe o Espírito Santo e simultaneamente recebe o dom de falar em línguas. Porém, em todo o livro de Atos, milhares de pessoas creram em Jesus (At 2.41; 8.5-25; 16.31-34; 21.20). Em lugar algum a Bíblia ensina que o falar em línguas é evidência de que uma pessoa recebeu o Espírito Santo, mas o Novo Testamento ensina que todo cristão tem o Espírito Santo (Rm 8.9; 1Co 12.13; Ef 1.13,14); porém nem todo o cristão fala em línguas (1Co 12.29-31). Especificamente no Pentecostes (At 2.1-13), os apóstolos receberam o Espírito Santo e simultaneamente o poder para anunciar o Evangelho. Os apóstolos foram capacitados, receberam o dom de línguas, o que os tornou capazes de anunciar e compartilhar a verdade do Evangelho com as outras pessoas em sua língua materna.<sup>31</sup>

Werner de Boor lembra as recomendações de Paulo aos Coríntios de que, se alguém falar em línguas publicamente, isto só fará sentido se alguém interpretar, traduzir (1Co

<sup>26</sup> BOOR, 2003, p. 42,43.

<sup>27</sup> LOPES, 2012, p. 53.

<sup>28</sup> BOOR, 2003, p. 41,49.

<sup>29</sup> Segundo o autor do dicionário Aurélio: que se move com ímpeto (força), arrebatador, veemente, feroso.

<sup>30</sup> STOTT, 1994, p. 67.

<sup>31</sup> WIERSBE, 2006, p. 528.

14.13,27,28), sendo a interpretação também um dom do Espírito Santo (1Co 12.10). Segundo Werner de Boor, no Pentecostes, o próprio Espírito Santo executou o serviço de tradução sem mediação humana, fazendo com que muitos na multidão entendessem, em sua própria língua materna, que os discípulos estavam exaltando os grandes feitos de Deus. Para Wiersbe, o Pentecostes foi uma inversão do julgamento na torre de Babel, onde Deus confundiu a língua dos homens (Gn 11.1-9), dispersou o povo porque não conseguiam entender um ao outro. No Pentecostes, Deus uniu seu povo no Espírito, de maneira que ouviram e compreenderam sobre as grandezas de Deus.<sup>32</sup>

A expressão “ficaram cheios”, descreve a experiência quando as pessoas recebem o revestimento inicial do Espírito para capacitá-las ao serviço de Deus (At 9.17; Lc 1.15), mas também a inspiração para fazerem declarações importantes (At 4.8,31; 13.9). Ao encher a pessoa, o Espírito Santo lhe dá poder para testemunhar e servir (At 1.8). A Bíblia não ordena o cristão para ser batizado pelo Espírito Santo, pois é algo que Deus faz quando o cristão crê em Jesus de uma vez por todas (Ef 1.13,14); Deus ordena para que o cristão seja cheio do Espírito (Ef 5.18), pois precisa do seu poder constantemente a fim de servir a Deus com eficácia. No Pentecostes, os cristãos experimentaram o batismo do Espírito e ficaram cheios do Espírito; depois disso, porém, foram cheios do Espírito em várias ocasiões (At 4.8,31, 9.17; 13.9), mas não receberam outros batismos.<sup>33</sup>

Wiersbe lembra que Lucas cita quinze lugares diferentes, afirmando que as pessoas destes lugares ouviram os discípulos falarem das obras de Deus em línguas que podiam compreender. Lembra ainda que o termo traduzido por língua, em Atos 2.6 e 8, é *dialektos* e se refere à linguagem ou dialeto de um país ou região (At 21.40; 22.2; 26.14). Wiersbe conclui que:

A menos que as Escrituras indiquem o contrário, devemos supor que as outras menções a “falar em línguas” em Atos e 1 Coríntios, referem-se a uma experiência semelhante: cristãos louvando a Deus no Espírito em línguas conhecidas.<sup>34</sup>

Para Wiersbe, o motivo para o dom de línguas é tornar o evangelho conhecido em todo o mundo. Deus deseja falar a todas as pessoas na língua de cada um, transmitindo a mensagem de salvação em Jesus Cristo, de acordo com a ênfase do livro de Atos em levar o Evangelho até os confins da terra (At 1.8).<sup>35</sup>

## **2. O DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO SANTO SOBRE OS SAMARITANOS EM SAMARIA**

Samaria era composta por um povo misto e que, portanto, tinha necessidades diferentes do povo judeu. O derramamento do Espírito Santo sobre os samaritanos aconteceu de forma que supriu as necessidades deste povo, e testificou que foram aceitos na

<sup>32</sup> WIERSBE, 2006, p. 528.

<sup>33</sup> WIERSBE, 2006, p. 528.

<sup>34</sup> WIERSBE, 2006, p. 528.

<sup>35</sup> WIERSBE, 2006, p. 528.

comunidade cristã em Jerusalém. Desta forma, o ponto que segue evidenciará que o derramamento do Espírito Santo em Samaria não necessitava de sinais miraculosos, o que eles necessitavam era de aceitação por parte da igreja de Jerusalém, com isso, se daria a continuidade do cumprimento da missão.

### **2.1 O derramamento do Espírito e a expansão da igreja no povo de Samaria**

A perseguição aos cristãos os forçou a saírem de Jerusalém e seguirem para a Judeia e Samaria, cumprindo a segunda parte da ordem de Jesus (At 1.8). Junto com os cristãos em fuga, as boas novas do Evangelho eram anunciadas. Deus traria grandes resultados a partir do sofrimento dos cristãos. O texto de Atos 8.14-17 mostra como os samaritanos receberam o Espírito Santo, evidenciando que a salvação não era somente para os judeus.

A dispersão dos cristãos por causa da perseguição levou-os a anunciar o Evangelho em novas áreas, descobrindo uma resposta positiva imediata ao Evangelho. Nesta dispersão, antes da visita de Pedro e João e o conseqüente derramamento do Espírito Santo, Filipe havia pregado poderosamente em Samaria, acompanhado por sinais e maravilhas (At 8.4-7). Os samaritanos eram um povo odiado pelos judeus, considerados heréticos; havia entre os samaritanos e os judeus o sentimento de hostilidade mútua. Para os judeus, os samaritanos não eram gentios, nem judeus verdadeiramente; eram considerados dissidentes.<sup>36</sup> Werner de Boor lembra que os samaritanos não viviam no “judaísmo” antigo, tradicional, mas Samaria era dominada por uma religião baseada em forças ocultistas. “Os samaritanos eram considerados de modo geral como contaminados pelo ocultismo”.<sup>37</sup> Dockery traz uma explicação esclarecedora sobre a relação entre judeus e samaritanos:

Os judeus e os samaritanos não gostavam uns dos outros. Essa rivalidade tinha suas raízes na época em que o reino de Davi se dividiu em reino de Israel, no norte, e reino de Judá, no sul. A conquista do reino de Israel pela Assíria e a subsequente união matrimonial entre assírios e israelitas do norte produziram uma mistura racial que deu origem aos samaritanos. Os samaritanos adoravam no monte Gerizim e aceitavam apenas os cinco primeiros livros do Antigo Testamento. O conflito entre judeus e samaritanos tinha aspectos religiosos e políticos. Os dois grupos simplesmente se evitavam.<sup>38</sup>

Talvez em virtude de os samaritanos serem compostos por um povo misto e do clima de hostilidade para com os judeus, surgiu a necessidade da imposição de mãos dos apóstolos para que aqueles recebessem o Espírito Santo. Isto serviu como demonstração de que eram aceitos na igreja de Jerusalém. O derramamento do Espírito Santo sobre os samaritanos mostrou como o Evangelho ultrapassa as fronteiras, não somente geográficas, mas sociais, culturais e sociológicas.

---

<sup>36</sup> MARSHALL, 2001, p. 148.

<sup>37</sup> BOOR, 2003, p. 127.

<sup>38</sup> DOCKERY, David S. **Manual bíblico Vida Nova**. Tradução de Lucy Yamakami, Hans Udo Fuchs e Robinson Malkomens. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 682.

Os samaritanos eram raça misturada, não somente com sangue estrangeiro, mas também com práticas idólatras. Os samaritanos baseavam suas crenças e práticas na Torá, não reconhecendo a autoridade de nenhuma outra escritura hebraica. Afirmavam que Esdras havia mudado o texto hebraico para favorecer Jerusalém, porém os próprios samaritanos podem ter alterado a formulação do texto da Lei para refletir favoravelmente suas tradições.<sup>39</sup> Neste contexto, Filipe pregou o Evangelho e, em resposta a sua pregação, muitas pessoas foram sendo batizadas (At 8.12). Estes novos avanços do Cristianismo eram examinados com muito cuidado pela zelosa e conservadora igreja de Jerusalém. Marshall conclui que:

Deus reteve o Espírito até a vinda de Pedro e João a fim de que fosse visto que os samaritanos estavam plenamente incorporados na comunidade dos cristãos de Jerusalém que receberam o Espírito no dia do Pentecoste.<sup>40</sup>

A afirmação de Marshall é fundamentada pelo fato de os apóstolos Pedro e João realizarem visita a Samaria assim que tomaram conhecimento de que os samaritanos haviam aceitado a palavra de Deus. Os apóstolos foram enviados para convencerem-se pessoalmente da conversão dos samaritanos e, ao mesmo tempo, exercer responsabilidade especial neste caso. Havia inimizade com raízes profundas entre samaritanos e judeus, e para os judeus Samaria era muito suspeita.<sup>41</sup> Algum tempo no passado o apóstolo João havia questionado Jesus se devia pedir que descesse fogo do céu para consumir uma aldeia samaritana que se recusava a recebê-los (Lc 9.51-55). Agora, junto com Pedro, foram enviados a Samaria para verificar se a conversão dos samaritanos a Jesus era verdadeira. Os judeus, inclusive os apóstolos, ainda estavam inseguros a respeito da possibilidade de o Espírito Santo ser concedido aos meio-judeus. “A difusão do Evangelho aos samaritanos, porém, deve ter sido um passo tão extraordinário que os apóstolos forçosamente tinham que ir ver o que acontecia, a fim de entrarem em entendimento com este novo evento na vida da igreja”.<sup>42</sup> Wiersbe observa que os samaritanos não receberam o dom do Espírito Santo na conversão, foi necessária a ida de Pedro e João, partindo de Jerusalém, para imporem as mãos sobre os convertidos em Samaria, a fim de que recebessem o dom do Espírito.<sup>43</sup>

## 2.2 A razão da falta dos sinais no derramamento do Espírito Santo em Samaria

Carson, Moo e Morris<sup>44</sup> lembram que Estevão, com o objetivo de acusar os membros do Sinédrio de resistirem ao Espírito Santo, havia sugerido que a revelação divina não poderia se restringir a um único local. Esta posição de Estevão, além de ser o motivo para o seu martírio e morte por apedrejamento, despertou oposição ao movimento cristão e “todos, exceto os apóstolos”, foram forçados a fugir, ocasião em que Filipe levou o evangelho a Samaria.

<sup>39</sup> YOUNGBLOOD, Ronald F. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 1292.

<sup>40</sup> MARSHALL, 2001, p. 153.

<sup>41</sup> BOOR, 2003, p. 129.

<sup>42</sup> MARSHALL, 2001, p. 152.

<sup>43</sup> WIERSBE, 2006, p. 564.

<sup>44</sup> CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 205.

Habitada, em sua maioria, por judeus renegados, os samaritanos creram na mensagem do Evangelho anunciada por Felipe. Os apóstolos, cientes disso em Jerusalém, enviam Pedro e João para confirmarem que os samaritanos de fato haviam sido aceitos no reino de Deus (At 8.4-25). “É muito apropriado que um dos apóstolos comissionados seja João, que em certa ocasião queria que caísse fogo do céu para consumir uma cidade samaritana” (Lc 9.54).<sup>45</sup>

Chegando a Samaria, Pedro e João oraram com imposição de mãos para que os samaritanos recebessem o Espírito Santo. A imposição de mãos em conexão com o recebimento do Espírito é mencionada somente em Samaria e em Éfeso (At 19.6), em circunstâncias excepcionais. Não significa que o Espírito só pode ser transmitido com a imposição de mãos, pois em outros textos o Espírito é dado sem este ato (At 2.38) e sem a presença de um apóstolo (At 9.17). Segundo Howard Marshall, neste caso específico, “Deus reteve o Espírito até a vinda de Pedro e João a fim de que fosse visto que os samaritanos estavam plenamente incorporados na comunidade dos cristãos de Jerusalém que antes receberam o Espírito no dia de Pentecostes”.<sup>46</sup> Werner de Boor comenta que Samaria já estava agitada demais e não precisava de sinais tempestuosos do Espírito Santo, precisavam da verdadeira vida divina purificadora e renovadora do coração.<sup>47</sup>

Em um momento crucial para a divulgação do Evangelho e para o crescimento da igreja cristã, Pedro e João foram enviados a Samaria para ajudar a evitar que o novo grupo de crentes se separasse. Deus escolheu uma forma dramática para conceder seu Espírito neste momento de expansão da igreja. Normalmente, o Espírito Santo entra na vida de uma pessoa no momento da conversão. John Stott conclui:

A explicação mais natural para esse atraso da dádiva do Espírito é que era a primeira vez que o Evangelho tinha sido pregado não só fora de Jerusalém, mas também dentro de Samaria. Esta é, evidentemente, a importância deste episódio na narrativa de Lucas, pois os samaritanos eram um tipo de campo intermediário entre judeus e gentios.<sup>48</sup>

O derramamento do Espírito Santo sobre os mestiços samaritanos, ou meio-judeus, era sinal de que todas as pessoas podiam receber as boas novas e serem igualmente aceitas por Deus. O derramamento ou batismo com o Espírito Santo, em Atos 8.14-17, sobre os samaritanos agiu como sinal para os cristãos judeus. Este sinal foi necessário porque os cristãos judeus limitavam a salvação ao seu povo. Com o derramamento do Espírito Santo sobre os samaritanos, Deus mostrou aos judeus que aqueles também poderiam ser salvos e assim deveriam ser aceitos e somados à igreja de Cristo sem que se tornassem prosélitos<sup>49</sup> (At 11.1-19). Em Samaria, um povo dividido pela inimizade é reconciliado e unido pelo poder do Evangelho.

<sup>45</sup> LOPES, 2012, p. 177.

<sup>46</sup> MARSHALL, 2001, p. 152,153.

<sup>47</sup> BOOR, 2003, p. 129.

<sup>48</sup> STOTT, 1994, p. 175.

<sup>49</sup> YOUNGBLOOD, 2004. Conforme os autores deste dicionário, prosélito é o termo usado no Novo Testamento para designar os conversos gentios aos ensinamentos da fé judaica. Um prosélito ao judaísmo submetia-se à circuncisão e adorava no templo judeu ou sinagoga, observava todos os rituais e leis acerca do sábado, alimentos e outros assuntos da tradição judaica.

### 3. O DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO SANTO SOBRE OS GENTIOS EM CESAREIA

O povo gentio era considerado completamente separado da comunidade de Jerusalém e do povo judeu. Um judeu não entrava na casa de um gentio. Esta realidade faz com que o derramamento do Espírito Santo sobre os gentios aconteça de forma extraordinária, com o objetivo de convencer o povo judeu de que a salvação não era exclusividade para seu povo. Assim sendo, este ponto evidenciará que a salvação não era exclusividade do povo judeu e o cumprimento da missão de testemunhar do Evangelho a todos os povos.

#### 3.1 O derramamento do Espírito sobre os gentios e a expansão da igreja até os confins da terra

Após algumas viagens de Pedro, passando por Lida, onde houve a cura de um paraplégico chamado Eneias (At 9.32-35), ele foi chamado a Jope, após a morte de uma mulher estimada por todos, chamada Tabita (Dorcas), a qual, pelo poder de Deus, ressuscitou (At 9.35-43). Estando ainda em Jope, Pedro teve uma visão que o levou a pregar o Evangelho a Cornélio, um gentio em Cesareia (At 10.1-43). Em Atos 10.44-48, a Bíblia mostra como o Espírito Santo foi derramado sobre os gentios em Cesareia.

Deus havia enviado um anjo para instruir o centurião<sup>50</sup> Cornélio para que fosse chamar Pedro em Jope (At 10.1-8). Lopes lembra que “Deus julga os homens pelo coração, não por sua nacionalidade ou descendência”.<sup>51</sup> Wiersbe lembra que Deus trabalhou e preparou Pedro para que levasse a mensagem, e Cornélio para que ouvisse a mensagem. Pedro viu todos os tipos de criaturas, limpas e imundas, e recebeu a ordem de matá-las e comê-las, enquanto pensava na visão recebeu a ordem através do Espírito: “Levanta-te [...] e vai”. Pedro foi até os gentios, porque o Espírito ordenou-lhe isso, não porque entendeu a visão que teve (At 11.11-16).

Carson, Moo e Morris trazem à tona o fato de que Pedro, por meio de visões e de uma ordem direta de Deus, é levado ao encontro de Cornélio (At 10.1-23). Ao chegar à casa de Cornélio e lhe anunciar o evangelho, Pedro foi interrompido pela ação soberana de Deus.<sup>52</sup> Wiersbe traz à lembrança de que Pedro estava no início de sua pregação quando a nova igreja reunida creu na mensagem do evangelho, e o Espírito Santo interrompeu a reunião (At 11.15). Lembra que Deus Pai havia interrompido Pedro no monte da transfiguração (Mt 17.4,5), Deus Filho o interrompeu quando tratavam da questão do imposto do templo (Mt 17.24-27).<sup>53</sup>

Para o judeu, era inconcebível que um gentio pudesse ser aceito por Deus sem ser circuncidado e incorporado a Israel (At 15.1-5). O Espírito não se tratava de um poder religioso apenas, mas o dom escatológico (At 2.16) que Deus havia prometido ao povo da aliança (At 2.39). Significa que esta participação escatológica na vinda de Deus foi concebida incondicionalmente a gentios incircuncisos, até mesmo antes do batismo nas águas, após

<sup>50</sup> KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. Barueri: SBB, 1999. Conforme o autor deste dicionário, “centurião” era um oficial que comandava cem soldados do exército romano.

<sup>51</sup> LOPES, 2012, p. 215.

<sup>52</sup> CARSON, 1997, p. 205

<sup>53</sup> WIERSBE, 2006, p. 579.

demonstração de fé.<sup>54</sup> Após estas evidências de que Deus havia aceitado os gentios, Pedro chega à límpida conclusão de que não poderia negar o batismo nas águas para as pessoas às quais Deus já havia enviado o Espírito Santo.<sup>55</sup>

### **3.2 O derramamento do Espírito sobre os gentios é o testemunho de que o avanço do Evangelho deve ir até os confins da terra**

Simultaneamente, Deus, por meio da mesma visão, ensinava a Pedro que o judeu não era puro e o gentio impuro como criam os judeus, mas, perante Deus, tanto judeus quanto gentios eram impuros, porém Deus poderia purificar ambos. Segundo Wiersbe,<sup>56</sup> Deus usou a visão dos alimentos porque a distinção entre alimentos limpos e imundos era o grande problema entre os judeus e os gentios daquela época (At 11.1-3). Através deste acontecimento, Deus mostrou aos judeus que o Evangelho e a salvação não eram privilégio exclusivo dos judeus, mas de todos os povos.

Até este momento, os apóstolos ainda não haviam pregado para os gentios.<sup>57</sup> Por isso, na casa de Cornélio, Pedro esclareceu as pessoas que ali estavam para ouvi-lo, que, como judeu, não poderia se associar ou visitar um gentio, mas estava ali porque recebera uma ordem de Deus (At 10.28). Porém, o texto deixa claro que Pedro não sabia o objetivo maior de estar ali, pois perguntou a Cornélio a respeito da razão pela qual fora chamado (At 10.29). Cornélio responde que estavam todos ali para ouvir o que Pedro tinha para falar da parte de Deus a eles (At 10.30-33), momento este que Pedro se dá conta de que devia testemunhar aos gentios o Evangelho de Jesus da mesma maneira como havia anunciado a Israel. Pedro começou a falar sobre aquilo que havia entendido de Deus, apresentando em resumo a proclamação do Evangelho que os apóstolos haviam anunciado várias vezes (At 10.34-43). Quando ainda falava, Pedro percebeu que os gentios não somente ouviam a palavra do evangelho, como recebiam o Espírito Santo, sinal de que também faziam parte do povo de Deus.<sup>58</sup>

O Espírito Santo fora derramado sobre a casa de Cornélio de maneira tão evidente que Pedro teve que reconhecer que Deus verdadeiramente havia aceitado os gentios em sua igreja. Pedro não foi enviado a Cornélio para que ele e os seus recebessem o Espírito Santo, mas para que fosse uma testemunha de que Deus havia derramado o Espírito Santo sobre eles. Deus Espírito interrompe Pedro, para dar testemunho aos judeus que o acompanhavam de que os gentios haviam verdadeiramente nascidos de novo.<sup>59</sup>

Deus derramou seu Espírito sobre os gentios e estes louvavam a Deus em outras línguas, da mesma forma como havia acontecido no Pentecostes. Este sinal se fez necessário para que

---

<sup>54</sup> BOOR, 2003, p. 164.

<sup>55</sup> BOOR, 2003, p. 164.

<sup>56</sup> WIERSBE, 2006, p. 577.

<sup>57</sup> WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico Wiersbe**. Novo Testamento. Tradução de Regina Aranha. Rio de Janeiro: Geográfica, 2009, p. 328,329.

<sup>58</sup> BOOR, 2003, p. 161-164.

<sup>59</sup> WIERSBE, 2006, p. 579.

não houvesse dúvidas da conversão dos gentios e sua aceitação por parte de Deus.<sup>60</sup> Deus fez com que o efeito do Espírito Santo fosse tão perceptível, para que os judeus pudessem reconhecer que Deus havia derramado do seu Espírito também sobre os gentios que aceitaram o Evangelho e creram.

Howard Marshall lembra que o derramamento do Espírito sobre os gentios tem implicação dupla. Em primeiro lugar, que os gentios presentes corresponderam à mensagem mediante a fé, visto que em outras situações o Espírito veio para as pessoas que se arrependeram. E, em segundo lugar, que Deus os aceitou selando sua fé com o dom do Espírito no momento em que tiveram a oportunidade de ouvir a mensagem e corresponderam.<sup>61</sup>

Em Atos 10.44-48, Deus derramou o Seu Espírito sobre os gentios como prova de que eles se tornaram participantes das mesmas bênçãos que os judeus cristãos tinham recebido. Se a casa de Cornélio tivesse recebido o Espírito Santo da mesma maneira que os samaritanos, ou da mesma maneira que os cristãos atuais recebem, nem Pedro nem a igreja de Jerusalém teriam sido convencidos de que eles eram realmente participantes das bênçãos do Evangelho. Nesta situação, as línguas não foram simplesmente um sinal para os incrédulos, mas também para os judeus que não acreditavam na salvação e “no enxerto” dos gentios. Stott conclui:

Pedro logo deduziu o inevitável. Se Deus havia aceitado crentes gentios, o que de fato aconteceu (15.8), a igreja também precisava aceitá-los. [...] Dando o Espírito a Cornélio e à sua casa antes do batismo, Deus deu a Pedro uma *apologia megale* (uma poderosa razão ou justificativa) para conceder-lhes o batismo na água.<sup>62</sup>

Este ocorrido em Cesareia tratou-se de um acontecimento paralelo ao Pentecostes; o mesmo Espírito que havia vindo sobre os cristãos judeus, também viera sobre os gentios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O derramamento do Espírito Santo no Pentecostes pode ser entendido como o cumprimento da profecia de Joel no Antigo Testamento, de João Batista no Novo Testamento, e prometido pelo próprio Jesus Cristo em Atos 1.4,8; além de constar em outros textos dos Evangelhos sinópticos. O batismo, ou derramamento do Espírito Santo, foi realizado sobre vários povos, a saber: judeus, samaritanos e gentios. Isto se deu como prova de que o Espírito Santo foi enviado a todos os que creram e não somente para um grupo especial.

O derramamento do Espírito Santo, acompanhado de sinais miraculosos, não foi dado diariamente aos indivíduos conforme iam crendo em Jesus; mas a um grupo distinto, em um momento distinto, com um propósito específico naquela ocasião. Uma vez cumprida a profecia do derramamento do Espírito Santo, ela não se repetiu, porque a vinda do Espírito a todos os grupos havia se cumprido e, a partir deste momento, as pessoas passaram a receber o Espírito Santo quando criam. Os sinais que cercaram o batismo, em particular a cada grupo,

---

<sup>60</sup> MARSHALL, 2001, p. 186.

<sup>61</sup> MARSHALL, 2001, p. 183.

<sup>62</sup> STOTT, 1994, p. 215.

foram suficientes para dar crédito ao respectivo grupo (At 11.15-18); não sendo necessário um novo Pentecostes acompanhado de sinais a cada grupo ou pessoa que cria em Jesus.

O falar em línguas em nenhum lugar da Bíblia, especialmente em Atos, é apresentado como dom que todos os cristãos recebem quando aceitam Jesus Cristo como seu Salvador e, conseqüentemente, recebem o Espírito Santo. De todos os registros de conversões no Novo Testamento, três mil pessoas somente na primeira pregação de Pedro em Atos 2.41, apenas dois têm o falar em línguas em seu contexto (At 2.1-3; At 10.44-48). Falar em línguas era um dom milagroso com um propósito específico num momento específico. Em nenhum lugar no livro de Atos, é falado em relação ao dom de línguas como línguas estranhas ao ser humano. O termo traduzido por língua em Atos 2.6 e 8 é *dialektos* e se refere à linguagem ou dialeto de um país ou região (At 21.40; 22.2; 26.14). Os apóstolos foram capacitados, receberam o dom que os tornaram capazes de anunciar em línguas desconhecidas para eles, para que pudessem compartilhar as boas novas do Evangelho com as outras pessoas em suas próprias línguas. O motivo para o dom de línguas em Atos é tornar o Evangelho conhecido em todo o mundo, levando todos os povos a glorificarem Deus. Deus deseja falar a todas as pessoas na língua de cada um, transmitindo a mensagem de salvação em Jesus Cristo, de acordo com a ênfase do livro de Atos em levar o Evangelho até os confins da terra (At 1.8).

Com isto, termina o período de transição no início da história da igreja. O Evangelho fora pregado a judeus, samaritanos e gentios. Cristãos judeus, samaritanos e gentios receberam o Espírito de Deus, e agora, todos fazem parte de uma unidade, o corpo de Cristo. O que se pode perceber de comum em todos os casos é que os cristãos sempre foram salvos ou aceitos pela fé. A partir desse momento, a sequência natural para alguém receber o Espírito Santo, é ouvir a Palavra, crer em Cristo, receber o Espírito e ser batizado e incorporado a outros cristãos na igreja para servir e adorar a Deus.<sup>63</sup>

## REFERÊNCIAS

**BÍBLIA de Estudo Almeida.** ARA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BOOR, Werner de. **Atos dos Apóstolos.** Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2003. 375 p. Comentário Esperança.

CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento.** Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997. 556 p.

DOCKERY, David S. **Manual bíblico Vida Nova.** Tradução de Lucy Yamakami, Hans Udo Fuchs e Robinson Malkomens. São Paulo: Vida Nova, 2011. 952 p.

GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento.** Tradução de João Marques Bentes. 4.ed. São Paulo: Vida Nova, 1978. 446 p.

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da Bíblia de Almeida.** Barueri: SBB, 1999. 192 p.

---

<sup>63</sup> WIERSBE, 2006, p. 579.

LOPES, Hernandes Dias. **Atos**: a ação do Espírito Santo na vida da igreja. São Paulo: Hagnos, 2012. 507 p.

MARSHALL, I. Howard. **Atos**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2001. 397 p.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo. ABU, 1994. 462 p.

WAGNER, C. Peter. **Descubra seus dons espirituais**. Tradução de João Bentes. São Paulo: ABBA, 2004. 326p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**. Novo Testamento. Vol. 1. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. 952 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico Wiersbe**. Novo Testamento. Tradução de Regina Aranha. Rio de Janeiro: Geográfica, 2009. 911 p.

YOUNGBLOOD, Ronald F. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004. 1475 p.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A IDOLATRIA PROTESTANTE (PÓS)MODERNA E O USO DO MONTE COMO LUGAR SAGRADO EM EZEQUIEL 6.2-3

The protestant idolatry (post) modern and the use of the mount as a sacred  
place in Ezekiel 6.2-3

Me. Wanderley Lima Moreira<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo aborda a idolatria evangélica atual a partir do livro do profeta Ezequiel. A pesquisa reflete sobre os atos de responsabilidade da igreja brasileira em tempos (pós) modernos, quando fica cada vez mais evidente o retorno à idolatria devido algumas práticas sincréticas. Algumas igrejas brasileiras mudaram com o decorrer do tempo, de forma que as bases da Reforma Protestante ficaram esquecidas, e agora, aquelas que deveriam pregar contra a idolatria; praticam e incentivam. Este artigo pretende demonstrar de que forma o culto no monte representa um retrocesso à idolatria medieval e como o protestantismo pode se esforçar para suprimir essa prática.

**Palavras-chaves:** Idolatria. Igreja. Monte. Protestantismo.

### ABSTRACT

This article addresses current evangelical idolatry from the book of the prophet Ezekiel. The research reflects on the acts of responsibility of the Brazilian church in (post)modern times when it becomes increasingly evident the return to idolatry due to some syncretic practices. Some Brazilian churches have changed over time, so that the bases of the Protestant Reformation have been forgotten, and these, which should make an apology against the idolatry; practice and encourage it. This article intends to demonstrate how the worship on the mount represents a step backward to medieval idolatry and how Protestantism can strive to suppress this practice.

<sup>1</sup> O autor possui mestrado em pelas Faculdades Batista do Paraná. É professor de Hebraico e Exegese da Antigo Testamento no Seminário Batista do Espírito Santo. E-mail: [wanderleylima@bol.com.br](mailto:wanderleylima@bol.com.br)

**Keywords:** Idolatry. Church. Mount. Protestantism.

## INTRODUÇÃO

De acordo com Sellin e Fohrer, o livro de Ezequiel leva “o seu nome, Ezequiel, filho de um certo Buzi”<sup>2</sup> – evidência interna da autoria do livro, que pode ter sido o primeiro profeta entre os deportados,<sup>3</sup> se for levado em conta principalmente a tradição oral, bem como, textos como por exemplo, Ezequiel 1.3, o qual afirma: “eis que a palavra de Yahweh, o Senhor, veio a Ezequiel, filho do sacerdote Buzi, junto ao rio Quebar, nas terras dos caldeus”.<sup>4</sup>

O nome do profeta, *Yehezque'l* (Ezequiel), que significa “Deus fortalece”<sup>5</sup> – revela não apenas a força profética do livro, mas também a grandeza de Yahweh como o Senhor a ser adorado e engradecido por aqueles que, por desobediência, estavam exilados. Ezequiel profetizou à geração rebelde de sua época, e segundo Archer Jr, é possível afirmar que o tema central do livro é a queda de Jerusalém e o cativeiro babilônico como correção divina a um povo desobediente, para “afastá-lo da desgraça completa”.<sup>6</sup> Esta era uma geração extremamente pecaminosa e completamente sem esperança.

A obediência à lei é uma marca bem presente no livro, isto porque o povo de Israel precisava voltar-se para Yahweh também através das orientações de Ezequiel. Segundo Robert Wilson, “a proveniência sacerdotal do profeta está claramente refletida em sua linguagem, que acusa laços estreitos com o código de santidade (Lv 17-26)”.<sup>7</sup>

Neste texto, se pretende relacionar alguns textos do livro com a idolatria protestante (pós)moderna. Para isto, cabe aqui explicar o termo (pós)moderno e o porquê da utilização desta ser posta entre parênteses. Em primeiro lugar, quando se fala em protestantismo e sociedade, está muito claro que existe um equívoco contextual na (pós) modernidade que apresenta práticas sincréticas em termos de culto em algumas igrejas protestantes. Os dados do IBGE,<sup>8</sup> sobre a quantidade de igrejas protestantes no Brasil e os noticiários mostram esta realidade de forma bem clara. Se há 26,2 milhões de evangélicos, ou seja, 15,4% da população, qual é o motivo de um estado como o Rio de Janeiro, com 23,05% de evangélicos, ter um nível tão alto de marginalidade, divórcio e mortes? Seria por que este grupo de igrejas se preocupam mais com as questões metafísicas do que com a prática da fé? Por que a igreja, neste caso, não consegue influenciar positivamente a sociedade? Uma vez que a sociedade brasileira espera que esta seja uma agência de transformação nos locais onde está inserida, porém, um grupo representativo deste setor da sociedade tem se preocupado mais com as

<sup>2</sup> SELLIN, E.; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de D. Matheus Rocha. São Paulo: Paulus; Academia Cristã, 2012, p. 569.

<sup>3</sup> SCHWANTES, Milton. **Sofrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.** São Paulo: Paulinas, 1987, p. 73.

<sup>4</sup> **BÍBLIA KING JAMES ATUALIZADA**. São Paulo: Abba Press, 2012, p. 1489.

<sup>5</sup> ARCHER Jr, Gleason L. **Panorama do Antigo Testamento**. 4.ed. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 464.

<sup>6</sup> ARCHER Jr, 2012, p. 464.

<sup>7</sup> WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade**. 2.ed. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus; Targumim, 2006, p. 329.

<sup>8</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

questões da metafísica cristã, enfatizando a relação divino-humano a partir da adoração em lugares altos em detrimento de sua verdadeira missão, ser agente transformador.

É com base nestas e outras perguntas que este artigo foi escrito. A influência das igrejas protestantes – em termos de cura e transformação de vidas – tem diminuído a cada dia, o que demonstra a desconfiança de uma parcela da sociedade em relação ao cristianismo. de forma que é evidente o afastamento de Yahweh e sua Palavra, e uma das maiores evidências e umas causas desta desconfiança é a idolatria da adoração nos montes que invadiu os templos cristãos, como no capítulo 6 de Ezequiel, que José Luiz Sicre Díaz nomeia como “Contra os montes de Israel”.<sup>9</sup> Assim, seguem algumas considerações presentes no exílio do sexto e sétimo séculos antes de Cristo, denunciado por Ezequiel, relacionando-as com a idolatria protestante presente nas igrejas (pós)modernas, de forma que é possível dizer que o protestantismo está fora de sua época própria, uma vez que voltou ao pecado de idolatria medieval e, posteriormente, (pós)moderna. Em termos sociais um grupo de igrejas revelam um tipo de protestantismo não atrai, influencia pouco e apresenta rachaduras doutrinárias.

## 1. VISÃO DA IDOLATRIA A PARTIR DE EZEQUIEL 6 E SUA PROXIMIDADE COM OUTROS TEXTOS BÍBLICOS E COM A CONTEMPORANEIDADE

Em seu ministério profético, “Ezequiel está angustiado pela idolatria persistente do povo de Deus”<sup>10</sup> e procura levar o povo ao arrependimento. Isto é demonstrado em todo o livro. Seu esforço parecia inútil, de forma que uma frase, já no capítulo 6, demonstra a insatisfação de Yahweh através da sentença “profetiza contra eles”.<sup>11</sup> O povo de Israel estava desonrando Yahweh através da idolatria, de forma que, nas palavras do próprio Deus, como pode ser visto em Ezequiel 2.3-6, este povo é “rebelde, obstinado, teimoso”.<sup>12</sup>

Seguem abaixo as acusações e sentenças de Yahweh no capítulo 6, utilizando a Bíblia King James em língua portuguesa:

Texto	
Ez 6.2	Filho do homem, vira o teu rosto contra os <b>montes de Israel</b> ; profetiza contra eles.
Ez 6.3	e prega: ‘Ó montes de Israel, ouvi a Palavra do Senhor Deus. Assim declara Yahweh, o soberano Deus aos <b>montes</b> , às <b>colinas</b> , às ravinas e aos vales: Eis que eu mesmo trarei a espada sobre todos vós e exterminarei os vossos altares idólatras em todas as colinas.
Ez 6.13	E assim saberão que Eu Sou Yahweh, o Senhor quando o seu povo estiver aniquilado sobre o chão da cidade, morto entre os seus ídolos, ao redor de seus altares de pedra, em todo <b>monte alto</b> e em todo topo de montanha; debaixo de carvalho frondoso e em todos os <b>lugares</b> nos quais eles tinham o prazer de oferecer incenso aromático em homenagem a todos os seus ídolos inúteis.

<sup>9</sup> DÍAZ, José Luis Sicre. **Introdução ao profetismo bíblico**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 264.

<sup>10</sup> BROWN, Raymond. **Entendendo o Antigo Testamento**: esboço, mensagem e aplicação de cada livro. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2012, p. 141.

<sup>11</sup> BÍBLIA KING JAMES, 2012, p. 1496.

<sup>12</sup> BÍBLIA KING JAMES, 2012, p. 1490.

É importante lembrar que, neste artigo, a base teológica emerge dos textos apresentados acima. Neles é possível perceber que as sentenças são direcionadas aos lugares de elevação geográfica.

A adoração dos ouvintes de Ezequiel estava baseada em códigos de conduta, e todos eles sabiam fazer a correlação deserto-exílio. Isto porque, no deserto, o povo de Israel já havia desobedecido a Yahweh, mas, após a intervenção de Moisés (Êx 34.1-26), o Senhor derramou graça e misericórdia, como explica Carlos Osvaldo Pinto, sobre estes acontecimentos:

A aliança de Yahweh com Israel é graciosamente restaurada, à medida que Ele se revela a Moisés, renova suas exigências para com o povo [...] A aliança é renovada e suas estipulações resumidas com ênfase para o aspecto ritual (34.10-26). Israel deve permanecer obediente a seu Deus que operava milagres a seu favor (34.10,11). Israel não deve fazer alianças com nações pagãs, pois isso a levaria à idolatria (34.12-17).<sup>13</sup>

Percebe-se o zelo, para não dizer ciúme, que Yahweh tem de seu povo, porém Ele não negocia com os homens, nem volta atrás com seu pacto de amor, conforme o próprio livro de Ezequiel apresenta em 18.4: "Todas as vidas são minhas; tanto a do pai como a do filho; e aquele que pecar é que deve pagar com a própria vida."<sup>14</sup>

A própria pregação de Ezequiel é uma demonstração do amor de Yahweh, que diz: “não tenho qualquer prazer na morte do incrédulo, mas sim a minha alegria está em que o ímpio venha a ser convertido, se desvie do seu mau caminho e viva” (Ez 18.32).<sup>15</sup> A responsabilidade de praticar os termos da Aliança e se mostrar obediente diante de Yahweh eram dois pontos inegociáveis para o povo de Israel. De forma que o capítulo 6 do livro de Ezequiel apresenta de forma dramática a quebra da lei; por este motivo grave, Yahweh dirá, em Ezequiel 33.11, que o povo deve se arrepender e voltar para os braços dele, refazendo o pacto da aliança. Logo, desobedecer adorando nos altos era o prenúncio de um retorno à idolatria, como acontece na contemporaneidade em determinados grupos cristãos. Em algumas destas igrejas, seus adeptos fazem rituais sincréticos nos montes, desconsiderando a ordem divina e promovendo uma espécie de espetáculo religioso, como observa Hovestol, pois este

[...] é praticado o tempo todo em todas as partes do mundo, diariamente [...] Os seres humanos são inevitavelmente religiosos. Temos um senso profundo do espiritual, um anseio pelo sobrenatural e um profundo desejo de nos conectar com o divino [...] Até mesmo em nosso mundo moderno, o mundo pós-Deus [...].<sup>16</sup>

Os problemas associados à idolatria (pós)moderna estão relacionados não apenas à desobediência, mas também à necessidade que o ser humano tem de representar sua fé simbolicamente. É por isto que, durante o período da Reforma, os estudiosos da Bíblia protestaram – por isso o termo ‘protestante’ – contra o enriquecimento da igreja romana, a

<sup>13</sup> PINTO, Carlos O. **Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 87.

<sup>14</sup> BÍBLIA KING JAMES, 2012, p. 1518.

<sup>15</sup> BÍBLIA KING JAMES, 2012, p. 1551.

<sup>16</sup> HOVESTOL, Tom. **A neurose da religião: o desastre do extremismo religioso**. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 95.

qual utilizava a própria Bíblia para alienar o povo através de simbolismo materiais, desobedecendo a Êxodo 20.4.

Sobre esta insistência em procurar simbolizar sua fé, Jung disse, em 1960,<sup>17</sup> que este tipo de comportamento humano é, na verdade, uma ignorância cega.

[...] o homem moderno é, na verdade, uma curiosa mistura de características adquiridas milenarmente. E é desse ser, resultante da associação homem-símbolos, que temos de nos ocupar, inspecionando sua mente com extremo cuidado [...] os seus preconceitos ultrapassados, hábitos de pensar e sentir obsoletos, erros obstinados e uma ignorância cega. São esses os seres humanos contemporâneos, produtores de símbolos.<sup>18</sup>

Atualmente, a adoração em lugares geograficamente determinados ganha força diante da grande mobilização pró-milagres, que atrai pessoas de todas as classes sociais. A natureza deste movimento está na compreensão de “que a cosmização<sup>19</sup> dos territórios desconhecidos é sempre uma consagração”.<sup>20</sup> É a busca pelo território onde as ‘coisas acontecem’. Onde o homem consegue ‘ver’ e ‘sentir’ a ação divina, não através do Ser-Em-Si, mas da crença de que é naquele espaço geográfico elevado que a terra pode se conectar com os céus. Assim,

[...] a comunicação com o céu é expressa indiferentemente por certo número de imagens referentes todas elas ao Axis mundi: pilar, escada, montanha, árvore, cipós etc; em torno desse eixo cósmico estende-se o mundo – logo, o eixo encontra-se no meio, no ‘umbigo’ da Terra, é o centro do mundo.<sup>21</sup>

No livro de Ezequiel, é possível verificar uma nova missão, que é inerente ao caráter discursivo do profeta. Segundo Ralph Klein, uma vez que “a missão de Ezequiel era a de levar novas muito más” não apenas para o povo de Israel, mas também todo o Israel que existiu desde o Êxodo até o Exílio”,<sup>22</sup> o que é reforçado nesta perícopes, pois “em Ezequiel 6-7 o profeta segue a linha deuteronomista, segundo a qual o julgamento sobre Jerusalém é inevitável por causa dos pecados passados do povo”.<sup>23</sup>

Adorar no monte, como se fala hoje em dia, tornou-se uma prática não apenas em igrejas pentecostais e neopentecostais, mas também entre igrejas históricas. Não cabe aqui mensurar a quantidade de igrejas históricas que já aderiram a esta prática, o que sugere novas pesquisas. Porém, é preocupante que o povo de Deus esteja voltando a velhas práticas anteriormente proibidas. Os textos dispostos no quadro abaixo indicam um descontentamento da parte de Yahweh com a adoração que imitava costumes de povos pagãos.

<sup>17</sup> O psiquiatra suíço Karl Jung (1875-1961) dedicou os últimos anos de sua vida na obra: O homem e seus símbolos, lançado com o título “*Os mitos antigos e o homem moderno*”.

<sup>18</sup> JUNG, Karl. **O homem e seus símbolos**. 2.ed. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 121.

<sup>19</sup> Ato de consagrar o local atribuindo poderes cósmicos ou divinos.

<sup>20</sup> ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 35.

<sup>21</sup> ELIADE, 2010, p. 39.

<sup>22</sup> KLEIN, Ralph W. **Israel no exílio**: uma interpretação teológica. Tradução de Edwino Ryer. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2012, p. 131.

<sup>23</sup> WILSON, 2006, p. 331.

Textos Bíblicos (NVI) <sup>24</sup>	
Números 33.52	Destruam todas as imagens esculpidas e todos os ídolos fundidos, e derrubem todos os altares idólatras deles.
Levítico 26.30	Destruirei os seus altares idólatras, despedaçarei os seus altares de incenso e empilharei os seus cadáveres sobre os seus ídolos mortos, e rejeitarei vocês.
João 4.21	Jesus declarou: Creia em mim, mulher: está próxima a hora em que vocês não adorarão o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém.

É fácil perceber que as práticas da adoração no monte no contexto da igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Mundial do Poder de Deus e da Igreja Cristã Maranata, são resultados de uma má compreensão da metanarrativa bíblica. Isto, porque desde os primórdios o ser humano busca milagres e contatos com os deuses através de uma aproximação onde a imanência divina toque animais, objetos e lugares, proporcionando mais segurança ao religioso. Segundo Mircea Eliade,

Temos, pois, de considerar uma sequência de concepções religiosas e imagens cosmológicas que são solidárias e se articulam num sistema, ao qual se pode chamar de sistema do mundo das sociedades tradicionais: a) Um lugar sagrado constitui uma rotura na homogeneidade do espaço; b) essa rotura é simbolizada por uma ‘abertura’, pela qual se tornou possível a passagem de uma região cósmica a outra.<sup>25</sup>

A corrida por uma vida melhor e o misticismo protestante, que combina elementos pagãos com elementos de matriz africana, deslocou o eixo original da prática mística – criticada pelos reformadores – e produziu cristãos que acreditam na abertura de um portal mágico e sobrenatural em variadas localidades do Brasil, em que grupos de seguidores sobem lugares altos para se comunicar com Deus.

Quando Yahweh apresenta sua reprovação no ato de adorar em lugares altos, parece querer preservar o seu povo de cair na armadilha da proliferação da idolatria, que culminaria no que hoje é denominado secularismo. Pois, ao sacralizar o monte, o indivíduo ‘tira’ o poder das mãos de Yahweh e ‘transfere’ sua autoridade para aquele espaço geográfico. O termo alto é “utilizado na Bíblia para designar tais santuários, tanto cananeus como israelitas é *bamah*, dando a ideia de altura”.<sup>26</sup>

No site de um destes grupos, é possível ler a afirmação de um seguidor: “Quando eu soube, corri para pedir a ajuda do Senhor e vim até a Cidade Mundial dos Sonhos de Deus”.<sup>27</sup> Nestes grupos cristãos, o bispo responsável pelo culto no monte realiza o milagre a partir do ritual de consagração da tolha que será colocada sobre o doente para receber a cura, uma vez que esta recebe a oração da madrugada no monte, numa experiência semelhante à que é

<sup>24</sup> **BÍBLIA NOVA VERSÃO INTERNACIONAL**. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2010.

<sup>25</sup> ELIADE, 2010, p. 38.

<sup>26</sup> VAUX apud KUNZ, Marivete Z. Os espaços sagrados do povo de Israel no Antigo Testamento. **Via Teológica**, Curitiba, n. 20, p. 41-84, dez/2011, p. 65.

<sup>27</sup> CORREIA, Victor. **Conhecer o poder de Deus faz a diferença**. Disponível em <<https://www.impd.org.br/milagres/1317>>. Acesso em 22/12/2016.

encontrada nos “textos como a *Epopéia de Gilgamesh* e nos poemas de *Ras Shamra*”, nos quais “as montanhas são vistas como habitação dos deuses e locais sagrados”.<sup>28</sup>

O conceito de sagrado é extraído a partir da pesquisa de Marivete Kunz, que defende a sacralidade de um ser ou objeto pressuposta na “raiz *qādash*, usada para referir-se ao sagrado”, uma vez que “este termo envolve a ideia de santidade e também serve para distinguir aquilo que é comum daquilo que é profano”.<sup>29</sup>

O pesquisador da Bíblia precisa utilizar ferramentas hermenêuticas para não tirar a interpretação do contexto. Dessa forma, no Antigo Testamento podem ser testemunhadas várias perícopes onde o próprio Yahweh fez milagres e contatos com o ser humano. Alguns grupos cristãos utilizam os textos isolados do Antigo Testamento para embasar suas práticas sincréticas em rituais de cura e libertação. Por exemplo, Yahweh pergunta se alguém pode subir ao monte do Senhor (Sl 24.1-5); também quando Moisés sobe ao monte para falar com Deus (Êx 24.13), ou até mesmo quando Yahweh realiza um milagre, através do profeta Elias, no Monte Carmelo (1 Rs 18). Fazer uso destes textos demonstra a ausência de aprofundamento hermenêutico e exegetico, pois, quando estes fatos aconteceram, foram com pelo menos dois objetivos: 1) apresentar, de forma progressiva, as grandes maravilhas de Deus, a fim de que o livro sagrado, a Bíblia, apresentasse as qualidades divinas para que futuros leitores cressem pela fé; 2) o uso de uma didática divina quase propedêutica, pois os ensinamentos morais de Yahweh são reproduzidos como uma introdução ao evangelho apresentado no Novo Testamento. Sendo assim, adorar no monte, conforme Ezequiel e os textos citados, os servos de Yahweh devem entender que o Senhor faz o milagre de acordo com sua soberana vontade e não seguindo a rigidez ritualística ou métodos humanos, por isso, “a mensagem de Ezequiel será dura, amarga, mas para ele, identificado com a vontade de Deus.”<sup>30</sup>

## **2. PRÁTICA EQUIVOCADA DE ORAR NOS MONTES, A PARTIR DE EZEQUIEL E SUA PROXIMIDADE COM A CONTEMPORANEIDADE**

Conforme foi dito no capítulo anterior, nem toda adoração nos montes foi proibida no Antigo Testamento, pois algumas narrativas mostram não apenas o poder de Yahweh, mas também contribuíram para o crescimento espiritual do povo de Deus, como em Gênesis 12, na narrativa que Abraão edifica no monte Hebron, e até mesmo em Gênesis 22, onde o mesmo Abraão constrói um altar no monte Moriá.

Pressuposto na teoria da revelação progressiva das Escrituras, é possível afirmar que na primeira etapa da metanarrativa, a saber, o Antigo Testamento, Yahweh permite algumas ações, para posteriormente retirar a prática no Novo Testamento. Vale lembrar que cada nação tem uma necessidade de buscar sua identidade religiosa através da adoração. Por este motivo, Yahweh parece permitir no início, para em seguida ensinar ao povo a diferença entre a adoração que depende de matéria e provas e a adoração pela fé. Mircea Eliade diz que este primeiro comportamento demonstra que “o homem religioso assume uma humanidade que

<sup>28</sup> VAUX, *apud* KUNZ, 2011, p. 67.

<sup>29</sup> KUNZ, 2011, p. 45.

<sup>30</sup> DÍAZ, 2016, p. 257.

tem um modelo trans-humano, transcendente. Ele só se reconhece verdadeiramente homem quando imita os deuses, os heróis civilizadores ou antepassados míticos”.<sup>31</sup> Desta forma, é possível afirmar que na (pós)modernidade, há aqueles que imitam a conversa de Moisés com Yahweh no monte, como, por exemplo, a Igreja do Evangelho Quadrangular, que defende a conversa face a face com Deus. Para este grupo religioso,

É por meio da oração que ligamos o céu na Terra [...] buscar a face do Senhor em todo o tempo [...] Os trabalhos consistem em equipes de intercessão que atuam nas madrugadas orando por pedidos de oração recolhidos em diversas igrejas da Quadrangular. Quando não estão passando noites em claro no monte, a equipe se reúne em campanhas de vigílias para clamar pela Igreja e por nossa nação.<sup>32</sup>

Neste caso particular, o religioso do grupo espera receber uma intervenção divina como se estivesse no Monte Carmelo, sente a necessidade de ser reconhecido, de ter uma identidade; ato este que o torna mais forte e espiritual do que os demais integrantes do grupo, uma vez que ele está no “lugar mais próximo do céu”, onde “pode-se atingir o céu, pois se trata de um lugar alto”.<sup>33</sup> Em outro grupo, por exemplo, foi identificado que pessoas colocaram o nome de uma determinada região nas montanhas capixabas, no estado do Espírito Santo, através de uma incursão religiosa com o objetivo de buscar o batismo com o Espírito Santo. Segundo consta no site do grupo religioso:

O primeiro grupo que subiu para o Maanaim foi de jovens, que foram buscar o batismo com o Espírito Santo. Na ocasião o Senhor revelou que o lugar se chamaria Maanaim. Inicialmente, o Maanaim ocupava uma área de três alqueires.<sup>34</sup>

É interessante notar a ênfase no local geográfico, pois, sendo Yahweh Espírito (Jo 4), o próprio Jesus enfatiza que o melhor lugar de oração é em lugar secreto e de forma individual (Mt 6.6). Porém, agora, em pleno século 21, é notório o retorno a práticas idolátricas e sincréticas, quando pessoas são incentivadas a ouvir orientações fora da Bíblia e nos montes, como pode ser visto no relatório abaixo:

Esse grupo de servos passava ali longos períodos em oração, para ouvir da boca de Deus as orientações para a obra que se iniciava. O acesso era difícil, o frio intenso e a falta de infraestrutura era total [...] inicialmente, o lugar era usado para vigílias, encontros de jovens e senhoras. Anos depois veio a orientação do Senhor Jesus para a principal destinação do lugar: realização de seminários.<sup>35</sup>

É possível afirmar que este grupo esqueceu as palavras de Yahweh escritas em sentenças no capítulo 6 do livro de Ezequiel. Afirmar que “o Senhor revelou que o lugar se

<sup>31</sup> ELIADE, 2010, p. 88.

<sup>32</sup> Grupo de oração. Disponível em <<http://www.portaligrejaquadrangular.com.br/portal/coordenadorias-oracao.asp>> Acesso em 22/02/2017.

<sup>33</sup> ELIADE, 2010, p. 40.

<sup>34</sup> O passado e o presente da Cidade de Maanaim. Disponível em: <<http://www.igrejacristamaranata.org.br/?p=1063>> . Acesso em 04/11/2016.

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://www.igrejacristamaranata.org.br/?p=1063>> . Acesso em 04/11/2016.

chamaria Maanaim” é rasgar toda orientação bíblica quanto ao fechamento do cânon. Mais do que isto, em termos cosmológicos, essa concepção religiosa traduz-se pela projeção do território privilegiado,<sup>36</sup> onde a ênfase e o motivo do milagre acontecem pressupostos na busca do lugar sagrado, numa crença mágico-ritual que cegamente, parece entender que ali está o portal cósmico de onde Deus desce e vem de encontro ao grupo. Mircea Eliade chama este acontecimento de “*dur-an-ki*, a ligação entre o céu e a terra” e segundo ele, “era um nome que se aplicava a vários santuários babilônicos”.<sup>37</sup>

A prática de orar no monte está presente também na maior denominação evangélica do Brasil, a Assembleia de Deus. Em 10 de setembro de 2015, o jornal O Globo noticiou que os “espaços de fé chamam a atenção e atraem cada vez mais fiéis, que lotam os locais diariamente para entrar em contato com Deus”.<sup>38</sup> Este tipo de comportamento se dá pela literalidade da interpretação das Escrituras por parte destes grupos somada à alegorização midráshica que atende os anseios espirituosos de habitar ou ter acesso ao divino mundo. A leitura literal leva a erros grotescos de interpretação, pois, nela, o autor perde a autoridade, uma vez que o leitor ou intérprete usa o texto por pretexto, como observa Rafael Silva, citando Dockery:

A leitura literal consiste numa simples aplicação conatural do texto à vida das pessoas [...] é quase o uso de excertos do texto para justificar uma questão da atualidade, do leitor e intérprete. Um método corrente é o *midrash*, o qual tem as seguintes características: 1) fundamenta-se nas escrituras; 2) tem cunho homilético; 3) é uma tentativa de esclarecer os significados do texto; 4) é uma constante atualização do texto; e 5) é uma descoberta de princípios não contemplados nas seções legislativas para soluções de problemas que não aparecem nas Escrituras.<sup>39</sup>

No protestantismo brasileiro percebe-se a existência de duas linhas de pensamento: a primeira e mais antiga, conservadora e avessa à prática de orar no monte (presbiterianos, metodistas, batistas, luteranos e anglicanos); a segunda, com uma teologia mais próxima de superstições e elementos originários dos cultos africanos (assembleianos, quadrangulares, universais, e demais igrejas provenientes de divisões). Sem dúvida, o segundo grupo, por abandonar a ciência, principalmente, a ciência hermenêutica, absorveu elementos pagãos do Antigo Testamento e africanos. Logo, o capítulo 6 do livro de Ezequiel pode ajudar no entendimento da queixa de Yahweh com seu povo. É possível que Ele não desejasse ser adorado por um povo que precisava ‘ver para crer’. Logo, a metanarrativa bíblica veterotestamentária aponta para uma adoração do Ser-de-Deus sem uso de acessórios, basta ler o livro de Hebreus. Segundo Ralph Klein, no livro de Ezequiel,

<sup>36</sup> ELIADE, 2010, p. 39.

<sup>37</sup> ELIADE, 2010, p. 41.

<sup>38</sup> ALVIN, Mariana. **Pontos de peregrinação de evangélicos, montes de oração se propagam na Grande Rio.** Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/pontos-de-peregrinacao-de-evangelicos-montes-de-oracao-se-propagam-no-grande-rio-17448455>>. Acesso em 06/12/2016.

<sup>39</sup> DOCKERY, *apud* SILVA, Rafael R. Leituras da Bíblia e o campo religioso brasileiro. In: **Ainda o sagrado selvagem: homenagem à Antônio Gouveia Mendonça.** São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2010, p. 404-405.

[...] o leitor se cansa da interminável repetição de palavras como abominações (tô'êbôt), coisas detestáveis (síqqûšîm), ídolos (gillûlîm) e prostituições (taznûtîm) [...] aqui as montanhas de Israel são castigadas por causa de seus lugares altos [...] O vocabulário lembra o da reforma deuteronomica. Parece que aquela reforma perdera sua eficácia após a morte de Josias e sob Jeoaquim voltaram muitas das antigas práticas sincretísticas.<sup>40</sup>

A narrativa profética que comporta os discursos de Ezequiel apresenta “oráculos contendo a palavra-chave *ídolos*”<sup>41</sup>, de forma marcante no capítulo 6. Logo, a idolatria do povo, neste capítulo, é a mola propulsora da ira de Yahweh.

Segundo Claus Westermann, os profetas desta época apelam ao “discurso de processo judicial”,<sup>42</sup> de forma a apontarem para o juízo divino como uma demonstração de juízo, onde “a queda de Jerusalém exprime a cólera de Jeová contra seu povo”.<sup>43</sup> Isto se dá pelo fato de que a autoridade de Yahweh exige arrependimento e abandono da prática pecaminosa, de forma que o profeta passa a exercer um papel de mediador entre o povo, conforme observa Brueggemann, como um mediador portador da palavra de aviso:

O fenômeno geral da profecia em Israel é bastante diverso em suas muitas manifestações. Qualquer generalização sobre profecia provavelmente falhará em abranger todos os dados; contudo, nossa tarefa interpretativa exige necessariamente uma tentativa de generalização. Como modo de mediação, a profecia surge com a aparição inexplicável de indivíduos que reivindicam falar uma palavra de revelação de Javé; eles são aceitos por alguns como sendo de fato portadores dessa palavra de revelação.<sup>44</sup>

O portador da palavra avisa sobre o mal que há de vir sobre a nação que insiste em praticar a idolatria de buscar lugares altos. Isto acontece em Ezequiel 6.1-3, como pode ser lido abaixo:

A palavra de lahweh me foi dirigida nestes termos: Filho do homem, volta a tua face para os montes de Israel e profetiza contra eles. Dir-lhes-ás: Montes de Israel, ouvi a palavra do Senhor lahweh. Eis o que diz o Senhor lahweh aos montes, às colinas, às ravinas e aos vales: Eu estou para trazer contra vós a espada para destruir os vossos lugares altos.<sup>45</sup>

Expressões-chaves da perícopa acima:

- Palavra – versículos 1 e 3;
- Montes – versículos 2 e 3 (duplicidade no versículo 3);
- Contra – versículos 2 e 3;
- lahweh – versículos 1 e 3 (duplicidade no versículo 3);

Organizando o texto didaticamente:

<sup>40</sup> KLEIN, 2012, p. 137-138.

<sup>41</sup> SELLIN; FOHRER, 2012, p. 581.

<sup>42</sup> WESTERMANN, Claus. **Basic forms of prophetic speech**. Londres: Lutterworth, 2001, p. 178.

<sup>43</sup> ELIADE, 2010, p. 97.

<sup>44</sup> BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa**. Tradução de Jonathan Luís Hack. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2014, p. 805.

<sup>45</sup> **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Edição revisada e atualizada. São Paulo: Paulus, 2013, p. 1488.

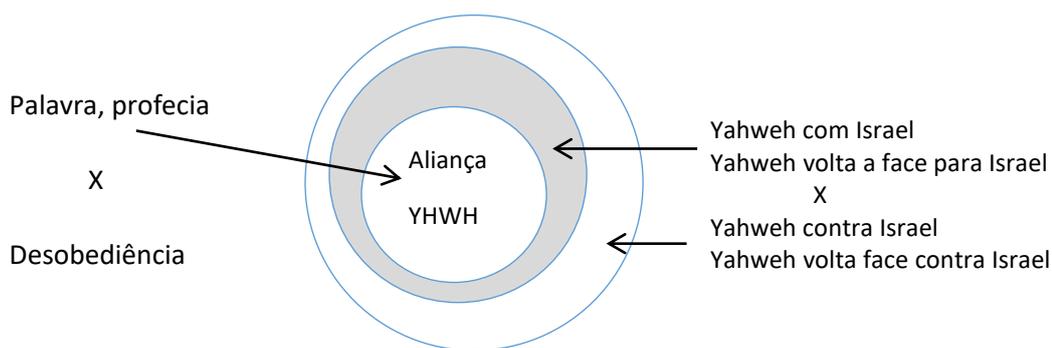
**A<sup>1</sup>** – A palavra de lahweh me foi dirigida nestes termos:

**A<sup>3</sup>** – Filho do homem, volta a tua face para os montes de Israel e profetiza contra eles.

**A<sup>2</sup>** – Dir-lhes-ás: Montes de Israel, ouvi a palavra do Senhor lahweh. Eis o que diz o Senhor lahweh aos montes, às colinas, às ravinas e aos vales: Eu estou para trazer contra vós a espada para destruir os vossos lugares altos.

Quando se fala em Antigo Testamento, o pesquisador bíblico precisa atentar para as regras hermenêuticas, pois foi-se o tempo em que ciência e teologia se enfrentavam como forças antagônicas; pelo contrário, uma vez que “o AT trata de literatura produzida durante séculos de vida israelita”,<sup>46</sup> é de primordial importância determinar a dimensão axiológica da perícope escolhida e a metodologia hermenêutica a ser utilizada.

No quadro acima, verifica-se que alguns termos aparecem mais de uma vez no texto. De forma que em A<sup>1</sup> e A<sup>3</sup>, o autor apresenta a urgência da Palavra sentencial de Yahweh. No entanto, a força centrípeta está estacionada em A<sup>2</sup>. Aqui está o centro do texto, que atrai para si as expressões: “Eis que diz o Senhor”, “dir-lhe-ás”, “a Palavra do Senhor Yahweh”, com em A<sup>1</sup>, que traz “A palavra de lahweh”; e ainda as expressões “eu estou” e “me foi dirigida”, na sequência A<sup>2</sup> e A<sup>1</sup>. Logo, a força da fala divina atrai seu povo de volta ao eixo teocêntrico, como segue abaixo:



Em que: a) A palavra-profecia obedecida é primordial para obediência da Aliança de Yahweh; b) Se o povo de Yahweh cumprir os estatutos da Aliança, terá atenção da face divina; c) Se o povo de Yahweh descumprir os estatutos da Aliança, terá (des)atenção da face divina.

O desenho acima mostra que o propósito de Yahweh é atrair seu povo de forma centrípeta. De alguma forma, o abandono da lei de Yahweh – representante dele em linguagem humana – empurra o povo de Israel para longe do centro ideal. Neste momento, Yahweh recorre ao uso do discurso profético, a fim de trazer seu povo ao eixo original, e, por

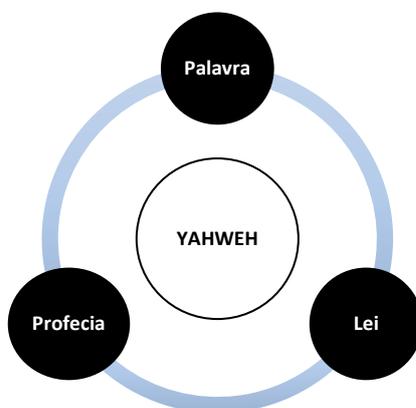
<sup>46</sup> JONES, Landon. **O Deus de Israel na teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2015, p. 17.

força do movimento, causa-lhes momentânea dor. Trata-se de uma espécie de segunda chance ao infiel. Isto é salvação. Isto é eleição.

Nesta perícopé, Yahweh envia uma sentença de morte para o povo de Israel com dois pressupostos divinos: a autoridade da sua palavra-ordem e a punição para Israel baseada na quebra da Aliança (Êx 20.3-4; Lv 26.1; Dt 16). De acordo com Ralph Klein,

Esta aliança eterna é decretada, dada por ordem de Deus. O caráter promissório também é denotado pelo sinal da aliança, o arco-íris, cuja finalidade é despertar a lembrança de Deus [...] O termo eterno foi usado por Ezequiel para indicar o caráter inquebrável da Nova Aliança de paz que Deus planejava para os exilados (Ez 37.26; cf. Jr 31.32).<sup>47</sup>

Assim como o povo de Israel voltou-se para a idolatria em lugares altos, alguns grupos hoje se voltam à mesma prática. Abaixo, é possível entender a dinâmica da relação de Yahweh com seu povo, uma relação Deus-povo-Deus é sempre no movimento dinâmico pautado na obediência.



Em outras palavras, o discurso profético é uma amostra da vontade real; e ela circula em torno de Yahweh em forma de lei eterna, apresentada em palavras humanas que são transmitidas em discurso profético e que não podem ser revogadas pelo fato de que existe um contrato, uma aliança entre Deus e seu povo, oferecendo oportunidade de “renúncia a todo tipo de ídolo”.<sup>48</sup> Esta é um tema presente no deuteronomista “calcada nos esquemas teológicos da pregação profética e os profetas, quando recorriam ao passado”, argumenta Lamadrid, acrescentando que “é certo que Deuteronomio 4.29-31 e 30.1-10 apelam à conversão dos exilados e alimentam, conseqüentemente, a confiança num futuro melhor”.<sup>49</sup>

É bom lembrar que a revelação bíblica e de uma teologia equilibrada sempre se deu num movimento vertical, de cima para baixo, como observa Landon Jones:

<sup>47</sup> KLEIN, 2012, p. 227.

<sup>48</sup> LAMADRID, A. G. **As tradições históricas de Israel**: introdução à história do Antigo Testamento. Tradução de José Maria Almeida. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 130.

<sup>49</sup> LAMADRID, 2015, p. 128.

Uma das pressuposições desta teologia é que Deus tem que se revelar antes de ser conhecido [...] os escritores do AT aceitaram a existência de um Deus invisível, todo-poderoso, criador dos céus e da terra e que se fez conhecer.<sup>50</sup>

O protestantismo brasileiro, com raras exceções, na pressa e na obsessão por aumentar o número de membros em suas igrejas – o que gera um grau de alavancagem maior no fluxo de caixa contábil – preferiu voltar às velhas práticas idólatras. Muitos cristãos continuam a subir os montes em suas cidades, a fim de forçar uma experiência com Deus, crenças de que o lugar “sagrado” em que oram possui o portal místico capaz de permitir o tráfego do mundo ao habitat divino. Neste caso, o ritualismo que torna determinada área geográfica uma espécie de montanha mágica é predominante do protestantismo (pós) moderno brasileiro, ocupando esta prática o lugar da santificação pessoal e da renúncia. De forma que,

[...] quem tiver a habilidade de, no momento exato acertar o rito exato e forma exata atrai influências divinas favoráveis e afasta desfavoráveis [...] são prescrições rituais, que, embora regulem a vida exterior até nos mais insignificantes detalhes, não exigem a entrega da própria pessoa livre. Em vista disto, o pecado perde também muito do seu caráter moral.<sup>51</sup>

A adoração nos lugares altos parece atrair cada vez mais adeptos, e desde os tempos antigos, Israel parece ser atraído pela “tentação de praticar neles um culto sincretista”.<sup>52</sup> Porém, Ezequiel 6.13 revela o resultado da sentença e a pena para o réu. Em primeiro lugar, a mão de Yahweh pesaria sobre o provo rebelde, diz o resumo do versículo 14. A figura é a mesma de uma criança que insiste em desobedecer ao pai. Redução de bênçãos e o sentimento de solidão é também parte da sentença. Isto porque Israel pecou, e agora os mortos (espirituais) estão em cima dos montes, nos lugares altos. Roland de Vaux assinala, ainda, que “a persistência desses abusos e o movimento de centralização do culto levaram à condenação dos lugares altos sem distinção e os *bamot* se tornaram sinônimo de santuários pagãos”.<sup>53</sup>

Será que o grandioso número do IBGE, em relação ao crescimento de números de cristãos evangélicos no Brasil, está revelando também a sentença de Ezequiel 6.2,13 por consequência da idolatria protestante brasileira reunida no crescente número de divórcios, homicídios, latrocínios, pedofílias e a generalização da maldade no país? Respostas a estas perguntas é um bom incentivo à formatação de futuras pesquisas no campo da teologia e da ciência da religião.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como o rebelde povo de Israel, algumas igrejas cristãs (pós) modernas estão caindo nos mesmos erros ou piores. Desta forma, é urgente uma nova reforma religiosa. Como no passado, é preciso tirar os ídolos, mas não apenas eles, pois, como pode ser conferido,

<sup>50</sup> JONES, 2015, p. 40.

<sup>51</sup> RENCKENS, H. **A religião de Israel**. Tradução de Godoberto Cri. Rio de Janeiro: Vozes, 1969, p. 37.

<sup>52</sup> VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 325.

<sup>53</sup> VAUX, 2010, p. 326.

Yahweh espera por um quebrantamento completo. Uma reforma que leve o povo a cumprir o pacto da aliança de forma integral. Não há espaço para paliativos na jurisdição de Yahweh. Não é prudente fazer como o Rei Asa, que tirou os ídolos da terra, mas não tirou os altos (1Rs 15.11-14), ou como o Rei Josafá, que tirou alguns ídolos que seu pai manteve, mas foi acusado por Deus por não retirar da liturgia israelita a adoração nos lugares altos (1Rs 22.43-47). Por fim, é possível citar ainda dois líderes do povo; o Rei Joás, que até fez um trabalho razoável com a ajuda do sacerdote Joiada, mas também foi acusado de aceitar que o povo fizesse adoração nos montes (2Rs 12.1-3) e o Rei Jotão, que até teve uma liderança razoável em Judá, porém não aprovada, conforme pode ser lido em 2 Reis 15.35: "Entretanto, os lugares altos não desapareceram e o povo continuou a oferecer sacrifícios e incenso nos lugares altos".<sup>54</sup> Da mesma forma, grupos de pessoas hoje, também com boa intenção – pois buscam o benefício do milagre como o povo de Israel e Judá - buscam nos montes uma colheita abundante. Mas diz o ditado popular: “de boa intenção, o inferno está cheio”; de forma que o Antigo Testamento lembra estes líderes por terem realizado um trabalho missional quase completo, porém eles permitiram a adoração em altos de montes.

Uma vez que no Brasil aumenta o número de evangélicos confessionais, proporcionalmente aumentam os crimes, a disputa e os pecados mais vis entre aqueles que dizem ouvir a voz de Deus nos montes das cidades. Assim, o presente artigo buscou trazer, a partir da análise do capítulo 6 do livro de Ezequiel, um novo diálogo sobre a obediência à Aliança de Deus com seu povo, com o objetivo de fazer uma apologia à prática de adoração nos montes praticada por alguns grupos de cristão na contemporaneidade e trazer à memória dos cristãos atuais que, “segundo a dinâmica geral da história deuteronomista, ao castigo seguia-se sempre a conversão-salvação”.<sup>55</sup>

## REFERÊNCIAS

ARCHER JR, Gleason L. **Panorama do Antigo Testamento**. 4.ed. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2012.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Edição revisada e atualizada. São Paulo: Paulus, 2013.

**BÍBLIA KING JAMES ATUALIZADA**. São Paulo: Abba Press, 2012.

**BÍBLIA NOVA VERSÃO INTERNACIONAL**. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2010.

BROWN, Raymond. **Entendendo o Antigo Testamento**: esboço, mensagem e aplicação de cada livro. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2012.

BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**: testemunho, disputa e defesa. Tradução de Jonathan Luís Hack. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2014.

---

<sup>54</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2013, p. 528.

<sup>55</sup> LAMADRID, 2015, p. 130.

DÍAZ, José Luis Sicre. **Introdução ao profetismo bíblico**. Tradução de Gentil A. Tilton. Petrópolis: Vozes, 2016.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HOVESTOL, Tom. **A neurose da religião**: o desastre do extremismo religioso. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Hagnos, 2009.

JONES, Landon. **O Deus de Israel na teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2015.

JUNG, Karl. **O homem e seus símbolos**. 2.ed. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KUNZ, Marivete Z. Os espaços sagrados do povo de Israel no Antigo Testamento. **Via Teológica**, Curitiba, n. 20, p. 41-84, dez/2011.

KLEIN, Ralph W. **Israel no exílio**: uma interpretação teológica. Tradução de Edwino Ryer. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2012.

LAMADRID, A. G. **As tradições históricas de Israel**: introdução à história do Antigo Testamento. Tradução de José Maria Almeida. Petrópolis: Vozes, 2015.

PINTO, Carlos O. **Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2006.

RENCKENS, H. **A religião de Israel**. Tradução de Godoberto Cri. Rio de Janeiro: Vozes, 1969.

SCHWANTES, Milton. **Sufrimento e esperança no exílio**: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C. São Paulo: Paulinas, 1987.

SELLIN, E.; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de D. Matheus Rocha. São Paulo: Paulus; Academia Cristã, 2012.

SILVA, Rafael R. Leituras da Bíblia e o campo religioso brasileiro. In: **Ainda o sagrado selvagem**: homenagem à Antônio Gouveia Mendonça. São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2010.

VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.

WESTERMANN, Claus. **Basic forms of prophetic speech**. Londres: Lutterworth, 2001.

WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade**. 2.ed. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus; Targumim, 2006.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## O INDIVÍDUO EM CRISTO SEGUNDO PAULO: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE<sup>1</sup>

The individual in Christ according to Paul: building an identity

Me. Fábio Vaz dos Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

O entendimento que o apóstolo Paulo tinha a respeito de Jesus Cristo era o alicerce para o seu entendimento da vida cristã, bem como de importantes fatores da vida cristã, os elementos da salvação, como a justificação e a santificação. Ao investigar a pessoa e a obra de Cristo, em contraste com a pessoa e a obra de Adão e as consequências de cada um deles para toda a humanidade, Paulo abre o caminho para a busca da identidade cristã – a identidade do ser humano em Cristo, em contraste com a identidade do ser humano em Adão. Para Paulo, a identidade cristã se desenvolve no estar em Cristo, no viver em Cristo e para Cristo. Cristo, sendo Deus, é Senhor e Salvador; portanto, o ser humano somente pode ser justificado e santificado em Cristo. E unicamente aqueles que estão em Cristo têm condições de lutar contra o pecado, pois somente estes têm o Espírito, que é dado por Cristo. Por ser o verdadeiro e perfeito exemplo para o ser humano, é em Cristo que o indivíduo pode encontrar a razão de ser de sua vida e a sua verdadeira identidade e propósito.

**Palavras-chave:** Em Cristo. Em Adão. Paulo. Jesus Cristo. Identidade.

<sup>1</sup> Este artigo é o terceiro de uma série de três. Os mesmos foram elaborados, a partir da conclusão de uma dissertação de mestrado. O primeiro foi publicado nesta revista, no ano de 2016 (Vol 2, Num 2), com o título 'Paulo, um homem em Cristo'. O segundo foi publicado na revista Batista Pioneira, no ano de 2016 (Vol 5, Num 2), com o título "A expressão em Cristo nas cartas Paulinas".

<sup>2</sup> O autor é mestre em teologia pelas Faculdades Batista do Paraná e pastor da Igreja Batista da Paz. E-mail: [fvs1973@gmail.com](mailto:fvs1973@gmail.com)

## ABSTRACT

The apostle Paul's understanding of Jesus Christ was the foundation for his understanding of the Christian life, as well as important factors in the Christian life, the elements of salvation, such as justification and sanctification. In investigating the person and work of Christ, in contrast to the person and work of Adam and the consequences of each of them for all mankind, Paul opens the way to the search for Christian identity - the identity of the human being in Christ, in contrast to the identity of the human being in Adam. For Paul, Christian identity develops in being in Christ, in living in Christ and for Christ. Christ, being God is Lord and Saviour; therefore, the human being can only be justified and sanctified in Christ. And only those who are in Christ are able to fight against sin, for only these have the Spirit, which is given by Christ. By being the true and perfect example, it is in Christ that it is truly possible for the individual to finally find the reason for his life and his true identity and purpose.

**Keywords:** In Christ; in Adam; Paulo; Jesus Christ; Identity.

## INTRODUÇÃO

O apóstolo Paulo é considerado por muitos como o maior teólogo do cristianismo.<sup>3</sup> É autor de um quinto de todas as cartas do Novo Testamento, o maior e mais influente pensador do cristianismo primitivo, e aquele de quem existe o maior número de informações biográficas.<sup>4</sup> Notória é a centralidade de Cristo na teologia paulina, a pessoa de Jesus, a salvação fundada por ele na cruz, a sua ressurreição e exaltação como Senhor.<sup>5</sup> Pensador profundo, dono de uma mente analítica, Paulo esforçou-se para registrar a grandiosidade da vida e da obra de Cristo.<sup>6</sup> A proposta deste artigo é buscar subsídios para a construção de uma identidade cristã a partir do entendimento paulino da expressão “em Cristo”.

### 1. O ENTENDIMENTO PAULINO SOBRE JESUS CRISTO

Convencido de que aquele cujos seguidores ele perseguira era, de fato, o Messias prometido, o Senhor ressurreto e o Filho de Deus, Paulo transformou-se num pregador incansável do evangelho.<sup>7</sup> Ficou conhecido como o “apóstolo dos gentios” porque entendeu e pregou um evangelho para todos, judeus e gentios, homens e mulheres, ricos e pobres, escravos e livres, um evangelho de alcance global,<sup>8</sup> de tal modo que o ensino de Paulo sobre Jesus Cristo é essencial para um entendimento correto da fé cristã, no que tange à sua história e às suas doutrinas.<sup>9</sup>

Em 2 Coríntios 5.16, Paulo declara: “Assim que nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, se antes conhecemos Cristo segundo a carne, já agora não o

<sup>3</sup> DUNN, 2003, p. 25.

<sup>4</sup> KÜMMEL, Werner Georg. **Síntese teológica do Novo Testamento**. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1983, p. 157.

<sup>5</sup> BORNKAMM, Günther. **Paulo: vida e obra**. Santo André: Academia Cristã, 2009, p. 187-188.

<sup>6</sup> BALL, Charles Ferguson. **A vida e os tempos do apóstolo Paulo**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998, p. 69.

<sup>7</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Paulo: o maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 31-33.

<sup>8</sup> WARFIELD, Benjamin B. **El Salvador del mundo**. Moral de Calatrava: Peregrino, 2006, p. 107-111.

<sup>9</sup> HURTADO, L. W. **Senhor Jesus Cristo: devoção a Jesus no cristianismo primitivo**. Santo André, São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2012, p. 121-130.

conhecemos deste modo”.<sup>10</sup> Paulo, em 2 Coríntios 5.16, estaria dizendo que não reconhecia Cristo “segundo a carne”, isto é, como um ser humano? Ou que a humanidade de Cristo já não lhe importava mais? Paulo de fato pouco fala sobre a atuação terrena de Jesus, antes da ressurreição (como em 1 Co 7.10; 9.14), mas a melhor interpretação para 1 Coríntios 5.16 é que a expressão “segundo a carne” não deve ser atribuída a Cristo, mas ao entendimento paulino a respeito de Cristo. Paulo não julga a Cristo como o mundo o julga (como um reles criminoso morto na cruz), mas julga a Cristo como o Senhor ressurreto e exaltado, o Filho de Deus.<sup>11</sup>

Que Jesus Cristo era um ser humano, Paulo deixou isso bem claro em seus escritos. Mais do que isso: para Paulo, Cristo é o ser humano de fato, o modelo perfeito, o ideal supremo, o único critério pelo qual toda a humanidade deve ser julgada.<sup>12</sup> Como ser humano perfeito, Jesus morreu (embora não devesse morrer) por todos, revelou o verdadeiro amor e viveu como a imagem perfeita de Deus.<sup>13</sup>

Paulo entendia que Cristo veio ao mundo como homem, “nascido de mulher, nascido debaixo da Lei” (Gl 4.4), aquele que, “como homem, era descendente de Davi” (Rm 1.3). Ele sabia que Deus enviara seu Filho em carne, “à semelhança do homem pecador” (Rm 8.3); sabia, inclusive, que ele e Jesus tinham aproximadamente a mesma idade.<sup>14</sup> Para Paulo, era absolutamente necessário que Jesus Cristo fosse plenamente humano, a fim de levar a bom termo a obra de salvação. Ele nascera “de mulher” e “dabaixo da Lei” para redimir a humanidade, que estava debaixo da lei.<sup>15</sup> Em sua carta aos Filipenses, o apóstolo explorou ainda mais o conceito da humanidade de Jesus Cristo,

que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz (Fp 2.6-8).<sup>16</sup>

Em Filipenses 2.6-8, Paulo assume, em primeiro lugar, que Jesus Cristo é plenamente Deus. A palavra “forma”, que aparece em Filipenses 2.6, ao contrário do que se pensa, não transmite a ideia de algo exterior, como o contorno ou o aspecto de algo, mas transmite o oposto disso, como nas “formas” de Platão (as substâncias da realidade última, tais como beleza, verdade, justiça), as quais ele pensava que existissem eternamente de modo imaterial. Assim, entende-se que “forma”, em Filipenses 2.6, significa “a substância interior ou a própria natureza de uma coisa, e não a sua aparência ou forma exterior”.<sup>17</sup> Cristo é Deus (pois

<sup>10</sup> **BÍBLIA Sagrada. Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

<sup>11</sup> HÖRSTER, Gerhard. **Teologia do Novo Testamento.** Curitiba: Esperança, 2009, p. 123.

<sup>12</sup> MURPHY-O’CONNOR, Jerome. **A antropologia pastoral de Paulo: tornar-se humanos juntos.** São Paulo: Paulus, 1994, p. 45-57.

<sup>13</sup> MURPHY-O’CONNOR, 1994, p. 47-48.

<sup>14</sup> MURPHY-O’CONNOR, Jerome. **Jesus e Paulo: vidas paralelas.** São Paulo: Paulinas, 2008, p. 11-19.

<sup>15</sup> CERFAUX, Lucien. **Cristo na teologia de Paulo.** São Paulo: Teológica, 2003, p. 132.

<sup>16</sup> **BÍBLIA Sagrada. Versão Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

<sup>17</sup> WARE, Bruce. **Cristo Jesus homem: reflexões teológicas sobre a humanidade de Cristo.** São José dos Campos: Fiel, 2013, p. 24-25.

somente Deus é igual a Deus), mas também é o único representante humano (além do primeiro casal antes de cair em pecado) da verdadeira imagem de Deus. Ele é o preexistente e a pura imagem de Deus, o homem perfeito.<sup>18</sup> Ele assumiu a plenitude da natureza humana e, como homem, aceitou as limitações humanas, inclusive a obediência humilde ao Pai, a vida de servo e a morte numa cruz romana.<sup>19</sup> Em tudo ele foi humano – exceto no pecado, como Paulo deixou claro em 2 Coríntios 5.21: “Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus”. Paulo tinha consciência do fato de que Jesus não possuía uma natureza pecaminosa, e isso era justamente o que o qualificava para redimir a humanidade.

Assim, esse homem entrou na raça humana para redimi-la. Paulo conceituou Jesus como um ser igual a nós, e ao mesmo tempo diferente de nós: Deus enviou “seu próprio Filho em semelhança da carne do pecado” (Rm 8.3). Aqui, “carne do pecado” refere-se à natureza humana caída que todos os filhos de Adão têm. Jesus assumiu essa natureza humana, mas não na forma decaída. Nós todos já nascemos com nossa natureza decaída. Aos Filipenses, Paulo indica que, na encarnação, Jesus se tornou “semelhante aos homens” (Fp 2.7). A semelhança consiste justamente em não assumir a natureza caída. Assim, ele é ao mesmo tempo igual e bem diferente!<sup>20</sup>

Paulo tem muito mais a dizer, em suas cartas, sobre a natureza divina de Cristo. Aos Colossenses, ele fala de Jesus Cristo como “a imagem do Deus invisível” (Cl 1.15), aquele por meio de quem tudo foi criado e é mantido na existência (Cl 1.16,17), aquele em quem “foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude” (Cl 1.19), isto é, aquele em quem “habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2.9). Paulo também apresenta Jesus como o juiz de toda a humanidade (2 Tm 4.1), fala do “tribunal de Cristo” (2 Co 5.10), provavelmente ecoando o Antigo Testamento (Gn 18.25, onde Abraão se refere a Deus como o “juiz de toda a terra”, e Jl 3.12, onde Deus afirma que julgará as nações).<sup>21</sup> Em suma, para Paulo, Cristo é plenamente Deus assim como é plenamente homem.

Como Deus-homem, Cristo é o Senhor de tudo. Paulo, assim como os primeiros cristãos, transfere o título “Senhor”, utilizado nas Escrituras para referir-se a Deus, para Jesus Cristo. Esse título também era utilizado pelos imperadores romanos a fim de fomentar, por meio da religião estatal, a lealdade de seus súditos. Mas para Paulo, só há um Senhor, Jesus Cristo (1 Co 8.5,6), cujo poder e autoridade abrangem todos os aspectos da vida (Rm 14.7-9), e que é o conteúdo da proclamação do apóstolo (2 Co 4.5). Finalmente, Jesus voltará como Senhor para julgar o mundo e chamar os que lhe pertencem para a sua glória. Enquanto isso, como Senhor, ele governa a igreja por meio do Espírito.<sup>22</sup>

Sendo Senhor, ele é também Salvador. Paulo pregava “Jesus Cristo, e este crucificado” (1 Co 2.2). O evangelho pregado pelo apóstolo era “a palavra da cruz” (1 Co 1.18), que traz salvação para os que creem (1 Co 1.24). O evangelho de Cristo é o poder de Deus que resulta

<sup>18</sup> CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 232-233.

<sup>19</sup> WARE, 2013, p. 35-40.

<sup>20</sup> STURZ, Richard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 274.

<sup>21</sup> ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 663.

<sup>22</sup> SCHNELLE, Udo. **Paulo: vida e pensamento**. Santo André, São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2010, p. 563-565.

em salvação (Rm 1.16), cujo grande tema é a morte reconciliatória de Cristo, a sua obra na cruz (Rm 3.22-26).<sup>23</sup> Além disso, Cristo, o Senhor e Salvador, é o Filho de Deus que revela o Pai ao mundo: Deus envia o Filho, se reconcilia com a humanidade por meio do Filho, entroniza o Filho, transfere os cristãos para o Reino do Filho, envia o Espírito de seu Filho aos corações dos que lhe pertencem e os faz esperar pelo Filho que virá dos céus (Rm 8.3; Gl 4.4; Rm 5.1; Gl 1.16; 4.6; Cl 1.13; 1 Ts 1.10).<sup>24</sup>

## 2. O ENTENDIMENTO PAULINO SOBRE O SER HUMANO JUSTIFICADO EM CRISTO

Como os seres humanos poderiam ser considerados justos diante de Deus? O próprio Paulo, citando as Escrituras, chegara à conclusão de que ninguém é justo diante de Deus, seja judeu, seja gentio (Rm 3.9-18). A lei não podia salvar (Rm 3.19,20) e a justiça de Deus precisava ser satisfeita (Rm 2.2). Então, Paulo escreve:

Mas agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da Lei, da qual testemunham a Lei e os Profetas, justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que creem. Não há distinção, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus. Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo seu sangue, demonstrando a sua justiça. Em sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; mas, no presente, demonstrou a sua justiça, a fim de ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus (Rm 3.21-26).

Aqui, Paulo declara que Cristo morreu a fim de que Deus justificasse os pecadores sem deixar de ser justo. Em Cristo, o pecado dos remidos foi castigado, pública e definitivamente. Em Cristo, Deus remove dos remidos a ira judicial de Deus (“propiciação” é um sacrifício que remove a ira) ao sofrer o castigo pelo pecado no lugar deles, inclusive daqueles que aparentemente haviam ficado “impunes” no passado, antes da morte de Cristo na cruz.<sup>25</sup> Justificação é “a aceitação de crentes como justos à vista de Deus, pela justiça de Jesus Cristo lançada em seu favor”.<sup>26</sup> É o ato instantâneo e legal da parte de Deus pelo qual ele considera os pecados dos que estão em Cristo perdoados e a justiça de Cristo como pertencente a eles, declarando-os justos.<sup>27</sup> Trata-se de um termo legal ou jurídico, oriundo da linguagem forense. O contrário de justificação é condenação. Os dois são pronunciamentos de um juiz. No contexto cristão eles são os veredictos finais, escatológicos, que Deus anunciará no dia do

<sup>23</sup> SCHREINER, Thomas R. **Teologia de Paulo**: o apóstolo da glória de Deus em Cristo. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 175.

<sup>24</sup> KÜMMEL, 1983, p. 184-185.

<sup>25</sup> LEITER, Charles. **Justificação e regeneração**. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 37-38.

<sup>26</sup> LOVELACE, Richard F. **Teologia da vida cristã**: as dinâmicas da renovação espiritual. São Paulo: Shedd, 2004, p. 66.

<sup>27</sup> GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 604.

juízo. Mas em Cristo, Deus antecipa seu julgamento, trazendo para o presente o que faz parte da consumação dos séculos.<sup>28</sup>

Houve, portanto, uma “troca” na cruz,<sup>29</sup> a qual Paulo descreve em 2 Coríntios 5.21: “Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus”. Isso “significa que Deus fez um julgamento a nosso favor, e colocou-nos em comunhão perfeita consigo mesmo”, e também “significa que Deus fez um julgamento contra Cristo (porque o Senhor levou sobre si mesmo o peso de nossos pecados, cf. Is 53.4-6,12)”.<sup>30</sup> “O inocente é morto, porque leva a nossa carne pecadora; é odiado e amaldiçoado por Deus e pelos homens, feito pecado por causa de nossa carne. Nós, porém, encontramos, em sua morte, a justiça de Deus”.<sup>31</sup>

Segundo o entendimento protestante (evangélico) tradicional, a justificação, sendo um ato legal ou jurídico de Deus (pelo qual ele, graciosamente, declara os pecadores justificados em Cristo, mediante a fé), não altera a condição dos pecadores, mas sim a sua posição ou estado diante de Deus. Envolve o perdão dos pecados e a posição de justos diante de Deus (Rm 5.1; 8.1). A justificação acontece de uma vez por todas, não se repete e não é um processo.<sup>32</sup>

### 3. O ENTENDIMENTO PAULINO SOBRE O SER HUMANO SANTIFICADO EM CRISTO

Paulo toma o conceito veterotestamentário de Israel como povo santificado, isto é, separado para Deus, e o aplica à igreja (1 Co 1.2; 6.11), como pertencente a Deus e dedicada a ele. No entanto, Paulo não se limita apenas ao privilégio da igreja de ser o povo de Deus, mas vai além, considerando também a santidade como a condição moral que serve de resposta ao chamado de Deus em Cristo e que vem por meio do Espírito Santo.<sup>33</sup> A santificação é a consequência direta da justificação, do novo nascimento e da adoção em Cristo.<sup>34</sup> “É simplesmente uma vida consistente a partir da nossa relação filial com Deus, para onde o evangelho nos leva. É apenas uma questão de o filho de Deus ser fiel ao seu chamado, fiel ao seu Pai, ao seu Salvador e a si mesmo”.<sup>35</sup>

Tradicionalmente, os teólogos têm chamado a atenção para dois aspectos da santificação, encontrados nas Escrituras e, sobretudo, nas cartas paulinas. O primeiro aspecto refere-se à santidade posicional, pela qual o cristão é considerado puro e santo aos olhos de Deus. Por isso é comum a utilização, no Novo Testamento, do termo “santos”, atribuído aos que pertencem ao povo de Deus. Paulo fala desse tipo de santificação em diversas passagens, tais como 1 Coríntios 1.30 (“É, porém, por iniciativa dele que vocês estão em Cristo Jesus, o

<sup>28</sup> STOTT, John R. W. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2000, p. 124.

<sup>29</sup> BOOR, Werner de. **Cartas aos Coríntios**. Curitiba: Esperança, 2004, p. 399-400.

<sup>30</sup> KRUSE, Colin G. **II Coríntios: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 138.

<sup>31</sup> BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1989, p. 172.

<sup>32</sup> BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 473-474.

<sup>33</sup> RIDDERBOS, 2013, p. 295.

<sup>34</sup> MURRAY, John. **Redenção consumada e aplicada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 127.

<sup>35</sup> PACKER, J. I. **O conhecimento de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 204.

qual se tornou sabedoria de Deus para nós, isto é, justiça, santidade e redenção”) e 1 Coríntios 6.11 (“Assim foram alguns de vocês. Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus”).<sup>36</sup>

O segundo aspecto, que aparece em outros contextos, é o da santificação como um processo pelo qual os justificados em Cristo tornam-se, de fato, justos.<sup>37</sup> Em Romanos 6, Paulo exorta seus leitores a morrer para o pecado e viver para Deus em Cristo Jesus, a libertarem-se da escravidão do pecado e tornarem-se escravos da justiça de Deus, que leva à santidade.

Como Romanos 6 esclarece, o alicerce da santificação é nossa união com Cristo em sua morte e ressurreição, na qual a velha natureza foi destruída e uma nova natureza foi criada, com o poder de crescer em novidade de vida. O Espírito Santo começa, na regeneração, a aplicar essa obra completa na vida do crente e continua a fazer isso numa esfera progressivamente maior de renovação da personalidade. Essa renovação será completa só na ressurreição final.<sup>38</sup>

Em Tito 2.11-14, observa-se que a graça de Deus em Cristo é transformadora na vida do crente, e que a transformação final acontecerá quando Cristo voltar. Enquanto isso já é possível conhecer a presença de Cristo na vida diária, a qual vai purificando o caráter do indivíduo.<sup>39</sup> Segundo Paulo, a santificação, assim como a justificação e todos os demais aspectos da salvação, somente é possível “em Cristo”.<sup>40</sup>

Não é possível apropriar-se da obra justificadora de Cristo sem reivindicar, ao mesmo tempo, seu poder de livramento para a santificação. Em outras palavras, o processo de santificação segue necessariamente após a obra instantânea de Deus na justificação. Paulo escreve: “Pois o amor de Cristo nos constrange, porque estamos convencidos de que um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos para que aqueles que vivem já não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2 Co 5.14,15). A fé justificadora é a mesma fé santificadora.<sup>41</sup> Quem está em Cristo foi justificado e está sendo santificado.

#### 4. A VIDA EM CRISTO SEGUNDO PAULO

Aquele que está em Cristo foi justificado, regenerado, adotado e foi/está sendo santificado. Mas isso não significa que lhe seja impossível pecar. A luta contra o pecado continua, embora o domínio do pecado tenha sido rompido.<sup>42</sup> Por um lado, os crentes ainda estão em Adão, pois continuam adoecendo, envelhecendo e morrendo, além de serem suscetíveis à tentação e ao pecado. Por outro lado, no entanto, estão em Cristo, e isso significa

<sup>36</sup> GARDNER, Calvin. **Soteriologia**: a doutrina da salvação. Presidente Prudente: Palavra Prudente, 2012, p. 189-190.

<sup>37</sup> SHEDD, Russell P. **Lei, graça e santificação**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 56.

<sup>38</sup> LOVELACE, 2004, p. 73.

<sup>39</sup> BENTON, John. **Cómo enderezar una iglesia centrada en sí misma**. Moral de Calatrava: Peregrino, 2000, p. 122-123.

<sup>40</sup> RYLE, J. C. **Santidade**: sem a qual ninguém verá o Senhor. 2.ed. São José dos Campos: Fiel, 2009, p. 44-46.

<sup>41</sup> LOVELACE, 2004, p. 192.

<sup>42</sup> SCHREINER, 2015, p. 237-239.

que ingressaram numa nova existência, na vida da nova era inaugurada por Cristo.<sup>43</sup> Essa é a tensão do “já, mas ainda não”,<sup>44</sup> de um mundo novo que irrompe em Cristo, num mundo velho que ainda não passou de todo.<sup>45</sup> Em Cristo o indivíduo começa a participar do novo mundo, ou da nova era, ainda no presente. O velho ainda persiste, e o novo não chegou inteiramente. Em passagens como 2 Coríntios 5.17 (“Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!”), Paulo enfatiza a novidade de vida em Cristo, e não as limitações e tensões do indivíduo que ainda faz parte da velha criação.<sup>46</sup> Em nenhum momento ele ignora as dificuldades vividas pelos que estão em Cristo na luta contra a velha natureza carnal, pecaminosa.<sup>47</sup> Ao contrário, Paulo constantemente exorta seus leitores a “mortificar”, de uma vez por todas, a velha natureza pecaminosa deles, e a se revestirem do novo homem, Cristo (por exemplo, Cl 3.5-11).

Para o apóstolo, todos os que estão em Cristo morreram e ressuscitaram com Cristo, de modo que a vida antiga de pecado, culpa e vergonha foi terminada e teve início uma vida completamente nova de santidade, perdão e liberdade. Desse modo, o indivíduo em Cristo deve estar ciente de que deve “mortificar” a velha natureza pecaminosa dentro de si: “os que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e os seus desejos” (Gl 5.24). Isso equivale à “mortificação”, a determinação contínua, em Cristo e pelo poder do Espírito Santo, de fazer morrer os feitos e os desejos da carne, a fim de viver em comunhão com Deus.<sup>48</sup>

Paulo descreve o antigo estilo de vida como algo desaparecido, morto e sepultado, de acordo com a simbologia do batismo (Rm 6.1-4): “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2.20). Paulo se refere à nova condição como “Cristo nele”, “em Cristo”, “no Espírito” e com o Espírito de Deus habitando nele (Rm 8.9). Paulo reúne as alterações nessas palavras e imagens, e todas elas se referem a passar da vida “segundo a carne” para a vida “de acordo com o Espírito” (Rm 8.4), da lei para a graça, da morte para a vida, das trevas para a luz e da perda para o ganho. Mediante o Espírito Santo, Deus torna todas essas mudanças possíveis.<sup>49</sup>

A vida em Cristo é, para Paulo, vida no Espírito. É o Espírito Santo que aplica no crente todos os benefícios da salvação em Cristo.<sup>50</sup> É ele quem capacita o indivíduo a viver em Cristo. Como isso acontece? Paulo trabalha, em suas epístolas, com a noção de que aqueles que recebem a salvação em Cristo passam a viver de acordo com o caráter de Cristo. Às vezes isso

<sup>43</sup> LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 655.

<sup>44</sup> SCHREINER, 2015, p. 232-233.

<sup>45</sup> HEYER, C. J. den. **Paulo: um homem de dois mundos**. São Paulo: Paulus, 2009, p. 157.

<sup>46</sup> KRUSE, 1994, p. 134.

<sup>47</sup> REY, Bernard. **Nova criação em Cristo no pensamento de Paulo**. Santo André: Academia Cristã, 2005, p. 139-144.

<sup>48</sup> STOTT, John R. W. **A cruz de Cristo**. São Paulo: Vida, 2006, p. 282-283.

<sup>49</sup> WELLS, David F. **Volte-se para Deus: a conversão cristã como única, necessária e sobrenatural**. São Paulo: Shedd, 2016, p. 66.

<sup>50</sup> FERREIRA, Franklin. **Avivamento para a igreja: o papel do Espírito Santo e da oração na renovação da igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 37-38.

é chamado de o indicativo e o imperativo segundo Paulo. O indicativo é o dom gratuito da salvação dada por Deus em Cristo. O imperativo é a tarefa de cada cristão de viver uma vida consagrada a Cristo. As afirmações de Paulo sobre a atuação de Deus no ser humano estão no indicativo, e as afirmações sobre as respostas do ser humano estão no imperativo. O indicativo fundamenta o imperativo.<sup>51</sup> Ou, dito de outra forma, o imperativo deriva do indicativo e essa ordem não pode ser invertida.<sup>52</sup> Alguns exemplos: em Romanos 6.2, Paulo argumenta que aqueles que morreram para o pecado não podem continuar vivendo no pecado. A seguir, ele exorta seus leitores a considerarem a si mesmos mortos para o pecado (Rm 6.11s). Ele afirma aos cristãos de Roma que a lei do Espírito de vida o libertou da lei do pecado e da morte (Rm 8.2), ao mesmo tempo em que os desafia a mortificarem os atos pecaminosos do corpo, para que vivam (Rm 8.13). Ele assegura aos gálatas que os mesmos se revestiram de Cristo (Gl 3.27), e aos romanos ele ordena que se revistam de Cristo (Rm 13.14). Aos filipenses, ele resume o conceito da seguinte forma: “(...) ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele (Fp 2.12,13).<sup>53</sup>

Desse modo, Paulo lembra seus leitores de que eles ainda vivem no velho mundo do pecado e da morte, o que fatalmente os levará a conflitos e provações, mas agora, em Cristo, eles possuem a capacitação do Espírito para que possam viver de acordo com o caráter de Cristo. Não estão isentos de pecado, mas também não são pecadores incorrigíveis. Paulo não é perfeccionista, mas ao mesmo tempo não aceita que o pecado continue dominando aqueles que estão em Cristo porque agora, pelo Espírito, eles possuem mecanismos para se libertar dos velhos hábitos da vida sem Deus.

Ao salvar-nos por meio de Cristo e do Espírito, Deus criou um povo escatológico, que vive a vida do futuro no presente, uma vida que reflete o caráter de Deus, o qual se fez presente primeiro em Cristo e depois por seu Espírito. Como presença renovada de Deus, o Espírito, tendo dado vida a seu povo, agora o conduz pelos caminhos da retidão por amor de seu nome.<sup>54</sup>

O Espírito atua naqueles que estão em Cristo, capacitando-os a oferecer suas vidas ao serviço de Deus e dos seres humanos (Rm 12.3-8), a amarem uns aos outros (Rm 12.9-16) e até mesmo a seus inimigos (Rm 12.17-21). Tudo isso acontece graças à renovação de suas mentes (Rm 12.1,2), no intenso esforço de reconhecer e cumprir a vontade de Deus em todas as áreas da vida, diante das leis humanas (Rm 13.1-7), diante da lei de Deus (Rm 13.8-14), diante dos irmãos em Cristo (Rm 14) e na convivência com cristãos de características diferenciadas (Rm 15).<sup>55</sup> Assim, para Paulo, quem está em Cristo está no Espírito, não apenas subjetivamente, mas também objetivamente, e não apenas individualmente, mas também coletivamente, como igreja, o povo de Deus. Ao passar a fazer parte do corpo de Cristo, o indivíduo passa a fazer parte do Espírito como aquele que preenche o corpo (1 Co 12.13).

<sup>51</sup> SCHNELLE, 2010, p. 705-707.

<sup>52</sup> RIDDERBOS, 2013, p. 289.

<sup>53</sup> HÖRSTER, 2009, p. 281-282.

<sup>54</sup> FEE, Gordon D. **Paulo, o Espírito e o povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 130.

<sup>55</sup> HÖRSTER, 2009, p. 283-284.

Pertencer ao corpo de Cristo significa ter parte no Espírito.<sup>56</sup> A vida em Cristo é ao mesmo tempo individual e corporativa. Por isso Paulo insiste no amor fraternal, condição indispensável para a vida daqueles que estão em Cristo (Rm 12.10-13; Fp 2.3,4; 1 Ts 4.9). Esse amor se revela na prática, compartilhando os recursos com os necessitados (2 Co 8.1-5) e praticando a hospitalidade (Rm 12.13; 1 Tm 3.2; Tt 1.8).<sup>57</sup>

O indivíduo em Cristo é capacitado pelo Espírito Santo a viver uma nova vida. Porém, a obra de Deus em Cristo não anula a responsabilidade individual. O indicativo é a base do imperativo, e Paulo exorta seus leitores a viver em Cristo e segundo o caráter de Cristo.<sup>58</sup>

## 5. A IDENTIDADE CRISTÃ A PARTIR DA EXPRESSÃO PAULINA “EM CRISTO”: UMA PROPOSTA DE CONSTRUÇÃO

A plenitude da humanidade de Cristo foi reconhecida e ensinada por Paulo, em passagens como Romanos 1.3 (fazendo alusão a Cristo “que, como homem, era descendente de Davi”) e 1 Timóteo 2.5 (“Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus”).<sup>59</sup> Além disso, para Paulo, Cristo é o modelo, o padrão pelo qual todos os cristãos são conformados. Novamente pode-se perceber a noção paulina do indicativo (o que Deus realiza nos crentes) e do imperativo (o que os crentes devem fazer em suas vidas em resposta à ação divina) em diversas passagens. Primeiro, o indicativo, aquilo que Deus realizou na vida dos cristãos, sem qualquer cooperação da parte deles: “Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8.29); “E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito” (2 Co 3.18); “Não mintam uns aos outros, visto que vocês já se despiram do velho homem com suas práticas e se revestiram do novo, o qual está sendo renovado em conhecimento, à imagem do seu Criador” (Cl 3.9,10). Segundo, o imperativo, aquilo que os cristãos devem realizar em suas vidas, esforçando-se conscientemente para isso: “Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1 Co 11.1); “Portanto, sejam imitadores de Deus, como filhos amados, e vivam em amor, como também Cristo nos amou e se entregou por nós como oferta e sacrifício de aroma agradável a Deus” (Ef 5.1,2); “Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus” (Fp 2.5). As passagens no modo indicativo indicam a determinação divina em conformar os crentes à imagem de Cristo, e as passagens no modo imperativo indicam a responsabilidade individual de cada um no assemelhar-se, cada vez mais, a Cristo. Obviamente, a semelhança perfeita somente será alcançada no futuro, na consumação escatológica (Fp 3.20,21; Cl 3.4).<sup>60</sup> Enquanto isso, cabe ao indivíduo em Cristo imitar a vida de Cristo. Ele é o padrão e o modelo a ser seguido. Para essa finalidade homens e mulheres integram o corpo de Cristo, de modo a

<sup>56</sup> RIDDERBOS, 2013, p. 248-249.

<sup>57</sup> MacARTHUR, John. **O poder da integridade**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 112-113, 118-119.

<sup>58</sup> SCHREINER, 2015, p. 248.

<sup>59</sup> WARE, 2013, p. 48.

<sup>60</sup> ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Imago Dei: antropologia reformada**. Ananindeua: Knox, 2013, p. 280-282.

serem transformados para que possam atingir “a medida da plenitude de Cristo” (Ef 4.13).<sup>61</sup> Esse objetivo é tão claro que Paulo pôde dizer: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2.20). Aquele que está em Cristo, Cristo está nele, e ele vive constantemente confiando em seu Salvador.<sup>62</sup> Sabe que somente Cristo pode tornar possível essa transformação interior.

O homem depois da queda não pode reencontrar nem reassumir a imagem de Deus. Por isso existe somente um caminho: O próprio Deus assume a forma de homem e vem a ele. O Filho de Deus, subsistindo em forma de Deus junto ao Pai, renunciou a essa sua forma de subsistência, assumiu a forma de servo e assim vem aos homens (Fp 2.5ss). A metamorfose da forma, impossível no homem, realiza-se no próprio Deus. (...) Em Jesus Cristo se fez presente, em nosso meio, a imagem de Deus, na semelhança da forma da carne pecaminosa. Sua imagem revela-se em sua doutrina, em suas obras, em seu viver e morrer. Nele Deus criou nova sua imagem na terra. Encarnação, palavra e obra de Jesus e sua morte na cruz, fazem inseparavelmente parte dessa imagem. É uma imagem diferente da de Adão na original maravilha do Paraíso. É a imagem daquele que se coloca no meio do mundo do pecado e da morte, que toma sobre si a miséria da carne humana, que, em humildade, se sujeita à ira e ao juízo de Deus sobre o pecado, que, na morte e no sofrimento, permanece em obediência à vontade de Deus, o nascido em pobreza, o amigo e conviva dos publicanos e pecadores, o que, na cruz, é rejeitado e abandonado por Deus e pelos homens – isso é Deus na forma de homem, esse é o homem como nova imagem de Deus!<sup>63</sup>

Jesus Cristo é o verdadeiro e perfeito exemplar de ser humano, com quem todos os que estão em Cristo devem se parecer. No entanto, ele é mais do que um exemplo, e Paulo sabe disso. Paulo apela a seus leitores não somente para que imitem Cristo, mas para que morram, sejam sepultados e ressuscitem com Cristo. Uma vez em Cristo, o indivíduo deve agir em conformidade com ele, diariamente mortificando a injustiça e produzindo o fruto de sua união com Cristo. Novamente, sempre antes de dar um imperativo, Paulo faz menção do indicativo: a obra salvadora de Cristo já operou no coração humano redimido.<sup>64</sup> Ele escreve (no imperativo) exortando seus leitores a renovarem suas mentes (Rm 12.2) a fim de pensarem como Cristo (Fp 2.5), passando a ver as coisas através de sua perspectiva, porque, afinal (indicativo), quem está em Cristo tem a mente de Cristo (1 Co 2.16).<sup>65</sup>

A obra do Espírito de unir-nos a Cristo faz de nós não meros imitadores, mas membros vivos do seu corpo. Nós somos incorporados – batizados – na morte, sepultamento e ressurreição de Cristo. Paulo não diz: “Sê como Jesus”. Ele diz: “Tu és como Jesus. Ele é a cabeça, e tu a parte de seu corpo; ele é as primícias e tu, o resto da colheita. Como vai a cabeça, também vão os membros. Foste agora arrebatado pelo teu precursor para a nova criação.

<sup>61</sup> STURZ, 2012, p. 282.

<sup>62</sup> MacARTHUR, John. **Colunas do caráter cristão**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 17.

<sup>63</sup> BONHOEFFER, 1989, p. 190.

<sup>64</sup> HORTON, Michael. **A vida segundo o evangelho**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 142.

<sup>65</sup> STOTT, John R. W. **Mentalidade cristã**. 5.ed. São Paulo: Vinde, 1997, p. 55.

Então, como podes continuar vivendo como se nada disso tivesse acontecido?”<sup>66</sup>

Para Paulo, tudo está “em Cristo”. Somente depois de estabelecer essa verdade é que ele emite o imperativo de viver uma vida que seja consistente com isso. Mais ainda, por estar em Cristo, o cristão pode experimentar de modo antecipado a vida futura com Cristo. O estado futuro, para o cristão, é a ressurreição num corpo físico semelhante ao do Cristo ressurreto (Fp 3.20,21). O futuro povo de Deus será formado por pessoas reais, seres humanos genuínos. O Cristo já está assentado nos lugares celestiais – e os que estão em Cristo também já se encontram lá, diz Paulo (Ef 2.6). Assim, o estilo de vida que devem ter no presente é o da vida futura que terão com Cristo, e que, num certo sentido, já possuem agora, em Cristo.<sup>67</sup> A nova vida em Cristo, portanto, implica numa transformação radical, mediante a qual os cristãos devem trazer a imagem do que é celestial (Cristo) assim como anteriormente trouxeram a imagem do que é terreno (1 Co 15.49). Paulo entende que, à medida que são transformados (2 Co 3.18), os cristãos vão se tornando semelhantes à imagem do Filho de Deus (Rm 8.29).<sup>68</sup> “Deus quer que o seu povo se torne como Cristo, pois semelhança com Cristo é a vontade de Deus para o povo de Deus”.<sup>69</sup>

Isso significa que o cristão pode, então, desejar obedecer a seu Pai celestial (Rm 1.5; 6.17; 16.19,26; 1 Co 7.19; 2 Co 9.13; 10.5),<sup>70</sup> firmando um compromisso radical com ele. Esse compromisso envolve uma mente renovada em Cristo, a obediência aos mandamentos de Cristo, o engajamento social a fim de fomentar os valores de Cristo e a proclamação do evangelho de Cristo ao mundo.<sup>71</sup>

O cristão é, finalmente, um indivíduo integrado a uma comunidade. Continua sendo um indivíduo, uma pessoa particular, mas agora faz parte de algo maior, uma “família da fé” (Paulo utiliza a expressão “família da fé” em Gl 6.10), um corpo, como pode ser observado no texto de Romanos 12.5: “Assim também em Cristo nós, que somos muitos, formamos um corpo, e cada membro está ligado a todos os outros”. Paulo vê os crentes desfrutando da vida de Cristo porque são membros do corpo de Cristo (1 Co 10.17; Ef 4.11-16; Cl 2.19). Assim como os membros do corpo humano vivem somente enquanto formam parte do corpo (um braço amputado, por exemplo, não possui mais o dom da vida), assim Paulo considera como “mortos” aqueles que não fazem parte do corpo de Cristo (2 Co 2.16), porque estão separados de Cristo (Gl 5.4). O cristão, portanto, faz parte de uma comunidade viva, o corpo de Cristo. Nesse corpo, ele depende de Cristo para viver e crescer e dos demais membros do corpo para se expressar e desenvolver (Ef 4.15,16).<sup>72</sup> Paulo exorta seus leitores para que se esforcem a fim de manter essa união (Ef 4.1-3), pois “há um só corpo e um só Espírito, assim como a

<sup>66</sup> HORTON, 2012, p. 142.

<sup>67</sup> WRIGHT, N. T. **Eu creio. E agora?** Por que o caráter cristão é importante. Viçosa: Ultimato, 2012, p. 145-146.

<sup>68</sup> RIDDERBOS, 2013, p. 252.

<sup>69</sup> STOTT, John R. W. **O discípulo radical**. Viçosa: Ultimato, 2011, p. 23.

<sup>70</sup> DAVIS, Jimmy. **Cruciforme: vivendo uma vida com a forma da cruz**. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 79.

<sup>71</sup> DUDLEY, Timothy. **Cristianismo autêntico: 968 textos selecionados da obra de John Stott**. São Paulo: Vida, 2006, p. 326.

<sup>72</sup> MURPHY-O’CONNOR, 1994, p. 180-185.

esperança para a qual vocês foram chamados é uma só; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos” (Ef 4.4-6). A vida em Cristo é enriquecida pela comunhão com os membros do corpo de Cristo.

Quem é, então, o indivíduo em Cristo? Que tipo de ser humano ele é? Qual a sua identidade? Um breve resumo do que foi exposto acima pode começar a responder essas questões:

Em primeiro lugar, a identidade cristã tem sua origem no próprio Jesus Cristo. Paulo ensina que esse é o fruto da operação de Deus na vida dos cristãos (o indicativo, Rm 8.29; 2 Co 3.18; Cl 3.9,10) e que eles devem esforçar-se conscientemente para que isso aconteça em suas vidas (o imperativo, 1 Co 11.1; Ef 5.1,2; Fp 2.5).

Em segundo lugar, o engajamento na missão da igreja é essencial na vida daquele que está em Cristo. “O mundo atual está aguardando o aparecimento de crentes autênticos, e deles precisa desesperadamente”.<sup>73</sup> Paulo não aconselha a abandonar o mundo ou a fugir dele. Ele sabe que tudo aqui é transitório, mas espera que os crentes sejam cidadãos responsáveis e úteis para a sociedade. Não devem tentar transformar este planeta num paraíso, porque isso acontecerá somente quando Cristo voltar. Mas também não devem cruzar os braços diante da injustiça e da desigualdade. Mais importante ainda, devem sempre levar a mensagem da salvação em Cristo a todas as pessoas, sem medir esforços, como o próprio Paulo sempre fez.<sup>74</sup> Para ele, cada cristão deve evangelizar, discipular, aconselhar e ensinar as Escrituras às pessoas (Rm 15.14; Cl 3.16; 1 Ts 1.6-10).<sup>75</sup> Isso promove um ambiente de confiança mútua, onde as pessoas aprendem a cuidar e amar umas às outras, como indivíduos que se propõem a buscar entender, juntos, as implicações de viver em Cristo e para Cristo.<sup>76</sup>

Em terceiro lugar, a pessoa em Cristo é parte de uma comunidade viva, da qual recebe inúmeros benefícios ao mesmo tempo em que doa e entrega seus dons e talentos para a mesma. Direitos lhe são outorgados, e responsabilidades lhe são exigidas. Nessa comunidade viva, ou corpo, como Paulo a chama, os membros aprendem a vivenciar o evangelho à medida que interagem uns com os outros e com a sociedade ao redor. Aprendem a sair de suas zonas de conforto a fim de buscar com zelo e diligência soluções para os problemas de outras pessoas, às vezes até de desconhecidos (Fp 2.3-5). Aprendem a amar, a perdoar e a buscar a paz.<sup>77</sup>

A identidade cristã é multifacetada. O apóstolo Paulo expressou nitidamente, em sua vida e em seus escritos, o que significa estar em Cristo. Bloco a bloco, como se estivesse construindo uma casa ou um templo (1 Co 3.10-15), ele estabelece, em suas cartas, as marcas

<sup>73</sup> LLOYD-JONES, D. Martyn. **Estudos no sermão do monte**. 4.ed. São José dos Campos: Fiel, 1999, p. 17.

<sup>74</sup> SCHREINER, 2015, p. 379-382.

<sup>75</sup> KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 328.

<sup>76</sup> DEVER, Mark; ALEXANDER, Paul. **Igreja intencional**: edificando seu ministério sobre o evangelho. 2.ed. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 53.

<sup>77</sup> DEVER, Mark. **Igreja**: o evangelho visível. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 88-90.

da identidade cristã. O cristão é alguém que pertence a Cristo, morreu com Cristo e foi ressuscitado com Cristo, para viver em e para Cristo.<sup>78</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do presente artigo foi demonstrar que o ponto de partida de Paulo, na construção da identidade cristã, é o próprio Cristo. A identidade cristã se desenvolve no estar em Cristo, no viver em Cristo. O que é, então, viver em Cristo, ou estar em Cristo, segundo Paulo? A vida em Cristo, para Paulo, evita tanto a submissão ao mundo quanto a fuga do mundo. A fé liberta o fiel do mundo, mas ao mesmo tempo o obriga a dar testemunho ao mundo. Em virtude de ser uma nova criação e viver uma nova vida, o crente não pertence mais ao mundo, às potências e seduções mundanas (Gl 1.4), mas sim a Cristo crucificado e ressuscitado (Rm 14.7-9).<sup>79</sup>

Paulo nos ensina que, da mesma forma que Deus nos incluiu na morte de Cristo, e assim morremos para o pecado, ele nos incluiu na sua ressurreição, para que agora “andemos nós também em novidade de vida”, ou seja, para que, agora, vivamos a nova vida de ressurreição em Cristo (Rm 6.4). Tais verdades nos remetem ao fato de que, no momento em que cremos, morremos para a velha vida – ao sermos unidos com Cristo na semelhança da sua morte – e ressuscitamos para uma nova vida – ao sermos unidos com ele na semelhança de sua ressurreição.<sup>80</sup>

O presente mundo – a presente era má – não durará para sempre. O homem e a mulher em Cristo sabem que todas as coisas são transitórias. Portanto, devem preparar-se para o mundo vindouro. Nem relacionamentos, nem experiências de alegria e de tristeza serão permanentes aqui. As posses, igualmente, são passageiras. Paulo não conclama os crentes a saírem do mundo, ele espera que eles sejam bons maridos, boas esposas, pais amorosos e filhos obedientes, senhores justos e escravos dedicados. Não acreditarão que todas as promessas em Cristo já tenham se cumprido em suas vidas, mas também não se deixarão consumir pelos papéis e posições deste mundo, embora procurem fazer o maior bem possível enquanto estão no mundo. Descartarão todo sistema utópico, sabendo que a ordem do presente mundo jamais será purificada antes da vinda do Senhor. Mas trabalharão com afinco para melhorar a vida das pessoas ao seu redor.<sup>81</sup>

Como o entendimento paulino de viver em Cristo pode contribuir na construção de uma identidade cristã? Para Paulo, a em Cristo constrói sua identidade a partir de Cristo, como o próprio Paulo declarou: “Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1 Co 11.1); “já não sou em quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.20). Por isso é justificável falar na “construção” de uma identidade cristã, porque se trata de uma tarefa para toda a vida. “Sem

---

<sup>78</sup> RIDDERBOS, 2013, p. 235-242.

<sup>79</sup> BORNKAMM, 2009, p. 319.

<sup>80</sup> FERREIRA, F. **Curso Vida Nova de teologia básica**: teologia sistemática. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 177.

<sup>81</sup> SCHREINER, 2015, p. 380.

dúvida haverá lapsos em razão da nossa humanidade, mas, contudo, haverá evidências da semelhança de Cristo na vida do verdadeiro crente”.<sup>82</sup>

A pessoa em Cristo é submissa à lei de Cristo, isto é, ao amor cristão, que ultrapassa a barreira da individualização e alcança o próximo. Esse processo de alcançar o outro em amor é o que caracteriza a vida em Cristo – o crente foi alcançado pelo amor de Deus em Cristo, e agora ele alcança o outro com o amor de Cristo. “Porque em Cristo Jesus nem circuncisão nem incircuncisão têm efeito algum, mas sim a fé que atua pelo amor” (Gl 5.6).<sup>83</sup> Caem todas as barreiras sociais, raciais, políticas, econômicas e religiosas.

A pessoa em Cristo depende do Espírito Santo, no qual foi selada em Cristo (Ef 1.13), batizada em Cristo (1 Co 12.13) e adotada por Deus em Cristo (Rm 8.15-17). É guiada pelo Espírito (Rm 8.12-14) e inserida no corpo de Cristo pelo Espírito (1 Co 12.12-27). Portanto, viverá integrada a uma comunidade viva e interdependente, dinamizada pelo Espírito.

Portanto, as igrejas fariam bem em incentivar seus membros a serem pessoas dependentes de Cristo e não do mundo, amantes de Cristo e não do mundo, a seguirem o exemplo de Cristo em cada pequeno gesto ou hábito do cotidiano, vivendo cheias de uma esperança viva, arraigada nas promessas de Deus em Cristo.

Para Paulo, a união com Cristo em sua morte e ressurreição, o habitar de Cristo e o habitar do Espírito nos crentes, o dom da vida eterna e a paz com Deus, são diferentes maneiras de descrever a mesma coisa, a saber, a real situação daqueles que, pela fé, tornaram-se nova criação em Cristo e entraram na nova era da salvação e da vida. O desempenho prático dessa vida se dá na tensão entre o indicativo e o imperativo, entre o que foi feito na pessoa em Cristo e o que a pessoa faz, como ela deve viver, em Cristo. A morte do “velho homem” não quer dizer que ele não deve ser levado em conta na experiência cristã. O indivíduo em Cristo nunca será a pessoa que ele deseja ser – livre da tentação, da luta contra o pecado e da tensão que ela provoca. O velho ego sempre estará presente, a carne adâmica ainda está aí, e somente pode ser sobrepujada por meio de um constante andar no Espírito, viver deliberadamente em Cristo e para Cristo.<sup>84</sup> O cristão vive para o outro – para Deus, para Cristo, para outros seres humanos, assim como Paulo pregou e viveu: “Mas não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor, e a nós como escravos de vocês, por causa de Jesus” (2 Co 4.5).

## REFERÊNCIAS

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Imago Dei: antropologia reformada**. Ananindeua: Knox, 2013.

BALL, Charles Ferguson. **A vida e os tempos do apóstolo Paulo**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

BENTON, John. **Cómo enderezar una iglesia centrada en sí misma**. Moral de Calatrava: Peregrino, 2000.

---

<sup>82</sup> MacARTHUR, John. **Crer é difícil**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 123.

<sup>83</sup> BORNKAMM, 2009, p. 335.

<sup>84</sup> LADD, 2003, p. 664-666.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

**BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional**. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

**BÍBLIA Sagrada. Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

**BÍBLIA Sagrada. Versão Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1989.

BOOR, Werner de. **Cartas aos Coríntios**. Curitiba: Esperança, 2004.

BORNKAMM, Günther. **Paulo: vida e obra**. Santo André: Academia Cristã, 2009.

CERFAUX, Lucien. **Cristo na teologia de Paulo**. São Paulo: Teológica, 2003.

CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

DAVIS, Jimmy. **Cruciforme: vivendo uma vida com a forma da cruz**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

DEVER, Mark; ALEXANDER, Paul. **Igreja intencional: edificando seu ministério sobre o evangelho**. 2.ed. São José dos Campos: Fiel, 2015.

DEVER, Mark. **Igreja: o evangelho visível**. São José dos Campos: Fiel, 2015.

DUDLEY, Timothy. **Cristianismo autêntico: 968 textos selecionados da obra de John Stott**. São Paulo: Vida, 2006.

DUNN, James D. G. **A teologia do apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2003.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FEE, Gordon D. **Paulo, o Espírito e o povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FERREIRA, Franklin. **Avivamento para a igreja: o papel do Espírito Santo e da oração na renovação da igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

\_\_\_\_\_. **Curso Vida Nova de teologia básica: teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

GARDNER, Calvin. **Soteriologia: a doutrina da salvação**. Presidente Prudente: Palavra Prudente, 2012.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HEYER, C. J. den. **Paulo: um homem de dois mundos**. São Paulo: Paulus, 2009.

- HÖRSTER, Gerhard. **Teologia do Novo Testamento**. Curitiba: Esperança, 2009.
- HORTON, Michael. **A vida segundo o evangelho**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- HURTADO, L. W. **Senhor Jesus Cristo: devoção a Jesus no cristianismo primitivo**. Santo André, São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2012.
- KELLER, Timothy. **Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho**. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- KRUSE, Colin G. **II Coríntios: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- KÜMMEL, Werner Georg. **Síntese teológica do Novo Testamento**. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1983.
- LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.
- LEITER, Charles. **Justificação e regeneração**. São José dos Campos: Fiel, 2015.
- LLOYD-JONES, D. Martyn. **Estudos no sermão do monte**. 4.ed. São José dos Campos: Fiel, 1999.
- LOPES, Hernandes Dias. **Paulo: o maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009.
- LOVELACE, Richard F. **Teologia da vida cristã: as dinâmicas da renovação espiritual**. São Paulo: Shedd, 2004.
- MacARTHUR, John. **Colunas do caráter cristão**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Crer é difícil**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O poder da integridade**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **A antropologia pastoral de Paulo: tornar-se humanos juntos**. São Paulo: Paulus, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Jesus e Paulo: vidas paralelas**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- MURRAY, John. **Redenção consumada e aplicada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- PACKER, J. I. **O conhecimento de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- REY, Bernard. **Nova criação em Cristo no pensamento de Paulo**. Santo André: Academia Cristã, 2005.
- RIDDERBOS, Herman. **A teologia do apóstolo Paulo: a obra clássica sobre o pensamento do apóstolo dos gentios**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- RYLE, J. C. **Santidade: sem a qual ninguém verá o Senhor**. 2.ed. São José dos Campos: Fiel, 2009.

SCHNELLE, Udo. **Paulo: vida e pensamento**. Santo André, São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2010.

SCHREINER, Thomas R. **Teologia de Paulo: o apóstolo da glória de Deus em Cristo**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

SHEDD, Russell P. **Lei, graça e santificação**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1998.

STOTT, John R. W. **A cruz de Cristo**. São Paulo: Vida, 2006.

\_\_\_\_\_. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2000.

\_\_\_\_\_. **Mentalidade cristã**. 5.ed. São Paulo: Vinde, 1997.

\_\_\_\_\_. **O discípulo radical**. Viçosa: Ultimato, 2011.

STURZ, Richard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

WARE, Bruce. **Cristo Jesus homem: reflexões teológicas sobre a humanidade de Cristo**. São José dos Campos: Fiel, 2013.

WARFIELD, Benjamin B. **El Salvador del mundo**. Moral de Calatrava: Peregrino, 2006.

WELLS, David F. **Volte-se para Deus: a conversão cristã como única, necessária e sobrenatural**. São Paulo: Shedd, 2016.

WRIGHT, N. T. **Eu creio. E agora?** Por que o caráter cristão é importante. Viçosa: Ultimato, 2012.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## REFLEXÃO SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DO DISCIPULADO ADOTADO POR JESUS

Reflection on the characteristics of the discipleship adopted by Jesus

Fabio Canellato<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral fazer uma reflexão sobre o discipulado com base na definição de termos, textos e particularidades bíblicas encontradas no ministério de Cristo, com o objetivo de investigar o que se entende por discipulado atualmente e quais eram as características do adotado por Jesus. Por meio de pesquisa bibliográfica, mediante reflexão com base nos autores: Bonhoeffer, Willard, Houston, dentre outros, procura-se realizar a fundamentação desta prática. Nesta investigação evidenciam-se, ainda, características peculiares do discipulado de Jesus, que podem ser aplicadas na atividade hodierna, pois trará relevância no processo de discipulado. Destaca-se, ainda, que a base para a formação do caráter cristão está diretamente ligada ao discipulado. Assim, propõe-se uma reflexão sobre o mesmo e de como pode ser trabalhado o cuidado pastoral das comunidades e em um programa de discipulado.

**Palavras-chaves:** Cristo. Aprendiz. Seguidor. Aluno. Discipulado.

### ABSTRACT

This article aims to be a reflection on discipleship, based on the definition of terms, texts and biblical particularities found in the ministry of Christ, in order to investigate what is currently understood by discipleship and what were the characteristics of the discipleship adopted by Jesus. Through both, a bibliographical research and reflection based on authors as Bonhoeffer, Willard, Houston, and others, was built a practical foundation of

<sup>1</sup> Fabio Canellato é pastor auxiliar na Igreja do Nazareno Central de Americana, responsável pelo ministério de jovens e adolescentes, Bacharel em Teologia pela Faculdade Nazarena do Brasil e Cesumar e Pós-graduado em Novo Testamento pelas Faculdades Batista do Paraná. Palestrante, professor de teologia e músico. E-mail: prfabiocanellato@yahoo.com.br

this practice. In this investigation, there are also peculiar characteristics of Jesus' discipleship, which can be applied in today's activity, since it will bring relevance in the process of discipleship. It is also emphasised that the basis for the formation of the Christian character is directly linked to discipleship. Thus, it is proposed a reflection on this topic and how the pastoral care of the communities can be worked in a program of discipleship.

**Keywords:** Christ. Apprentice. Follower. Student. Discipleship.

## INTRODUÇÃO

O discipulado, bem como as palavras que dão origem ao mesmo (discípulo, discípula), é um tema importante a ser discutido na igreja hodierna: a palavra aparece mais de duzentas e cinquenta vezes no Novo Testamento<sup>2</sup>, protagonizando discussões sobre crescimento, vida espiritual e amadurecimento.

Com o aumento numérico da igreja evangélica brasileira,<sup>3</sup> algumas vezes o processo de formação cristã é negligenciado e, por conseguinte, se torna dispensável. Muitas comunidades têm até mesmo desconsiderado o discipulado de Jesus como critério para a membresia. Este fenômeno,<sup>4</sup> frequentemente observado na América do Norte, passa agora a ser visto no Brasil.

Para que haja um crescimento saudável do cristão é necessário o acompanhamento através do discipulado, logo a importância de se conhecer as características do discipulado adotado por Jesus e como esse processo trouxe amadurecimento para a vida espiritual e o caráter dos discípulos, bem como pode trazer luz a cada igreja na fundamentação do seu próprio processo. À medida que o discípulo cresce de forma relevante, passa a produzir em sua vida características que apontam para o seu mestre.

Através da pesquisa de vocábulos bíblicos, análise geral de textos neotestamentários e fundamentação em diversos autores, o presente artigo procura desenvolver uma documentação bíblico-teológica para o assunto. Por haver grande número de igrejas, metodologias e modelos de discipulado, busca-se através dessa reflexão trazer luz ao processo e evidenciar, através da pesquisa, o discipulado explicitado na vida de Jesus, o mestre por excelência.

Ao término do trabalho procura-se lançar uma base sobre o discipulado, para auxiliar aqueles que desejam seguir as características do discipulado adotado por Jesus. Essa base servirá de respaldo para um possível trabalho de pastoreio intencional nas igrejas, grupos pequenos ou comunidades, onde o processo ativo e consistente de discipulado possa ser desenvolvido.

---

<sup>2</sup> WILLARD, Dallas. **A grande omissão**: as dramáticas consequências de ser cristão sem se tornar discípulo. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 17.

<sup>3</sup> Segundo censo realizado pelo IBGE entre 2000 e 2010 houve um aumento em torno de 61% dos evangélicos no Brasil. G1. **Número de evangélicos aumenta 61% em 10 anos, aponta IBGE**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>>. Acesso em: 05 setembro 2017.

<sup>4</sup> WILLARD, 2008, p. 17.

## 1. A ESSÊNCIA E FUNÇÃO DO VERDADEIRO DISCÍPULO E DISCIPULADO

Comunicar a vida de Jesus – e não apenas reproduzir ou repassar o conhecimento bíblico ao discípulo – é um dos desafios do processo de discipulado. Para isso, o discipulador precisa atentar-se ao fato de que, para comunicar a vida de Deus, deve se dispor a estar com seu aprendiz. Richards afirma essa verdade.

Busca-se nesta reflexão apresentar um texto relevante sobre o assunto do discipulado sob a lente bíblica e de literatura consagrada. Jesus sabia o propósito eterno de sua encarnação: o de viver entre os homens e morrer pelos pecados deles, como o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Mas seria inútil se ele mesmo viesse a terra, morresse e ninguém soubesse de sua vida e, portanto, não aprendesse as verdades a serem proclamadas. Desta maneira, ele dá início ao seu discipulado.

Willard observa que, mesmo o termo discípulo sendo muito usado na Bíblia, as igrejas do mundo ocidental têm dado pouca ou nenhuma importância ao processo. Algumas igrejas sequer esperam que as pessoas, ao tornarem-se membros, sejam discípulos de Cristo, o que é totalmente contrário às características do discipulado de Jesus.<sup>5</sup> Desta maneira em seu frutífero, porém breve, ministério, Jesus chama doze discípulos para estar e aprender com ele. Após sua morte, estes poderiam então pregar a vida, os ensinamentos, a morte e a sua ressurreição; sempre impulsionados pela presença viva do Espírito Santo.

Jesus os chama para que estejam com ele, para que sejam seus amigos, compartilhem de sua vida e não para que se tornem somente servos.<sup>6</sup> A obediência nesse caso emana de algo voluntário, prazeroso e não apenas o de realizar serviços por obrigação, como escravos. Mesmo os discípulos servindo a Jesus como Senhor (dono), ele os convida a um relacionamento mais profundo, a intimidade, a uma vivência de amizade. Eles passaram a ser como uma família, vivendo com respeito mútuo. Dependiam uns dos outros. Compartilhavam entre si alegrias e tristezas. Estavam a maior parte do tempo juntos, oravam e, se necessário, passavam até necessidades. Por esse motivo, Richards afirma que: “treinar um discípulo é fazer dele uma pessoa completa, um crente maduro. Jesus, enquanto viveu e ensinou os doze, visava a sua transformação: sua meta era fazer a vida crescer”.<sup>7</sup>

É importante observar que a primeira ocorrência do termo “discípulo” no Novo Testamento está em Mateus.<sup>8</sup> O termo grego usado para discípulo no texto é *mathetes*<sup>9</sup> (μαθητής) que significa: aprendiz, aluno, pupilo ou discípulo – alguém que se dispõe a ser treinado por um mestre, que se deixa ser ensinado por outro; Brown e Coenen nos dão uma

<sup>5</sup> WILLARD, 2008, p. 17-18.

<sup>6</sup> “Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer; (BÍBLIA. Português. **Bíblia Shedd**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2.ed. Revista e atualizada no BRASIL. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 1514 - Jo 15.14-15).

<sup>7</sup> RICHARDS, 1980, p. 26.

<sup>8</sup> “Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos” (Mt 5.1).

<sup>9</sup> TAYLOR, Willian Carey. **Dicionário do Novo Testamento grego**. 9.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2001, p. 130.

profundidade maior para o termo, ao dizer: “mathetes é alguém que ouviu a chamada de Jesus e se torna seu seguidor”.<sup>10</sup>

Assim, entende-se que aquele que quer ser discípulo não vai apenas tornar-se seguidor de Jesus, mas vai aprender dele de forma teórica e prática. É alguém que vai se vincular ao mestre, andar com ele, ouvir seus ensinamentos, vê-lo fazendo suas obras e praticar sob sua supervisão. Portanto, os discípulos de Jesus foram treinados, aprenderam com ele e ao final do processo estavam prontos para dar continuidade à sua obra. Após a ascensão de Jesus, amadurecidos, dariam continuidade ao mais glorioso ministério cristão.

## 2. CARACTERÍSTICAS E A ESSÊNCIA DO DISCIPULADO DE JESUS

Cristo deixa com sua vida o exemplo de cristianismo verdadeiro. Ele é o principal modelo ao praticar o discipulado e estabelecer a ordem para que seus discípulos também o façam. Sua vida foi toda dedicada ao ensino e ao discipulado, conduzindo pessoas a Deus. Sua metodologia era a de ensinar as boas novas a todo tempo.

Por onde ele passava, deixava as palavras que foram dadas pelo Pai. Após seu batismo, deu início ao ministério público e seu primeiro ato foi selecionar seus discípulos.<sup>11</sup>

Dessa maneira, deve-se olhar para Jesus não apenas como um exemplo de ministério, mas também como o maior discipulador que já existiu. Deve-se crer em tudo o que ele disse e obedecer aos seus mandamentos. Observando suas obras do ponto de vista humano, da ótica secular de sucesso, pode-se dizer que seu árduo trabalho foi um fracasso. Jesus arrebanhou muitos durante três anos e meio de ministério, de todo o tipo que se pode imaginar. Trouxe para si doze discípulos que, no momento em que mais precisou, abandonaram-no. Morreu injustamente como o pior de todos os condenados. Foi violentamente castigado, condenado à morte numa cruz. Assim, por essa ótica, poder-se-ia dizer que seu ministério foi frustrado e malsucedido. Mas no reino de Deus, para que se possa ser bem-sucedido, é necessário perder a vida: foi exatamente isso que aconteceu com Cristo.

Ao morrer para si, para suas vontades e para o desejo de libertação que pairava sobre o coração de todo o homem oprimido daquela época, Cristo tornou real a parábola do grão de mostarda: morreu para produzir grande obra após a sua morte. A cruz tornou-se, então, um sucesso.

O que era símbolo de fracasso, agora será eternamente o símbolo da libertação do pecado, da vitória da vida sobre a morte, pois, quando ele foi levantado na cruz, atraiu todos para si.<sup>12</sup> Esse foi o preço pago por Jesus para ensinar seus discípulos.

A igreja tornou-se o corpo vivo de Jesus na terra por intermédio da obra realizada por ele na cruz. Sendo corpo, é responsável por fazer a vontade daquele que é a cabeça. Para

---

<sup>10</sup> BROWN, Colin; COENEN, Lothar (org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 578.

<sup>11</sup> João 1.35-49. (BÍBLIA. Português. **Bíblia Shedd**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2.ed. Revista e atualizada no BRASIL. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 1484- 1485).

<sup>12</sup> WAGNER, Peter. **Estratégias para o crescimento da Igreja**. 2.ed. São Paulo: Sepal, 1995, p. 49.

Wagner, que fora professor e pesquisador, a razão da existência da igreja é fazer a vontade de Cristo, a saber, que sejam feitos discípulos, de todas as nações.

Wagner aponta que é de grande importância para a vida de uma igreja sadia e próspera<sup>13</sup> o cumprimento da ordenança de Jesus sobre a Grande Comissão. Ser cristão é entender o chamado para revelar a Deus o seu Filho, o reino e o evangelho. Assim como ele veio ao mundo para revelar o Pai, o discípulo deve ir ao mundo para revelá-lo. Ao dizer-se próspera, não se diz no sentido de enriquecimento monetário e materialismo, mas, biblicamente, como sendo a vida plena em Cristo e no Espírito Santo.

Fazer discípulos é o cumprimento da ordenança que foi anunciada por Jesus. No sentido prático, tinha como objetivo trazer os doze discípulos e muitos outros para o acompanharem. Bonhoeffer afirma que muitos cristãos têm trocado os ensinamentos preciosos de Jesus pela graça barata. Trocado o discipulado que é realizado com sacrifício, lutas e muitas vezes privações, simplesmente pela graça barata, *i.e.*, um cristianismo sem sacrifícios e sem esforços, contrário às palavras de Jesus, que afirmava que se deve entrar pela porta estreita, andar pelo caminho apertado e difícil, pois são estes que conduzem à salvação.<sup>14</sup>

O discipulado exige do mestre (disciplinador) e do discípulo sacrifícios para que ambos cresçam e alcancem a estatura de Cristo. Precisa-se de disposição para ir; para fazer discípulos há a necessidade de preparo; para ensinar é necessário que exista o aprendizado e assim por diante. Não é barato e requer esforço pessoal.

Nota-se que existe uma debilidade em relação ao discipulado e ao acompanhamento cristão, que se reflete em vários aspectos: cultural, político e familiar vivido na realidade atual. Ferraz salienta algo real que tem borbilhado em todas as camadas da sociedade, fazendo que os indivíduos se tornem cada vez mais duros, insensíveis à vontade de Deus.

O indivíduo moderno tem voltado seus olhos para si mesmo e tem se tornado cada vez mais egocêntrico, preocupado com suas realizações e aquisições. É um desafio em meio a tantas possibilidades despertar o ser humano e aqueles que já se encontram no seio da igreja, a sair do estado de inércia espiritual, e assumir a responsabilidade de crescer e dar frutos que permaneçam. O Brasil tem enfrentado um crescimento em termos de frequência de pessoas às reuniões, entretanto não foi capaz de ensinar as bases da fé cristã.

O chamado também é um mandamento a todos os cristãos, deve ser prioridade: “O discipulado de Jesus não era uma realização meritória de alguns, mas um mandamento divino a todos os cristãos”.<sup>15</sup> Um dos motivos pelo qual Cristo esmerava-se em estar junto com seus

<sup>13</sup> Próspera: não no sentido que se tem visto hoje como igreja abastada, que recolhe semanalmente a quantidade de dízimos e ofertas, mas no sentido de que uma igreja que sabe administrar suas finanças e cuidar de sua membresia, onde os frutos do Espírito são vistos no seio da igreja. A igreja assumiu uma mentalidade de tal forma que a sua maneira de agir não tem muita diferença dos padrões e alvos do mundo sem Deus. Seus cultos, seus ideais, suas formas de administração dos recursos – tudo está marcado pelo materialismo (NOBRE, J. Jamê. O perigo do materialismo na igreja. **Revista Impacto**, Americana, n.25, p.12-14. out. 2002, p.13).

<sup>14</sup> Mateus 7.13-14. (BÍBLIA. Português. **Bíblia Shedd**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2.ed. Revista e atualizada no BRASIL. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 1338).

<sup>15</sup> BONHOEFFER, 2008, p. 13.

discípulos era para ensiná-los e prepará-los para a grande jornada que viriam a enfrentar após sua ida. Suas últimas palavras antes de sua ascensão foram: Ide e fazei discípulos.

Seguir a Jesus não é uma opção do discípulo. Se o aprendiz quer realmente fazer a vontade do mestre, tem que deixar sua vontade de lado e segui-lo. Tem que se render diante da cruz. Ouvir e obedecer a Cristo acima de tudo, pois “aquele que o ouve, ouve a Jesus, e aquele que o rejeita, rejeita a seu Senhor”.<sup>16</sup> Será preciso deixar a sua vida, suas vontades por amor a Jesus e pelo evangelho. Talvez deixar posses, família ou qualquer outra coisa para alcançar a vontade daquele que o chamou, pois quem perder a sua vida, por amor do evangelho, a salvará.<sup>17</sup>

Ser um discípulo nos tempos bíblicos era estar sempre perto de seu mestre, aprender dele em todos os sentidos; conhecer seus preceitos, seus ensinamentos e com o tempo se tornar parecido com ele. Kivitz afirma que havia um ditado que era pronunciado aos pequenos discípulos que os desafiava e incentivava-os a viver tão próximos de seus mestres, até que ficassem impregnados da poeira dissipada de seus pés.

Essa é a essência do discipulado de Jesus; é segui-lo tão de perto que os discípulos se tornem iguais a ele. Não é um chamado para a mudança de religião, é um chamado para algo muito mais profundo, para um relacionamento de proximidade e intimidade, o qual vai transformando, dia após dia, o caráter do discípulo; tornar-se como ele é consequência de andar perto do Jesus.

### **3. DISCIPULADO COMO BASE DA FORMAÇÃO DO CARÁTER CRISTÃO**

O caráter cristão é formado através do Espírito de Deus, que leva os cristãos ao arrependimento e a buscarem a vida de santidade que agrada ao pai. Durante aproximadamente três anos e meio em que esteve na Terra, Jesus reunia-se com seus discípulos e com aqueles que o acompanhavam, a fim de que pudesse investir no ensino de suas vidas, no discipulado, no acompanhamento, para a formação do caráter desses seus seguidores.

#### **3.1 A formação do caráter na família judaica**

Em algumas famílias brasileiras, observa-se deficiência ou mesmo inexistência de relacionamentos sólidos e duradouros. A dificuldade de diálogo e a falta da educação doméstica têm se tornado comum. Por consequência, há uma transferência de responsabilidade pela educação das crianças, jovens e adolescentes às escolas, igrejas ou grupos comunitários. Sendo assim, cabe uma reavaliação missiológica das igrejas, para que o discipulado e o ensino do evangelho do reino supram essas carências familiares.

Vaux fala de alguns pontos básicos da vida cotidiana e da educação adotada em uma família judaica na Antiguidade e muito possivelmente na época de Jesus, mostrando como a

<sup>16</sup> MORRIS, Leon L. **O evangelho de Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 174.

<sup>17</sup> Marcos 8.34-35. (BÍBLIA. Português. **Bíblia Shedd**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2.ed. Revista e atualizada no BRASIL. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 1400).

criança nesse tempo era instruída: passava os primeiros anos de sua vida aos cuidados de sua mãe ou ama de leite, a qual dava as primeiras instruções, sobretudo morais. Essa educação estendia-se durante toda a infância e também poderia prolongar-se pela adolescência. Quando o menino se tornava um adolescente, ele passava aos cuidados do pai. Este se comprometia a dar o ensino religioso, de educação e até profissional, quando esse era possível; “assim um rabino dirá: quem não ensina seu filho um ofício útil o cria para ser ladrão”.<sup>18</sup>

Além de todas essas instruções, os jovens israelitas tinham várias outras ocasiões em que podiam receber o aprendizado, como, por exemplo, nas caravanas de visita à cidade santa, assistindo ao debate dos anciões nas aldeias, nas transações comerciais, no templo ou nas sinagogas onde ouviam os salmos cantados, as recordações históricas, que nessas eram feitas, entre outros. Homens dentre os mais experientes - e principalmente os anciões - tinham a missão de ensinar o povo. Os sacerdotes eram guardiões e instrutores da lei, os profetas que muitas vezes recebiam a revelação de Deus e, portanto, tinha-se sua palavra como palavra de Deus. Após esses, os sábios e escribas, que passaram a ter participação maior no ensino a partir do exílio, cuja educação moral combinou-se com o estudo da lei. Com a abundância de todos esses ensinamentos havia a oportunidade para que todos pudessem aprender. Os mestres e profetas reuniam-se num lugar específico e, ali, com seus discípulos, começavam a ensinar.<sup>19</sup>

### 3.2 A formação do caráter cristão por Jesus através da aprendizagem

Quando se comparam os antigos modelos de educação e vivência religiosa dos judeus palestinos no tempo de Jesus e mesmo em épocas anteriores com as de hoje, nota-se como é importante que haja o desenvolvimento do discipulado nas igrejas cristãs evangélicas. Através desse acompanhamento surge a clara percepção de que, assim como na época de Cristo, as pessoas podem ser apoiadas e ser suportadas<sup>20</sup> pelos discipuladores que professam a mesma fé. Ryrie conta que essa aprendizagem faz parte da vida do discípulo, ele é um aprendiz de seu mestre.

Após um longo período de aprendizagem, Jesus foi batizado no rio Jordão. Em seguida, foi conduzido pelo Espírito ao deserto, para ser tentado por Satanás. Ao findar esses acontecimentos, começa o seu breve, mas mui glorioso ministério. Cristo chamou para si seus discípulos e iniciou uma longa maratona de ensinamentos e instruções para que pudessem começar a entender acerca do reino de Deus. O evangelho de João narra este início e pode-se ver que um de seus primeiros feitos foi trazer para si cinco discípulos que estariam presentes durante muitas situações de sua vida.<sup>21</sup>

<sup>18</sup> VAUX, R. de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2003, p. 73.

<sup>19</sup> VAUX, 2003, p. 72-74.

<sup>20</sup> Suporte *sm* 1- O que sustenta; base. 2- o que dá apoio, auxilia. No sentido de dar suporte, sustentar, ser capaz de carregar, segurar (HOUAISS, Antonio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4.ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva 2010, p. 735).

<sup>21</sup> João 1.35-49. (BÍBLIA. Português. **Bíblia Shedd**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2.ed. Revista e atualizada no BRASIL. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 1484 - 1485).

Conforme a harmonia dos evangelhos registrada por Thompson<sup>22</sup>, conclui-se que Jesus procurou fazer a obra do Pai, com a intenção de levar seus discípulos à aprendizagem de um evangelho prático. Assim, ao realizar seu primeiro milagre em Caná da Galiléia, Cristo manifestou sua glória, levando seus discípulos a crerem nele (Jo 2.1-11). Desta maneira, Jesus deu continuidade ao seu ministério, e com isso as pessoas iam chegando-se a ele. Todos aqueles que o Pai o enviara, nenhum se perdeu, a não ser o filho da perdição, a saber, Judas Iscariotes (Jo 17.12). Assim como o filho de Deus precisou escolher alguns para andar e estar com ele e crer nele, vê-se a necessidade de um discipulado na igreja, pois através dele as bases da vida cristã e a aprendizagem poderão ser ministradas aos discípulos. Nota-se que os cristãos têm aprendido através da prédica de sermões, uma prática que, embora instrutiva, apresenta resultados mais demorados e não tão eficientes como o que acontece no discipulado dos novos na fé.

Examinando o evangelho de Lucas no capítulo nove, nota-se que Cristo delega aos doze discípulos autoridade e poder sobre os demônios e enfermidades. Portanto, como suas instruções, antes de enviá-los a pregar as boas novas de salvação do Reino de Deus, ele estava junto com os seus, mostrava e os ensinava como fazer. Jesus primeiro ensina o evangelho e a prática do reino aos discípulos, mas agora chega o momento de eles viverem o que tinham aprendido até então.

Conforme a ordem dada pelo mestre os discípulos fizeram. No mesmo capítulo, no verso dez, vê-se que os discípulos retornaram e contaram a Jesus o que acontecera. Ele estava interessado na fé que estava sendo aprendida dia a dia por seus discípulos. Essa deveria se reverter em uma fé prática que podia ser vivida no cotidiano de cada um: “Ao regressarem, os apóstolos relataram a Jesus tudo o que tinham feito. E, levando-os consigo, retirou-se à parte para uma cidade chamada Betsaida”.<sup>23</sup>

Do mesmo modo, no capítulo dez do mesmo livro, novamente o evangelista registra o envio de mais setenta, mas dessa vez de dois em dois, com a advertência de que orassem para que o Senhor da seara mandasse mais trabalhadores para a sua seara. Ao regressarem os setenta, o evangelista narra que os mesmos voltam tomados de grande alegria por terem realizando a obra, a qual ele mesmo designara. Ao completá-la, o prazer tomou aqueles afortunados. Isso demonstra que o discipulado é prazeroso, prático (no sentido de que tem que ser aplicado na vida do discípulo) e funcional.

À medida que ele desenvolvia seu discipulado junto aos discípulos, se observava um crescimento espiritual em suas vidas: aprendiam e cresciam, pois aprendiam por ele. Por conseguinte, isso é expresso pela fala do apóstolo Pedro no evangelho de Mateus ao referir-se a Jesus como: “*Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*” (Mt 16:16). O crescimento através do discipulado acontece de forma gradativa e muitas vezes é um pouco demorado. Mas o que está em “jogo” não é o tanto que o discípulo tem crescido, mas o quanto ele tem se aproximado de Jesus, quanto ele tem aprendido dinamicamente da palavra e da vida de Deus.

---

<sup>22</sup> THOMPSON, F. Charles. **Bíblia de referência Thompson**. 15.ed. São Paulo: Vida, 2002, p. 1464-1466.

<sup>23</sup> Lucas 9.10. (BÍBLIA. Português. **Bíblia Shedd**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2.ed. Revista e atualizada no BRASIL. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 1443).

Dessa forma, ao avaliar este incidente percebe-se que a instrução por meio do discipulado trouxe crescimento espiritual ao caráter de Pedro. Também houve crescimento dos demais discípulos que estavam com ele; logo, o discipulado trará benefícios àqueles que são discipulados e ao seu discipulador.

Jesus era prático e, à medida que ele ia ensinando aos seus discípulos, eles podiam interagir com o mestre. Richards aponta aspectos interessantes sobre este discipulado e a interação entre o mestre e o discípulo. Jesus instruía, os discípulos ouviam e perguntavam; os discípulos perguntavam, Jesus explicava; Jesus perguntava, os discípulos respondiam; Jesus agia, os discípulos observavam, perguntavam e agiam de maneira limitada; Jesus ordenava, os discípulos obedeciam.<sup>24</sup>

Tasker ressalta que havia uma lição penosa que Pedro e os discípulos deveriam aprender: eles deveriam seguir a um Jesus crucificado e isto implicaria que para o discipulado essa verdade também se aplicaria. A afirmação de Jesus em Mateus 16:24 *“Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me”*, significa dizer não ao ego impetuoso e pecaminoso que se coloca em primeiro lugar, pensa em sua segurança primeiro.<sup>25</sup> Keller observa essa atitude em Pedro quando o mesmo percebe que Jesus não está agindo conforme seus planos, sua vontade, e o repreende para que o mesmo não vá para a cruz, porque o mesmo esperava a vitória e não sofrimento.<sup>26</sup> Essa aprendizagem passa pela cruz, pelas dificuldades e privações, mas no decorrer do processo de discipulado, o discípulo e discipulador observam a imagem Cristo sendo formada em si mesmos. À medida que os frutos aparecerem, que ambos experimentarem o crescimento em graça e sabedoria, a alegria de se tornarem semelhantes ao mestre impulsionará o discipulado a se desenvolvido em outras pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa de investigação referente às características do discipulado exercido por Jesus, conclui-se que a igreja evangélica brasileira tem passado por uma crise referente à edificação de seus membros com relação ao discipulado. Com isso, nota-se a urgência de se repensar uma forma de discipulado voltado para o crescimento espiritual relevante dos indivíduos e de suas comunidades.

Conclama-se à urgência da fundamentação bíblica para o discipulado nas características adotadas por Jesus, com base na comunhão e no acompanhamento. Vê-se a urgência das pessoas em estabelecer maiores vínculos de amizade e edificação mútua; a importância de caminhar do macro em direção ao micro, ou seja, do apenas participar das reuniões para relacionamentos íntimos.

Trocar a graça barata, ou o evangelho que é vivido sem esforço, sem preocupação com o crescimento individual, coletivo e a responsabilidade e participação e edificação efetiva do

---

<sup>24</sup> RICHARDS, 1980, p. 25.

<sup>25</sup> TASKER, 2005, p.129.

<sup>26</sup> KELLER, 2014, p.131.

corpo de Cristo, fazendo discípulos de todas as nações, como afirmou imperativamente Jesus. Seguir a Cristo é opcional, fazer discípulos é mandamento, é uma ordem.

Todos são chamados para servir, e por isso, são responsáveis por levar as boas novas, ensiná-las aos novos na fé através do discipulado. Um grande desafio é formar uma liderança leiga que possa entender essa importância e ir além de sua zona de conforto em direção à comunhão verdadeira e o discipulado. Desta maneira se estabelecem conexões significativas onde ocorre a troca de vida, um verdadeiro ensino prático de aprendizagem de conhecimento e vivência espiritual.

Além disso, fica evidente também a importância de conscientização de todos os crentes sobre a ordem de Cristo na Grande Comissão. Fica claro que o discipulado tem que sair da esfera do ensino teórico e passar para o campo do envolvimento pessoal, relacional, prático para que se possa colher bons resultados. O cristianismo é uma religião de relacionamento, pois, à medida que indivíduo se relaciona com Deus, isso é refletido a seus semelhantes e vice-versa. Aprende-se sobre Jesus, não o Jesus histórico e de maneira teórica, mas o Jesus vivo e ressurreto que manifesta a sua presença e atuação em meio aos relacionamentos fraternos, no compartilhar semanal ou diário da vida entre os irmãos.

Entretanto, o discipulado deve ser levado à simplicidade, num ambiente em que se possa ter a ajuda mútua, no qual a graça e a vida de Cristo transbordem de coração a coração. Buscando sempre viver o evangelho da cruz, da abnegação, em altruísmo, para que as portas do evangelho sejam abertas para todos os tipos de pessoas, sem que haja acepção. Principalmente, deve-se desenvolver um ambiente de amor, não só entre irmãos, mas também para com os descrentes, para que esse discipulado alcance grande efetividade, caso contrário não se assemelhará àquele vivido e praticado por Jesus.

Nota-se, ainda, através do crescimento observado na vida dos discípulos, que o discipulado é a maneira mais efetiva de se observar a salvação, o crescimento e o amadurecimento dos cristãos. Uma vez que os mesmos passam a ser acompanhados por seus mestres/discipuladores podem ser dirigidos, exortados e ensinados com mais eficiência alcançando maior sucesso na formação de indivíduos semelhantes a Jesus.

Assim como os antigos discípulos dos rabinos acompanhavam a seus mestres bem de perto, e estavam sendo impregnados pelos seus ensinamentos, Jesus chama seus discípulos hoje a terem intimidade com ele e serem transformados por esse relacionamento diário. Essa maior intimidade promove a transformação do caráter, e à medida que isso acontece, Jesus espera que seus discípulos promovam a mudança na vida de seus próximos, entregando-se uns pelos outros em amor, pois assim seriam conhecidos por seus discípulos.<sup>27</sup>

Contudo, ao olhar para a essa realidade deve-se buscar a pró-atividade de soluções para os problemas encontrados; sempre tendo bom ânimo, pois, como Jesus que venceu o mundo e não desfaleceu frente às dificuldades encontradas no discipulado, os cristãos que são coparticipantes da sua vitória na cruz vencerão. Com as bases lançadas, desafios postos,

---

<sup>27</sup> “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13.34-35).

caminhos analisados, cabem aos obreiros e servos de Cristo lutar para que a sua igreja continue avançando em direção ao alvo. Caminhando, crescendo e vencendo, pois. como Jesus afirmou: “as portas do Inferno não prevalecerão contra a igreja”.<sup>28</sup>

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Shedd**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2.ed. Revista e atualizada no BRASIL. São Paulo: Vida Nova, 1997. 1929 páginas.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. 10.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2004.

EIMS, Leroy. **A arte perdida de fazer discípulos**: uma orientação prática àqueles que querem discipular. 2.ed. Belo Horizonte: Atos, 2002.

FERRAZ, Mateus. **Respostas evangélicas a religiosidade brasileira**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

**Fundamentos para fé e obediência**: Volume 1. Americana: Fundamentos, 1998.

G1. **Número de evangélicos aumenta 61% em 10 anos, aponta IBGE**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>>. Acesso em: 05 setembro 2017.

HOUAISS, Antonio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4.ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KELLER, Timoty. **A cruz do Rei**: a história do mundo na vida de Jesus. 1 ed. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KIVITZ, Ed René. **Talmidim**: o passo a passo de Jesus. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

MORRIS, Leon L. **O evangelho de Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2005.

NOBRE, J. Jamê. O perigo do materialismo na igreja. **Revista Impacto**, Americana, n.25, p.12-14. out. 2002.

RICHARDS, Laurence O. **Teologia da educação cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1980.

RYRIE, Charles Caldwell. **A Bíblia anotada**. 10.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

TASKER, R. V. G. **O Evangelho Segundo Mateus**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2005.

---

<sup>28</sup> Mateus 16.18. (BÍBLIA. Português. **Bíblia Shedd**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2.ed. Revista e atualizada no BRASIL. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 1356).

TAYLOR, Willian Carey. **Dicionário do Novo Testamento grego**. 9.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

THOMPSON, F. Charles. **Bíblia de referência Thompson**. 15.ed. São Paulo: Vida, 2002.

VAUX, R. de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2003.

WAGNER, Peter. **Estratégias para o crescimento da Igreja**. 2.ed. São Paulo: Sepal, 1995.

WILLARD, Dallas. **A grande omissão**: as dramáticas consequências de ser cristão sem se tornar discípulo. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

WILEY, H. Orton; CULBERTSON, Paul T. **Introdução à teologia cristã**. São Paulo: CNP, 1999.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## ÉTICA CRISTÃ NA INTERNET NOS TEMPOS DA PÓS-VERDADE E DAS FAKE NEWS

Christian Ethic on the internet in times of post-truth and fake news

Rudnei Varjão<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa o desafio ético de acreditar ou dar credibilidade às informações que são postadas na internet em suas mais variadas plataformas. Baseado na tese de que os internautas dão crédito às informações baseados na subjetividade e em emoções, o artigo apresenta o desafio das notícias falsas (*fake news*) e da pós-verdade (*post-truth*), trata da individualização e suas consequências no contexto digital, e termina com uma proposta de como os cristãos podem se prevenir contra as mentiras divulgadas na rede.

**Palavras-chaves:** Pós-verdade. Notícias Falsas. Redes Sociais. Ética Cristã.

### ABSTRACT

This article analyses the ethical challenge of believing or giving credibility to the information posted on the Internet. Based on the thesis that Internet users give credit to information based on subjectivity and emotions, the article presents the challenge of fake news and post-truth, discusses the individualisation and its consequences in the digital context, and proposes a way Christians can guard themselves of the lies publicised on the internet.

**Keywords:** Post-truth. Fake News. Social Networks. Christian ethic.

<sup>1</sup> Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Linha de pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia. E-mail: [rudneivarjao@uol.com.br](mailto:rudneivarjao@uol.com.br)

## INTRODUÇÃO

A epístola de Tiago aconselha a todos que precisam de sabedoria a pedi-la a “Deus e Ele dará, porque é generoso e dá com bondade a todos” (Tg 1.5).<sup>2</sup> Sabedoria é necessária, pois está cada vez mais difícil saber o que é verdade na internet. Todos os fatos recebem diversas versões, as falsidades são compartilhadas e se tornam virais. A existência de mentiras no mundo não é uma novidade, mas o que leva as pessoas a acreditarem nestas mentiras? Será que os usuários da internet são sempre enganados? Por que alguns fatos tão óbvios são ignorados e outros, claramente falsos, são tidos como verdade? Em resumo, por que os internautas são tão suscetíveis às mentiras postadas na internet?

Dar credibilidade a determinadas postagens é um ato ético e tem consequências. Os internautas usualmente reagem às postagens nas redes sociais e essas reações (compartilhar, comentar, dar um *like*, etc) popularizam as informações. Por conta dos algoritmos das redes sociais, estas notícias ficam mais suscetíveis a aparecerem no *feed* de notícias de outros usuários. Ou seja, os leitores ou consumidores de informação na rede também são participantes na divulgação, e conseqüentemente, podem estar informando ou desinformando outras pessoas.

Este artigo irá tratar do desafio ético de acreditar ou dar credibilidade às informações que são postadas na internet em suas mais variadas plataformas, baseado na tese de que os internautas dão crédito às informações confiadas na subjetividade e em emoções. O artigo iniciará apresentando o desafio das notícias falsas (*fake news*) e da pós-verdade (*post-truth*), tratará da individualização como causa central do antinomismo no ciberespaço, e mostrará suas consequências. Por fim, será apresentada uma proposta de como os cristãos podem ser éticos no mundo digital e como se precaver contra as mentiras espalhadas através da internet.

### 1. A INTERNET E A (DES)INFORMAÇÃO

O senso comum diz que a internet é um lugar onde todas as pessoas, a despeito do lugar onde vivem ou condição social, podem adquirir conhecimento. Mas o que se vê, de fato, é que a quantidade excessiva de informações na rede tem trazido desinformação, principalmente para aqueles que não sabem garimpar o que necessitam. Dois problemas modernos estão no foco das discussões sobre a qualidade das informações postadas na internet, a saber: a pós-verdade e as notícias falsas.

No final do ano de 2016 foi noticiado na imprensa britânica e americana que o dicionário Oxford elegeu a palavra *post-truth* (pós-verdade) como a palavra do ano. Esta expressão teve um aumento de 2000% na utilização pelos meios de comunicação, devido à eleição presidencial americana e à votação do Brexit.<sup>3</sup> Pós-verdade foi definida como "um adjetivo

<sup>2</sup> Todas as citações bíblicas serão realizadas utilizando a Nova Tradução da Linguagem de Hoje da Sociedade Bíblica do Brasil (NTLH). As exceções serão indicadas em rodapé.

<sup>3</sup> FLOOD, Alison. 'Post-truth' named word of the year by Oxford Dictionaries. **The Guardian**, Inglaterra, 15 nov. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2016/nov/15/post-truth-named-word-of-the-year-by-oxford-dictionaries>. Acesso em: 28 jun. 2017.

relacionado ou denotando circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes do que apelos emocionais e crenças pessoais na formação da opinião pública".<sup>4</sup> Esta definição mostra dois aspectos importantes: a força da retórica daqueles que estão comunicando a mensagem e a atitude ativa da opinião pública de ignorar fatos reais. O Brasil também tem experimentado da pós-verdade desde os grandes protestos de 2013, passando pela eleição presidencial de 2014, impeachment da presidenta Dilma Rousseff e os recentes fatos com o presidente Michel Temer. Os políticos, independente de orientação ideológica, dão as versões mais contraditórias para os mesmos fatos, buscando manipular a opinião pública.

As *fake news* são o segundo grande problema dos enfrentado pelos internautas. Gu, Kropotov e Yarochkin definem notícias falsas da seguinte maneira:

A notícia falsa é a promoção e propagação de artigos de notícias através das mídias sociais. Esses artigos são promovidos de forma que parecem ser divulgados por outros usuários, ao invés de serem artigos pagos. As notícias distribuídas são produzidas para influenciar ou manipular as opiniões dos usuários sobre um determinado tópico em relação a determinados objetivos.<sup>5</sup>

A demanda pela criação de notícias falsas tem alimentado um mercado criminoso muito lucrativo para os "falsários digitais". O tripé das notícias falsas é formado pelas motivações dos "clientes"; ferramentas e serviços disponíveis; e as redes sociais.<sup>6</sup> As motivações dos "clientes" normalmente são políticas, financeiras, pretensões de manchar reputações alheias ou vazar informações.<sup>7</sup> Com relação aos serviços, Gu, Kropotov e Yarochkin verificaram um catálogo diversificado de serviços que podem ser contratados no "submundos" *on-line* chinês, russo e de língua inglesa:

- a) Criação, distribuição e proliferação de notícias falsas, em formatos que favorecem que estas se tornem virais;
- b) Monitoramento da opinião pública que pode supostamente pesquisar e influenciar a opinião em fóruns e mídias sociais proeminentes, dependendo dos tópicos de interesse do cliente;
- c) Utilização das redes sociais para influenciar a opinião pública;
- d) Destruição de reputações e retirada de conteúdo do ar;
- e) Manipulação das pesquisas / votações *on-line*.<sup>8</sup>

<sup>4</sup> "an adjective defined as 'relating to or denoting circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief'" (**Word of the year is**. Oxford Living Dictionary. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>. Acesso em: 03 jul. 2017. Tradução nossa.)

<sup>5</sup> "Fake news is the promotion and propagation of news articles via social media. These articles are promoted in such a way that they appear to be spread by other users, as opposed to being paid-for advertising. The news stories distributed are designed to influence or manipulate users' opinions on a certain topic towards certain objectives" (GU, Lion; KROPOTOV, Vladimir; YAROCHKIN, Fyodor. **The fake news machine**: how propagandists abuse the internet and manipulate the public. Trend Micro, 2017. Disponível em: [https://documents.trendmicro.com/assets/white\\_papers/wp-fake-news-machine-how-propagandists-abuse-the-internet.pdf](https://documents.trendmicro.com/assets/white_papers/wp-fake-news-machine-how-propagandists-abuse-the-internet.pdf). Acesso em: 03 jul. 2017. p. 5. Tradução Nossa.)

<sup>6</sup> GU; KROPOTOV; YAROCHKIN, 2017, p. 6.

<sup>7</sup> GU; KROPOTOV; YAROCHKIN, 2017, p. 52-56.

<sup>8</sup> GU; KROPOTOV; YAROCHKIN, 2017, p. 9-38.

Gu, Kropotov e Yarochnik também afirmam que a existência dos sites de redes sociais é fundamental para as notícias falsas neste formato atual, porque estas plataformas digitais conectam facilmente pessoas de diversos países. Os falsários digitais utilizam estratégias diferentes dependendo da rede social. No Twitter a estratégia mais utilizada é fazer com que a história pareça ser difundida pelo maior número de usuários possível. Enquanto que no Facebook, a estratégia é aumentar o número de *likes* e de compartilhamentos, aproveitando-se do algoritmo desta plataforma que é guiado pelo engajamento. Ou seja, postagens com maior número de *likes* e compartilhamentos tendem a aparecer mais nos *feeds* de notícia dos demais internautas.<sup>9</sup>

Os desafios enfrentados pelos internautas para descobrir informações dignas de crédito são enormes. Sérgio Dávilla, tratando sobre pós-verdade e credibilidade no jornalismo, afirmou que “o analfabetismo digital traz muitos riscos. Essa é uma das questões cruciais dos próximos anos”.<sup>10</sup> Tratar do analfabetismo digital é importante e deve ser tratado na esfera privada (ensinando as crianças sobre o assunto) e na esfera pública, criando algum tipo de “educação moral e cívica digital” para ser ensinado nas escolas. Entretanto, a falta de conhecimento não está no âmago da questão de se deixar ser influenciado pelas falsidades digitais. Deixar-se ser influenciado é um ato ativo e não passivo. Por alguns motivos específicos, as pessoas entram na caverna da influência de outros e não deixam a luz entrar, afirma Bacon.<sup>11</sup> Faz-se necessário analisar os motivos pelos quais pessoas permanecem dentro destas influências cavernais.

## 2. A INTERNET E O INDIVÍDUO

A sociedade moderna é caracterizada pelo individualismo. Na visão de Bauman, individualização da sociedade “consiste em transformar a identidade humana de um dado em uma tarefa e encarregar os atores de responsabilidade de realizar essa tarefa e das consequências (assim como dos efeitos colaterais) de sua realização”.<sup>12</sup> Para ele, este processo não é bom e, por isso, Bauman chama a individualização de “fatalidade”<sup>13</sup> e as consequências da liberdade trazida pela individualização de “bênção mista”<sup>14</sup>. Bauman afirma, adicionalmente, que as normas e regras impostas pela sociedade, por um lado, limitam a liberdade, mas, por outro, evitam que os homens vivam a agonia da incerteza. Entretanto, na ausência das normas, os indivíduos buscam alguma forma de eliminar a incerteza, mesmo que isso signifique acreditar em outros.<sup>15</sup>

<sup>9</sup> GU; KROPOTOV; YAROCHKIN, 2017, p. 39-51.

<sup>10</sup> 'Analfabetismo digital é questão crucial', diz editor-executivo da Folha. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 jun. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/06/1897191-analfabetismo-digital-e-questao-crucial-diz-editor-executivo-da-folha.shtml>. Acesso em: 15 jul. 2017.

<sup>11</sup> BACON, Francis. **Novum Organum**. Digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). eBookLibris, 2002, p. 20-21.

<sup>12</sup> BAUMAN, Zygmunt. **A modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 44.

<sup>13</sup> BAUMAN, 2001, p. 47.

<sup>14</sup> BAUMAN, 2001, p. 27.

<sup>15</sup> BAUMAN, 2001, p. 31.

O ciberespaço é uma extensão da vida real e, por isso, as suas ferramentas da internet estão baseadas no individualismo e na liberdade. Cada pessoa tem que lidar com a bênção mista da liberdade, visto que a rede é um espaço quase sem normas. Além disso, o indivíduo solitário vive a agonia da incerteza na rede mundial de computadores e vai buscar mitigar essa incerteza utilizando critérios pessoais, subjetivos e emotivos.

Como consequência natural, a moralidade no espaço virtual fica centrada nas pessoas, dado que não há normativa ética ulterior ao indivíduo. Pode-se afirmar que se vive, na prática, um antinomismo ético no ciberespaço. Geisler define antinomismo ético como uma situação onde não existem “normas objetivas”, e o que é chamado de normas éticas é “puramente subjetivo” ou “completamente emotivo”.<sup>16</sup> Geisler argumenta que, em uma situação de antinomismo, a responsabilidade do indivíduo é central, dado que “cada homem deve escolher por si mesmo”; que os “relacionamentos humanos concretos tomam a precedência sobre os princípios abstratos”; que o conhecimento é recebido por meio da parte emotiva; e que esta ética é exacerbadamente subjetiva e relativista.<sup>17</sup> O antinomismo se manifesta no ciberespaço através do ressentimento, isolamento, alienação e da delegação ética.

### 2.1 Ressentimento nas interações no ciberespaço

O ressentimento é o princípio orientador de diversas postagens e compartilhamentos nas redes sociais. Para Bauman, a sociedade é fundamentada no princípio de amar o próximo, mas o ressentimento é a principal barreira para amar o Outro.<sup>18</sup> Ressentimento, define Bauman, é “uma mistura curiosa e inerentemente ambígua de genuflexão e acrimônia, mas também de inveja e despeito”<sup>19</sup>, e se manifesta de três maneiras diferentes:

Há um ressentimento entre membros de classes sociais diferentes e isso resulta em uma “luta contra a desigualdade e uma pressão para se nivelarem por baixo as hierarquias existentes”.<sup>20</sup> Entre os internautas brasileiros, este ressentimento se manifesta principalmente contra os políticos, tidos como classe dominante e opressores do povo. O fato fica mais grave quando o político segue uma linha ideológica oposta àquela adotada pelo internauta. Notícias pejorativas, muitas vezes acompanhadas por comentários raivosos, são compartilhadas sem nenhuma verificação, mostrando todo o descontentamento e repulsa por aqueles supostos representantes do povo.

Em segundo lugar, existe um ressentimento entre membros da classe média que “lutam arduamente para chegar ao topo e atirar os outros para baixo”.<sup>21</sup> A face mais explícita deste conflito está nos atos ostentação dos bens materiais, afirma Bauman.<sup>22</sup> Na internet, este conflito pode ser claramente percebido na publicação de fotos que, em muitas situações, têm

<sup>16</sup> GEISLER, Norman L. **Ética cristã: alternativas e questões contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2002, p. 24.

<sup>17</sup> GEISLER, 2002, p. 35-37.

<sup>18</sup> BAUMAN, Zygmunt. **A ética é possível em um mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 38, 41.

<sup>19</sup> BAUMAN, 2011, p. 42.

<sup>20</sup> BAUMAN, 2011, p. 43.

<sup>21</sup> BAUMAN, 2011, p. 43.

<sup>22</sup> BAUMAN, 2011, p. 43-44.

por objetivo a ostentação e o exibicionismo por um lado, e humilhar os demais, por outro. Há alguns indivíduos que desejam mostrar nas redes sociais o quanto são felizes, lindos e ricos, para, subjetivamente, vilipendiar as pessoas que veem aquelas postagens.

O terceiro e último tipo de ressentimento, assinalado por Bauman, é o ressentimento contra os estranhos, “pessoas que, precisamente porque são pouco conhecidas e, portanto, imprevisíveis e suspeitas, tornam-se incorporações vívidas e tangíveis da fluidez ressentida e temida do mundo”.<sup>23</sup> Nas redes sociais manifestações de preconceito racial, social, gênero ou nacionalidade são os exemplos deste ressentimento.

Portanto, no mundo sem normas objetivas, o ressentimento é um guia ético vigoroso. Mas o ressentimento precisa de um lugar seguro para ser expresso e apreciado. Assim, se chega à segunda característica do antinomismo no ciberespaço, que é o isolamento.

## 2.2 Isolamento causado pelas redes sociais

As redes sociais da internet trouxeram uma nova dinâmica nas relações sociais. Segundo Castells as comunidades digitais são “redes sociais interpessoais, em sua maioria baseadas em laços fracos, diversificadíssimas e especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada”.<sup>24</sup> As redes sociais são utilizadas, em grande medida, para manter e desenvolver os relacionamentos. Desde as primeiras pesquisas sobre as redes sociais, já se verificava que os usuários têm uma tendência natural de se comunicar mais com as pessoas com que elas mantêm um relacionamento real.<sup>25</sup> Como extensões da realidade, as redes sociais podem enriquecer os relacionamentos, afirma Sparo.<sup>26</sup> Por outro lado, as redes sociais também favorecem a criação de múltiplos laços fracos que são proveitosos para se adquirir informações ou desempenhar atividades específicas. Estes laços tem falta de algumas características sociais, o que facilita tanto a conexão quanto o bloqueio da comunicação, sem contar o favorecimento a criar um ambiente propício a discussões acaloradas.<sup>27</sup>

Por outro lado, as comunidades ou grupos digitais também são um reflexo das dinâmicas sociais do mundo real. Bauman verifica que a conectividade virtual é uma manifestação e reforço do isolamento em comunidades fechadas nas áreas urbanas. Essas comunidades de iguais são criadas por causa da “mixofobia” e se tornam lugares onde os “Outros” são alvo do ressentimento.<sup>28</sup>

Dentro dessas comunidades virtuais, os indivíduos interagem, trocam informações e compartilham experiências. Entretanto, compartilhar postagens e vídeos na internet tanto conecta quanto isola as pessoas. Esse é um dos paradoxos da internet que está ligado às tecnologias das redes sociais. As redes sociais têm algoritmos que direcionam os *feeds* de

<sup>23</sup> BAUMAN, 2011, p. 44.

<sup>24</sup> CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** (A era da informação: economia, sociedade e Cultura volume I). São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 446.

<sup>25</sup> CASTELLS, 1999. p. 447.

<sup>26</sup> SPARO, Antonio. **Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 18.

<sup>27</sup> CASTELLS, 1999. p. 447.

<sup>28</sup> BAUMAN, 2011, p. 72-74.

notícia e os resultados das buscas à assuntos que as pessoas usualmente acessam na internet.<sup>29</sup> Quanto mais um grupo de pessoas acessa uma postagem de um determinado assunto, menos receberá postagens de assuntos diferentes nos seus *feeds* de notícia. Ou seja, o Facebook, Twiter, Youtube e outras redes sociais limitam a circulação das informações na internet.<sup>30</sup> Essa característica fomenta a criação de grupos fechados ou tribos. Portanto, as redes sociais, na distribuição automática das postagens, criam um ambiente que tende a reforçar as crenças pessoais preexistentes.

A consequência deste isolamento vai aparecer no mundo real como alienação a diversos temas de interesse geral da sociedade. Os indivíduos que buscam somente o que lhes interessam não se integram às causas comuns à coletividade. Segundo Bauman, o processo de individualização tende a fazer com que as pessoas fiquem afastadas das causas das causas sociais que visam o bem comum. Para ele, “a individualização parece ser a corrosão e a lenta desintegração da cidadania”.<sup>31</sup> Ou seja, os indivíduos ficam alheios às questões que visam o bem-estar social. Por exemplo, o desengajamento dos jovens em questões sociais no Brasil foi notório em 2016. O instituto Datafolha fez uma pesquisa com os manifestantes pró-impeachment da presidente Dilma Rousseff na manifestação de março de 2016, e se constatou que apenas 9% dos participantes eram jovens de 12 a 25 anos.<sup>32</sup> Em outras palavras, a juventude mais conectada não mostrou interesse aos temas que causaram toda a efervescência política da época.

### 2.3 Delegação ética

Muitos indivíduos estão abrindo mão de uma reflexão profunda sobre as suas escolhas éticas e buscam formas de delegar o trabalho de reflexão a outros. A responsabilidade de tomar escolhas satisfatórias e viver de maneira autossuficiente é um fardo pesado e traz uma agonia sobre ao ser humano moderno, segundo Bauman. E para aliviar este fardo, os indivíduos têm recorrido à religião, pois esta pode fornecer uma racionalidade alternativa para lidar com os problemas modernos. Em outras palavras, os indivíduos cedem ou delegam a responsabilidade das escolhas para líderes religiosos.<sup>33</sup>

Outra forma de delegação ética se manifesta pelo ato de seguir um influenciador digital nas redes sociais. O seguidor, em muitos aspectos, espera que o “guia” digital lhe dê direção

<sup>29</sup> GOODMAN, Ellen P.; POWLES, Julia. Facebook and Google: most powerful and secretive empires we've ever known. **The Guardian**, Londres, 28 set. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2016/sep/28/google-facebook-powerful-secretive-empire-transparency>. Acesso em: 05 jun. 2017.

<sup>30</sup> VINER, Katharine. How technology disrupted the truth. **The Guardian**, Londres, 12 jul. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2016/jul/12/how-technology-disrupted-the-truth>. Acesso em 22 jun. 2017.

<sup>31</sup> BAUMAN, 2001, p. 50.

<sup>32</sup> **Pesquisa: Manifestação avenida Paulista**. Data Folha, 13 mar. 2016. Disponível em: [http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/03/14/manifestacao\\_13\\_03\\_2016.pdf](http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/03/14/manifestacao_13_03_2016.pdf). Acesso em 15 jul. 2017.

<sup>33</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 226.

a ser seguida. Kopler, Kartajaya e Setiawan<sup>34</sup> definem três características dos netizens (*net citizens* - cidadãos da internet), que são esses novos influenciadores digitais: primeiro, eles são conectores sociais, em outras palavras, utilizam diversos canais ou redes sociais para manter-se conectados com sua audiência. Em segundo lugar, os netizens são defensores veementes de suas ideias e posições éticas; e a última característica é a constância nas suas publicações nas redes sociais. Os netizens têm uma grande influência sobre os seus seguidores, família e fãs. Alguns netizens (por exemplo, youtubers) chegam a ter milhões de seguidores - pessoas que estão interessadas em assistir ou ler as postagens e saber a opinião dos seus influenciadores favoritos sobre os mais diversos assuntos. Os seguidores, de maneira espontânea, tomam as opiniões como verdade e as aplicam em suas vidas.

Foi verificado até aqui que a sociedade contemporânea vive um antinomismo ético dentro da esfera digital. As escolhas não são baseadas em critérios subjetivos e emotivos, sem nenhuma racionalidade. Neste ambiente de extremo relativismo, o indivíduo moderno expressa seus ressentimentos contra os outros, se isola do mundo nas comunidades digitais, buscando uma associação somente com aqueles que são iguais aos seus olhos. A partir deste ponto nem mesmo a sociedade é importante. Os indivíduos, dentro do grupo, comunidade ou tribo, procuram por guias digitais, para os quais ele possa delegar as suas decisões éticas. O antinomista acredita no que é publicado por pessoas deste grupo, não se importando com outras evidências. Pode-se resumir esta postura com as palavras de Bacon: “o homem se inclina a ter por verdade o que prefere”.<sup>35</sup>

### 3. A INTERNET E A ÉTICA CRISTÃ

Parafraseando o apóstolo Paulo, o desafio ético dos cristãos na internet é examinar tudo, guardar o que é bom e desprezar tudo o que não tem valor (cf. 1Ts 5.21-22). Fazer uma lista de atitudes esperadas para o cristão dentro do espaço virtual levaria este ponto a se tornar mais uma lista “*How to do for dummies*” (como fazer para leigos), que existem aos milhares na internet, e por isso, outro caminho será seguido. Segundo Johns e White deve-se investir na formação do cristão e isso aumentará a possibilidade dele agir de uma maneira coerente com os padrões bíblicos.<sup>36</sup> A proposta ética destes autores esta baseada em três pilares: transformação e formação do caráter; comunhão e *praxy*.<sup>37</sup> A estes pilares, será incluído um quarto, o amor.

A ética cristã se inicia em indivíduos com o caráter santificado. Para Johns e White, a santificação “é uma transformação concreta do caráter no qual somos feitos santos e justos”.<sup>38</sup> Mas não basta apenas um evento, o caráter necessita ser formado ou desenvolvido durante a vida do cristão. Esta formação não é meramente intelectual, mas é aprimorada no

<sup>34</sup> KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. **Marketing 4.0: moving from traditional to digital**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2017. E-Book, cap. 3.

<sup>35</sup> BACON, 2002, p. 25.

<sup>36</sup> JOHNS, Cheryl Bridges; WHITE, Vardaman W. A ética de Ser: caráter, comunidade, práxis. In: PALMER, Michael D. (edit.). **Panorama do Pensamento cristão**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 299.

<sup>37</sup> JOHNS; WHITE, 2001, p. 294-318.

<sup>38</sup> JOHNS; WHITE, 2001, p. 302.

convívio com outras pessoas. Nas palavras de Johns e White, “utilizamos ativamente o caráter já formado para intencionalmente formar o caráter que teremos no futuro”.<sup>39</sup> A santificação, segundo os autores, faz com que o indivíduo seja inserido na justiça de Deus. Assim, o “nosso ser santo se expressa pelo viver santo, pelo fazer santo”.<sup>40</sup> Em um mundo cujo valor ético fundamental está centrado no indivíduo, somente um indivíduo santificação pode considerar uma normativa ética ulterior e bíblica. Uma pessoa unida com Cristo e santificada entende a ética de maneira nova, pois “quem está unido com Cristo é uma nova pessoa; acabou-se o que era velho, e já chegou o que é novo” (1 Co 5.17). Somente um caráter transformado sai das cavernas e deixa a luz de Cristo iluminar a vida.

O princípio sustentador da ética cristã é o amor. A Bíblia diz que “Deus é amor” (1 Jo 4.16) e Ele “amou o mundo” (Jo 3.16). Aqueles que creram conhecem esse amor, também amam a Deus (cf. 1 Jo 4.16,19). Além disso, Cristo deu o mandamento que diz que “quem ama a Deus, que ame também o seu irmão” (1 Jo 4.21). Pode-se concluir que a maior característica dos discípulos de Cristo é o amor (cf. Jo 15.35). Todas as ações das pessoas com caráter transformado no ambiente virtual consideram o Outro e buscam manifestar esse amor. O amor cristão é sacrificial, por isso, no ambiente *on-line*, os cristãos se sacrificam quando buscam entender a posição do outro, averiguam com cuidado as notícias recebidas e não espalham o ressentimento através das redes sociais. A ética do amor é uma ética do sacrifício voluntário em prol do Outro. Assim, um amor que sempre é respondido não dá margem ao ressentimento.

A proposta de Johns e White para combater o individualismo é a vida em comunhão, onde os cristãos podem viver de forma íntegra e leal, experimentando o amor de Deus e gozando da liberdade dada pelo Espírito Santo.<sup>41</sup> Ao contrário da liberdade descrita por Bauman, esta é uma liberdade baseada na vida social e no relacionamento com Deus. O cristão é livre para seguir os preceitos divinos e guiar-se por sua natureza santa.

Por fim, Johns e White dizem que o indivíduo e a igreja (comunidade) devem ser fiéis à vontade divina e serem atuantes no mundo.<sup>42</sup> Em um mundo onde as pessoas delegam as decisões éticas, o cristão deve ser responsável pelas suas decisões. A Bíblia ensina que cada pessoa é responsável por seus atos (cf. Ez 18.20) e pelas consequências (cf. Gl 6.7). No mundo digital, cada um deve ter cuidado com as mensagens que recebe, buscando ser “bereanos digitais” (cf At 17.10,11).<sup>43</sup>

A comunidade de crentes deve aceitar o desafio bíblico de influenciar o mundo digital. Sendo assim, a igreja deve ocupar esse espaço, utilizando as mais diversas plataformas disponíveis. Adicionalmente, a reunião dos santos deve mostrar um caminho para as pessoas que estão perdidas na agonia moderna. E, por fim, a comunidade deve abrir as suas portas

<sup>39</sup> JOHNS; WHITE, 2001, p. 303.

<sup>40</sup> JOHNS; WHITE, 2001, p. 302.

<sup>41</sup> JOHNS; WHITE, 2001, p. 307-308.

<sup>42</sup> JOHNS; WHITE, 2001, p. 315.

<sup>43</sup> Os cristãos da cidade Beréia, verificavam nas escrituras se o que o apóstolo Paulo estava pregando era verdade. Os bereanos digitais são aqueles que verificam a verdade dos fatos por traz das notícias publicadas na internet.

para a interação com os de fora e permitir que mais pessoas participem desta comunhão digital.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que os internautas são tão suscetíveis às mentiras postadas na internet? Sem a pretensão de ser determinístico, este artigo mostrou que os internautas suscetíveis às mentiras digitais, primeiramente, porque existem pessoas que querem manipula-los que utilizam técnicas retóricas e psicológicas para isso e porque existe submundo digital especializado em enganar os usuários da internet. Além disso, foi examinado que existem situações em que os internautas se deixam enganar por postagens que trazem algum proveito objetivo ou subjetivo. Essa postura foi chamada antinomismo no ciberespaço, e tem sua principal causa a individualização da sociedade moderna.

Somente se os indivíduos que tiveram uma transformação de caráter, juntamente com a comunidade de santos (igreja), podem remar contra esta corrente. Eles devem mostrar aos demais internautas as vantagens da ética do amor e do sacrifício. Uma ética que busca o entendimento de como funciona a circulação das notícias falsas, que considera o Outro em suas decisões de compartilhar notícias e que busca manifestar o amor ao invés de ressentimento. Está ética requer uma atitude corajosa que somente pode vir do amor, porque “no amor não há medo; o amor que é totalmente verdadeiro afasta o medo” (1 Jo 4.18).

## REFERÊNCIAS

'Analfabetismo digital é questão crucial', diz editor-executivo da Folha. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 jun. 2017. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/06/1897191-analfabetismo-digital-e-questao-crucial-diz-editor-executivo-da-folha.shtml>. Acesso em: 15 jul. 2017.

**A BÍBLIA do século XXI**. Nova tradução da linguagem de hoje. Software: Ilumina Gold.

BACON, Francis. **Novum Organum**. Digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). eBookLibris, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **A ética é possível em um mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. **A modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** (A era da informação: economia, sociedade e Cultura volume I). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FLOOD, Alison. 'Post-truth' named word of the year by Oxford Dictionaries. **The Guardian**, Londres, 15 nov. 2016. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/books/2016/nov/15/post-truth-named-word-of-the-year-by-oxford-dictionaries>. Acesso em: 28 jun. 2017.

GEISLER, Norman L. **Ética cristã**: alternativas e questões contemporâneas. São Paulo: Vida Nova, 2002.

GOODMAN, Ellen P.; POWLES, Julia. Facebook and Google: most powerful and secretive empires we've ever known. **The Gardian**, Londres, 28 set. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2016/sep/28/google-facebook-powerful-secretive-empire-transparency>. Acesso em: 05 jun. 2017.

GU, Lion; KROPOTOV, Vladimir; YAROCHKIN, Fyodor. **The fake news machine**: how propagandists abuse the internet and manipulate the public. Trend Micro, 2017. Disponível em: [https://documents.trendmicro.com/assets/white\\_papers/wp-fake-news-machine-how-propagandists-abuse-the-internet.pdf](https://documents.trendmicro.com/assets/white_papers/wp-fake-news-machine-how-propagandists-abuse-the-internet.pdf). Acesso em: 03 jul. 2017.

JOHNS, Cheryl Bridges; WHITE, Vardaman W. A ética de Ser: caráter, comunidade, práxis. In: PALMER, Michael D. (edit.). **Panorama do Pensamento cristão**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. **Marketing 4.0**: moving from traditional to digital. New Jersey: John Wiley & Sons, 2017. E-Book. ISBN 978-119-34114-7.

**Pesquisa: Manifestação avenida Paulista**. Data Folha, 13 mar. 2016. Disponível em: [http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/03/14/manifestacao\\_13\\_03\\_2016.pdf](http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/03/14/manifestacao_13_03_2016.pdf). Acesso em 15 jul. 2017.

SPARO, Antonio. **Ciberteologia**: pensar o cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

VINER, Katharine. How tecnologia disrupted the truth. **The Guardian**, Londres, 12 jul. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2016/jul/12/how-technology-disrupted-the-truth>. Acesso em 22 jun. 2017.

**Word of the year is**. Oxford Living Dictionary. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>. Acesso em: 03 jul. 2017

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## OS EXCLUÍDOS DA PAZ DE CRISTO DENTRO DAS CONGREGAÇÕES: COMO LIDAR COM ESSE GRUPO?

The excluded of the peace of Christ within the congregations: how to deal with this group?

Me. Marcelo Villa-Forte de Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

Existe um grupo dentro das igrejas que, embora ativo em suas funções religiosas, integra um grupo denominado de *excluídos da paz de Cristo*. Esse grupo pode vir a desestabilizar o crescimento saudável de uma igreja. Como lidar com essa situação? O artigo propõe um diálogo com o autor José Neivaldo de Souza, em seu artigo *Da fé ingênua à fé genuína*. A pesquisa utiliza a teologia sistemática, em especial a doutrina da justificação e da regeneração, para entender *a fé ingênua e a fé genuína*. A estratégia sugerida para lidar com a situação dos *excluídos da paz de Cristo* é o estabelecimento ou reestabelecimento da comunicação com o membro doente e sua reinserção plena na comunidade, que é possível com um amor ativo por parte do pastor, com uma congregação gloriosamente unificada, permitindo que o Espírito Santo edifique a casa.

**Palavras-chaveS:** Bíblia. Fé. Justificação. Regeneração. Crescimento de Igreja. Igreja Saudável.

### ABSTRACT

There is a group of people within the churches that although they are active in their religious functions they belong to a group called the excluded of the peace of Christ. This group could destabilise the healthy growth of a church. How to deal with this situation? A dialogue with the author José Neivaldo de Souza is proposed through his article entitled *From naive faith to genuine faith*. This research uses systematic theology, specifically justification and regeneration doctrines, to understand naive faith and genuine faith. The

<sup>1</sup> O autor é mestre em teologia pela Faculdades Batista do Paraná. E-mail: [marcelovifo@gmail.com](mailto:marcelovifo@gmail.com).

strategy proposed to solve the problem is the establishment or reestablishment of the communication with the sick member and their full reintegration into the community. It is possible through an active love from the pastor and a gloriously unified congregation, allowing the Holy Spirit to build the house.

**Keywords:** Bible. Faith. Justification. Regeneration. Church Growth. Healthy Church

## INTRODUÇÃO

O crescimento saudável e sustentável da igreja passa pela capacidade da liderança desenvolver estratégias diferenciadas para os diversos grupos que compõem sua comunidade. Um grupo especial existente é formado de pessoas que frequentam regularmente aos cultos, porém sentem-se excluídos dentro da igreja e têm dificuldade em desfrutar a Paz que o Senhor Jesus proporciona. Como lidar com essa situação?

O autor José Neivaldo de Souza publicou o artigo *Da fé ingênua à fé genuína*, em busca de uma reflexão acerca da fé.<sup>2</sup> A problematização apresentada por José Neivaldo veio do cotidiano da igreja, que observou cristãos congregados por longo tempo, nutrindo sentimentos de culpa em relação a erros do passado. O contraste com o relato de Paulo em Romanos 5.1, “Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo”, o levou às seguintes indagações: “Ao se converter à fé cristã, a pessoa se convence de sua libertação? Se a resposta é sim, por que no aconselhamento espiritual nos deparamos com fiéis profundamente atormentados pelos fantasmas do passado?”<sup>3</sup>

Sendo assim, José Neivaldo lança a hipótese de que há uma dualidade presente na alma do convertido e que, “apesar de atuante na igreja, carece de uma espiritualidade capaz de dialogar e assegurar uma fé genuína, isto é, capaz de vencer os traumas da alma”.<sup>4</sup> Tomando como referência a parábola do bom samaritano, esse grupo necessitaria do agir de “um próximo”. Aparentemente os membros da igreja que convivem diariamente com essas pessoas no ambiente devocional, ou não se atentam ao processo de exclusão que eles estão ou percebem e não sabem o que fazer. Qual seria então a estratégia a adotar na lida pastoral?

Este artigo traz uma reflexão a respeito dos excluídos da paz de Cristo dentro das igrejas em um diálogo com o autor José Neivaldo de Souza, em seu artigo *Da fé ingênua à fé genuína*, e da importância em definir uma estratégia de como lidar com esse grupo no contexto do crescimento de uma igreja saudável (quantitativo e qualitativo). O texto original do artigo escrito por José Neivaldo foi reproduzido por citação direta para facilitar a compreensão do leitor.

### 1. A FÉ QUE OPRIME

Dentro do assunto fé, José Neivaldo de Souza apresentou um novo conceito que chamou de uma fé ingênua, constituída por um sentimento de culpa, medo e condenação. Essa fé

<sup>2</sup> SOUZA, José N. *Da fé ingênua à fé genuína*. Disponível em <http://amerindiaenlared.org/biblioteca/9182/da-fe-ingenue-a-fe-genuina>. Acesso em 19 ago. 2016.

<sup>3</sup> SOUZA, 2003, p. 1.

<sup>4</sup> SOUZA, 2003, p. 1.

tornar-se-ia um mecanismo de defesa em relação às questões que perturbam a alma. Ele explica que de acordo com a psicanálise essas manifestações conscientes e racionais tem o intuito de proteger o sujeito dos desprazeres ou perigos inconscientes. O seu parecer é que não haveria problema em se ter fé como um mecanismo de defesa, porém surgiria um problema quando essa fé se torna ineficaz no trato dos perigos que rondam a mente, não conseguindo reduzir a culpa e o medo. “Reduzida a um mecanismo de defesa, a fé constitui um ciclo de repetições cujo interesse nada mais é senão o de negar as ações perigosas do passado e que continuam provocadoras no presente”.<sup>5</sup> Souza explica:

A tratar de uma fé ingênua é bom ressaltar, entre outros mecanismos de defesa, a negação. Ela se propõe ressaltar os perigos para negá-los. A fé, reduzida a este mecanismo, torna-se insatisfatória ao tentar negar o pecado, não pela certeza da salvação, mas por medo do castigo. É ineficaz pelo fato do fiel tentar expulsar, repetidamente, através de testemunhos os pecados que ressaltam como mortos. O fato de ressaltá-los é sinal de que estão vivos e presentes. Exemplo disso é um pastor que, reiteradas vezes, fala dos seus erros, cometidos no passado, para convencer-se e convencer ao público de sua conversão; dizendo-se uma nova criatura. Esta fala sobre os desprazeres antigos traz à tona os mesmos desprazeres, porém em nível consciente, torna-se prazeroso, pois é uma forma de negar o vivido.

Uma fé ingênua leva a pessoa a se assombrar e conseqüentemente a assombrar, pois perseguida por seus demônios a pessoa enxerga demônios em tudo e em todos em detrimento de uma fé capaz de benevolência consigo, com o mundo e com o outro. Na ingenuidade do dualismo a fé se vê muitas vezes confundida e oprimida. De um lado leva a pessoa, consciente, a se firmar, porém esta afirmação de si depende da tentativa de se eliminar, repetidas vezes. Preso aos traumas, o fiel deixa de desfrutar a paz de Deus.<sup>6</sup>

A fé salvadora envolve a mente e o coração em Jesus Cristo. Com a mente se conhece e reconhece como verdadeiros os fatos ou verdades declaradas na Palavra de Deus.<sup>7</sup> Paulo, nesse sentido, afirmou que “a fé vem pelo ouvir, e o ouvir a palavra de Cristo” (Rm 10.17), e perguntou quanto à rejeição feita por Israel: “Será que não ouviram?” E responde “claro que sim” (Rm 10.18). Ouviram o quê? Ouviram que Cristo é Salvador e Senhor da vida, porém talvez as emoções (medo) não permitiram o desenvolver da vontade em se conformar à vontade de Deus em Cristo. Severa exemplifica essa situação de forma peculiar:

Para ilustrar a distinção entre crença intelectual e confiança do coração pensemos no acrobata que exhibe seu equilíbrio atravessando sobre um precipício andando em cima de uma corda esticada. Todos o veem fazendo a sua acrobacia e o aplaudem. Então ele se volta para a multidão e anuncia que agora vai fazer a travessia empurrando um carrinho de mão com uma pessoa dentro. Pergunta se acreditam que ele fará isso. Todos dizem que sim. Pergunta então quem se dispõe a entrar no carrinho. Não há ninguém. Porque isto, além da crença intelectual fundamentada nas evidências ali exibidas, requer também muita confiança, pois envolve a totalidade da vida

---

<sup>5</sup> SOUZA, 2003, p. 1.

<sup>6</sup> SOUZA, 2003, p. 1.

<sup>7</sup> SEVERA, 2014, p. 222.

pessoal. A fé salvadora é crença intelectual, mais confiança no coração; só assim haverá disposição para colocar vida aos cuidados do Salvador.<sup>8</sup>

O desafio é desenvolver ferramentas e empreender ações visando estabelecer no excluído a confiança em Cristo. O objetivo a se alcançar é: Como desfrutar esta paz na fé? A observação de Santo Agostinho foi que a negação do pecado, por temor ou castigo divino, mantinha a pessoa ré do pecado. Souza relata que “o medo e a culpa continuarão assolando a pessoa, não pela realização consciente do pecado, mas pelo desejo inconsciente de realizá-lo novamente”.<sup>9</sup> No evento da mulher adúltera, Jesus mostrou que não se vence o pecado pela negação, *mas por mostrar que através Dele se pode ver a glória de Deus* (Jo 8.3-11). Qual seria a chance do moralismo sufocante dos religiosos, produzir frutos que trouxesse libertação? De quem seria o maior pecado? Da mulher ou dos religiosos? Souza analisa a sequencia do episódio:

Jesus observa a cena: a mulher e seus acusadores. Diante de tal constrangimento, o mestre leva os acusadores a se confrontarem com suas próprias limitações: ‘quem não tem pecado atira a primeira pedra’. Ele não teve a oportunidade de dizer a cada um dos acusadores: ‘vá e não peques mais’, pois eles se retiraram imediatamente, mas à mulher, antes de dizer tais palavras, levantou, olhou-a com compaixão declarando-a livre da condenação, mas alertando-a quanto ao pecado que escraviza.<sup>10</sup>

Os acusadores da mulher, pecadores confessos, se evadiram. Não quiseram ouvir a palavra de Jesus. Não puderam ou quiseram receber o perdão e usufruir uma vida livre de suas culpas. A novidade de vida foi aconteceu apenas para a mulher adúltera. A união com Cristo está ligada à confissão do pecado e arrependimento. O arrependimento pode ser definido como sendo o ato de afastar-se do pecado, da desobediência e da rebeldia, voltando-se para Deus (cf. Mt 9.13; Lc 5.32); uma mudança de mentalidade (Gn 6.6-7); ou ainda um sentimento de remorso ou de pesar por um comportamento passado (Mt 27.3).<sup>11</sup> Mas, arrependimento de quê? A resposta cabível é: arrependido de uma vida sem Deus. O apóstolo João registrou qual é o pecado do qual o Espírito Santo convenceria o homem: o pecado é não crer em Jesus (Jo 16.9). Nenhum arrependimento parcial, de situações pontuais resultará na Paz que se tem em Cristo Jesus!

## 2. A FÉ QUE LIBERTA

A fé é basilar no plano de redenção. A salvação vem por meio da fé (At 16.31; 26.18; Ef 2.8; Rm 5.1), e por meio dela o pecador “vive e desenvolve sua vida com Deus (Rm 1.17; Gl 5.6; Rm 11.20; 1Pe 1.5; 1Jo 5.4)”.<sup>12</sup> Existe então um claro contraste entre o efeito libertador da fé em Jesus Cristo e a fé ingênua. Zacarias de Aguiar Severa desenvolve o conceito de fé

<sup>8</sup> SEVERA, 2014, p. 223.

<sup>9</sup> SOUZA, 2003, p. 2.

<sup>10</sup> SOUZA, 2003, p. 2.

<sup>11</sup> YOUNGBLOOD, Ronald F.; Bruce, F. F.; HARRISON, R. K. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 136.

<sup>12</sup> SEVERA, Zacarias de A. **Manual de teologia sistemática**. Revisado e ampliado. Curitiba: ADSantos, 2014, p. 222.

salvadora como “o assentimento da mente e o consentimento da vontade”, e menciona três elementos dessa fé trazidos pelos reformadores: o primeiro é o conhecimento dos fatos básicos do evangelho; o segundo é a aceitação da verdade desses fatos, e o terceiro diz respeito à confiança na pessoa de Jesus Cristo, conforme apresentada no evangelho.<sup>13</sup> Souza aborda a questão da seguinte forma:

A fé em Cristo deve levar não só à convicção do perdão divino, mas à certeza da justificação. Justificação é o ato de fazer justiça ou declarar o réu inocente, apesar das suas contravenções. É um ato de defesa do próprio Deus em Cristo (Jo. 5.24; Rm. 8,1; 2Co. 5.5, 10-11; Ef. 2.1-0). Justificação pela fé não quer anulação do pecado, pois este sempre existirá (1Jo 5.19), mas sim perdão dos pecados. Ao se sentir perdoado, o fiel se transforma e transforma a vida das coisas e de todos; muda sua forma de lidar com o pecado. Cabe aqui uma analogia: Se uma dívida é perdoada, isso não quer dizer que ao devedor resta contrair mais dívidas ou se martirizar como se ainda estivesse sob o seu julgo; ao devedor cabe a gratidão pelo perdão e não precisa se sentir culpado por não quitar sua conta. Na perspectiva teológica diz-se: ‘onde abundou o pecado, superabundou a graça’ (Rm 5,20). Pensando na superabundância da Graça São Tomás de Aquino vê o pecado, não como um sentimento a ser negado, mas algo com o qual se pode aprender. Da mesma forma, também muda a lida com a culpa; ela não será ressaltada para ser negada, mas para que nela se revele o perdão e a justiça de Deus: ‘Ó feliz culpa que mereceu tal e tão grande Redentor’ (Cf. Catecismo da Igreja Católica, 412).<sup>14</sup>

A separação do homem com Deus está na própria essência do pecado. Wayne Grudem define justificação como “um ato instantâneo e legal da parte de Deus pelo qual considera os nossos pecados perdoados e a justiça de Cristo como pertencente a nós, e declara-nos justos à vista dele”.<sup>15</sup>

Robert Culver lembra que a doutrina da justificação foi à característica mais crucial da revolta protestante e que a sementeira dessa doutrina está em Gênesis 15.6: “E Abraão creu no Senhor; e o Senhor atribui-lhe isso como justiça”.<sup>16</sup> Souza argumenta que não é por mérito humano que se obtém o perdão:

O perdão e a justiça divinos não se sujeitam à meritocracia humana, pois se assim o fosse o credor seria devedor do devedor. Não há nada no devedor que mereça perdão. Este ato é puramente gratuito, assim como o é a justificação. Jesus Cristo é a moeda com a qual Deus quita as dívidas contraídas pelo pecado da humanidade. Santo Agostinho, no debate com os pelagianos, observara que não é pela vontade e nem por boas obras que os crentes são perdoados e justificados, mas por pura graça, como lembra a História da salvação: criado à imagem e semelhança do Criador (Gn 1.26-27), o ser humano teve sua imagem ofuscada, não negada, pelo pecado, mas Deus, o justo juiz, em Cristo, lhe devolve a verdadeira imagem (Cl 1.15). Os reformadores Martinho Lutero e João Calvino, à luz da doutrina paulina e

<sup>13</sup> SEVERA, 2014, p. 222.

<sup>14</sup> SOUZA, 2003, p. 2.

<sup>15</sup> GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 604.

<sup>16</sup> CULVER, Robert D. **Teologia sistemática: bíblica e histórica**. São Paulo: Shedd, 2012, p. 971.

agostiniana, observaram que não há méritos nenhum para que o pecador seja perdoado. A justificação, através da fé, é um ato gratuito de Deus por meio de Jesus Cristo. Este tipo de fé leva o fiel à humildade, sem medo da punição divina ele é instigado a perdoar o próximo não porque há nele manifestações demoníacas, mas porque ali está o templo do templo do Espírito Santo.<sup>17</sup>

A justificação que vem pela fé em Cristo é um decreto de Deus que sentencia o pecador ao perdão, *livre da culpa do pecado*, livre da condenação eterna e, aceito como justo perante ele.<sup>18</sup> “Ainda que se volte a pecar, mesmo assim, a certeza da justificação é terapêutica, pois não se volta a pecar pelo pecado em si, mas pela própria limitação humana”.<sup>19</sup> O fiel tem no Espírito de Cristo a força necessária para vencer as tentações. O apóstolo João ensina não se deve enganar a si mesmo, afirmando que não tem pecado, ao contrário, ele afirma que o fiel ao confessar seu pecado, recebe de Jesus Cristo perdão e purificação de toda injustiça (Jo 1.8,9).

Nele o fiel se fortalece face às tentações. Em sua oração sacerdotal Jesus não pede ao Pai que tire os seus seguidores do mundo, mas que os fortaleça na batalha contra as tentações (Jo 17.1). Sob a pressão do pecado, a vida neste mundo está sujeita a erros e a própria humanidade tem suas limitações e dificuldades. Ninguém escapa ao pecado, ele está à espreita e todos estão sujeitos a cair novamente, porém o que importa é a certeza do perdão e da justificação. A Confissão de Westminster, no Capítulo 11, está escrito: ‘Deus continua a perdoar os pecados dos que são justificados’.<sup>20</sup>

Millard Erickson escreveu que a justificação trata do problema decorrente da queda: a corrupção básica da natureza humana. Pela justificação, a culpa ou passibilidade de punição é anulada. É importante lembrar que o aspecto da maldição do pecado “é anulado pela regeneração, que reverte a direção e as tendências gerais da natureza humana”.<sup>21</sup>

Porém, é na doutrina da regeneração que se tem a consciência do quanto a natureza humana precisa de transformação. O ser humano está espiritualmente morto, e incrédulo é incapaz de “fazer qualquer coisa que possa alterar sua condição de cegueira e sua tendência natural para o pecado, [...] fica evidente que é necessária alguma mudança radical [...] em lugar de uma simples modificação ou ajuste na pessoa.”<sup>22</sup>

A “regeneração difere da conversão (do arrependimento e da fé) no sentido de que ela é uma obra direta de Deus na vida do crente. Deus ordena ao homem que se arrependa, que creia e que se converta. Mas não há exortação para que o homem se regenere; isto é obra divina”.<sup>23</sup> A regeneração é uma obra de Deus e “o instrumento que o Espírito de Deus usa na

---

<sup>17</sup> SOUZA, 2003, p. 2, 3.

<sup>18</sup> SEVERA, 2014, p. 228.

<sup>19</sup> SOUZA, 2003, p. 3.

<sup>20</sup> SOUZA, 2003, p. 3.

<sup>21</sup> ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 408.

<sup>22</sup> ERICKSON, 2007, p. 398, 399.

<sup>23</sup> SEVERA, 2014, p. 225.

regeneração é a palavra do evangelho (Rm 1.16; 1Co 1.21; 1Ts 2.13). Pedro afirma que “fostes regenerados [...] pela palavra de Deus (1Pe 1.23)”.<sup>24</sup>

O cuidado com os excluídos da Paz de Cristo vem pelo ensino da palavra de Deus pela pregação e pelo testemunho. É o cuidar da boa semente, sem negociação da verdade, e ao seu tempo acontece a inclusão pelo mover do Espírito Santo na Igreja. Mas e o papel do pastor ou do cuidador nessa situação? Será que não pregou e não tem bom testemunho?

### 3. A FÉ QUE RENOVA A VIDA

Os ensinamentos de Jesus a respeito do Reino de Deus apresentam a o arrependimento e a fé como sendo o mesmo lado de uma moeda: “pelo arrependimento a pessoa se afasta do pecado; pela fé, a pessoa se volta para Deus ao aceitar Jesus Cristo como Senhor. É necessária essa dupla mudança para entrar no reino de Deus (Mt 18.3)”.<sup>25</sup> O Espírito Santo tem o papel preponderante no processo de inclusão, instruindo sobre o certo e o errado, fortalecendo a fé do crente, não como um acusador, mas trazendo o exemplo de Cristo. “Nele os olhos foram abertos, as escamas caíram e o discernimento sobre o justo e injusto torna-se mais claro; Nele uma nova vida, agradável ao Senhor, se faz presente”.<sup>26</sup> O Espírito Santo leva ao arrependimento de não crer em Jesus (Jo 16.9), que representa a vontade e a alegria de Deus (Lc 15.7-10). Warren Wiersbe comenta que ninguém deve duvidar “que Deus deseja que os pecadores sejam salvos, ‘não querendo que nenhum pereça’ (2Pe 3.9).”<sup>27</sup> Em Gálatas 2.20, Paulo registra que foi crucificado com Cristo, e que em sua nova vida no corpo, vive-a pela sua fé no filho de Deus. O seu corpo estava sujeito ao mundo, porém a fé dava-lhe a certeza de pertencer ao corpo de Cristo. Em Jesus Cristo, Deus se tornou humano e revelou sua misericórdia e justiça, venceu as tentações, em prol dos que passam por provações (Hb 2.17-18). Cristo na cruz, pagou as dívidas com a moeda do amor e ensinou a compartilhar uma nova vida (Ef 4, 5).

A velha natureza continua a existir no ser humano justificado, porém no coração dos fiéis a vida passa a ter sentido. Não mais se é corroído ou derrotado pela culpa estabelecida pelo pecado; é a nova criatura que Paulo relata em 2 Coríntios: “as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (5.17,18). Segundo Souza, deve-se viver uma nova vida olhando para frente, desapegando do passado, adquirindo novas atitudes de glorificação ao Senhor da vida para que sua glória resplandeça sobre as trevas deste mundo. Nas muitas vezes que as trevas tentam prevalecer sobre a luz, que o cristianismo não seja sinal de vergonha ou mau testemunho. Deus perdoou e continua a perdoar, apesar das tentações do pecado. Com Jesus no comando, se tem a certeza da misericórdia divina.<sup>28</sup> Deus, após a regeneração e justificação, expressa o Seu grande amor fazendo filho em adoção, o pecador justificado por

<sup>24</sup> SEVERA, 2014, p. 225.

<sup>25</sup> YOUNGBLOOD, p. 137.

<sup>26</sup> SOUZA, 2003, p. 3.

<sup>27</sup> WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento vol. II. Santo André: Geográfica, 2006, p. 600.

<sup>28</sup> SOUZA, 2003, p. 3.

meio de Jesus Cristo (Ef 1.5). A expressão do apóstolo Paulo *Cristo vive em mim* (Gl 2.20), estabelece a perfeição da vida cristã. A vida não se transforma numa mera existência dominada por uma nova motivação psicológica de viver para Deus, pois a fé em Cristo não substitui uma nova meta de ação, ao contrário, ela reestrutura o ser humano, proporcionando uma nova razão para o seu próprio ser. “O resultado é uma simbiose do cristão com Cristo, o *Kyrios glorificado*”.<sup>29</sup> Souza chegou a seguinte conclusão:

A certeza do perdão de Deus vence qualquer obstáculo, sem eliminá-lo. Pela fé, genuína e não ingênua, se sabe que o acesso aos dons divinos foi ofertado de forma graciosa e não meritória, como atesta o teólogo Emil Brunner: ‘A cruz de Cristo ocorreu para apresentar a sua justiça, como confirmação, e ao mesmo tempo como transcendência do justo julgamento [...] Ele mesmo, Deus que vem a nós, paga o débito, que não poderíamos pagar, de modo que a dupla verdade irradia: quão grande Deus é em julgamento, e quão maravilhoso em Misericórdia’.

Ele pagou a dívida e não há nada contra aqueles que Ele escolheu; ninguém os pode condenar. A paz de Deus deve tomar conta do coração humano, pois Ele, como bem escreveu o profeta Jeremias, sabe qual é o melhor plano para a vida (Jr 29.11). O amor de Deus é tão imenso que ele perdoou e continua a se oferecer em todo tempo. Na cruz ele resgatou o pecador e por isso se pode dizer que ‘Em’ Cristo se é perdoado, ‘Por’ Cristo se é fortalecido e ‘Com’ Cristo se vive uma nova vida. Eis o mistério da fé.<sup>30</sup>

O mistério da fé revelado na cruz, com o resgate do pecador, Nele perdoado e vivendo uma nova vida, requer do justificado uma vida cheia do Espírito Santo. São três os elementos básicos e necessários para essa vida: o desejo e busca da plenitude; a sujeição ao Espírito Santo e a fé.<sup>31</sup> “Pela fé sabemos que Deus é confiável e perfeitamente bom; portanto, sabemos e confiamos que ele vai cumprir todas as suas promessas, e que a sua vontade é ‘boa e agradável e perfeita’ (Rm 12.2)”.<sup>32</sup> Surge a chave para solução do problema dos excluídos, mas qual é o papel do líder cristão?

#### 4. EM BUSCA DE UMA ESTRATÉGIA

A reflexão que Souza desenvolveu em seu artigo procurou entender a fé. Ele conceituou como fé ingênua, a fé que confessa Jesus como único salvador, porém seus detentores negam a fé com a sua prática, perseguidos e escravizados pelos erros do passado e desenvolvendo uma grande dificuldade em lidar consigo mesmos e com os outros. Souza considera a doutrina da justificação necessária para a libertação da culpa do pecado e início de uma nova vida em Cristo, porém, tem de existir humildade, pois “uma postura perfeccionista acaba por ofuscar os sinais da misericórdia e, neste sentido, o fiel ao invés de se libertar dos fantasmas, os sustenta.”<sup>33</sup>

<sup>29</sup> BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E.. **Novo comentário bíblico São Jeronimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. Snato André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011, p. 193.

<sup>30</sup> SOUZA, 2003, p. 3.

<sup>31</sup> SEVERA, 2014, p. 257, 258.

<sup>32</sup> SEVERA, 2014, p. 258.

<sup>33</sup> SOUZA, 2003, p. 3.

O apóstolo Paulo parece ter vivido situação semelhante, de ter um grupo que se impunha uma exclusão, de acordo com seu relato registrado em Hb 6.1-6. O arrependimento e a fé referem-se a Deus e marcam o início da vida espiritual. “Arrepende-se, significa mudar de ideia. Não é apenas um sentimento desagradável com respeito ao pecado, pois isso seria remorso”.<sup>34</sup> Parece que Paulo deixa claro que lançados os alicerces e aprendido os princípios básicos, é necessário avançar e deixar que Deus leve à maturidade.<sup>35</sup> Alguns membros da igreja parecem não amadurecer como a maioria devido a sua incapacidade de colocar em prática o conhecimento intelectual que adquiriu da palavra de Deus. Não distinguem entre o bem do mal.

Hernandes Dias Lopes, em sua pregação denominada *Relacionamento que promovem o crescimento da igreja*, citou a passagem registrada em Lucas 6.6-11, em que Jesus cura a mão mirrada de um homem em um dia de sábado dentro da sinagoga. A sequência de comandos que Jesus deu ao homem da mão mirrada dá o tom: 1. Fica de pé; 2. Vem para o meio; 3. Estenda a sua mão. Disse Lopes: “Muitas vezes, as pessoas com seus complexos, seus traumas se escondem no meio da igreja”, e que o papel dos líderes é identificar e tratar a cada uma dessas pessoas, com um tratamento personalizado, sendo sensível a cada um, produzindo, a exemplo de Jesus, uma estratégia única para atendimento dessas situações. Quando Jesus atendeu Nicodemos, Ele tratou teologicamente a questão, porém, quando teve o encontro com a mulher proscrita, que tinha de ir ao poço ao meio-dia, usou de outra abordagem e lhe pediu um favor.<sup>36</sup> A exemplo do Senhor Jesus, a estratégia a ser aplicada tem de ser individual. Primeiro passo, a identificação do problema; segundo passo: a escolha das palavras para estabelecer a comunicação; terceiro passo, a introdução do membro nas atividades da igreja a partir de sua nova visão. Isso só é possível com muito amor pelas ovelhas do Senhor.

David Hansen ensina que um amor ativo por parte do ministro, com uma congregação gloriosamente unificada, permite que o Espírito Santo edifique a casa, e que “é desse amor ativo, criativo de Deus que o pastor precisa ser cheio todos os dias, em todas as suas atividades, pois o amor é o poder de Deus, é a direção de Deus e o alvo de Deus. O amor é a obra de Deus, fazendo a igreja. Ministério sem amor é vaidade”.<sup>37</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento sustentável de uma igreja é um milagre de Deus, conduzido pelo Espírito Santo, que convence o ser humano da sua situação de pecador e do amor de Deus pela sua vida em Cristo Jesus. Os pastores e líderes das congregações estabelecem suas estratégias de evangelização, ensinando a Palavra de Deus e apresentando seus corpos como sacrifício agradável a Deus, ou seja, vivendo o que pregam. Com esse cenário a igreja cresce e floresce.

<sup>34</sup> WIERSBE, 2006, p. 382.

<sup>35</sup> WIERSBE, 2006, p. 383.

<sup>36</sup> LOPES, Hernandes D. **Relacionamento que promovem o crescimento da igreja**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g7npiomq2BY>. Acesso em 29 out. 2015.

<sup>37</sup> HANSEN, David. **A arte de pastorear**. São Paulo: Shedd, 2001, p. 48.

Apesar disso, um pequeno grupo existente no meio da igreja precisa de uma atenção e estratégia especial, pois não são sensíveis às ações e mensagens cotidianas da comunidade. Tem que ser tratados, para que doentes, não influenciem outras pessoas. Não adianta deixar de lado. A fé ingênua que não liberta as pessoas precisa ser estimulada. A solução talvez passe pelo esforço do pastor em desenvolver uma estratégia de comunicação para cada uma das pessoas desse grupo. O novo conhecimento para ser adquirido passa pelo ponto de contato do conhecimento anterior que a pessoa tem, para que o pastor possa conduzir a um novo conhecimento.

Estabelecida à comunicação, chega a hora de reinserir a pessoa no meio da comunidade ativa e desfrutar do seu testemunho, contribuindo para um crescimento sustentável da igreja. O apóstolo João escreveu que “nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (1Jo 3.14a). Uma igreja saudável tem o seu crescimento qualitativo quando se ama a todos os irmãos. Esse é o sinal que o Espírito Santo dirige a igreja.

## REFERÊNCIAS

**BÍBLIA Sagrada:** Almeida século 21. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo comentário bíblico São Jeronimo:** Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

CULVER, Robert D. **Teologia sistemática:** bíblica e histórica. São Paulo: Shedd, 2012.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2007.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 1999.

HANSEN, David. **A arte de pastorear.** São Paulo: Shedd, 2001.

LOPES, Hernandes D. **Relacionamento que promovem o crescimento da igreja.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g7npiomq2BY>. Acesso em 29 out. 2015.

SEVERA, Zacarias de A. **Manual de teologia sistemática.** Revisado e ampliado. Curitiba: ADSantos, 2014.

SOUZA, José N. **Da fé ingênua à fé genuína.** Disponível em <http://amerindiaenlared.org/biblioteca/9182/da-fe-ingenua-a-fe-genuina>. Acesso em 19 ago. 2016.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo:** Novo Testamento vol. II. Santo André (SP), 2006.

YOUNGBLOOD, Ronald F.; Bruce, F. F.; HARRISON, R. K. **Dicionário Ilustrado da Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 2004.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## CAMINHOS DE INTERPRETAÇÕES DA GRAÇA: EM PAULO E SEUS INTÉRPRETES AGOSTINHO E LUTERO

Pathways of interpretations of grace: in Paul and his interpreters Augustine and  
Luther

Ma. Vera R. B. Schmegel da Costa<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo, através do método de pesquisa bibliográfico, explora caminhos de interpretações da graça percorridos por nomes de inquestionável relevância em seu tempo e posteridade. As paradas ocorreram em três estações distintas. Inicialmente foram apresentados os principais usos e sentidos de graça pelo apóstolo Paulo, o considerado “apóstolo da graça”. Dado esse passo, prosseguiu-se para Agostinho, o “doutor graça”, que também dedicou significativo espaço à temática e, sequencialmente, para Lutero, que lutou para devolver a graça ao seu espaço.

**Palavras-chaves:** Graça. Paulo. Agostinho. Lutero.

### ABSTRACT

The article, through the bibliographical research method, aims to explore the ways of interpreting grace, driven by names of unquestionable importance in their time and posterity. The study focused on three separate terms. Initially, the main uses and meanings of grace by the Apostle Paul, who is considered the "Apostle of Grace". After this on Augustine, who is considered the "Doctor of Grace". And finally on Luther, who struggled to return grace to its own place.

**Keywords:** Grace. Paul. Augustine. Luther.

<sup>1</sup> A autora é bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e mestra em Teologia Profissional pelas Faculdades Batista do Paraná. E-mail: [veraschmegel@gmail.com](mailto:veraschmegel@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Não se tem aqui a pretensão de aprofundar os aspectos da graça, como graça preveniente, eficaz, irresistível, suficiente e meios de graça, nem tampouco se intenciona tratar o tema, tão amplo e profundo, de forma exaustiva, se não que afirmar o espaço do mesmo nos escritos do apóstolo Paulo e sua apreciação em Agostinho e Lutero, que se posicionaram, cada um a seu tempo, como intérpretes e expositores da Graça, em seu sentido mais bíblico e menos institucional.

### 1. GRAÇA EM PAULO

Em Paulo, *charis* é introduzido para o campo da teologia. O termo ocorre 155 vezes no NT, sendo largamente usado por Paulo (100 vezes). Nos escritos de Paulo, *charis* é a essência da salvação de Deus em Jesus Cristo, bem como de todas as suas consequências no presente e no futuro (Rm 3.24ss). Desta forma, a graça se faz presente nas saudações das epístolas de Paulo, não apenas como uma “expressão de um desejo de bem-estar espiritual”.<sup>2</sup> Muito além da expressão cortês que designa um desejo acerca da salvação, é qualificada como sendo a graça do Senhor Jesus Cristo (2Co 13.13).<sup>3</sup> O apóstolo está convicto de que a salvação se dá pela graça de Deus (Rm 3.24; 5.15; cf. Ef 2.5,7; Tt 2.11), sendo razão de louvor (Ef 1.6) e um dom comunicável (1Co 1.4; 3.10; 15.10; 2Tm 1.9).<sup>4</sup>

O apóstolo Paulo acentua a realidade e poder da graça confrontando as ideias rabínicas acerca da justificação através das obras e do sinergismo, apresentando duas linhas antitéticas e excludentes: graça e lei (cada qual com suas palavras correlatas). A realidade da graça em Cristo implica a impossibilidade de apropriação da graça como que um direito conquistado, nem tampouco pode ser deixada a sua livre disposição. A graça encontra centralidade na argumentação de Paulo e, frequentemente, encontra definição em contrastes.<sup>5</sup> O ser humano é redimido pela fé somente (Rm 3.24,28), não auxiliado por obras.

A essência da doutrina da graça é que Deus é por nós, embora nós mesmos sejamos contra ele. Mais ainda, ele não é por nós meramente como uma atitude geral, mas tem agido eficazmente em nosso favor. A graça é sumariada no nome de Jesus Cristo... Jesus Cristo é Deus por nós... Tudo isso é verdade porque Cristo veio, morreu e ressuscitou e “a graça veio por meio de Cristo Jesus” (Jo 1.17). A encarnação do Filho de Deus, o seu sofrimento obediente, a sua morte como sacrifício e a sua ressurreição triunfal, não nos mostram apenas que Deus é gracioso, mas o próprio ato gracioso de Deus, porquanto ele se volta para nós e efetua esse relacionamento... outrossim, é da essência da graça que ela é livre... E visto que a graça é a decisão livre de Deus a nosso respeito, em Cristo, que procede da sua graciosidade, segue-se

<sup>2</sup> BENTLEY, John. Graça. In: CHAMPLIN, Russell N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 953-960.

<sup>3</sup> ESSER, Hans H. Graça. In: BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 911.

<sup>4</sup> GUTHRIE, Martin E. R. P. Os atributos de Deus. In: REID, Daniel G. (edit.). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 390.

<sup>5</sup> ESSER, In: BROWN, 2000, p. 911-912.

que não temos a habilidade de conquistar sua graça e favor. É por essa razão que a graça se opõe às obras da lei, tacitamente por todo o NT, e de modo expreso, em passagens como Rm 3.19 e ss; Jo 1.16; Gl 2.11-21 e Ef 2.8.<sup>6</sup>

A mentalidade de salvação alicerçada em obras não cabe diante da realidade da graça e verdade em Jesus (Jo 1.14; 2Co 1.12; Gl 1.6; 2Tm 2.1; Tt 2.11; Hb 12.15). Esse contraste evidencia a graça como benefício, um dom da parte de Deus, mesmo que não merecido.

Partindo do pressuposto básico do perdão e absolvição jurídica (Rm 8.31-32) provenientes da graça, Paulo enxerga toda a dinâmica da vida cristã residente na graça (2Co 6.1-9; Rm 5.2), ancorada no propósito de Deus (Rm 8.28), agindo na fragilidade humana (2Co 12.9); sendo ela a razão de ser do novo indivíduo (1 Co 15.10).<sup>7</sup> *Charis* indica a inteireza da fé cristã, fé essa que “contém e dispensa a graça de Deus”.<sup>8</sup> Esse favor de Deus manifestado à humanidade, e de maneira especial aos seus filhos, é marca distintiva das epístolas de Paulo das demais cartas correntes na época. A graça é tida como “fonte propulsora da fé e da vida cristã”.<sup>9</sup>

Notório em Paulo é que a graça aparece por vezes quase que de forma palpável, como na referência à generosidade dos macedônios em sua contribuição, sinal da graça de Deus (2Co 8.1; 2Co 8.7, “graça” essa que deveria inspirar os coríntios). O apóstolo enxerga seu chamado como obra dessa graça (Gl 1.15) A graça concede a Paulo a certeza da atuação de Deus em seu apostolado (1Co 15.10,11), sendo difícil diferenciá-la do “poder” do qual é dependente em meio às fraquezas (2Co 12.9-10; 13.4).<sup>10</sup>

## 2. INTERPRETAÇÕES DE GRAÇA EM AGOSTINHO

Neste ponto analisar-se-ão as principais características da interpretação em Agostinho e sua interpretação de graça e sua influência naqueles que o seguiram.

### 2.1 Características da interpretação em Agostinho

Os pais latinos, dos quais se destaca Agostinho de Hipona, procuraram manter-se, embora nem sempre com êxito, numa linha de interpretação literal, atentando para o sentido natural do texto. Consideravam o contexto histórico e cultural da passagem, ao contrário dos intérpretes alegoristas e, embora cientes das muitas possibilidades de sentidos atribuídos a um texto, buscavam identificar o que melhor refletisse a intenção do autor<sup>11</sup>, sendo esse ideal *sine qua non* para uma interpretação leal.

Em *Confissões*, diante da possibilidade de múltiplas interpretações, Agostinho externa esse anseio (livro XII, cap. 32):

<sup>6</sup> BENTLEY, In: CHAMPLIN, 2008, p. 955.

<sup>7</sup> ESSER, In: BROWN, 2000, p. 913.

<sup>8</sup> BENTLEY, In: CHAMPLIN, 2008, p. 953-960.

<sup>9</sup> LINDEN, G. L. Graça. In: BORTOLLETO Filho, F. (edit.). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008, p. 462.

<sup>10</sup> GUTHRIE, In: REID, 2012, p. 390.

<sup>11</sup> LOPES, Augustus Nicodemos. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 141-143.

Mas, Senhor, mostrai-nos essa interpretação ou aquela outra que seja verdadeira e mais Vos agrade, para que, patenteando-nos o mesmo sentido revelado ao Vosso servo ou outro em conformidade com a ocasião que essas palavras foram pronunciadas, nos alimenteis para não deixarmos iludir com o erro. Vede, Senhor, Deus meu, sim, vede, eu Vo-lo peço, quantas e quantas coisas escrevi sobre tão poucos versículos! [...] Por isso permiti-me que seja mais breve ao Vos enaltecer neles e que, entre as muitas interpretações que me ocorrem, e acerca dos quais muitas outras poderão ocorrer-me, eu escolha uma única, que seja verdadeira, boa e inspirada por Vós.<sup>12</sup>

Acresce-se que para a interpretação de passagens mais difíceis, recorriam àquelas mais claras. A postura dos pais latinos encontrava-se na contramão da tendência herdada da alegorização, embora, por vezes, também tenham nela incorrido, movidos, sobretudo pela intenção de mostrar Cristo no Antigo Testamento. Existia a convicção de que o Novo Testamento está oculto no Antigo e o Antigo Testamento é iluminado pelo Novo, razão pela qual, por vezes, espiritualizavam o Antigo Testamento pela via da alegoria.<sup>13</sup>

Agostinho é proeminente voz da *Patrística* e de relevância inquestionável, em sua época e na posteridade. William Cunningham atesta acerca dessa monumental contribuição para a sistematização das doutrinas da graça:

Foi na primeira parte do quinto século que as doutrinas da graça foram, pela primeira vez, submetidas a uma exaustiva investigação, o erro ensinado mais aberta e explicitamente, e a verdade mais satisfatoriamente defendida e ilustrada, desenvolvida e sistematizada, do que jamais fora feito até então.<sup>14</sup>

Agostinho tem recebido honra peculiar não sem mérito. Cunningham conclui que parte significativa da piedade do período de Agostinho até a Reforma, cerca de mil anos, “foi instrumentalmente conectada, mais ou menos diretamente, som sua influência e escritos”.<sup>15</sup> Embora Agostinho bebesse de outras fontes, é em Paulo que encontra luz. Boettner afirma que ele “veio a ser o primeiro genuíno intérprete de Paulo, e foi bem sucedido em garantir a aceitação de sua doutrina pela igreja”.<sup>16</sup>

## 2.2 O tema Graça em Agostinho

Em Agostinho (354 – 430), o tema graça ocorre amplamente. Em sua obra *Ad Simplicianum* (Para Simpliciano), concluída em 396, Agostinho já disseminava entre seus conterrâneos sua visão pessimista acerca do ser humano como sendo uma “massa de pecado”, totalmente dependente de Deus para a salvação. Nesse contexto, entre 384 e 409, surge Pelágio, britânico, monge (mesmo que sem vínculo com uma ordem) e professor em

<sup>12</sup> AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 327.

<sup>13</sup> LOPES, 2013, p. 145-146.

<sup>14</sup> CUNNINGHAM, William. In: LAWSON, Steven. **Pilares da graça: 100-1564 D.C.** Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Fiel, 2013, p. 273.

<sup>15</sup> CUNNINGHAM, In: LAWSON, 2013, p. 274.

<sup>16</sup> BOETTNER, Loraine. In: LAWSON, 2013, p. 275.

Roma, opondo-se radicalmente a Agostinho em sua concepção acerca da natureza humana. Sua doutrina fundamentava-se na ideia do livre arbítrio e da responsabilidade incondicional.<sup>17</sup>

Em Pelágio e seus adeptos, o bem é enfatizado como sendo inerente à criação, estando presente no ser humano feito à imagem e semelhança de Deus e dotado de liberdade, espaço de opção entre o bem e o mal, exercendo a graça apenas papel auxiliar para que o bem seja feito. Não havia o reconhecimento da ação direta do Espírito Santo na vontade, sendo a ação da graça de Deus, primordialmente externa e natural.<sup>18</sup>

Nessa linha, a graça é reduzida à liberdade e a salvação a méritos próprios<sup>19</sup> e em razão da disseminação e absorção dessa concepção, Agostinho empreende esforços insistentes em exposições sobre *liberdade e graça*. Sua obra, *De Spiritu et Littera* (O espírito e a letra), de 412, é tida como chave para a compreensão dessa teologia, onde a graça é indispensável e a sua gratuidade é salutar para a santificação e salvação: “[...] com o penhor da graça recebido gratuitamente, anseie aderir ao Criador e anele vivamente aproximar-se da participação daquela luz verdadeira [...]”.<sup>20</sup> Caracteristicamente, estabelece-se em Agostinho uma relação tríplice: liberdade, vontade e graça, e acerca dessa, Étienne Gilson afirma que “[...] sem a graça, o livre-arbítrio não quererá o bem, ou, se o quisesse, não poderia consumá-lo. Portanto, a graça não tem por efeito suprimir a vontade, mas, tendo esta se tornado má, fazê-la boa”.<sup>21</sup>

Imbuído no propósito de apologia da fé ou de construção da própria identidade intelectual e teológica da fé cristã, Agostinho estruturou a *doutrina da graça*, que se desenvolveu e se consolidou em meio a controvérsias, principalmente as pelagianas, que contestavam a doutrina da gratuidade da graça, da predestinação e da perseverança dos santos.

Os debates constituíram-se oportunidades para a propagação das conclusões de Agostinho, sendo a graça apresentada como “medicina” para os descendentes de Adão e como auxílio para a prática do bem e, por conseguinte, para a salvação. Suas concepções foram assimiladas como fundamentais nos discursos do clero e por extensão, repercutindo em todo o cristianismo subsequente,<sup>22</sup> rendendo-lhe o cognome de “Doutor da Graça”. Assim, Agostinho combatia veementemente a ideia de que a “[...] graça de Deus lhe é outorgada em vista dos merecimentos de suas obras ou de suas orações ou de sua fé... que Deus nos dá sua graça conforme nossos merecimentos”.<sup>23</sup> Toda e qualquer espécie de aquisição da graça constitui-se uma contradição necessária para a salvação. Obter graça pela via das boas obras

<sup>17</sup> KELLY, J. N. D. **Patrística**: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 270.

<sup>18</sup> BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Campinas: Luz para o Caminho, 1990, p. 424.

<sup>19</sup> MANZANARES, César Vidal. **Dicionário de Patrística**. Aparecida: Santuário, 1995, p. 177.

<sup>20</sup> BETTENSON, Henry. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 1967, p. 89-90.

<sup>21</sup> GILSON, Étienne. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 155.

<sup>22</sup> STUDER, Basílio. Graça. In: DI BERNARDINO, Angelo (org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 638-642.

<sup>23</sup> Carta 194, 4. Santo Agostinho, em 426-27, envia duas cartas (cartas 194 e 195) aos monges de Adrumeto, buscando esclarecer mal-entendidos acerca de sua doutrina da graça. Estas cartas estão inclusas na obra em português: AGOSTINHO, Santo. **A correção e a graça**. São Paulo: Paulus, 1999. (Patrística, 13)

deve ser considerado como uma inversão, já que estas devem decorrer da graça, que “não seria gratuita, ou seja, não seria graça, se fosse possível merecê-la”.<sup>24</sup>

Agostinho defendia o caráter inteiramente gratuito e irresistível da graça de Deus, e pode-se dizer que saiu vitorioso nos embates subsequentes com o semipelagianismo, mas as convicções acerca dessa graça foram fazendo concessões para uma graça sacramental. Na Idade Média, o tema da graça sempre encontrou espaço entre os escolásticos, não desprovido de controvérsias. Dividiam-se entre linhas agostinianas e semipelagianas. A graça como favor dispensado aos pecadores foi perdendo espaço para a graça como uma qualidade da alma, produzida pelo Espírito Santo no coração do ser humano. Essa graça é tida como necessária para o crescimento nas virtudes e para a capacitação, a fim de que o ser humano se torne apto, através de seus méritos, a receber a graça maior.<sup>25</sup>

Tomás de Aquino e outros escolásticos defendiam essa ideia de salvação cooperativa, em que a graça alia-se às obras, ritos e outras provisões da igreja, anexando à soteriologia o mérito humano, significando então que a graça por si só não era suficiente como meio de salvação. A ênfase repousada nos méritos nutria a mentalidade de que a graça não era poderosa para a salvação, forma de pensar que foi contestada por Lutero, “devolvendo à graça o seu trono teológico”.<sup>26</sup>

### 3. INTERPRETAÇÕES DE LUTERO

Discorrer-se-á aqui acerca principais características de interpretação da Reforma, evento de inquestionável importância, tendo como um dos seus ícones Lutero, que protestou antes contra uma forma de mentalidade discrepante da Bíblia, que desembocava em práticas também incoerentes. Alguns, no entanto, distorceram o ensino de Lutero, o que Bonhoeffer resolutamente denunciou.

#### 3.1 Características de interpretação na Reforma

O evento da Reforma caracteriza-se como um movimento hermenêutico, crucial na história da interpretação das Escrituras. “O domínio de séculos de interpretação alegórica é finalmente quebrado”.<sup>27</sup> Em um contexto bem definido de monopólio da interpretação das Escrituras por parte da igreja romana, os reformadores, dentro os quais aqui se destaca Lutero, imbuíram-se do propósito de realocar a Bíblia para o seu posto central, como intérprete de si mesma e como regra de fé e prática.

Por características de interpretação, os reformadores traziam a ênfase no sentido literal, óbvio, claro e simples das passagens, através de análise gramatical e contextual cuidadosa, o que se evidencia na crítica aos intérpretes da escolástica feita por Lutero no comentário aos Gálatas (1535), citada por Lopes:

---

<sup>24</sup> GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução de Cristiane Negreiros Abubud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006, p. 292.

<sup>25</sup> BERKHOF, 1990, p. 425.

<sup>26</sup> BENTLEY, In: CHAMPLIN, 2008, p. 956.

<sup>27</sup> LOPES, 2013, p. 159.

O que eles [os sofistas] deveriam fazer é vir ao texto vazios, derivar suas ideias da Escritura Sagrada, e então prestar atenção cuidadosa às palavras, comparar o que precede com o que vem em seguida, e se esforçar para agarrar o sentido autêntico de uma passagem em particular, em vez de ler suas próprias noções nas palavras e passagens da Escritura, que eles geralmente arrancam de seu contexto.<sup>28</sup>

Em sua interpretação, dada a natureza divina das Escrituras, enfatizava-se ainda a necessidade da iluminação do Espírito Santo, sem a qual não se podia chegar a uma interpretação correta e, dada a humanidade da Bíblia, insistiam na necessidade de estudá-la, convictos da disponibilidade e clareza do sentido geral a todo cristão genuíno. Primava-se pela interpretação da Escritura com Escritura e pela identificação da intenção do autor, valendo-se também do uso de outras obras. Em defesa à acusação de estarem inovando ensinamentos na igreja, os reformadores remetiam-se aos ensinamentos da justificação por fé em Agostinho e outros pais da igreja e “sempre citavam as obras antigas para mostrar que estavam em conformidade com as antigas doutrinas apostólicas da graça”.<sup>29</sup>

### 3.2 Interpretação de Graça em Lutero

Se a busca por compreensão de graça em Agostinho reporta a Pelágio, em Lutero esbarra-se em Erasmo de Rotterdam. Desidério Erasmo (1466-1536), após ter sido monge agostiniano por sete anos, segue para a Inglaterra e lá se dedica ao grego, chegando à publicação de um texto crítico do Novo Testamento Grego (1516). Posicionava-se declaradamente contra os métodos de interpretação das Escrituras pela Igreja Católica Romana e denunciou práticas disprezadas nos mosteiros. Humanista, acreditava ter o ser humano um papel a ser desempenhado a fim de conquistar a salvação, concepções posteriormente divulgadas que suscitaram reações por parte de Lutero.<sup>30</sup>

Martinho Lutero (1483-1546), enquanto monge, foi alcançado pela graça de Deus, experiência que resignificou sua existência. “Viu no colapso do mundo monástico a mão salvadora de Deus estendida em Cristo” como afirmaria, anos mais tarde, Dietrich Bonhoeffer. Agarrou-se à graça na certeza de que “nossos esforços nada podem nem mesmo na vida mais piedosa”.<sup>31</sup>

Clareou-lhe a verdade de que “pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de nós, é dom de Deus” (Ef 2.8) e, a partir de então, só admitia que se cresse acerca da salvação aquilo que se podia comprovar nas Escrituras. Salvadas as devidas proporções, ambos podiam se identificar no que se refere à experiência monástica, bem como nos posicionamentos, que apontavam as falhas da igreja romana, mas logo tornaram-se oponentes.<sup>32</sup> Erasmo permaneceu na igreja defendendo o livre arbítrio e Lutero imbuíu-se no confronto a essa

<sup>28</sup> LUTERO, Martinho. In: LOPES, 2013, p. 161.

<sup>29</sup> LOPES, 2013, 162-165.

<sup>30</sup> LUTERO, Martinho. **Nascido escravo**. São Paulo: Fiel, 2007, p. 12-14.

<sup>31</sup> BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Ilson Kayser. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 13.

<sup>32</sup> LUTERO, 2007, p. 12-14.

mentalidade que culminou na obra “A escravidão da vontade”, desembocando em uma estruturação da doutrina da justificação pela graça como fundamento da fé cristã.

Lutero estava convicto de que o ensino corrente sobre o livre arbítrio feria no âmago a doutrina da salvação pela graça. O ser humano é desprovido de condições de se voltar, por si só, a Cristo, pois encontra-se escravo do pecado. Essa convicção impulsionava-lhe as argumentações, valendo-se da autoridade das Escrituras, sobretudo de textos de Romanos, como, por exemplo, Romanos 3.21-24: “Mas agora a justiça de Deus se manifestou, sem a lei, atestada pela Lei e pelos Profetas; isto é, a justiça de Deus por meio da fé em Jesus Cristo para todos os que creem; pois não há distinção. Porque todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus; sendo justificados gratuitamente pela sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus”. Essas palavras disparam como que raio contra a ideia de Erasmo, afirma. “O que dirão os defensores do “livre-arbítrio” a respeito da palavra “gratuitamente”, em Romanos 3.24?”, incita:

Se a salvação é gratuita e oferecida pela graça divina, então não se pode conquistá-la ou merecê-la. No entanto, Erasmo argumenta que a pessoa deve ser capaz de fazer alguma coisa a fim de merecer a sua salvação, ou ela não merecerá ser salva. Erasmo pensa que a razão pela qual Deus justifica uma pessoa e não outra, é que uma delas usou o seu “livre-arbítrio”, e tentou tornar-se justa, enquanto que a outra não o fez. [...] Erasmo e algumas outras pessoas, como ele, admitem que os homens conseguem fazer muito pouco através de seu “livre-arbítrio” para obterem a salvação. Afirmam que o “livre-arbítrio” tem apenas um pouco de merecimento - não é digno de muita recompensa. E, não obstante, ainda pensam que o “livre-arbítrio” torna possível às pessoas tentarem encontrar a Deus. Imaginam, igualmente que se as pessoas não tentam encontrá-lo, cabe exclusivamente a elas a culpa, se não recebem a graça divina.<sup>33</sup>

Independente do tamanho do mérito desse “livre-arbítrio” o resultado é o mesmo: a obtenção da graça de Deus, o que contraria o contundente “gratuitamente” de Paulo. Sobre essa diferenciação acresce-se que:

Na verdade esses defensores da ideia do “livre-arbítrio” nos dão um perfeito exemplo do que significa “saltar da frigideira para dentro do fogo”. Quando eles dizem que o “livre-arbítrio” tem apenas um pequeno mérito, eles pioram a sua posição, ao invés de melhorá-la. Pelo menos aqueles que dizem que o “livre-arbítrio” envolve um grande mérito (Os chamados Pelagianos) conferem um elevado preço a graça divina, porquanto concebem que um grande mérito é necessário para alguém obter a salvação. Todavia, Erasmo barateia a graça divina, podendo ser obtida por meio de um débil esforço.<sup>34</sup>

Todavia, alguns protestantes prosseguiram com essa mentalidade, atribuindo aos sacramentos o poder de transmissão de graça, afirmando serem esses instrumentos do Espírito Santo, destituídos de mérito humano e eficácia. Schwarz compara esse sistema sacramental às indulgências da Idade Média, já que, em sua forma vulgar, “supõe que a alma voa para o céu quando ingere o remédio celeste”, desprezando preocupação com padrões

<sup>33</sup> LUTERO, 2007, p. 27-28.

<sup>34</sup> LUTERO, 2007, p. 28-29.

morais, contanto que ajam de maneira correta para com a igreja, mediadora da salvação.<sup>35</sup> Houve protestantes que passaram a rejeitar o sistema sacramental como meio de graça, concebendo-os como símbolos da graça e das provisões de Deus, dando-se os seus benefícios mediante o contato com o Espírito Santo, a parte dos elementos físicos.<sup>36</sup>

### 3.3 Denúncia de mau uso da interpretação de Lutero

Incisivamente se afirma que não há no homem crédito que lhe possibilite a salvação em Cristo. Os créditos são da graça de Deus, pura e graciosa, mas esse reconhecimento trazia consigo perigos. Logo se detectou, nas palavras de Bonhoeffer, “o apurado instinto religioso do ser humano para descobrir onde é que a graça pode ser conseguida mais barata”, deslocamento esse muito veloz, quase imperceptível e altamente destrutivo.<sup>37</sup> Dietrich Bonhoeffer (1906- 1945), pastor e teólogo alemão, contrastava “graça barata” com a “graça cara”, dado o alto preço que pago. A “graça barata” remete ao que se pode chamar de “igrejismo”, onde a salvação é alcançada pelo enquadramento em doutrinas<sup>38</sup>, transformando-a em “refugo, perdão malbaratado, consolo malbaratado, sacramento malbaratado; é graça como inesgotável tesouro da Igreja, distribuído diariamente com mãos levinas, sem pensar e sem limites; a graça sem preço, sem custo”.<sup>39</sup>

Em dissonância com Lutero no que se refere à graça que tudo faz, seus seguidores usaram e abusaram da graça, excluindo o discipulado. A graça era, para Lutero, um “resultado”, um resultado divino, transformada subsequentemente em premissa básica para um cálculo.

Nisso consiste todo o desastre. Se a graça é o "resultado" da vida cristã, dado pelo próprio Cristo, então esta vida não está dispensada, um único momento sequer, do discipulado. Se, porém, a graça constituir premissa básica de minha vida cristã, então tenho nela, antecipadamente, a justificação dos pecados que cometer durante minha vida no mundo. Posso agora pecar apostando nessa graça, pois o mundo está, em princípio, justificado por ela. Permaneço, por isso, em minha existência de cidadania mundana como até agora; tudo fica como antes, e posso viver na certeza de que a graça de Deus me encobre. O mundo inteiro tornou-se "cristão" à sombra dessa graça, mas o cristianismo mundanizou-se sob essa graça como nunca.<sup>40</sup>

Em uma concepção de graça distorcida, o discipulado torna-se dispensável, é premissa para a graça banalizada. Dados os efeitos catastróficos, reconhece-se quanto depende da maneira como uma verdade é expressa e posta em prática. Trata-se da mesma mensagem da

<sup>35</sup> SCHWARZ, Christian A. **Mudança de paradigma na igreja**: como o desenvolvimento natural da igreja pode transformar o pensamento teológico. Curitiba: Esperança, 2001, p. 126.

<sup>36</sup> BENTLEY, In: CHAMPLIN, 2008, p. 956.

<sup>37</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 14.

<sup>38</sup> GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. **A Teologia do século 20 e os anos críticos do século 21**: Deus e o mundo numa era líquida. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

<sup>39</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 9-11.

<sup>40</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 15.

justificação exclusivamente pela graça; porém, o seu mau uso acarreta a completa destruição de sua essência.<sup>41</sup>

Como corvos, nos reunimos em torno do cadáver da graça barata e dela recebemos o veneno devido ao qual o discipulado de Jesus morreu em nosso meio. A doutrina da graça pura passou, de fato, por uma apoteose incomparável, a doutrina pura da graça tornou-se ela mesma Deus, tornou-se ela mesma graça. Em toda parte, as citações de Lutero, e, no entanto, a verdade convertida em ilusão! Se a Igreja possui, pelo menos, a doutrina da justificação, então é, sem dúvida, uma Igreja justificada, diz-se. Assim, a verdadeira herança luterana seria o maior barateamento possível da graça. Ser luterano seria deixar o discipulado de Jesus aos legalistas, aos reformados ou aos entusiastas, tudo por amor da graça; seria justificar o mundo e transformar em herege o cristão que enveredasse pelo caminho do discipulado. Cristianizara-se, luteranizara-se um povo inteiro, porém, às expensas do discipulado, a um preço demasiadamente barato. Triunfara a graça barata.<sup>42</sup>

Bonhoeffer complementa, afirmando a faceta cruel da liquidação da graça evidenciada no colapso da igreja e não bastassem os prejuízos, como legado, ao invés de abrir o caminho para Cristo, o atravanca. O ser humano agarrado à “graça barata” priva-se do conhecimento da “graça preciosa”.<sup>43</sup> Se o “quadro” gracioso foi arrasado, significa que há espaço para novas “pinturas”, atuações que sejam exuberantes, ao passo que simplesmente graciosas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na trajetória da história cristã, o conceito de graça por vezes apresentou-se comprometido e limitado, divorciado da verdade bíblica, ausentando-se até mesmo do vocabulário de alguns estudiosos. Transitando ora na obscuridade, ora na superficialidade, sobretudo em tempos em que a ênfase é posta na bondade do ser humano, o senso de necessidade da mesma é minimizado.

Paulo, o apóstolo da graça, manteve-se entregue, sem agregar a sua vida valor demasiado, a fim de testemunhar do evangelho da graça de Deus (cf. At 20.24). Influenciou fortemente homens como Agostinho e Lutero, que trilharam como seus intérpretes, deixando um legado duradouro na história da interpretação das Escrituras e, por extensão, para a interpretação da graça de Deus.

Embora cada um deles tenha passado, os desvios contra os quais lutaram permanecem, apresentando-se em velhas e novas roupagens. Regressarmos às pegadas de homens como estes pode implicar progressos em nossos dias. Conquanto passíveis de erros em sua árdua tarefa como intérpretes, são honrados pela seriedade em seu serviço prestado ao Senhor, pelo qual somos beneficiados.

Que haja reconhecimento da graça de Deus e espaço para que através de cada ser humano ela atue. "Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e sua graça para comigo não foi

---

<sup>41</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 15-16.

<sup>42</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 17.

<sup>43</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 18-19.

em vão; antes, trabalhei mais do que todos eles [os outros apóstolos]; contudo, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1Co 15.10).

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Petrópolis: Vozes, 1987.

AGOSTINHO, Santo. **A correção e a graça**. São Paulo: Paulus, 1999.

BENTLEY, John. Graça. In: CHAMPLIN, Russell N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 953-960.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.

BETTENSON, Henry. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 1967.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Ilson Kayser. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

ESSER, Hans H. Graça. In: BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 907-911.

GILSON, Étienne. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução de Cristiane Negreiros Abubud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006.

GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. **A Teologia do século 20 e os anos críticos do século 21: Deus e o mundo numa era líquida**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

GUTHRIE, Martin E. R. P. Os atributos de Deus. In: REID, Daniel G. (edit.). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 376-393.

KELLY, J. N. D. **Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1994. 391 p.

LINDEN, G. L. Graça. In: BORTOLLETO Filho, F. (edit.). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

LAWSON, Steven. **Pilares da graça: 100-1564 D.C.** Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Fiel, 2013.

LOPES, Augustus Nicodemos. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LUTERO, Martinho. **Nascido escravo**. São Paulo: Fiel, 2007.

MANZANARES, César Vidal. **Dicionário de Patrística**. Aparecida: Santuário, 1995.

SCHWARZ, Christian A. **Mudança de paradigma na igreja**: como o desenvolvimento natural da igreja pode transformar o pensamento teológico. Curitiba: Esperança, 2001.

STUDER, Basílio. Graça. In: DI BERNARDINO, Angelo (org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## RITO CERIMONIAL DE ALIANÇA – CELEBRAÇÃO DA PÁSCOA DE JESUS INSTITUINDO A NOVA ALIANÇA: ANÁLISE AO DIREITO DE PARTICIPAÇÃO DAS CERIMÔNIAS MEMORIAIS DE ALIANÇA NA IGREJA PRIMITIVA

Covenant memorial rite – celebration of the Jesus's Easter establishing the new  
alliance: analysis of the right of participation at covenant memorial ceremonies  
at the Primitive Church

Valdirlei Vicente Massola<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo traz considerações a respeito da exclusão à participação da Ceia do Senhor. Verificou-se a Páscoa de Jesus e o direito de participação da Ceia. Ficou evidenciado que com o passar de milênios, o rito inicial da Páscoa foi se desenvolvendo e sistematicamente sendo aperfeiçoado, tornando-se o ápice da cerimônia do jantar da Ceia. Dessa maneira, a pesquisa teve como problemática a seguinte indagação: A igreja deve restringir o direito de participação do pecador à mesa do Senhor? O referencial teórico teve como principais autores Giraldo, Champlin, Plein, Kilpp, Rops e outros autores conforme as referências no final da pesquisa. A metodologia utilizada baseou-se em pesquisa bibliográfica. Por fim, avaliou-se que havia condições para participação, bem como para exclusão, devendo o participante fazer parte do povo em aliança.

**Palavras-chaves:** Páscoa. Ceia. Aliança. Excluído. Pecador.

### ABSTRACT

This article brings considerations regarding the exclusion from participation at the Lord's Supper. The Easter of Jesus was verified about the right of participation at the Supper. It became evident that over millennia the early Easter rite was being developed and

<sup>1</sup> Graduado em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (2012) e Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicado pela FABAPAR (2015). Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. E-mail: [vmassola@hotmail.com](mailto:vmassola@hotmail.com)

systematically perfected, with the Supper becoming the climax of the ceremony. The research had the following problem to answer: should the Church restrict the right of participation of the sinful person from the Lord's table? The theoretical reference had authors as Giraldo, Champlin, Plein, Kilpp, Rops, and others referenced at the end of the paper. The methodology used was a bibliographical research. Finally, was concluded that there were certain conditions for the participation and for the exclusion from the Lord's Supper. And to be part of it was necessary to be part of the people in Alliance.

**Keywords:** Easter. Supper. Alliance. Excluded. Sinner.

## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, será efetuada uma abordagem à luz das Escrituras quanto ao direito de participação e exclusão, visto que hoje destacam-se quatro linhas de interpretação quanto a participação e restrição à Ceia, sendo a Ceia Livre Universal, Ceia Livre Restrita, Ceia Restrita e Ceia Ultra Restrita. Os memoriais de aliança foram importantes para o povo para o povo que estabeleceram aliança com Deus. A importância do tema deve-se ao fato de haver controvérsias existentes na condução ritualística da Ceia. Em estudos recentes, Friezen<sup>2</sup> afirma que 14% dos líderes evangélicos não concordam com a exclusão de pessoas à Ceia. Esses estudos foram efetuados com estudantes de teologia da FACEL,<sup>3</sup> sendo 97% participantes da Igreja Assembleia de Deus.

Dentre as diversas interpretações alguns afirmam que o pecador deve ser retirado da prática memorial instituída por Jesus, para que o mesmo não receba a condenação. Outros afirmam que a retirada da mesa ocasiona o risco de não estar oferecendo Cristo ao pecador, não dando chance a este de receber o favor de Cristo, ou seja, a Sua graça redentora. Algumas linhas de pensamento defendem uma participação livre como John Bunyan<sup>4</sup>; enquanto outras, restrita, ou seja, fechada somente aos seus membros.

A questão da exclusão e da participação neste rito é o item principal desta pesquisa, indagando se deve retirar o participante da Ceia por algum motivo específico. Diante do pluralismo cultural entre os cristãos, há também diversidade na celebração do rito memorial e entre as liturgias realizadas. Entre grandes controvérsias, a exclusão à prática do rito memorial pode trazer consequências espirituais. Portanto, buscaram-se dados e informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: A igreja deve restringir o direito de participação do pecador à mesa do Senhor? Procurando responder se a exclusão à participação de indivíduos considerados indignos, foi exercida pela Bíblia ou pela igreja. Sendo assim, procura-se apresentar as diversas práticas exercidas no decorrer da história. Esta pesquisa tem por objetivo analisar o processo de exclusão da celebração dos ritos memoriais. Serão investigados entre relatos históricos direcionados ao período bíblico do Egito, a Páscoa de Jesus, bem como a instituição da Nova Aliança.

---

<sup>2</sup> FRIESEN, A. SANTIAGO, A. STOLL, G. A. Interpretação cultural da Ceia: um ensaio. Teologia e espiritualidade, Curitiba, n. 6, mai. 2016, p.12.

<sup>3</sup> FACEL – Faculdades Cristã de Curitiba, Curitiba - Pr

<sup>4</sup> BUNYAN, J. **Differences in Judgment About Water Baptism, No Bar to Communion.** London: John Wilkins, 1673, p.23.

A relevância científica desta pesquisa justifica-se a fim de contribuir para investigação e análise das práticas rituais referentes aos ritos memoriais. Bem como se as práticas utilizadas nas eras bíblicas condizem com as praticadas na era moderna. Diante de líderes os quais afirmam que não se deve excluir nenhuma pessoa da oportunidade de participação da ceia, e da necessidade de respostas aos que constantemente se sentem constrangidos diante dessas celebrações, esta pesquisa contribuirá com a abordagem diante dessa necessidade de resposta. Diante do exposto, cumpre o seu papel contribuindo com as necessidades de resposta à sociedade e contribuindo como uma reflexão teológica.

A metodologia a ser utilizada será a bibliográfica, a qual é justificada pelo fato de o assunto ser abordado em escritos, sendo alguns atuais e outros antigos. Serão utilizadas algumas versões da Bíblia Sagrada para consulta, e os textos somente da versão de João Ferreira de Almeida.<sup>5</sup> O referencial teórico é extenso, mas alguns dos autores utilizados como referencial serão Champlin, Hinson, Mackintosh e Zilles. A coleta dos dados será executada de forma inicialmente seletiva com olhar crítico e também serão utilizados recursos como jornais, livros diversos, periódicos, sites da internet e fontes que surgirão durante a pesquisa.

A pesquisa deste artigo estruturar-se em dois pontos. No primeiro com base em vários autores, apresenta-se Jesus celebrando a Páscoa e instituindo a Nova Aliança na da Ceia do Senhor e um breve estudo da ligação da Páscoa com a Ceia do Senhor, e no segundo ponto será analisada a participação à Ceia do Senhor com a abordagem da liberdade e restrição.

## **1. JESUS CELEBRA A PÁSCOA E INSTITUI A NOVA ALIANÇA**

Na sequência, através de uma abordagem sucinta, discorrer-se-á sobre a última Páscoa celebrada por Jesus, bem como o jantar de Páscoa, o qual trouxe uma nova perspectiva salvífica, ocasião em que Jesus instituiu uma nova aliança, conhecida na história como a Ceia do Senhor.

### **1.1 Celebração da Páscoa nos dias de Jesus Cristo, a partir da descrição dos Evangelhos**

A celebração da Páscoa na época de Jesus era um ritual que acontecia anualmente, sendo constatada nos Evangelhos, fazendo parte da peregrinação anual dos celebrantes deste memorial de libertação; fato observado pelas inúmeras narrativas bíblicas que confirmam sua ida a Jerusalém para celebração da festa. Jesus era um participante assíduo das festas da Páscoa, constatado pelo texto de Lucas 2.41, no qual lê-se: “todos os anos seus pais iam a Jerusalém para a festa da Páscoa”. Há confirmações da ida de Jesus a Jerusalém para a celebração da Páscoa em todos os evangelhos, sendo João o que mais relata a respeito, pois cita 16 vezes a palavra Páscoa.

Pode-se observar outra curiosidade quando João, em alguns momentos, trata a Páscoa como festa, e em outros momentos como uma refeição. Diante dos fatos abordados pelo

---

<sup>5</sup> BÍBLIA, P. Bíblia de estudo palavras-chave: Hebraico e Grego. Tradução de João Ferreira de Almeida. 4ª rev. e cor. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

Evangelho de João, a Páscoa era tratada como uma festa, refeição e adoração. A Páscoa celebrada por Jesus Cristo consistia de uma grande festa. Quanto à data de celebração, Nery narra duas tradições para a sua celebração:

[...] a primeira entre os dias 15 e 21 de Nisã (na Diáspora é no dia 22) [...] a segunda páscoa (Pessach Sheni) instituída um mês depois da saída do Egito tinha como objetivo dar uma nova oportunidade àqueles que não haviam tido a possibilidade de participar na páscoa na data correspondente.<sup>6</sup>

Há contradição em relação a data da Páscoa celebrada por Jesus, com divergência de interpretações, sendo a primeira indicando Jesus como participante da Comunidade de Qunran, a qual celebraria a Páscoa pelo calendário solar. Serrano afirma que Jesus “pode ter seguido o calendário solar de Qunran”.<sup>7</sup> Pois o costume nesta comunidade era a celebração da páscoa no dia 14 de Nisã, que segundo este calendário cai sempre na terça-feira. Por outro lado, Jesus como um observador das leis do templo, possivelmente não realizaria sua Páscoa sob um calendário específico de uma seita.

Serrano ainda afirma que devido à grande quantidade de sacrifícios necessários e devido à grande quantidade de estrangeiros, “adiantava o dia do sacrifício”,<sup>8</sup> o qual se supõe que não havia impedimento aos que já tinham feito seu sacrifício. “O cordeiro pascal continuava então sendo sacrificado e o seu sangue espalhado com um ramo de hissopo nas ombreiras e batentes da porta [...]”<sup>9</sup>, mas Daniel-Rops enfatiza que não se sabe ao certo se este era um procedimento observado por todo o povo.

A representação do pacto da aliança através do sangue é relatada no Evangelho de Lucas, narrativa atribuída a Jesus: “Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós” (Lc 22.20). Apresentado a Didaqué que a bênção do vinho era semelhante ao rito da Páscoa judaica, onde é realizada a bênção de quatro cálices, sendo que “o terceiro, no qual se misturava água com vinho – era chamado o cálice da bênção”,<sup>10</sup> e que o “Senhor usara este cálice para a consagração, isto é, para entregar seu sangue aos apóstolos”.<sup>11</sup> Paulo também utilizou essa afirmação na Primeira Carta aos Coríntios: “O cálice da bênção que nós abençoamos não é comunhão com o sangue de Cristo?” (1Co 10.16). Confirma Paulo, nesta mesma carta, o relato de Lucas: “este cálice é a Nova Aliança no meu sangue” (1Co 11.25), o qual testifica o significado do sangue representado simbolicamente pelo vinho neste novo pacto.

A ideia de refeição de Páscoa é descrita nos Evangelhos de Mateus e Marcos, onde se relata que os discípulos perguntaram a Jesus: “onde deseja que preparemos a refeição da Páscoa” (Mt 26.17). Até então os discípulos esperavam somente o memorial do velho pacto, não fazendo ideia do que estava por vir a respeito da Nova Aliança. O texto relata a intenção

<sup>6</sup> NERY, I. J. **Páscoa: Teologia, Tradição e Símbolos**. 10.ed. Aparecida: Santuário, 2005, p. 52.

<sup>7</sup> SERRANO, V. **A páscoa de Jesus em seu tempo e hoje**: apêndice com hagadah de pessach. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 43.

<sup>8</sup> SERRANO, 1997, p. 44.

<sup>9</sup> DANIEL-ROPS, H. **A vida diária nos tempos de Jesus**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 402.

<sup>10</sup> DIDAQUÉ. **Catecismo dos primeiros cristãos**. Tradução de Urbano Zilles. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 68.

<sup>11</sup> DIDAQUÉ, 2012, p. 68.

de Jesus de “celebrar a Páscoa com meus discípulos” (Mt 26.18). Por fim, pode-se concluir que a festa na época de Jesus era celebrada por grande parte do povo de Israel, relatando a participação de alguns gregos, não sabendo se estes eram ou não Israelitas.

## 1.2 A Ceia de Jesus como inauguração de uma nova aliança

Será abordada neste tópico a denominada “última ceia”, em que Jesus abre um novo caminho e um novo conceito do que até então se conhecia a respeito da salvação. Jesus proclama uma nova aliança em seu sangue, instituindo assim uma nova etapa salvífica.

Segundo Bauer,<sup>12</sup> o conceito que o cristão tem a respeito de aliança é experimentado no momento da Ceia, momento em que Jesus interpretou que, com sua morte, proclamaria reconciliação e seria oferecida a salvação divina. Como bem assegura Pesce,<sup>13</sup> é na celebração da Ceia que Jesus proclamou a nova aliança, apresentando a nova como superação da antiga. A antiga deveria ser considerada, mas a nova representava a permanência do projeto de salvação de Deus.

Para Netto, a Ceia facilita lembrar o memorial de sacrifício; a igreja participa deste momento sacramental recebendo o fruto do sacrifício de Jesus. Para esse autor, a Ceia:

É, todavia, um sacramento complexo, pois a Ceia do Senhor é, antes de tudo, o memorial eficaz de seu único sacrifício, o rito sacramental que atualiza a Páscoa. Ele foi, porém, instituído para a Igreja, para permitir-lhe receber, mediante a comunhão, o fruto do sacrifício de seu Senhor, unindo-se a ele no oferecimento ao Pai.<sup>14</sup>

Como se pode verificar nessa citação, a Ceia de Jesus como inauguração de uma nova aliança é aplicada à vida cristã para entendimento do memorial de sacrifício e consumação do plano de salvação. Evidentemente, a aplicação pode ser utilizada para lembrar à igreja o singular preço pago pelo Salvador. Situou os discípulos, que, mesmo sem saber da plenitude do ato que hora foi praticado, era, acima de tudo, parte do plano de redenção de Deus, o cumprimento da plenitude da Páscoa. Contribuindo para que fosse revelado mais uma parte dos, até então, segredos de Deus. Cita-se, como exemplo, “a união com Cristo para oferecimento ao Pai”.<sup>15</sup>

Logo, é importante compreender que o plano salvífico de Deus, iniciado na Páscoa do Egito, se completou e foi aperfeiçoado, a fim de alcançar todos os povos. Nesse sentido, exemplifica-se a Ceia de Jesus como inauguração de uma nova aliança; foi um marco na vida da comunidade apostólica e gentílica, apresentando um novo momento do plano de redenção divina, proclamando e unindo em um só ato, Israel e os gentios, prefigurando a formação da igreja.

<sup>12</sup> BAUER, J. B. **Dicionário bíblico Teológico**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 7.

<sup>13</sup> PESCE, M. **As duas fases da pregação de Paulo**: da evangeliação à guia da comunidade. São Paulo: Loyola, 1996, p. 105.

<sup>14</sup> NETTO, J. P.; MACHADO, A. A. **Lexicon.Dicionário teológico enciclopédico**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 264.

<sup>15</sup> NETTO; MACHADO, 2003, p. 264.

Como caracteriza Giraudo,<sup>16</sup> a última ceia é parte da série de celebração da Páscoa judaica, onde Jesus apresentou as premissas para uma nova economia de salvação. Do ponto de vista de Bensen,<sup>17</sup> a última ceia é para apresentar os segredos, momento em que Jesus proclama sua morte para redenção de muitos. E expõe seu sacrifício expiatório, sendo capaz de oferecer a vida eterna e a acessibilidade a esse sacrifício a todos.

Para Serrano, na última Ceia, há uma insistência dos autores dos sinóticos e de João em vincular o conteúdo de libertação da nova Páscoa com a antiga Pessach judaica. Para esse autor, “pretendem, assim vincular o conteúdo libertador da nova páscoa que os cristãos celebravam a ceia judaica de Pessach”.<sup>18</sup>

Como se pode verificar nessa citação, percebe-se uma tentativa de vinculação da última Ceia à Páscoa, sendo aplicada a instituição do plano salvífico de Jesus às futuras gerações, apresentando o plano maior de Deus para conciliação dos gentios. Evidentemente, a aplicação pode ser utilizada para com o ensino da obra redentora de Deus, na implantação por Jesus Cristo de uma Nova Aliança. Tal celebração deve ser abordada constantemente nos ensinamentos das igrejas para que os participantes venham efetivamente saber o porquê da celebração, e se conscientizado que fazem parte de um plano maior de salvação instituído por Deus. Onde é necessário o ensino à igreja a respeito da Nova Aliança celebrada pela Ceia.

Serrano utiliza-se da afirmação que a celebração da Ceia com ritos idênticos a Páscoa estava tomando um novo rumo junto a seus seguidores, como relatado abaixo:

Entretanto naquela noite, Jesus de Nazaré, ao celebrar esta mesma festa com idênticos ritos, manda seus discípulos: “Façam isto em memória de mim”. Para esse grupo e seus seguidores, a festa tomava um rumo novo. A mudança ou novidade que Jesus introduz não se restringe, dentro do âmbito dos tradicionais ritos familiares, ao pão dividido com as mãos e dado aos comensais, e ao vinho do cálice da bênção, passado entre eles; estes agora deixavam de ser por suas próprias palavras, pão e vinho para se transformar em seu corpo entregue e em sangue derramado, selo de uma Nova Aliança.<sup>19</sup>

Nesse sentido, a última Ceia permitiu que Jesus celebrasse a festa de Páscoa, saindo do rito tradicional e pedindo que fizessem este mesmo rito em sua memória. O pão como símbolo de seu corpo e o sangue representado pelo vinho que seria o selo da Nova Aliança.

Logo, é importante compreender que a Ceia mantém viva na igreja a aliança instituída por Jesus. Nesse sentido, exemplifica-se a última Ceia como uma peça essencial para consumação da salvação às futuras gerações.

Com a bênção do cálice, Jesus proclamou: “[...] este cálice é a Nova Aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim” (1Co 11.25). Dessa forma, estaria estabelecido o novo pacto, o qual Jesus afirmava, mesmo sem seus discípulos entenderem, que seu sangue seria ofertado para que a graça de Deus se manifestasse através

<sup>16</sup> GIRAUDO, C. Num só corpo. **Tratado Mistagógico sobre a eucaristia**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 471.

<sup>17</sup> BESEN, J. A. Comunhão no amor. **ECCLESIA**, s.d. Disponível em: <<http://ecclesia.org.br/biblioteca/teologia/matta-el-meskin-comunhao-no-amor11.html>>. Acesso em: 25 maio 2017.

<sup>18</sup> SERRANO, 1997, p. 52.

<sup>19</sup> SERRANO, 1997, p. 80.

de sua vida. A participação dos cristãos no rito memorial da ceia inclui e miscigena a comunidade, tornando assim parte do povo que tem a promessa de salvação.

## 2. LIBERDADE E RESTRIÇÃO À PARTICIPAÇÃO

Neste tópico, o foco será sobre os participantes do rito memorial, desde a Páscoa e a Ceia de Cristo, culminando com os participantes da igreja primitiva; ressaltando aqueles que normalmente eram convidados e exigidos à participação, bem como as consequências da não participação. Será abordado a respeito das pessoas que eram excluídas e sem direito à participação bem como a situação dos estrangeiros, escravos e servos.

### 2.1 Convidados e impedidos de participar à mesa

A Páscoa foi sofrendo alterações e concessões durante a progressão da história. Inicialmente Deus havia dado uma ordem para Moisés e Arão: “Nenhum estrangeiro poderá comê-la” (Êx 12.43). O próprio Deus proibiu ao estrangeiro integrar-se a esta celebração, mas, alguns versículos adiante, Deus ordena que se o estrangeiro estivesse hospedado ou residente entre o povo de Israel, poderia tomar parte desde que se permitisse ser circuncidado, e a ordem vai adiante de que “[...] nenhum incircunciso poderá participar” (Êx 12.48). Note-se que a circuncisão era obrigatória a todos os indivíduos do sexo masculino, sendo necessária a abordagem nesta pesquisa para que se entenda o sinal do pacto, aliança com Deus. Conforme citado em Êxodo, que “Qualquer estrangeiro residente entre vocês que quiser celebrar a Páscoa do Senhor terá que circuncidar todos os do sexo masculino da sua família; então poderá participar como o natural da terra” (Êx 12.48).

A circuncisão é descrita por Champlin como um dos mandamentos mais importantes para os judeus e é, “[...] geralmente interpretada como sinal de Pacto de Deus e a nação de Israel, e, por conseguinte, indispensável como sinal característico de que alguém pertença à mesma família.<sup>20</sup> Pelo pacto de Abraão, a circuncisão representava o fim da natureza carnal e sinal de aliança com Deus, conforme Gênesis: “[...] e circuncidareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal da aliança entre mim e vós” (Gn 17.11).

Mackintosh chega a fazer uma comparação entre a cruz de Cristo e a circuncisão, onde a cruz “forma uma linha de demarcação entre a igreja e o mundo”.<sup>21</sup> Isso remete que, quanto à participação no memorial, deve-se ao menos ser participante de uma aliança com Deus. Quem não tem aliança com Deus não deve participar desse momento de celebração. A pessoa então que, por algum motivo, não tivesse participado da Páscoa receberia uma segunda chance, que foi instituída “no segundo mês, no dia catorze de tarde a celebrarão” (Nm 9.11).

Note que era importante a todo homem que fizesse parte de Israel a participação na Páscoa. A instituição da Páscoa inicia a peregrinação de Israel e também a separação de Israel para com o estranho, levando Israel a um novo patamar de unidade. Por fim, percebe-se uma

<sup>20</sup> CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2013, vol. 6, p. 746.

<sup>21</sup> MACKINTOSH, C. H. *ESTUDOS SOBRE O LIVRO DE ÊXODO*. 2ª. ed. Diadema - SP: Associação Religiosa Imprensa da Fé Depósito de Literatura Cristã, 2001, p. 127.

alteração quanto à participação do estrangeiro no livro de Números onde Moisés permite que o estrangeiro participe, relatando que “Um estrangeiro residente entre vocês, que queira celebrar a Páscoa do Senhor, deverá fazê-lo de acordo com as leis e ordenanças da Páscoa. Vocês terão as mesmas leis para o estrangeiro e para o natural da terra” (Nm 9.14)

Quanto à participação na Páscoa, os que estavam impuros por algum motivo e não poderiam participar devido às leis de impureza. Não poderiam ter contato com o povo, “pois todo leproso, todos que padecem fluxo e os imundos por causa do contato com algum morto” (Nm 5.2), deveriam ser lançados fora do arraial.

Como então participariam se pelas leis não poderiam sequer estar perto do povo? Nota-se que a lei de separação não questiona nenhuma vez a respeito do pecado. Quando procuraram Moisés, os que não participaram na Páscoa por terem tocado num cadáver, ele deu a seguinte ordem; “Diga o seguinte aos israelitas: Quando algum de vocês ou dos seus descendentes se tornar impuro por tocar algum cadáver ou estiver distante por motivo de viagem, ainda assim poderá celebrar a Páscoa do Senhor” (Nm 9.10).

Deusdete<sup>22</sup> confirma a respeito de um problema quanto aos que não puderam participar da festa de Páscoa por não estarem de acordo com os padrões, alguns estavam impuros; e outros, em viagem. Percebe-se no texto o desejo de participar, dentre os que não tinham participado por motivos alheios. Como bem assegura, isso acontece em Números 9.2ss, onde surge a oportunidade de se introduzir a chamada segunda Páscoa, celebrada por todos os que na primeira data, no mês de Nisan, estavam impedidos por não estarem aptos para o culto. Plein<sup>23</sup> relata apenas haver impedimentos quanto à participação, não especificando o motivo, apenas que foi necessária uma segunda data para a participação dos que foram anteriormente impedidos.

Em Números, é relatado que, “porém, quando um homem for limpo, e não estiver em viagem e deixando de celebrar a páscoa, tal alma será extirpada de Israel: porquanto não ofereceu oferta do Senhor a seu tempo determinado; tal homem levará o seu pecado” (Nm 9.13). Percebe-se neste texto que, pela primeira vez, não participar da festa memorial da Páscoa traria uma consequência ao não participante, liga-se a não participação ao pecado. Assim, remete o sentido de que a não participação, estando apto e limpo, pode trazer consequência na área espiritual, devendo haver maiores reflexões quanto à participação. Em Êxodo (Êx 12.44-45), verifica-se que a não participação era aplicada aos escravos comprados, estrangeiros, incircuncisos e assalariados. Evidentemente a aplicação na atualidade é impossível diante de momentos circunstanciais diferentes.

Evidenciam-se dois grupos: os que não faziam parte do povo de Israel e os que faziam parte e de alguma maneira estavam impuros, sendo ambos impedidos do direito de participação. Somente na Páscoa descrita em Números 9 há relatos a respeito de uma segunda

<sup>22</sup> DEUSDETE, D. **Reflexões bíblicas sobre Israel no deserto**. Brasília: Araújo Barreto, Daniel Deusdete, 2013, p. 41.

<sup>23</sup> PLEIN, I. W. **Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento**. Tradução de Antonius Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 2001, p. 113.

chance à participação. Citam-se, como exemplo, os que eram da comunidade e estavam limpos e mesmo assim se não participassem seriam tirados do povo.

Logo, é importante compreender que não participar trazia a condenação de forma que fosse eliminado do povo. Uma segunda oportunidade era concedida aos que por algum motivo queriam participar e não conseguiram por algum imprevisto. Nesse sentido, exemplifica-se a importância da participação e o elo entre o participante e a comunidade.

Percebe-se que no panorama do Antigo Testamento as regras pascais iam sendo alteradas, conforme surgiam os problemas relacionados ao assunto. Houve também o caso das tribos:

[...] muitos de Efraim e Manasses, Issacar e Zebulom, não se tinham purificado, e, contudo, comeram a páscoa, não como está escrito; porém Ezequias orou por eles, dizendo: O Senhor, que é bom, perdoa todo aquele. Que tem preparado o seu coração para buscar ao Senhor Deus, o Deus de seus pais, ainda que não esteja purificado segundo a purificação do santuário. E ouviu o Senhor a Ezequias, e sarou o povo (2 Cr 30.18-20).

Nota-se que havia preocupação quanto à condenação de Deus à não participação da Páscoa sem ter se submetido às leis de purificação do santuário. É relatado no livro de Números que aquele que não participasse da Páscoa estando limpo e tivesse condição de participar, este sofreria com as consequências do seu pecado. Curiosamente neste texto é ligado tal ato ao pecado: “[...] ele será eliminado do meio do seu povo porque não apresentou a oferta do Senhor na ocasião própria. Ele sofrerá as consequências do seu pecado” (Nm 9.13). Percebe-se que a participação era importante à comunidade Israelita, sendo cobrado com a expulsão a não participação. A importância da participação era relevante, pois até foi criada por Deus uma segunda chance aos que não estavam presentes na primeira data de celebração

A Páscoa inicialmente era para o povo de Israel, sendo restrita a participação ao estrangeiro, relatado em Êxodo; “[...] toda a congregação de Israel o fará” (Êx 12.47), destacando que era uma ordem de Deus a toda a congregação de Israel, o que seria um privilégio a todo o Israelita, associar-se à Páscoa. Há autorização para os servos dos israelitas, mas o texto de Êxodo exclui o estrangeiro e o assalariado. Quanto ao escravo, a condição para participar era a circuncisão, o que é relatado em Êxodo: “O escravo comprado poderá comer da Páscoa, depois de circuncidado” (Êx 12.44). A circuncisão era um sinal de aliança do Israelita. Havia uma ordem em relação aos que estavam limpos da impureza e sem motivo não participavam da festa, o mesmo deveria ser excluído de Israel. O judeu via a falta a esse evento como uma ofensa a Deus, o qual é descrito no Livro dos Jubileus:

O homem que está livre de imundície e não vier a observar (a páscoa) no seu dia, para trazer uma oferta aceitável diante do Senhor, e para comer e beber diante do Senhor no dia deste festival, este homem que está limpo e está próximo deverá ser cortado fora, porque ele não ofereceu oferta [oblação] ao Senhor em sua determinada época, ele tomará culpa sobre si mesmo.

Percebe-se pelo texto acima que a participação era algo esperado dos que se declaravam israelitas; ocorria até a possibilidade de ser cortado do povo, e a culpa pela não participação recairia sobre o mesmo.

### 2.3 Participantes na igreja primitiva

Na igreja primitiva, os cristãos se reuniam para a Ceia do Senhor e “celebravam o que chamavam festa ágape ou festa do amor, na qual celebravam o amor de Deus e o amor mútuo que desfrutavam como cristãos nesta refeição santa”. Champlin alega que “inicialmente a ceia era como uma refeição tomada à noite, não estando necessariamente vinculada ao culto dominical”.<sup>24</sup>

Walker<sup>25</sup> descreve que o relato mais antigo encontrado a respeito da vinculação da Páscoa e Ceia na igreja primitiva foi do ano de 154 ou 155 da era cristã. O que dificulta obter muitas informações a respeito desse período. Walker afirma que a Páscoa era observada com uma vigília, a qual terminava com a Ceia do Senhor, relatando: “[...] o costume na Ásia Menor – provavelmente o mais antigo – era observar a páscoa com uma vigília, terminando com a celebração da Ceia do Senhor, durante a noite do dia 14 de nisã, tal como a páscoa judaica [...]”.<sup>26</sup>

Percebe-se certa vinculação da Páscoa e a Ceia, sendo o ponto ápice da celebração pascal. Há uma curiosidade a qual João narra: “E estava próxima a páscoa dos judeus” (Jo 11.55), sendo três vezes se referindo à festa como sendo a Páscoa dos judeus, especificando seu pensamento a respeito de que a festa era para os Judeus.

A Ceia do Senhor segundo Hinson era “[...] o centro da vida espiritual cristã”.<sup>27</sup> O requisito para a participação da Ceia era ser batizado. A Ceia na igreja primitiva era parte integrante e complementar da liturgia do culto. Tinha seus ofícios, tais como: oração, exortação mútua e o partir do pão, tal como descrito no livro de Atos 2.42. O partir do pão era um vínculo de comunhão da igreja, meio de sustento aos necessitados”,<sup>28</sup> também uma continuação e memorial da última Ceia. A Ceia relembra os últimos momentos de Jesus e a esperança na promessa de sua vinda, o qual Walker “[...] reporta como a esperança messiânica”,<sup>29</sup> achavam que seria em breve. O apóstolo Paulo atribuía a comunhão do corpo e do sangue de Cristo como um memorial que anunciaria a morte de Cristo até seu retorno. Paulo ensina: “Porventura o cálice de bênção, que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é porventura a comunhão do corpo de Cristo?” (1Co 10.16). O pão remetia ao momento de comunhão dos cristãos, que envolvia associação e laços de companheirismo.

Já o apóstolo João, tem uma visão que leva mais para o lado místico, constatado no texto a seguir, mas não podendo afirmar se o mesmo se refere à Ceia, onde Jesus diz que “se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vos mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6.53). Jesus poderia estar predizendo a respeito da Ceia.

<sup>24</sup> CHAMPLIN, 2013, vol. 1, p. 690.

<sup>25</sup> WALKER, W. **História da Igreja Cristã**. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP/ASTE, 1983, p. 94.

<sup>26</sup> WALKER, 1983, p. 94.

<sup>27</sup> HINSON, E. G.; SIEPIERSKI, P. **Vozes do cristianismo primitivo**. 2.ed. São Paulo: Arte, 2010, p. 50.

<sup>28</sup> WALKER, 1983, p. 42.

<sup>29</sup> WALKER, 1983, p. 134.

No texto de João, percebe-se um convite de Jesus para que haja participação neste rito de memória, testificando que seu sangue e sua carne lhes trariam uma promessa na ressurreição. Se a aliança com Deus, ou seja, ser do povo e circunciso era a condição de participar da Páscoa, não seria irregular negar a participação da Ceia a alguém que tenha aliança com Deus, mesmo que o mesmo esteja em pecado? O pecado em momento nenhum excluía o pecador da comunhão da Páscoa, somente a impureza corporal, mas incidia consequência como visto em parágrafos anteriores.

Mas se o rito memorial da Páscoa, como observado, foi o marco de libertação que pode se dizer na esfera física, onde a impureza corporal não permitia a participação à Ceia como uma nova aliança proporcionando a libertação espiritual; seria o caso de a participação estar ligada ao pecado, este como impureza espiritual?

Walker afirma que Inácio de Antioquia “[...] professava o mesmo tipo de cristologia que se encontrava nos documentos Joaninos [...]”<sup>30</sup>, relatando que a união com Cristo é necessária à vida. No tempo de Justino, no ano de 153, já havia “[...] separado a Ceia do Senhor da refeição comunitária”<sup>31</sup> e era celebrada aos domingos na parte da manhã, composta das seguintes partes; “leitura dos trechos das Escrituras, intercaladas com salmodia, orações comunitárias seguidas do amém congregacional, beijo da paz, consagração do pão e vinho”.<sup>32</sup>

Nos escritos de Hipólito é relatado que os fiéis levavam seu próprio pão e, após a bênção do bispo, todos deveriam render graças sobre o cálice, sendo mencionado:

Os fiéis presentes, durante a ceia, antes de cortarem o seu próprio pão, receberão das mãos do bispo o pedaço de pão que é uma “eulogia<sup>33</sup>” e não a eucaristia, Corpo do Senhor. É preciso que todos tomem o cálice e rendam graças sobre ele antes de beberem. Portanto, com pureza, comam e bebam. Aos catecúmenos será dado o pão de exorcismo e oferecido um cálice.<sup>34</sup>

Conforme visto, havia certa divergência na maneira do entendimento da Ceia, apesar de serem usadas refeições, os elementos como pão e vinho faziam parte da cerimônia memorial. Vista como comunhão, sustento aos necessitados, memorial, esperança, vida, remédio à imortalidade, antídoto contra a morte, em Hipólito pode-se perceber a cobrança quanto à pureza e a não participação dos catecúmenos na Ceia do Senhor.

O rito da Ceia não deixa claro que o pecador não senta à mesa, mas indica que a pureza era necessária para comerem. A pureza que o autor retrata não reflete o estado do participante, sendo o texto insuficiente para afirmar que o pecador não participava da mesa. Os que não faziam parte da comunidade, que não eram batizados, estavam aprendendo, não

<sup>30</sup> WALKER, 1983, p. 63.

<sup>31</sup> WALKER, 1983, p. 132.

<sup>32</sup> WALKER, 1983, p. 133.

<sup>33</sup> SCHULER, A. **Dicionário enciclopédico de teologia**. Canoas: Concordia/ULBRA, 2002. Eulogia. Do grego. Eulogia, louvor, bênção. A eulogia é a resposta à revelação do mistério na qual se tornam presente e aparecem as ações salvíficas de Deus.

<sup>34</sup> ECCLESIA BRASIL. Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. **Ecclesia**, s.d. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/tradicao\\_apostolica\\_hipolito\\_roma.html#4.5](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/tradicao_apostolica_hipolito_roma.html#4.5)> - A Ceia>. Acesso em: 19 maio 2016.

eram aptos a participar da Ceia. O texto de Lima<sup>35</sup> passa a impressão de regras de um grupo social, no qual, se o participante não cumprisse certos princípios, não estaria apto à participação.

Nos pensamentos dos cristãos primitivos, “não só os fiéis eram considerados um ato de sacrifício vivo, santo e aceitável a Deus, mas todos os atos de adoração eram sacrificiais”.<sup>36</sup> Walker afirma que a Ceia foi se desenvolvendo como uma compreensão de sacrifício e que, durante o memorial, eram ofertados donativos ao clero e aos necessitados. Mantinha-se a ideia do Velho Testamento, de sacerdotes, oferta e sacrifício, onde a função do sacerdote é “celebrar sacrifícios divinos como sacerdote de Deus”.<sup>37</sup> A ideia de ação de graças após a celebração da Ceia é visível nos textos da Didaqué,<sup>38</sup> o qual reflete uma mensagem de gratidão.

#### 2.4 Alguns critérios necessários para a participação da Ceia

Na igreja primitiva, havia certas condições quanto à participação da Ceia. A Didaqué instrui que “ninguém coma a eucaristia se não tiver batizado em nome do Senhor”,<sup>39</sup> utilizando um texto isolado, o qual o Senhor afirma: “[...] não deis as coisas santas aos cães” (Mt 7.6). Nota-se que, no texto, Jesus estava instruindo a respeito de juízo e julgamento, sendo que Barbosa<sup>40</sup> afirma que Jesus estava fazendo uma alusão aos sacerdotes jogarem os restos dos sacrifícios aos cães. Analisando a respeito da última Ceia de Jesus se percebe que praticamente todos os Israelitas subiam a Jerusalém. No entanto, é difícil afirmar que estavam somente os 12 discípulos na celebração da Ceia. Há contradições, sobre as quais não se pode afirmar com certeza, pois levam a crer que nem mesmo Judas estava nesse evento. A afirmação de Serrano é que, como todos viajavam a Jerusalém juntos, dificilmente haveriam de se separar no momento da Páscoa, pois havia uma ordem no Livro de Deuterônomo, a saber:

E te alegrarás perante o Senhor teu Deus, tu, e teu filho, e tua filha, e o teu servo, e a tua serva, e o levita que está dentro das tuas portas, e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, que estão no meio de ti, no lugar que o Senhor teu Deus escolher para ali fazer habitar o seu nome (Dt 16.11).

Essa ordenança concedia direito ao estrangeiro, não especificando se este era praticante da fé ou não, de tomar parte do rito memorial da Páscoa. Serrano afirma que nem mesmo a

<sup>35</sup> LIMA, A. Carta de Santo Inácio de Antioquia aos Efésios. **Veritatis Splendor – Memoria e Ortodoxia Cristã**, 2002. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/patristica/obras/1395-carta-de-santo-inacio-de-antioquia-aos-efesios>>. Acesso em: 19 maio 2016.

<sup>36</sup> WALKER, 1983, p. 134.

<sup>37</sup> APOSTOLADO VERITATIS. São Cipriano de Cartago. **Veritatis Splendor – Memória e Ortodoxia Cristã**, 2008. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/patristica/biografias/169-sao-cipriano-de-cartago>>. Acesso em: 19 maio 2016.

<sup>38</sup> DIDAQUÉ, 2012, p. 30.

<sup>39</sup> DIDAQUÉ, 2012, p. 29.

<sup>40</sup> BARBOSA, G. ICP responde. **ICP**, s.d. Disponível em: <<http://www.icp.com.br/72responde.asp>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

Mishná<sup>41</sup> fala da separação, e sim afirma que havia um ajuntamento dos peregrinos e que estes costumavam se reunir em grupos para celebrar a Ceia de Pessach, “e era normal que tais grupos fossem integrados por familiares ou por aqueles que tivessem reunidos por algum tipo de vínculo”.<sup>42</sup>

Pelos relatos bíblicos, Maria, a mãe de Jesus, estava presente em sua crucificação; e se a Páscoa era uma festa de celebração entre familiares e amigos, como então tirar a mãe de Jesus do contexto da Ceia? Ou, como afirma Serrano, “o termo discípulos usado por João é mais amplo que o termo apóstolos”, o que não necessariamente poderia reduzir aos doze.

Há um texto que é motivo de discussão: “Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente será culpado do corpo e do sangue do Senhor” (1Co 11.27). A palavra grega da qual é traduzida a expressão indignamente é “*ἀναξίως* – anaxios”<sup>43</sup> que, segundo Strong, é um advérbio de modo, o qual trata da forma inadequada de comportamento, ou seja, sem reverência, que também é traduzida como “irreverentemente”.<sup>44</sup> O texto lido de maneira direta passa a impressão de que reflete a indignidade quanto ao pecado, de ser digno de participar ou não; mas, aprofundando a pesquisa, percebe-se que trata-se da maneira comportamental, ou seja, de modo indigno. Se tratasse em relação ao pecado, dificilmente alguém estaria apto à participação da Ceia, não se tratando do “caráter do participante, mas sim ao modo de ação do participante”.<sup>45</sup> O autor assegura que a palavra *indignamente* traduzida para a língua portuguesa se refere à moralidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou fazer uma análise dos resultados de como era o direito e a exclusão à participação, abordando os memoriais de alianças e apresentando uma reflexão a respeito da aliança pascal no Egito como prefiguração da Ceia do Senhor. Além disso, permitiu a verificação da participação das condições necessárias exigidas aos que participariam dos memoriais de aliança, possibilitou verificar a participação de estrangeiros e escravos em vários eventos, a partir de textos bíblicos, o que permitiu situar nos eventos históricos, principalmente durante o processo de libertação no Egito, e na Ceia realizada por Jesus Cristo, sendo estes eventos fatores contribuintes que permitiu tratar a respeito do assunto, o que pôde auxiliar na aprendizagem do conteúdo.

<sup>41</sup> GHELMAN, M. Coleção judaísmo. **Tryte**, 1997. Disponível em: <<http://tryte.com.br/colecaojudaismo/livro9/l9cap2.htm>>. Acesso em: 26 maio 2017. A palavra Mishná significa literalmente "repetição" e também "estudo", "ensinamento", já que o ensino se fazia oralmente, com base apenas na repetição. Dá-se este nome à compilação da doutrina tradicional judaica pós-bíblica, em especial à sua parte jurídico religiosa.

<sup>42</sup> SERRANO, 1997, p. 62.

<sup>43</sup> STRONG, J. **Dicionário Bíblico Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002, G 371.

<sup>44</sup> BÍBLIA. **Bíblia de estudo palavras-chave Hebraico Grego**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 2063.

<sup>45</sup> TOKASHIKI, E. B. A Participação Indigna da Ceia do Senhor. **Monergismo**, São Paulo, 2005. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/santa\\_ceia/tokashiki\\_ceia\\_indigno.pdf](http://www.monergismo.com/textos/santa_ceia/tokashiki_ceia_indigno.pdf)>. Acesso em: 27 fev. 2017, p. 10.

De um modo geral, avaliou-se que a aliança pascal celebrou um novo tempo para Israel, que estava sob o domínio dos egípcios, e que a aliança pascal foi um marco de libertação ao povo. Do mesmo modo, a Ceia do Senhor instituída por Jesus Cristo apresentou um novo conceito de libertação que, naquele momento, também alcançaria os gentios.

Quanto ao direito de participação, permitia ao escravo que fosse circuncidado; estrangeiros, desde que fizesse de acordo com as leis (Nm 9.14). Já a não participação era considerada ofensa a Deus e era impedida aos que não tinham aliança com Deus, impuros sendo estes leprosos e os que tiveram contato com mortos. Como consequência da não participação, a pessoa levaria seu pecado e era extirpada do povo. Já na Ceia, o requisito era ser batizado, e sua participação traria promessas na ressurreição; era requerido que estivesse em estado de pureza para comê-la, e a reverência era necessária, não devendo o participante se portar de modo indigno. Foi verificado que para participação de qualquer rito memorial o requisito era ser participante de uma aliança. Diante disto percebe-se a necessidade de instruções aos participantes.

Diante dos objetivos desta pesquisa, o tema trouxe uma breve reflexão quanto à conduta dos participantes dos ritos memoriais de aliança, ficando evidente a necessidade de seriedade quanto à participação.

## REFERÊNCIAS

APOSTOLADO VERITATIS. São Cipriano de Cartago. **Veritatis Splendor – Memória e Ortodoxia Cristãs**, 2008. Disponível em:

<<http://www.veritatis.com.br/patristica/biografias/169-sao-cipriano-de-cartago>>. Acesso em: 19 maio 2016.

BARBOSA, G. ICP responde. **ICP**, s.d. Disponível em:

<<http://www.icp.com.br/72responde.asp>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

BAUER, J. B. **Dicionário bíblico Teológico**. São Paulo: Loyola, 2000.

BESEN, J. A. Comunhão no amor. **ECCLESIA**, s.d. Disponível em:

<<http://ecclesia.org.br/biblioteca/teologia/matta-el-meskin-comunhao-no-amor11.html>>. Acesso em: 25 maio 2017.

BÍBLIA. **Bíblia de estudo palavras-chave Hebraico Grego**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

BUNYAN, J. **Differences in Judgment About Water Baptism, No Bar to Communion**. London: John Wilkins, 1673.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2013. 6 vol.

DANIEL-ROPS, H. **A vida diária nos tempos de Jesus**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

DEUSDETE, D. **Reflexões bíblicas sobre Israel no deserto**. Brasília: Araújo Barreto, Daniel Deusdete, 2013.

DIDAQUÉ. **Catecismo dos primeiros cristãos**. Tradução de Urbano Zilles. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

ECCLESIA BRASIL. Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. **Ecclesia**, s.d. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/tradicao\\_apostolica\\_hipolito\\_roma.html#4.5 - A Ceia](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/tradicao_apostolica_hipolito_roma.html#4.5 - A Ceia)>. Acesso em: 19 maio 2016.

FRIESEN, A.; SANTIAGO, A.; STOLL, G. A. Interpretação cultural da Ceia: um ensaio. **Teologia e espiritualidade**, Curitiba, n. 6, maio 2016. Disponível em: <[http://www.fatadc.com.br/site/revista/6\\_edicao/6%20-%20INTERPRETA%C3%87%C3%83O%20CULTURAL%20DA%20CEIA.pdf](http://www.fatadc.com.br/site/revista/6_edicao/6%20-%20INTERPRETA%C3%87%C3%83O%20CULTURAL%20DA%20CEIA.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2017.

GHELMAN, M. Coleção judaísmo. **Tryte**, 1997. Disponível em: <<http://tryte.com.br/colecaojudaismo/livro9/19cap2.htm>>. Acesso em: 26 maio 2017.

GIRAUDO, C. **Num só corpo. Tratado Mistagógico sobre a eucaristia**. São Paulo: Loyola, 2003.

HINSON, E. G.; SIEPIERSKI, P. **Vozes do cristianismo primitivo**. 2.ed. São Paulo: Arte, 2010.

LIMA, A. Carta de Santo Inácio de Antioquia aos Efésios. **Veritatis Splendor - Memoria e Ortodoxia Cristã**, 2002. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/patristica/obras/1395-carta-de-santo-inacio-de-antioquia-aos-efesios>>. Acesso em: 19 maio 2016.

MACKINTOSH, C. H. **Estudos sobre o livro de Êxodo**. 2.ed. Diadema: Associação Religiosa Imprensa da Fé; Depósito de Literatura Cristã, 2001.

NERY, I. J. **Páscoa: teologia, tradição e símbolos**. 10.ed. Aparecida: Santuário, 2005.

NETTO, J. P.; MACHADO, A. A. **Lexicon.Dicionário teológico enciclopédico**. São Paulo: Loyola, 2003.

PESCE, M. **As duas fases da pregação de Paulo: da evangeliação à guia da comunidade**. São Paulo: Loyola, 1996.

PLEIN, I. W. **Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento**. Tradução de Antonius Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 2001.

SCHULER, A. **Diconário enciclopédico de teologia**. Canoas: Concórdia/ULBRA, 2002.

SERRANO, V. **A páscoa de Jesus em seu tempo e hoje: apêndice com hagadah de pessach**. São Paulo: Paulinas, 1997.

STRONG, J. **Dicionário bíblico Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

TOKASHIKI, E. B. A Participação Indigna da Ceia do Senhor. **Monergismo**, São Paulo, p. 22, 2005. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/santa\\_ceia/tokashiki\\_ceia\\_indigno.pdf](http://www.monergismo.com/textos/santa_ceia/tokashiki_ceia_indigno.pdf)>. Acesso em: 27 fev. 2017.

WALKER, W. **História da igreja cristã**. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP/ASTE, 1983. Vol. I e II.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## DISTINTIVOS FUNDAMENTALES DE UNA EDUCACIÓN AUTÉNTICAMENTE CRISTIANA

Fundamental distinctives of an authentically christian education

Me. Francisco Custodio<sup>1</sup>

### RESUMEN

La gran mayoría de las instituciones educativas se han alejado de Dios y su palabra, por tanto, sus enseñanzas son impartidas desde una perspectiva secularista y materialista. Esta clase de educación se ha encargado de formar una sociedad que solo vive para las cosas de esta vida presente sin preocuparse en lo absoluto por aquello que es eterno. De ahí la urgente necesidad de escuelas cristianas que posean una filosofía bíblica que de coherencia a las informaciones impartidas para que lleguen a ser un conocimiento verdadero. En el presente artículo presentamos cuales son los distintivos fundamentales que debe tener una educación para que sea auténticamente cristiana.

**Palabras claves:** Escuela. Educación. Cristiana. Cosmovisión. Secularismo. Currículo. Integral. Filosofía. Maestros. Biblia. Espiritual. Conocimiento. Gloria. Dios. Transformar. Corazón.

### ABSTRACT

The vast majority of educational institutions have moved away from God and his word, therefore, his teachings are taught from a secularist and materialist perspective. This kind of education has been responsible for forming a society that only lives for the things of this present life without worrying at all about what is eternal. Hence the urgent need for Christian schools that have a biblical philosophy that gives coherence to the information imparted so that they become true knowledge. In this article, we present what are the

<sup>1</sup> Francisco Custodio es Licenciado en Comunicación Social, tiene un ThM, es candidato a PhD y pastorea la "Iglesia Bautista Columna de la Verdad", Santo Domingo Oeste, República Dominicana. E-mail: [francisco\\_MejiaC@hotmail.com](mailto:francisco_MejiaC@hotmail.com)

fundamental distinctions that an education must have in order to be authentically Christian.

**Keywords:** School. Education. Christian Worldview. Secularism. Curriculum. Integral. Philosophy. Teachers. Bible. Spiritual. Knowledge. Glory. God. Transform. Heart.

## INTRODUCCION

En su libro titulado “Discipulando Naciones”, Darrow L. Miller cuenta una historia que ilustra perfectamente la manera en que las cosmovisiones influyen en el comportamiento de las personas.<sup>2</sup>

Josie Cornegay trabajaba como enfermera del Cuerpo de Paz en el Hospital de la Misión de Serabu, localizado en el Distrito de Bo de Sierra Leona, en África Occidental. Acababa de enseñar un curso de microbiología a diez estudiantes de enfermería del lugar. Todos ellos habían trabajado mucho, dominaban la información y habían demostrado conocer los virus, bacterias y otros organismos que causan las enfermedades. Después del examen final, una de las estudiantes levantó la mano y dijo: “Señorita, yo sé que usted nos enseñó sobre la polio, pero ¿quiere usted saber cómo es que la gente realmente la contrae?”

Sintiendo que el corazón se le iba a los talones, Josie preguntó: “¿Cómo?” “Son las brujas”, respondió la estudiante, “las brujas son invisibles. Vuelan de noche y muerden a la gente por la espalda”.

Esta historia no solo revela el impacto que tiene una cosmovisión en la vida de una persona, sino también la necesidad de escuelas que impartan una educación verdaderamente cristiana.

El pastor Sugel Michelen dice lo siguiente: “*Vemos* la necesidad de una filosofía de educación que le de coherencia a los datos impartidos en la escuela de modo que vengan a ser verdadero conocimiento”.<sup>3</sup>

De igual manera otro autor argumenta: La filosofía “es a la estructura del pensamiento lo que la mezcla es a la construcción de un edificio- le da cohesión a las cosas. Un montón de ladrillos no es un edificio, así como un conjunto de hechos no es conocimiento. Los ladrillos necesitan la mezcla, y los hechos necesitan una filosofía”.<sup>4</sup>

¿Tienen las escuelas cristianas esa filosofía que da coherencia a los datos impartidos para que lleguen a ser verdadero conocimiento? ¿Tiene el personal docente de las escuelas cristianas conciencia de esta filosofía de la educación cristiana? ¿Cuáles son los distintivos de una educación verdaderamente cristiana? En este breve escrito responderemos estas interrogantes estableciendo los distintivos de una educación auténticamente cristiana.

---

<sup>2</sup> MILLER, Darrow L. **Discipulando Naciones**. Editorial JUCUM, 2001, p. 31.

<sup>3</sup> MICHELÉN, Sugel. **Hacia una Educación Auténticamente Cristiana**. ACSI Latinoamericana, 2005, p. 6 (La cursiva es mía).

<sup>4</sup> MICHELÉN, 2005, p. 6 (la cursiva es mía).

## 1. UNA COSMOVISIÓN CRISTIANA

El primer distintivo de una educación auténticamente cristiana es que esté guiada por una cosmovisión cristiana. ¿Qué es una cosmovisión? Hay varias definiciones que se han ofrecido de este término.

El economista Thomas Sowell dice: “La cosmovisión es nuestro sentido de cómo funciona el mundo... la base sobre la cual se desarrollan las teorías... un sentido de causalidad”.<sup>5</sup>

Ronald H. Nash observa que:

Una cosmovisión es un esquema conceptual en el cual nosotros, consciente o inconscientemente, colocamos o hacemos caber todo lo que creemos y a través del cual interpretamos y juzgamos la realidad.<sup>6</sup>

El sociólogo alemán Niels Mulder define la cosmovisión como: “Los conceptos medulares que coinciden con la orientación cognitiva básica de la cultura”.<sup>7</sup>

Resumiendo, podemos decir que una cosmovisión es un conjunto de esquemas mentales en el que de forma consciente o inconsciente colocamos nuestras creencias, y a través del cual entendemos el universo y como este funciona.

Ahora bien, ¿Por qué es tan importante tener una cosmovisión cristiana de la educación? Porque en la mayoría de las escuelas, incluyendo algunas escuelas “cristianas”, tienen una cosmovisión humanista secularista de la educación. ¿Qué es el humanismo? El humanismo es “la filosofía o actitud que coloca al ser humano en el centro de los intereses”.<sup>8</sup> El primer filósofo en sentar las bases para el humanismo fue el sofista Protágoras cuando declaró que: “el hombre es la medida de todas las cosas. No debe enfrentarse ni con dioses superiores que le marquen un camino, ni con leyes eternas”.<sup>9</sup> Pero no fue sino hasta el Renacimiento cuando esta cosmovisión tomó fuerza para convertirse en el gigante que es hoy en occidente.

Herman Dooyeweerd describe el dominio de esta filosofía con las siguientes palabras:

...en la visión griega de la naturaleza humana el misterioso motivo materia con su énfasis en el destino inexorable, había sido la contrafuerza continua y trágica al optimista motivo forma que enfatizaba lo bueno y lo bello en el cosmos.

Del mismo modo, la visión escritural de la realidad, la cual contenía la enseñanza de una caída radical, cortaba de raíz cualquier optimismo superficial acerca de la naturaleza. Pero el humanismo se aproximaba a la naturaleza a partir de un marco mental completamente diferente.

Ya el Renacimiento temprano separaba su concepción de la naturaleza tanto de la idea griega del destino como de la doctrina cristiana de la depravación radical. Orgullosamente consciente de su autonomía y libertad, el hombre moderno vio la “naturaleza” como una arena expansiva para las

<sup>5</sup> SOWELL, Thomas. **A Conflict of Vision**. New York: William Morrow, 1987, p. 14,16.

<sup>6</sup> NASH, Ronald H. **Worldviews in Conflict**. Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 16.

<sup>7</sup> MULDER, Niels. **Inside thai Society**. Bangkok: Editions Duang Kamol, 1990, p. 11.

<sup>8</sup> **DICCIONARIO de Filosofía**. Editorial Panamericana, 1997, p. 268.

<sup>9</sup> DELLUTRI, Salvador. **La Aventura del Pensamiento**. Miami: Unilit, 2002, p. 42.

exploraciones de su personalidad libre, como un campo de infinitas posibilidades en el que se debe revelar la soberanía de la personalidad humana mediante un *dominio* completo de los fenómenos de la naturaleza.<sup>10</sup>

Como se observa en esta descripción, el humanismo secularista es diametralmente opuesto a la cosmovisión cristiana, y ambos se encuentran en un permanente conflicto por la hegemonía del pensamiento de los hombres. En este punto debemos preguntarnos, ¿En qué consiste la cosmovisión cristiana? La cosmovisión cristiana es la creencia en un Dios personal, trascendente que creó el universo de la nada y que lo gobierna, sostiene y dirige según su providencia (Ge 1.1; Is 46.9-11; Dn 4.34-35; Mt 10.29-31). Este Dios se ha dado a conocer al hombre en la revelación general (la creación), la revelación proposicional (la Biblia) la revelación personal (Jesucristo). Esta relación divina tiene como propósito manifestar la gloria de Dios y redimir al hombre que esta radicalmente corrompido por el pecado (Sal 19.1-4; S. Jn 1.18; 2Tim 3.15-17).

Dice Samuel E. Waldron: “La Confesión nos recuerda que la revelación redentora tiene un propósito redentor. Los hombres deben ponerse en contacto con ella para que se cumpla su fin. Como medio necesario para este fin necesario, las Escrituras mismas son necesarias”.<sup>11</sup> Nuestra tarea es estudiar esa revelación, interpretarla y procurar que ella dirija todas las áreas de la vida humana.

Theo G. Donner es muy certero cuando comenta: “Tenemos un punto de partida...que nos une y nos orienta. No tenemos un sistema completo, coherente, que Dios nos haya dado. Dios no nos dio una Teología Sistemática, ni una filosofía cristiana completa. Dios se ha dado a conocer en la historia, máxime en la persona de Cristo. Y es a partir de esa revelación que podemos hacer teología, que podemos elaborar una filosofía cristiana”.<sup>12</sup>

La responsabilidad de la escuela cristiana es elaborar un currículo que tenga como fundamento esa revelación escrita que Dios nos ha dado, y ese es el segundo distintivo de una educación realmente cristiana.

## 2. UN CURRÍCULO INTEGRAL

Tomando en consideración que toda verdad, ya sea en el ámbito teológico, científico o filosófico proviene de Dios, la labor de la escuela cristiana es elaborar un currículo que integre lo secular y lo sagrado. En otras palabras, que todo el contenido que se imparte en las escuelas cristianas debe ser permeado por las enseñanzas de las Escrituras. Como alguien ha dicho:

La ciencia está basada en la sabiduría e inteligencia que Dios le ha dado al hombre para que investigue y desarrolle un conocimiento racional, sistemático, exacto, verificable y falible, a través de la investigación científica, el cual le muestra la grandeza y gloria del Dios Creador y sustentador de todas las cosas.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> DOYEWEERD, Herman. **Las Raíces de la Cultura Occidental**. Barcelona: CLIE, 1998, p. 155.

<sup>11</sup> WALDRON, Samuel E. **Exposicion de la Confesion Bautista de Fe de 1689**. Evangelical Press, 1989, p. 35.

<sup>12</sup> DONNER, Theo G. **Fe y Postmodernidad**. Barcelona: CLIE, 2004, p. 31.

<sup>13</sup> **LA INTEGRACIÓN Bíblica en Centros Educativos**. Fundamento para la Familia. A. C, p. 23.

C. S. Lewis es un ejemplo brillante de una cosmovisión cristiana integrada:

Creo que cualquier cristiano que está calificado para escribir un buen libro popular acerca de cualquier ciencia puede lograr mucho más que algún trabajo directamente apologético...Lo que queremos no son más libros acerca del cristianismo, sino más libros escritos por cristianos acerca de otros temas- con su cristianismo latente.<sup>14</sup>

Lo que Lewis nos está diciendo es que debemos entender que los padres no envían a sus hijos a la escuela (aunque sea cristiana) para recibir una formación teológica avanzada, sino para ser formados en las distintas áreas científicas. Sin embargo, aun en esas áreas la escuela y el maestro deben mantener una teología latente.

Lutero decía: “Sobre todo en las escuelas todo tipo de enseñanzas debería proceder de las Sagradas Escrituras... Pero donde las Sagradas Escrituras no son la regla, yo amonesto a los padres a no enviar a sus hijos, porque todo perecerá donde la Palabra de Dios no es estudiada incesantemente”.<sup>15</sup>

De acuerdo con Lutero, la escuela verdaderamente cristiana no es aquella que simplemente lleva nombre “cristiana”, ni aquella que realiza un devocional todas las mañanas o una capilla una vez por semana, sino aquella que tiene como única regla las sagradas Escrituras.

De igual manera para Juan Calvino “la escuela y la iglesia eran una misma cosa, unidas en el ministerio, no había forma de separarlas, para él la división entre lo sagrado y secular era algo inconcebible”.<sup>16</sup>

Webster lo expresa con estas palabras:

No es la preparación académica sola, pero la preparación académica impregnada de la Palabra de Dios la que habla a la gran masa de la sociedad. Tampoco creemos en la eficacia de institutos mecanizados, ni en escuelas elementales para formar una población bien preparada y virtuosa, si éstas se encuentran divorciadas de una enseñanza de la piedad cristiana.<sup>17</sup>

Otro autor explicó de forma práctica la manera de integrar la ciencia con la teología en el proceso educativo: "Saber gramática es muy importante para Dios porque sin ella Su Palabra no tiene sentido. Él nos dio el idioma para ser capaces de comunicar Sus pensamientos y voluntad".<sup>18</sup>

El siguiente es otro ejemplo de la integración curricular:

Para los estudiantes, dominar un idioma aumenta las oportunidades de trabajo, las probabilidades de ser aceptados en la universidad, la eficiencia de comunicarse con el novio o la novia (o esposos) o compañeros de trabajo, incluso con clientes potenciales. Para los cristianos, dominar un idioma les

<sup>14</sup> Citado por RAMSAY, Richard B. **Integridad Intelectual**. Barcelona: CLIE, 2005, p. 13.

<sup>15</sup> **LA INTEGRACIÓN Bíblica en Centros Educativos**, p. 6.

<sup>16</sup> **LA INTEGRACIÓN Bíblica en Centros Educativos**, p. 6.

<sup>17</sup> **LA INTEGRACIÓN Bíblica en Centros Educativos**, p. 6.

<sup>18</sup> HILGEMAN, Thomas. Citado por **La Integración Bíblica en Centros Educativos**. Fundamento para la Familia. A. C, p. 13.

ayuda a comunicar el evangelio a los dem1s y les conducir1 a un mejor entendimiento de la Palabra de Dios.

Haga este ejercicio cada vez que ense1e a sus estudiantes la importancia de las estructuras gramaticales tales como sustantivos, verbos, adverbios, adjetivos, etc. Supongamos que usted va a ense1ar la importancia de los verbos. Vaya a la Biblia y seleccione un pasaje de las Escrituras como Juan 3:16. Que los estudiantes copien el vers1culo en una hoja de papel pero p1dales que no escriban los verbos. De esta forma preg1nteles 1c3mo afecta el mensaje de Juan 3:16? Saber gram1tica es muy importante para Dios porque sin ella Su Palabra no tiene sentido. 1l nos dio el idioma para ser capaces de comunicar Sus pensamientos y voluntad.<sup>19</sup>

Como podemos ver, la educaci3n no se trata 1nicamente de traspasar una informaci3n al intelecto de los alumnos, sino que esa informaci3n debe llevarlos a tener una compresi3n adecuada del fin 1ltimo de su existencia en este mundo: vivir para la gloria de su creador y el bienestar de su pr3jimo.

Ahora bien, si la verdadera educaci3n cristiana requiere un curr1culo que integre las diversas ciencias con las Escrituras, tambi3n es cierto que ese curr1culo debe ser elaborado e impartido por hombres y mujeres competentes.

### 3. MAESTROS CAPACITADOS

Si una persona tiene escaso o ning1n conocimiento de medicina pero desea ser un cirujano, no se dirige a un hospital, entra al quir3fano y se le entrega un bistur1 para que realice una cirug1a a un paciente que est1 en estado de gravedad. Si esta persona ama la medicina y desea operar a alguien tendr1 que dedicar gran parte de su vida a los estudios y la preparaci3n. De igual manera, los maestros que imparten educaci3n realmente cristiana deben estar bien capacitados porque de ello depender1 la eficacia de su labor educativa. En (2Tim. 3.14) el ap3stol Pablo no solo le recuerda a Timoteo la importancia del contenido que lo transform3, sino tambi3n el ejemplo de los instrumentos humanos que Dios us3 para cambiarlo. As1 que, los maestros de las escuelas cristianas deben estar altamente capacitados por lo menos en dos 1reas.

Dice Howard Hendricks que

Se necesita un m1nimo de cuatro a1os de educaci3n universitaria para ense1ar a los ni1os que dos m1s dos son cuatro. Sin embargo, para ense1ar las inescrutables riquezas de Cristo, cualquier cosa es suficiente... y es por eso que con tanta frecuencia se degenera en un ministerio de mediocridad.<sup>20</sup>

#### 3.1 En el 1rea espiritual

Hay cuatro caracter1sticas que muestran que una persona esta espiritualmente capacitada para ense1ar en una escuela cristiana.

1. El maestro de una escuela cristiana debe ser regenerado

<sup>19</sup> LA INTEGRACI3N B1blica en Centros Educativos, p. 13.

<sup>20</sup> HENDRICKS, Howard. Ense1ando para Cambiar Vidas. Miami: Logoi, 2003, p. 10.

2. Debe ser miembro de una iglesia local con sana doctrina
3. Debe poseer un car3cter maduro
4. Debe tener un conocimiento profundo de la Biblia y estar entrenado para pensar b3blicamente

Richard y Bredfeldt son muy elocuentes cuando afirman:

La ense1anza creativa de la Biblia comienza con el estudio eficaz de la misma. Antes de que uno pueda ser maestro de la Biblia, debe ser primero un estudiante de ella. Aunque no hay garant3as de que los que estudian la Biblia de manera correcta necesariamente la ense1ar3n bien, es cierto que los que no estudian las Escrituras con diligencia no pueden ense1arla bien.<sup>21</sup>

Y estas palabras son bien penetrantes: “Al considerar las cualidades de los l3deres de educaci3n cristiana se advierte que no hay sustituto para la crisis de conversi3n y santificaci3n total. No se puede conducir a donde uno no ha ido”.<sup>22</sup>

### 3.2 En el conocimiento de la asignatura que imparte

Los maestros cristianos no solo deben estar saturados de la palabra de Dios, sino que adem3s deben tener un amplio dominio de las asignaturas que ense1an en las escuelas y mostrar un entusiasmo piadoso por ellas.

Escuche con cuidado como Richard Riesen aborda este punto:

Me preocupo cuando algunos profesores me dicen que ense1an porque ellos desean ayudar a los j3venes, o porque les gusta estar con j3venes, o porque ‘los j3venes tienen tantos problemas en estos d3as’- pero no me dicen algo sobre aquello para lo que se les contrat3: ense1ar una materia.<sup>23</sup>

En su libro “Las Siete Leyes de la Ense1anza”, Juan Milton Gregory lo explica de la siguiente manera: “Lo que el maestro conoce, eso debe ense1ar. La palabra CONOCER ocupa un lugar central en la ley del maestro. El conocimiento es el material con que trabaja el maestro, y la primera raz3n en pro de la ley del maestro debe buscarse en el conocimiento”.<sup>24</sup>

Una vez m3s cito a Hendricks: “El maestro eficaz siempre ense1a de lo que fluye de una vida plena. La ley del maestro, declarada sencillamente, es esta: *Si deja de crecer hoy, dejar3 de ense1ar ma1ana*. Ni la personalidad ni la metodolog3a pueden sustituir este principio. Usted no puede comunicar desde un vac3o. No puede impartir lo que no posee. Si no lo conoce, es decir, conocerlo verdaderamente, no lo puede dar”.<sup>25</sup>

Nuestro Se1or y salvador Jesucristo, el m3s grande de todos los maestros que ha existido en el mundo declara en Lucas 6.40 que “...todo disc3pulo que fuere perfeccionado ser3 como su maestro”.

Hendriksen enfatiza el perfeccionamiento del maestro cuando comenta el texto:

<sup>21</sup> RICHARDS, Lawrence O. **Ense1emos la Biblia Creativamente**. Miami: Logoi, 2001, p. 11.

<sup>22</sup> **EXPLORANDO la Educaci3n Cristiana**. Casa Nazarena de Publicaciones, 1994, p. 415.

<sup>23</sup> RIESEN; citado por MICHELEN, Sugel. **Hacia una Educaci3n Aut3nticamente Cristiana**. ACSI Latinoamericana, 2005, p. 58.

<sup>24</sup> GREGORY, Juan Milton. **Las Siete Leyes de la Ense1anza**. The Pilgrim Press, p. 38.

<sup>25</sup> HENDRICKS, 2003, p. 10.

Con ternura y amor el Maestro ahora les asegura que aunque nunca podrán superarlo o sobrepasarlo, una preparación completa bajo su dirección hará que ellos, si la reciben, sean como su Maestro; esto es, como él, no en grado de conocimiento o sabiduría, sino en que reflejarán en forma verdadera su imagen delante del mundo, de modo que la gente instruida por ellos comenzará a decir: Podemos notar que estos hombres han estado con Jesús (véase Hch. 4.13b).<sup>26</sup>

## 4. METAS BIBLICAS

El cuarto distintivo de una educación verdaderamente cristiana es que debe perseguir metas que están claramente establecidas por Dios en las sagradas Escrituras. Por causa del espacio nos limitaremos a tratar dos metas generales que incluyen todas las metas bíblicas específicas, y que deben estar presentes en toda labor que el cristiano realiza, ya sea en el plano espiritual o secular.

### 4.1 La gloria de Dios

Ninguna educación que no tenga como meta principal la gloria de Dios puede ser llamada genuinamente cristiana. El procurar glorificar a Dios es lo que le da sentido y valor a todo lo que hacemos en esta vida.

El apóstol Pablo escribió: “Si, pues, coméis o bebéis, o hacéis otra cosa, hacedlo todo para la gloria de Dios” (1 Co 10.31). “Algunos maestros judíos enfatizaban que todo debía hacerse por amor a Dios, como Pablo lo dice aquí; algunos filósofos afirmaban que uno debía invertir la vida solo en lo que tiene significación eterna...Pablo considera tales cosmovisiones como apropiadas y las aplica a la credibilidad del evangelio”.<sup>27</sup>

Es evidente que el propósito supremo de la educación no es capacitar a las personas para que sean ‘exitosas en el mundo’, sino capacitarlas para que conozcan a Dios y lo adoren. “El propósito supremo de la educación cristiana es capacitar a las personas para que tengan consciencia del amor de Dios que busca al hombre, tal como se reveló en Jesucristo, y responder en fe a ese amor en formas que les ayuden a crecer como hijos de Dios, vivir de acuerdo con la voluntad de Dios y sostener una relación vital con la comunidad cristiana”.<sup>28</sup>

### 4.2 Transformar el corazón del alumno

La mayoría de los educadores procuran cambiar la conducta de los alumnos pero dejando intactos sus corazones. Ellos ignoran por completo que nosotros pertenecemos a una raza caída que lleva consigo el germen del pecado y cuyos corazones vienen dañados de fábrica. Por tanto, la meta de la educación cristiana debe ser servir como un instrumento en

---

<sup>26</sup> HENDRIKSEN, William. **Comentario al Nuevo Testamento**: exposición del Evangelio según San Lucas. Grand Rapids, Michigan: Libros Desafío, 2002, p. 265.

<sup>27</sup> KEENER, Craig S. **Comentario del Contexto Cultural de la Biblia, Nuevo Testamento**. El Paso, Texa: Mundo Hispano, p. 473.

<sup>28</sup> **EXPLORANDO la Educación Cristiana**, 1994, p. 23.

las manos de Dios para transformar los corazones de los alumnos, a fin de que ellos puedan amar a Dios y a su prójimo.

La Biblia enfatiza que el proceso pedag3gico tanto de los padres como de los maestros debe enfocarse en el coraz3n de los alumnos. Deuteronomio 6.5-6 dice que la enseñanza de los padres debe dirigirse al coraz3n. Proverbios 4.23 aclara que sobre todo debemos guardar el coraz3n. Marcos 7.21-22 muestra que la conducta del ser humano es un reflejo de lo que hay en su coraz3n. Tedd Tripp dice: “Las Escrituras enseñan que el coraz3n es el centro de control de la vida, por lo que la vida de una persona es el reflejo de su coraz3n”.<sup>29</sup>

## CONCLUSION

Hemos considerado brevemente algunos distintivos fundamentales de una educaci3n aut3nticamente cristiana. Esos distintivos est3n claramente establecidos en, y son f3cilmente demostrable por la palabra escrita de Dios. En Colosenses 2.8 Pablo advierte a los cristianos que no se dejen engañar por medio de las filosofías mundanas. De igual manera en Romanos 12.2 nos manda a no conformarnos a este mundo, sino a transformarnos por medio de la renovaci3n de la mente.

El asunto es que hay una batalla campal entre dos cosmovisiones distintas y antag3nicas: la cosmovisi3n judeo-cristiana que interpreta el mundo y la realidad a la luz de la Biblia, y coloca al Dios soberano como centro del universo, y alrededor del cual giran todas las cosas. Por el otro lado, est3 la cosmovisi3n humanista que tiene al hombre en el centro del mundo y lo ve como la medida de todas las cosas.

Esta cosmovisi3n humanista secularista es la que predomina en los centros educativos de nuestra sociedad y el mundo. Esta realidad presenta varios retos a las instituciones que pretender impartir una educaci3n verdaderamente cristiana.

Número uno, no deben amoldarse a la filosofía educativa del mundo. Esto incluye varias cosas:

Que el currículum que se imparte en una escuela cristiana no debe ser elaborado por instituciones con una perspectiva del mundo humanista secularista.

Nunca la meta de una escuela que imparte educaci3n aut3nticamente cristiana debe ser enriquecerse. Las escuelas cristianas no deben ser un negocio para crear fuentes de trabajos en la iglesia o darle prestigio, sino que son ministerios para la gloria de Dios y la formaci3n de hombres y mujeres para su reino.

Las escuelas cristianas no deben tener en sus planteles maestros que no sean salvos, que no est3n seriamente comprometidos con las verdades eternas de la palabra de Dios y la causa de Cristo.

Número dos, frente a este inter3s de las distintas cosmovisiones anticristianas por conquistar las mentes de las personas, los cristianos no debemos ser indiferentes ni pasivos, sino que debemos adoptar una actitud activa sabiendo que el tiempo apremia.

Cierro citando una vez más a Miller:

---

<sup>29</sup> TRIPP, Tedd. *C3mo Pastorear el Corazon de su Hijo*. Editorial Eternidad, p. 3.

El tiempo es la arena de la actividad humana. Conforme pasa el tiempo, o nos desarrollamos y revelamos el reino de Dios, o vivimos para los despiadados antojos de Satanás. A cada persona se le ha concedido una cantidad limitada de tiempo para intervenir en la historia de Dios. Por lo tanto, hemos de redimir el tiempo usando las innumerables virtudes cristianas. La prudencia significa que ordenamos nuestro tiempo sabiamente. La disciplina significa que luchamos contra el hábito de dejar las cosas para mañana, el cual es el ladrón del tiempo. La perseverancia significa que nos mantenemos prosiguiendo hacia adelante, aun en los tiempos difíciles. La mayordomía nos constriñe a obedecer el mandamiento del Señor que nos ordena mantenernos ocupados, trabajando hasta que El regrese.<sup>30</sup>

## REFERENCIAS

DELLUTRI, Salvador. **La Aventura del Pensamiento**. Miami: Unilit, 2002.

**DICCIONARIO de Filosofía**. Editorial Panamericana, 1997.

DONNER, Theo G. **Fe y Postmodernidad**. Barcelona: CLIE, 2004.

DOYEWEEERD, Herman. **Las Raíces de la Cultura Occidental**. Barcelona: CLIE, 1998.

**EXPLORANDO la Educación Cristiana**. Casa Nazarena de Publicaciones, 1994.

FUNDAMENTO para la Familia. **La Integración Bíblica en Centros Educativos**.

GREGORY, Juan Milton. **Las Siete Leyes de la Enseñanza**. The Pilgrim Press.

HENDRICKS, Howard. **Enseñando para Cambiar Vidas**. Miami: Logoi, 2003.

HENDRIKSEN, William. **Comentario al Nuevo Testamento: exposición del Evangelio según San Lucas**. Grand Rapids, Michigan: Libros Desafío, 2002.

HILGEMAN, Thomas. Citado por “La Integración Bíblica en Centros Educativos” (Fundamento para la Familia. A. C.

KEENER, Craig S. **Comentario del Contexto Cultural de la Biblia, Nuevo Testamento**. El Paso, Texa: Mundo Hispano.

MICHELÉN, Sugel. **Hacia una Educación Auténticamente Cristiana**. ACSI Latinoamericana, 2005.

MILLER, Darrow L. **Discipulando Naciones**. Editorial JUCUM, 2001.

MULDER, Niels. **Inside thai Society**. Bangkok: Editions Duang Kamol, 1990.

NASH, Ronald H. **Worldviews in Conflict**. Grand Rapids: Zondervan, 1992.

RAMSAY, Richard B. **Integridad Intelectual**. Barcelona: CLIE, 2005.

---

<sup>30</sup> MILLER, 2001, p. 266.

RICHARDS, Lawrence O. **Enseñemos la Biblia Creativamente**. Miami: Logoi, 2001.

RIESEN; citado por MICHELEN, Sugel. **Hacia una Educación Auténticamente Cristiana**. ACSI Latinoamericana, 2005.

SOWELL, Thomas. **A Conflict of Vision**. New York: William Morrow, 1987.

TRIPP, Tedd. **Cómo Pastorear el Corazon de su Hijo**. Editorial Eternidad.

WALDRON, Samuel E. **Exposicion de la Confesion Bautista de Fe de 1689**. Evangelical Press, 1989.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A IRRUPÇÃO DO REINO DE DEUS NA TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO DE RUDOLF BULTMANN

The breaking of the Kingdom of God in the Theology of the New Testament of  
Rudolf Bultmann

Evandro Roque Rojahn<sup>1</sup>

### RESUMO

Rudolf Karl Bultmann apresenta em sua Teologia do Novo Testamento o Reino de Deus como o tema central na pregação de Jesus. A essa mensagem central de Jesus, Bultmann atribui o nome de “Pregação Escatológica”. A partir disso surge a questão: Como o tema da irrupção do Reino de Deus é abordado por Bultmann? Percebeu-se que Bultmann compreendeu o Reino de Deus como algo que ainda está por se cumprir e que substancialmente não veio como previsto pela expectativa judaica. A proclamação da irrupção do Reino de Deus por Jesus segundo Bultmann é a premissa para a construção de uma Teologia do Novo Testamento. Além disso, nesse artigo evidenciou-se que essa pregação escatológica, isto é, a mensagem da irrupção do Reino de Deus põe os ouvintes de Jesus diante de uma decisão, que, segundo o teólogo alemão, deve ser radical. A obra fundamental para a compreensão do Reino de Deus na perspectiva de Bultmann é sua Teologia do Novo Testamento que é citada nas teologias de Ladd e Jeremias.

**Palavras Chave:** Reino. Decisão. Pregação Escatológica. Radicalidade. Expectativa Judaica.

### ABSTRACT

Rudolf Karl Bultmann presents in his New Testament Theology the Kingdom of God as the central theme in the preaching of Jesus. To this central message of Jesus, Bultmann

<sup>1</sup> Licenciado em Artes Visuais, Filosofia, Letras/Inglês, Bacharel em Teologia, Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento, mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Professor de Arte, Filosofia e Ensino Religioso na Rede Estadual de Educação do Paraná. Atualmente é colaborador da obra de Deus na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Ministério de Rio Branco do Sul / PR. E-mail: [teologiaevandro@gmail.com](mailto:teologiaevandro@gmail.com)

attributes the name "Eschatological Preaching". How is the subject of the eruption of the Kingdom of God addressed by Bultmann? Bultmann understood the Kingdom of God as something that is yet to be fulfilled and which substantially did not come as predicted by Jewish expectation. The proclamation of the outburst of the Kingdom of God by Jesus according to Bultmann is the premise for the construction of a New Testament Theology. This eschatological preaching, that is, the message of the irruption of the Kingdom of God, puts the hearers of Jesus before a decision which, according to the German theologian, must be radical. The fundamental work for understanding the Kingdom of God in Bultmann's perspective is his New Testament Theology which is quoted in the theologies of Ladd and Jeremiah.

**Keywords:** Kingdom. Decision. Eschatological Preaching. Radicality. Jewish Expectation.

## INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste artigo é analisar, não todas as obras de Bultmann, mas apenas a manifestação do Reino de Deus na sua Teologia do Novo Testamento. Muitas coisas de Bultmann são altamente relevantes para a compreensão de temas centrais do Novo Testamento, dentre eles, merece destaque a *Irrupção do Reino de Deus em sua Teologia do Novo Testamento*. Por isso, essa pesquisa primeiramente analisará sua Teologia do Novo Testamento e após comparará com outros escritos. Tudo isso, será feito por meio de pesquisa bibliográfica, explorando e descrevendo esse tão sublime tema na visão do teólogo.

Não se tentará provar se ele está certo ou errado em suas proposições, mas serão analisadas mais a fundo suas afirmativas sobre a irrupção do Reino de Deus para que sejam elucidadas algumas dificuldades de sua posição. Essa Teologia do Novo Testamento foi escolhida dentre as obras do autor, justamente por revelar o pensamento mais maduro de Bultmann no intento de promover outros temas analisados pelo teólogo alemão, para que não seja lembrado apenas por um aspecto de sua teologia.

A justificativa de Bultmann para a composição de uma Teologia do Novo Testamento recai sobre um tema principal, o Reino de Deus. Este tema, na visão do teólogo não deve ser parte da Teologia do Novo Testamento, mas pressuposto dela. Sendo assim, no primeiro capítulo essa pesquisa discorrerá sobre os destaques principais da primeira parte da Teologia do Novo Testamento de Rudolf Bultmann visando apresentar seus argumentos principais. A pessoa histórica de Jesus não faz parte da Teologia do Novo Testamento de Bultmann. Para ele, este Jesus histórico é secundário ao querigma da comunidade e surge deste.

À mensagem do Reino de Deus Bultmann denomina "pregação escatológica",<sup>2</sup> e essa se revelará importantíssima para Teologia do Novo Testamento. Desta mensagem derivam todos os demais temas neotestamentários e toda a *práxis* da comunidade pós-pascal. E Bultmann iniciará deixando isso muito claro, como considerações preliminares, tudo se inicia a partir da pregação escatológica.<sup>3</sup> Na primeira parte do capítulo dois será apresentado o Reino de Deus como Pregação Escatológica e as implicações do uso deste conceito na teologia de Bultmann.

---

<sup>2</sup> BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2008, p. 59.

<sup>3</sup> BULTMANN, 2008, p. 60-61.

O Reino de Deus chegaria ao povo na pessoa e mensagem do Messias para, aparentemente cumprir a expectativa judaica do final dos tempos. Bultmann concebe isso como uma atuação bastante reduzida do ministério de Jesus. Essa expectativa judaica se refere a um evento de proporções catastróficas, extraordinárias.<sup>4</sup> Segundo Bultmann, isso não ocorre no ministério de Jesus.<sup>5</sup>

A Decisão como exigência ética de Jesus, é o conceito que Bultmann irá preferir quando se refere à disposição do indivíduo com relação ao Reino de Deus. Este conceito será apresentado na segunda parte do capítulo dois. A partir daí o teólogo concluirá que, a concepção que Jesus tinha sobre Deus poderia ser fantasia de sua cabeça, ou, nas palavras dele, um engano, pois tal expectativa não ocorreu. Havia apenas um homem simples, que pregava o arrependimento e fazia exigências radicais aos seus seguidores, mas o Reino, este ficou apenas no anúncio, isto é, foi simploriamente um discurso que no fim das contas não aconteceu.<sup>6</sup>

## 1. APRESENTAÇÃO DO TEÓLOGO ALEMÃO

Independente de se concordar ou discordar das posições, as vezes polêmicas de Bultmann, não será possível negar a influência enorme que ele teve – e ainda tem – sobre os estudos em teologia do Novo Testamento, no decorrer dos últimos cinquenta anos, especialmente na Europa ocidental.<sup>7</sup> O legado teológico de Bultmann não pode ser ignorado sem que haja uma boa explicação,<sup>8</sup> sendo assim, nesse primeiro ponto do artigo será verificada brevemente a vida e obra bibliográfica de Bultmann e a influência do existencialismo em sua perspectiva teológica.

### 1.1 Breve biografia de Rudolf Bultmann

Rudolf Karl Bultmann foi um teólogo alemão. Nasceu em 20 de agosto<sup>9</sup> de 1884, na pequenina cidade de Wiefelstede, no norte da Alemanha. Era filho e neto de pastores luteranos. Também era diácono de uma igreja luterana.<sup>10</sup> Iniciou sua carreira teológica em 1903. Em 1910 defendeu sua tese de doutorado e dois anos depois se habilitou ao magistério. Em 1916 iniciou na universidade de Breslau ensinando a disciplina de Teologia do Novo Testamento. Permaneceu ali apenas quatro anos. Em 1920 se tornou professor catedrático em Gieben, seguiu um ano mais tarde para a universidade de Marburg, Alemanha, onde lecionou até se aposentar em 1951. Bultmann faleceu em Marburg em 1976, aos 92 anos de idade.<sup>11</sup> Rudolf Karl Bultmann, a despeito de todas as críticas ao seu programa teológico, foi

---

<sup>4</sup> BULTMANN, 2008, p. 41.

<sup>5</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 208.

<sup>6</sup> LOPES, 2013, p. 208.

<sup>7</sup> BROWN, Colin. **Filosofia e fé cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 158.

<sup>8</sup> BULTMANN, 2008, p. 15.

<sup>9</sup> HIGUET, Etienne A. (Org.). **Teologia e Modernidade**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 102.

<sup>10</sup> LOPES, 2013, p. 207.

<sup>11</sup> BULTMANN, 2008, p. 15,16.

um grande pensador<sup>12</sup> que influenciou (e ainda o faz) outros pesquisadores, principalmente do Novo Testamento.

Sua Teologia do Novo Testamento é um trabalho monumental. Suas mais de 900 páginas, foram escritas quando o teólogo já era conhecido como professor e estudioso do Novo Testamento. Foi redigida no tempo de sua aposentadoria, após 1951. Essa Teologia do Novo Testamento revela toda a maturidade e experiência na disciplina do Novo Testamento. Bultmann parte não do Jesus histórico, mas do querigma da comunidade, para elaborar sua Teologia do Novo Testamento. Para ele, Jesus é anterior ao querigma, mas é este querigma que revela Jesus, ou seja, só sabemos algo de Jesus pelos escritos da comunidade.

Será justamente na exegese do querigma pós-pascal que Bultmann vai dar início ao seu conhecido programa teológico, a desmitologização, ou apenas demitização. Para ele, a comunidade escreveu sua compreensão de Jesus<sup>13</sup>, mesclando mitos e lendas<sup>14</sup> nos escritos, bem como “pondo palavras na boca de Jesus”. Assim, segundo ele, era essencial e urgente, uma demitização, isto é, garimpar dentre os mitos, não eliminando, mas reinterpretando os tais, para se chegar à compreensão da verdadeira mensagem do evangelho.

As afirmativas de Bultmann eram baseadas em seu ceticismo e temperadas pela filosofia existencialista de Martin Heidegger, com o qual teve longa amizade. Essa compreensão cética e crítica levou o teólogo a rejeitar por completo as ideias de inerrância,<sup>15</sup> inspiração e infalibilidade das Escrituras. Ele viu Jesus como um homem e a Bíblia como um livro que revela a compreensão que a comunidade possuía do Cristo. Isso gerou muitas críticas. Mas assim como Calvino é conhecido por sua teoria da predestinação, a despeito de ter elaborado muito mais material teológico que apenas isso, Bultmann também é lembrado mais por seu programa de *Desmitologizar* a Bíblia.<sup>16</sup>

## 1.2 Destaques da teologia de Rudolf Bultmann

Bultmann iniciou seus estudos em Teologia em 1903, seguindo os passos de seus ancestrais. Em 1910 defendeu sua tese de doutorado sobre o estilo da pregação do apóstolo Paulo. Em 1912 iniciou um estudo sobre Teodoro de Mopsuéstia. A obra que manifesta o pensamento de Bultmann sobre a busca do Jesus histórico é exposto em seu livro *O Jesus Histórico*,<sup>17</sup> escrito em 1926. Esse tema é assunto de outro livro de Bultmann, *A História da Tradição Sinótica*, redigida em 1921 e reeditada em 1931. Bultmann acredita que o intelecto deve ser articulado com a fé, e baseado neste pensamento, compõe outro livro intitulado, *Crer e Compreender*.

<sup>12</sup> GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**. Tradução de Reginaldo Gomes de Araújo. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 135.

<sup>13</sup> LOPES, 2013, p. 192.

<sup>14</sup> LOPES, 2013, p. 208.

<sup>15</sup> LOPES, 2013, p. 208.

<sup>16</sup> RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. Demitologizando o demitologizador: em busca da teologia de Rudolf Bultmann. **Revista Ensaios Teológicos**. Vol. 01, n. 01, jun. 2015, p. 112-131. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2015, p. 119.

<sup>17</sup> BULTMANN, 2008, p. 17.

O trabalho que revela a ideia mais profícua de Bultmann é seu programa de desmitologização. Trata-se de uma coletânea de ensaios teológicos sobre o “problema” do mito no Novo Testamento. Segundo o teólogo alemão, o Novo Testamento não revela os pensamentos e palavras de Jesus, mas a ideia que a comunidade tinha sobre ele. Surge então a obra *Novo Testamento e Mitologia – o problema da demitologização da proclamação neotestamentária*.<sup>18</sup> Bultmann acreditava que o Novo Testamento possuía uma linguagem repleta de mitos.<sup>19</sup> Para se chegar ao verdadeiro conhecimento da mensagem era necessário reinterpretar esses mitos. Essa demitização<sup>20</sup> de Bultmann denota a tentativa de separação da narrativa bíblica de sua forma meramente mítica.

Para Bultmann, os Antigo e Novo Testamentos estão repletos de mitos, e se faz necessário garimpar o texto para extrair a essência do Sagrado Livro.<sup>21</sup> Os críticos de Bultmann afirmam que o teólogo desconsiderou uma verdade central da fé, a saber, a inspiração, inerrância e infabilidade das Escrituras, as quais, na verdade, o teólogo rejeitava completamente.<sup>22</sup> Ele não compreendia a Bíblia como história verídica, ignorava as evidências externas e internas, e defendia que tudo aquilo que tivesse roupagem espiritual, miraculosa e sobrenatural, deveria ser reinterpretado à luz de uma teologia existencialista.

O criticismo e ceticismo de Bultmann são duramente criticados até os dias atuais. Parece que o teólogo alemão foi longe demais em algumas de suas afirmações sobre os acontecimentos do Novo Testamento. Deve-se levar em consideração que a teologia de Bultmann é uma reação à teologia da libertação e à busca frenética pelo Jesus histórico crescente e sedutora em sua época. É possível afirmar que a teologia de Bultmann seja resultado da influência do Existencialismo, filosofia que teve seus primeiros passos com Søren Kierkegaard.<sup>23</sup>

O existencialismo cristão tem origem em Kierkegaard, mas o lado ateu do existencialismo, tem seus primeiros postulados com Friedrich Nietzsche. Com bem afirma Sproul; “Kierkegaard emergiu como pai do existencialismo cristão, mas no século dezenove teve como rival Friedrich Nietzsche, um existencialista ateu”.<sup>24</sup> Nietzsche considerava o tempo como uma porta fechada para todos os sonhos e esperanças, e foi essa frustração que deu origem ao existencialismo e a mentalidade pós-moderna de viver apenas o momento<sup>25</sup>, o que pode provocar uma corrosão nos aspectos morais e sociais.

---

<sup>18</sup> BULTMANN, Rudolf. **Demitologização** – coletânea de ensaios. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1999, p. 9. In: BULTMANN, 2008, p. 19.

<sup>19</sup> LOPES, 2013, p. 188.

<sup>20</sup> HIGUET, 2005, p. 107.

<sup>21</sup> ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário teológico**: nova edição revista e ampliada e suplemento bibliográfico dos grandes teólogos e pensadores. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 132.

<sup>22</sup> LOPES, 2013, p. 208.

<sup>23</sup> Sören Aaby Kierkegaard (1813-55) nasceu em Copenhague, filho de um próspero negociante luterano. Depois de uma infância turbulenta foi estudar na Universidade de Copenhague, e pretendia finalmente entrar no ministério. Passou nas provas de teologia em 1840, tendo sido convocado para o ministério no ano seguinte. Mas nada conseguia persuadi-lo a levar a cabo nem a ordenação nem o casamento (BROWN, 2009, p. 108).

<sup>24</sup> SPROUL, R. C. **Filosofia para iniciantes**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2002, p. 153.

<sup>25</sup> COLSON, Charles. **A fé em tempos pós-modernos**: em que creem os cristãos. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2009, p. 154.

Na época de Bultmann, o nome mais influente da filosofia existencialista era Martin Heidegger. Bultmann trabalhou com Heidegger em Marburg.<sup>26</sup> Bultmann é contado no rol dos teólogos existencialistas<sup>27</sup>, junto com Karl Barth e Paul Tillich. É possível afirmar que o ensino de Bultmann combina um ceticismo radical com um existencialismo um pouco diluído.<sup>28</sup> É impossível ignorar a influência da filosofia existencial na teologia de Bultmann. O existencialismo enxerga o homem individualmente, como um ser lançado no mundo, entregue à própria sorte. Este sujeito deve fazer suas escolhas e aceitar os resultados destas escolhas.

O Existencialismo foi um movimento filosófico característico da Europa continental. O existencialismo é entendido, não como um movimento filosófico e social distinto, com um programa diferenciado e característico, devido aos seus desdobramentos controversos, pois existem existencialistas ateus e cristãos. O mais expoente foi o escritor existencialista francês, ateu, Jean Paul Sartre. O existencialismo postula que a brevidade da vida expõe o indivíduo a uma urgência existencial. Não se deve preocupar com questões metafísicas, mas tirar o máximo de proveito da existência.<sup>29</sup>

O existencialismo nasceu na Alemanha logo após a segunda guerra mundial. Ele é em grande parte, resultado do desespero humano<sup>30</sup> frente ao cenário produzido pela segunda guerra. Essa filosofia compreende o indivíduo como ator e não como mero espectador da realidade. O existencialismo deu um novo significado a palavra “existência”. Os defensores desta filosofia entendem o ser humano como livre, e essa liberdade é intrinsecamente sofrível. Diante desse sofrimento, o ser humano tem liberdade de fazer escolhas. Tais escolhas construirão seu futuro, que, segundo os existencialistas, não é muito certo e controlável, mas obscuro e imprevisível.<sup>31</sup>

Diante das escolhas que regem o futuro imprevisível, o ser humano se vê em constante angústia, pois não sabe o que será de si mesmo. O tempo da existência é estrito, relativamente curto; há decisões que exigem urgência; todos os seres humanos são livres para fazer suas escolhas, porém, o mais simples pensamento do quanto as coisas dependem de tais decisões, transforma a liberdade em uma constante angústia<sup>32</sup>, porque não se pode saber ao certo em nenhum grau, o que será do indivíduo no futuro.

### 1.3 Bultmann e sua teologia do Novo Testamento

Rudolf Bultmann, ao redigir sua Teologia do Novo Testamento, não era um indivíduo desconhecido. Estava concluindo sua carreira de professor acadêmico.<sup>33</sup> Sua Teologia do Novo Testamento foi publicada no período de sua aposentadoria, é resultado de longos anos de

<sup>26</sup> RIDDERBOS, Herman N. **Bultmann**. Tradução de Benedito Matos. Recife: Cruzada de Literatura Evangélica do Brasil, 1966, p. 17.

<sup>27</sup> SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. **Cabeças feitas**: filosofia prática para cristãos. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 40.

<sup>28</sup> BROWN, 2009, p. 160.

<sup>29</sup> ANDRADE, 2006, p. 180.

<sup>30</sup> HIGUET, 2005, p. 105.

<sup>31</sup> BROWN, 2009, p. 156.

<sup>32</sup> BROWN, 2009, p. 156.

<sup>33</sup> BULTMANN, 2008, p. 15.

dedicação à disciplina. É caracterizada por uma “colheita teológica”, que foi precedida de intenso trabalho, isto é, o cultivo do texto bíblico e sua exegese.<sup>34</sup> Houve certa relutância em publicar essa Teologia do Novo Testamento no Brasil devido a algumas limitações de Bultmann, principalmente suas afirmações de que a mensagem do Novo Testamento estivesse repleta de linguagem mítica.<sup>35</sup> Certamente havia o temor de uma possível rejeição da obra.

A Teologia do Novo Testamento de Bultmann está articulada em três questões fundamentais. A primeira questão está relacionada ao objeto da Teologia do Novo Testamento. Qual seria seu assunto, seu tema, sua tarefa fundamental? De acordo com Bultmann, o objeto legítimo de uma Teologia do Novo Testamento só pode ser o querigma das primeiras comunidades cristãs<sup>36</sup>, isto é, sua pregação, suas formulações sobre Jesus. A segunda questão da Teologia do Novo Testamento é referente à sua formulação principal, ou seja, qual é realmente o fio condutor da pregação da igreja primitiva, sob o qual perpassa e unifica seus 27 livros<sup>37</sup>? Bultmann não tenta harmonizar a mensagem neotestamentária, visto que sua variedade é assaz relevante.

Bultmann entende a multiplicidade de formas apresentadas no Novo Testamento e não tenta unificá-las. Defende que a compreensão da existência humana é basicamente a mesma em todas as suas porções. Não se pode ignorar que Bultmann foi influenciado pelo existencialismo de Heidegger, e sua interpretação e exposição da Teologia do Novo Testamento está repleta desta filosofia. Para o teólogo alemão, é justamente essa compreensão existencial humana que interliga a variedade de temas do Novo Testamento. Bultmann parte da análise do querigma, pois para ele, aí reside a unidade e multiformidade teológica do Novo Testamento.<sup>38</sup>

A terceira questão recai sobre um problema de sua época, o Jesus histórico. Qual deve ser o lugar deste Jesus histórico na Teologia do Novo Testamento? Bultmann afirma que o Jesus histórico não tem lugar<sup>39</sup> em uma Teologia do Novo Testamento. A afirmação categórica da Teologia do Novo Testamento de Bultmann tem seus desdobramentos sobre a premissa da Pregação Escatológica, isto é, a irrupção do Reino de Deus. Deve-se lembrar que, Bultmann dá valor excessivo ao querigma em detrimento do historicismo. Assim, não a pessoa histórica de Jesus, mas a proclamação da primeira comunidade é assunto da Teologia do Novo Testamento. Bultmann acertadamente aponta para o querigma como a práxis da fé na comunidade. Cristo, segundo ele, é anterior ao querigma, mas não o querigma em si mesmo. A proclamação de Jesus é a premissa essencial para uma Teologia do Novo Testamento.

---

<sup>34</sup> BULTMANN, 2008, p. 16.

<sup>35</sup> GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. **A Teologia do século 20 e os anos críticos do século 21**: Deus e o mundo numa era de transição. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 106.

<sup>36</sup> BULTMANN, 2008, p. 22.

<sup>37</sup> BULTMANN, 2008, p. 23.

<sup>38</sup> BULTMANN, 2008, p. 23.

<sup>39</sup> BULTMANN, 2008, p. 24.

## 2. A IRRUPÇÃO DO REINO SEGUNDO BULTMANN

Ao abordar o Reino de Deus, Bultmann percebe a elevada importância que este tem com relação ao Novo Testamento em geral. Sem dúvidas, segundo Bultmann, o Reino é o tema mais importante e frequente do ministério de Jesus. Bultmann, porém, entende o Reino de Deus como a pregação escatológica. Conceito que, segundo Bultmann, reflete mais precisamente a intenção de Jesus, visto que, o Reino concretamente não se cumpriu. A Decisão como exigência ética de Jesus também é outro conceito relevante na teologia de Bultmann. Bultmann não usa a palavra conversão, mas a substitui por Decisão. Isso, na perspectiva de Bultmann reflete mais precisamente a disposição do indivíduo diante da pregação escatológica de Jesus. Sendo assim, nesse segundo ponto do artigo será verificado o uso do conceito de Reino de Deus na perspectiva de Bultmann, diante da qual o público se vê diante da necessidade de uma *Decisão* radical.

### 2.1 A pregação escatológica em Bultmann

Bultmann denomina a proclamação do Reino de Deus (*βασιλεια του θεου*<sup>40</sup>) “pregação escatológica<sup>41</sup>”. Ele entende a proclamação do Reino de Deus como um conceito predominante na pregação messiânica.<sup>42</sup> Trata-se de uma mensagem altamente relevante para a Teologia do Novo Testamento bultmaniana. O teólogo alemão compreende a pregação escatológica como pressuposto para a Teologia do Novo Testamento.

Esta proclamação da irrupção do Reino de Deus é sublinhada por Bultmann como um evento de proporções extraordinárias, que segundo ele, encerraria um tempo exato e daria início à um novo *éon*.<sup>43</sup> Ele aponta o Reino de Deus como um evento que destrói tudo o que é satânico, contrário a Deus, tudo o que faz o mundo gemer<sup>44</sup>, pondo assim, um fim a todo sofrimento e dor e estabelecendo o governo de Deus.

Segundo Bultmann, o povo judeu tinha certa expectativa com relação ao estabelecimento do Reino de Deus. A esperança dos judeus era que Deus estabelecesse o reino davídico, isto é, um reino político, econômico e monárquico, no intuito de renovar a glória dos israelitas como era nos dias de Davi e Salomão. Mas Jesus não fala de um Messias-Rei político, econômico ou monárquico. Os judeus também esperavam que, no estabelecimento do Reino de Deus, todos os inimigos de Israel fossem destruídos, porém, Jesus não pronuncia nenhuma palavra sobre a destruição dos inimigos de Israel, nem de um governo de Israel sobre as nações, nem sobre um governo das doze tribos.

Bultmann aponta a esperança messiânica como escatológica. A pregação escatológica de Jesus aponta para um evento catastrófico, um evento sem precedentes, maravilhoso, que põe fim a todas as condições de sofrimento no âmbito do atual curso do mundo.<sup>45</sup> O teólogo

<sup>40</sup> **NOVO TESTAMENTO Interlinear Grego-Português**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004, p. 23.

<sup>41</sup> BULTMANN, 2008, p. 40.

<sup>42</sup> BULTMANN, 2008, p. 41.

<sup>43</sup> Tempo.

<sup>44</sup> BULTMANN, 2008, p. 41.

<sup>45</sup> BULTMANN, 2008, p. 41.

alemão compreende a vinda do filho do homem como o momento em que ocorre o final de uma era. Este filho do homem vem nas nuvens do céu, os mortos são ressuscitados, as obras de todos serão submetidas a julgamento. Isso não se refere a um evento nacionalista, a uma glória transitória e humana, mas, numa vida maravilhosa e paradisíaca.<sup>46</sup>

Não há dúvidas, segundo Bultmann, Jesus acredita que o atual curso do mundo que está dominado por Satanás, chegou ao fim. O tempo do domínio de satanás passou. Agora o Reino de Deus será estabelecido. Bultmann chega a essa conclusão, a partir de sua interpretação da passagem kerigmática de Marcos 1.15. Onde se pode ler o seguinte: “...o tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no evangelho<sup>47</sup>”. O tempo aqui é *καιρος*,<sup>48</sup> esse vocábulo é normalmente traduzido com o sentido de medida devida, proporção devida. Quando usado para indicar “tempo”, significa basicamente um “período fixo e definido<sup>49</sup>”, como uma estação ou temporada.

Bultmann, a partir disso, entende o tempo ao qual Jesus se refere como um período que foi determinado por Deus, mas que agora, se completou. Em Jesus, pela pregação escatológica, há um novo tempo, mas não um *kairós*, e sim, um *chronos*. Esse vocábulo se refere à uma sucessão de tempos menores.<sup>50</sup> Assim são os “tempos eternos” na passagem de Romanos 16.25.<sup>51</sup>

Esse ponto da pregação escatológica é assaz digno de nota. Ele parece ser, em certo sentido, uma contagem regressiva de Deus para a inauguração de seu Reino. A revelação deste Reino é a mensagem e a pessoa de Jesus.<sup>52</sup> Jesus prega um Reino que chega em sua pessoa e depois é explicitado na mensagem das boas novas.<sup>53</sup> A contagem regressiva de Deus havia chegado ao fim, e o tempo para o lançamento<sup>54</sup> do Reino de Deus havia chegado. Este Reino de Deus estava prestes a irromper na história, mesmo que, de certo modo, sempre esteve presente. Em Jesus e sua mensagem, esse Reino é revelado em um nível mais profundo e elevado. Pode-se considerar que, o Reino é primeiramente apresentado na pessoa de Jesus, em sua mensagem, e em seguida, aparece na vida de seus discípulos. Pois, a missão de Jesus na terra é a manifestação inicial do Reino de Deus.<sup>55</sup>

<sup>46</sup> BULTMANN, 2008, p. 42.

<sup>47</sup> **ARC. Bíblia Sagrada** – Harpa Sagrada. São Paulo: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 970.

<sup>48</sup> NOVO TESTAMENTO Interlinear Grego-Português, 2004, p. 129.

<sup>49</sup> VINE, William Edwy; UNGER, Merril F.; WHITE Jr, William (Orgs.). **Dicionário Vine**: significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 1013.

<sup>50</sup> VINE, 2012, p.1013.

<sup>51</sup> SHEDD, Russel P. (Org). **Bíblia Shedd**. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. 2.ed. rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; SBB, 1997, p. 1605.

<sup>52</sup> BOST, Bryan J. **O mistério do Reino de Deus**. São Paulo: Vida Cristã, 2007, p. 18.

<sup>53</sup> **NVI. Bíblia do Ministro com Concordância**: Nova Versão Internacional. Traduzida pela Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2007, p. 797.

<sup>54</sup> CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1430.

<sup>55</sup> LADD, George Eldon. **O Evangelho do Reino**: estudos bíblicos sobre o Reino de Deus. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2008, p. 131.

## 2.2 A hora da decisão na teologia de Bultmann

Se o Reino de Deus chega aos homens em Jesus, em seu aparecimento, e sua missão, sua pregação, um evento do qual não se pode escusar, qual deve ser a postura dos ouvintes diante de um ato de tais proporções? Bultmann, acertadamente, aponta a prontidão, a disposição interna do homem, como a reação necessária diante do Reino. Mas não apenas uma disposição mecânica, neutra, mas a *Decisão*. A *Decisão*, na Teologia do Novo Testamento de Bultmann, é o termo que denota a conversão do indivíduo. Por toda sua Teologia do Novo Testamento, o teólogo alemão não usa o vocábulo *conversão*, mas o substitui por *Decisão*. Ele entende que diante da irrupção do Reino de Deus, tudo que o ser humano pode fazer é estar de prontidão, ou preparar-se.<sup>56</sup> Isto, em Bultmann, é a verdadeira conversão.

A *Decisão*, apontada por ele, equivale à conversão, pois descreve melhor a disposição interna e o radicalismo do chamado de Jesus. Em Jesus chegou o tempo da *Decisão*. Agora é o *tempo da decisão*, e o chamado de Jesus é um *chamado à decisão*.<sup>57</sup> Mas como aderir ou tomar tal decisão? Bultmann afirma que, Jesus se apresenta como o sinal do tempo salvífico. Ele relembra o ato da rainha de Sabá, que viajou muito para apreciar a sabedoria de Salomão, e que, os ninivitas se arrependeram dos pecados pela pregação de Jonas, assim, Jesus afirma: “...e aqui está quem é maior do que Salomão... e aqui está quem é maior do que Jonas”.<sup>58</sup>

Este chamado de Jesus é extremamente radical, pois ele exige o ser em sua totalidade. O indivíduo deve entregar-se ao chamado de Jesus irrestritamente. Diante do chamado à decisão, é uma coisa ou outra! A pergunta substancial é se alguém de fato quer Deus e seu Reino ou o mundo e seus bens; e a decisão deve ser extremamente radical. A radicalidade da resposta ao chamado de Jesus é explicitada em passagens<sup>59</sup> como, Lucas 9.62, onde se pode ler; “...ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o reino de Deus”.<sup>60</sup> Entregar-se a Jesus em completa devoção<sup>61</sup> torna o indivíduo adequado para o Reino de Deus.

Bultmann aponta essa radicalidade em Jesus, quando ele “renegou” seus parentes na passagem de Marcos 3.35. Alguns entendem com isso, que Jesus não pretendia de forma alguma ofender seus parentes de sangue. Ele apenas esclarece esse aspecto da “*decisão radical*” com uma atitude forçosamente dramática.<sup>62</sup> É possível que Jesus na atitude de não responder à sua família (que nesse caso estava o esperando do lado de fora) estivesse deixando ainda mais evidente a hostilidade<sup>63</sup> e incredulidade dos irmãos<sup>64</sup> e irmãs, pois sua

<sup>56</sup> BULTMANN, 2008, p. 46.

<sup>57</sup> BULTMANN, 2008, p. 46.

<sup>58</sup> SAYÃO, Luiz. **Bíblia de Estudo Esperança**: 365 perguntas e respostas sobre a vida e a morte desenvolvidas por Luiz Sayão. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 925.

<sup>59</sup> Outras passagens que explicitam essa radicalidade são: Mateus 8.22, Lucas 14.26 e Marcos 3.35.

<sup>60</sup> Bíblia do Ministro, 2007, p. 829.

<sup>61</sup> ARRINGTON, French L.; STROSTAD, Roger (Orgs.). **Comentário Bíblico Pentecostal**: Novo Testamento. Vol. 1. Tradução de Luís Aron de Macedo e Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 382.

<sup>62</sup> EARLE, Ralph; SANNER, A. Elwood; CHIDERS, Charles L. **Comentário Bíblico Beacon**: Mateus a Lucas. Tradução de Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 245.

<sup>63</sup> ROBERTSON, A. T. **Comentário, Mateus e Marcos à luz do Novo Testamento grego**. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 379.

<sup>64</sup> João 7.5.

mãe, apesar de não compreender *a priori* a grandeza do filho, guardava tais coisas em seu coração.<sup>65</sup> É possível que Jesus, com essa atitude, esteja enfatizando a fidelidade espiritual<sup>66</sup> acima da lealdade à família biológica.

### 2.3 Um engano do próprio Cristo?

Partindo do fato, de que, a teologia de Bultmann é existencialista e sua interpretação se dá em moldes existenciais, o teólogo alemão entende que toda a imagem apocalíptica da pregação escatológica está revelada em Jesus, mas de forma “bastante reduzida<sup>67</sup>”. Com isso Bultmann quer dizer que, o Reino não chegou plenamente em Jesus, pois aquilo que era para ser um evento de proporções catastróficas não estava ocorrendo. Bultmann vê aí que o Reino não veio, ou que se tratava apenas de um anúncio de que esse Reino de Deus estava chegando ou iria chegar, mas que, no fim das contas, não passava de um engano<sup>68</sup> da mente de Jesus. Após isso, Bultmann questionou a concepção que Jesus tinha sobre Deus, pois até aqui, afirma ele, isso parecia não passar de uma fantasia.<sup>69</sup>

Pode-se considerar que, o teólogo alemão deixa seus leitores com um grande ponto de interrogação, sobre o qual não presta mais esclarecimentos. Bultmann enxergava Jesus apenas como um homem e não como Deus. Via a Bíblia como um querigma repleto de mitos e lendas formulados pela comunidade pós-pascal. Certamente isso nublou o entendimento do teólogo para compreender mais profundamente esse tão sublime assunto, o Reino de Deus.

Para se compreender melhor o Reino de Deus é necessário apelar para outras concepções, outros pontos de vista que possam lançar luz sobre esse assunto. O Reino chegou e teve seu início em Jesus, mas não de forma absoluta, plena, nem de forma irresistível.<sup>70</sup> O Reino não chegou como uma pedra que esmiúça a imagem até destruí-la completamente.<sup>71</sup> Este Reino chegou, mas não destruiu a maldade por completo. Ele não se impôs como tirano sobre os homens, pelo contrário, estava com aquele homem singelo, que semeava sua semente no campo. Alguns o recebem, outros não.<sup>72</sup> Outros ainda ouvem o evangelho do Reino, mas não compreendem a verdade, e Satanás arranca-lhes a palavra e leva embora. O Reino de Deus pode operar nas multidões sem que seja percebido. Ele vem silencioso, discreto e em segredo.<sup>73</sup>

---

<sup>65</sup> Lucas 2.51.

<sup>66</sup> RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, H. Wayne (Orgs.). **O Novo Comentário Bíblico NT: com recursos adicionais – a Palavra de Deus ao alcance de todos.** Tradução de Bruno Destefani. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010, p. 101.

<sup>67</sup> BULTMANN, 2008, p. 43.

<sup>68</sup> BULTMANN, 2008, p. 60,61.

<sup>69</sup> BULTMANN, 2008, p. 61.

<sup>70</sup> LADD, 2008, p. 57.

<sup>71</sup> Daniel 2.44.

<sup>72</sup> LADD, 2008, p. 56.

<sup>73</sup> LADD, 2008, p. 56.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bultmann revela um pensamento crítico e cético com relação às coisas sobrenaturais, que ele considera mitos ou lendas da comunidade. A despeito de seu programa de demitização da Bíblia, sua Teologia do Novo Testamento revela um pensamento assaz maduro. Bultmann é taxativo com relação ao Jesus histórico. Ele nem menciona a pessoa histórica de Jesus em sua Teologia do Novo Testamento. O teólogo alemão partiu da pregação da comunidade, isto é, seu querigma.

O querigma da igreja primitiva é que realmente revela a pessoa de Jesus. A pregação da comunidade aponta aquilo que Bultmann denominou “pregação escatológica”, isto é, a mensagem da iminente irrupção do Reino de Deus. Para ele, a Teologia do Novo Testamento deve ser construída a partir do querigma da igreja, isto é, da pregação escatológica. Partindo disso, o teólogo trilha a mensagem da irrupção do Reino de Deus como o anúncio escatológico que se cumpre em Jesus e em sua mensagem e missão.

A pessoa de Jesus e sua mensagem, são evidências da chegada do Reino de Deus à humanidade. Esse Reino de Deus aponta para o domínio pleno de Deus, onde Ele governa absolutamente. Quando Jesus se põe diante do seu público, ele fala de uma exigência radical. Diante de Jesus e da pregação escatológica, o indivíduo deve responder urgentemente, e essa resposta é radical. Jesus exige o ser integralmente e irrestritamente. Jesus quer dedicação total, prioridade acima de todas as demais coisas. Acima da família, acima de tudo, deve-se dispor a Jesus. Dedicar-se a Jesus é dedicar-se ao Reino e vice-versa.

Mas Bultmann prossegue para uma conclusão trágica. O Reino não veio nos moldes da expectativa judaica, nem como fora anunciado por Jesus. E agora? Bultmann é taxativo e revela seu ceticismo drasticamente; Jesus se enganou! Sua pregação escatológica era apenas um discurso que não ocorreu. E agora? Bultmann questiona se a concepção que Jesus tinha de Deus não era apenas uma fantasia. Para dificultar ainda mais a conclusão bultmaniana, ele mudou bruscamente o foco para a compreensão que Jesus tinha de si mesmo e de Deus, deixando o tema do Reino sem uma explicação mais detalhada.

Outros, diferentemente de Bultmann acreditam piamente que ele errou em sua conclusão, que o Reino de fato veio e está entre nós. O Reino de Deus está entre nós, mas não de maneira impositiva, nem irresistível. Ele se revelou singela e secretamente entre a humanidade. Foi apresentado na pessoa de Jesus e sua missão. Mas ainda não se manifestou em sua plenitude, o que ocorrerá futuramente.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário teológico**: nova edição revista e ampliada e suplemento bibliográfico dos grandes teólogos e pensadores. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

**ARC. Bíblia Sagrada** – Harpa Sagrada. São Paulo: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

ARRINGTON, French L.; STROSTAD, Roger (Orgs.). **Comentário bíblico Pentecostal: Novo Testamento**. Vol. 1. Tradução de Luís Aron de Macedo e Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BOST, Bryan J. **O mistério do Reino de Deus**. São Paulo: Vida Cristã, 2007.

BROWN, Colin. **Filosofia e fé cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2008.

CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

COLSON, Charles. **A fé em tempos pós-modernos: em que creem os cristãos**. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2009.

EARLE, Ralph; SANNER, A. Elwood; CHIDERS, Charles L. **Comentário bíblico Beacon: Mateus a Lucas**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**. Tradução de Reginaldo Gomes de Araújo. São Paulo: Hagnos, 2008.

GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. **A teologia do século 20 e os anos críticos do século 21: Deus e o mundo numa era de transição**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

HIGUET, Etienne A. (Org.). **Teologia e modernidade**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

LADD, George Eldon. **O Evangelho do Reino: estudos bíblicos sobre o Reino de Deus**. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2008.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

**NOVO TESTAMENTO Interlinear Grego-Português**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

**NVI. Bíblia do Ministro com Concordância: Nova Versão Internacional**. Traduzida pela Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2007.

RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, H. Wayne (Orgs.). **O novo comentário bíblico NT: com recursos adicionais – a Palavra de Deus ao alcance de todos**. Tradução de Bruno Destefani. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010.

RIDDERBOS, Herman N. **Bultmann**. Tradução de Benedito Matos. Recife: Cruzada de Literatura Evangélica do Brasil, 1966.

ROBERTSON, A. T. **Comentário, Mateus e Marcos à luz do Novo Testamento grego**. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. Demitologizando o demitologizador: em busca da teologia de Rudolf Bultmann. **Revista Ensaios Teológicos**. Vol. 01, n. 01, jun. 2015, p. 112-131. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2015.

SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. **Cabeças feitas**: filosofia prática para cristãos. São Paulo: Hagnos, 2001.

SAYÃO, Luiz. **Bíblia de estudo Esperança**: 365 perguntas e respostas sobre a vida e a morte desenvolvidas por Luiz Sayão. São Paulo: Vida Nova, 2011.

SHEDD, Russel P. (Org). **Bíblia Shedd**. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. 2.ed. rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; SBB, 1997.

SPROUL, R. C. **Filosofia para iniciantes**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2002.

VINE, William Edwy; UNGER, Merrill F.; WHITE Jr, William (Orgs.). **Dicionário Vine**: significado exegetico e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A TEOLOGIA DAS CONVENIÊNCIAS EVANGÉLICAS

KRÜGER, Hariet Wondracek. **A teologia que vem dos palcos evangélicos**. Curitiba: ADSantos, 2017. 224 p.

Vanderlei Alberto Schach<sup>1</sup>

Harriet Krüger é bacharel em música e sociologia, mestre em teologia e especialista em psicopedagogia clínica e institucional. Desenvolve o ministério de música desde a década de 80 e atualmente é diretora de música da Igreja Batista Pioneira Esperança e professora na Faculdade Batista Pioneira, nas áreas de música na igreja, canto, piano, técnicas de expressão vocal, sociologia e antropologia e missão cristã. Como regente do coral da Faculdade, tem se apresentado em diversos estados do Brasil, em viagens missionárias coroadas de muito êxito. Natural de Ijuí – RS, é casada com Harold Krüger e mãe de Sheila, Leila e Renan. Particularmente, tive o grande privilégio de ser seu aluno no curso de teologia entre os anos de 2000 a 2003 e atualmente, ser seu colega na formação de acadêmicos de teologia que terão destaque nos palcos teológicos.

Com edição da A. D. Santos Editora, a obra é prefaciada pelos teólogos Claiton André Kunz, diretor da Faculdade Batista Pioneira, e Antônio Renato Gusso, pró-reitor de Pós-Graduação das Faculdades Batista do Paraná, expondo a obra de maneira convidativa e irresistível à leitura.

A autora desenvolve seu livro em 3 capítulos: 1. O critério da avaliação histórica do palco cristão; 2. O critério da avaliação das influências sociológicas do palco cristão; e, 3. O critério da avaliação bíblica das funções do palco cristão.

<sup>1</sup> O autor é bacharel em teologia pela Faculdade Batista Pioneira (Ijuí), mestre e doutor em teologia pela Escola Superior de Teologia – São Leopoldo, professor de Novo Testamento e pesquisador da criança em situação de vulnerabilidade afetiva. E-mail: vanderleischach@yahoo.com.br.

Primeiramente, a autora faz uma descrição e avaliação histórica do palco cristão, principiando no Novo Testamento, a começar pelos palcos usados por Jesus Cristo ao ensinar as multidões e o resultado do seu ensino, tendo como consequência o nascimento da igreja primitiva até o Edito da Tolerância, publicado pelo imperador Constantino, no ano de 313, passando pela Idade Média, até chegar na época da Reforma Protestante e, na sequência, já no século XIX e XX, os avivamentos e modernizações tecnológicas nos meios de comunicação e suas influências nos palcos sagrados da atualidade evangélica.

No segundo capítulo, a autora faz uma avaliação das influências sociológicas do palco cristão, descrevendo as características da pós-Modernidade: desilusão, pluralismo, individualismo, experiencialismo e consumismo. Ainda neste capítulo, são abordados os difusores da teologia evangélica atual: igrejas neopentecostais, programas televisivos, shows gospel e igrejas tradicionais.

No último capítulo, a autora avalia os palcos evangélicos sob a ótica da Bíblia e, já em termos conclusivos, aponta que a finalidade real dos palcos é levar a plateia a adorar o único Deus, fazer uma interpretação fiel da Bíblia e glorificar o nome de Jesus Cristo.

Através destes três capítulos, a autora descreve como eram inicialmente os palcos evangélicos. Tinham por objetivo posicionar o orador de forma bem visível. Todos que estavam na plateia deveriam ter acesso visual e audível para perfeita compreensão do que estava sendo dito ou ensinado. O propósito sempre era levar os ouvintes a entender e praticar a palavra de Deus. Assim, o protagonista do palco deveria ter uma mensagem clara recebida da parte de Deus e que servisse para saciar as demandas do povo ali presente.

A teologia que vem dos palcos, tem como pano de fundo a época atual da humanidade, conhecida como pós-Modernidade. Esta se caracteriza fortemente pela grande oferta de possibilidades religiosas. Na prática, isto significa que se o indivíduo não se acha confortável em uma determinada congregação, ele imediatamente vai para a outra. O individualismo, o consumismo e o experiencialismo reforçam este tipo de cosmovisão. Além da TV, as igrejas neopentecostais, com tecnologias avançadas, conseguem disseminar ainda mais tal cosmovisão, enquanto que as igrejas tradicionais ainda estão tentando se localizar ou já buscando métodos para manterem seus fiéis no rebanho. Mesmo com quase 30% de evangélicos no Brasil, o país nunca esteve tão ruim em termos políticos, econômicos, de segurança, de educação, etc. Este dado vem confirmar a tese da autora de que a teologia que vem dos palcos não está produzindo uma teologia que muda para melhor a cultura corrupta de uma nação.

Para rever esta situação, a autora propõe uma avaliação bíblica das funções do palco. Segundo ela, aquele que faz uso do palco, deve continuar fazendo isto, “porém consciente de suas funções específicas, ao se considerar a missão cristã do povo de Cristo na sociedade atual” (p. 139). Ou seja, a responsabilidade de quem está no palco é muito maior do que se pode imaginar. Seja cantor, músico, orador, pregador ou outro, sempre estas “estrelas” devem ter em mente que não estão “abrilhantando uma noitada” ou divertindo um público, mas traduzindo os mistérios de Deus ao povo. Assim, o terceiro capítulo é de fundamental importância para a comunidade evangélica brasileira. O Brasil pode ser um país melhor em

todos os aspectos, mas a plateia brasileira (que deve conferir se o que vem dos palcos é bíblico) precisa receber dos palcos evangélicos um evangelho que confronta as pessoas com suas atitudes de vida e as leve a uma mudança de caráter, fazendo resplandecer a glória de Deus na terra.

O conteúdo do livro é excelente e a autora conseguiu atingir seus propósitos ao fazer uma descrição detalhada, sem perder o rigor e embasamento científico. Sua longa experiência prática na docência musical e sociológica, confere-lhe autoridade para tal pesquisa. Apesar de conter alguns erros ortográficos (que provavelmente se originaram na editoração), o livro tem uma ótima apresentação. A capa já é convidativa para leitura. É bem apresentado e tem bom acabamento. Esta obra é recomendada tanto para leigos como para líderes e, principalmente, aos que ocupam os palcos na elaboração de teologias.

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail [marivete@batistapioneira.edu.br](mailto:marivete@batistapioneira.edu.br)

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

### Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

### Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

### Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte

tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subseqüentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

### **Referências**

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

### **Resenhas**

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.